

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

VINICIUS FERREIRA BARTH

**O CANTO I DAS ARGONÁUTICAS DE APOLÔNIO DE RODES: ENSAIOS DE
INTERPRETAÇÃO, TRADUÇÃO POÉTICA E NOTAS**

CURITIBA

2013

VINICIUS FERREIRA BARTH

**O CANTO I DAS *ARGONÁUTICAS* DE APOLÔNIO DE RODES: ENSAIOS DE
INTERPRETAÇÃO, TRADUÇÃO POÉTICA E NOTAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção de grau de Mestre em Letras (Estudos
Literários) no curso de Pós-Graduação em Letras,
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da
Universidade Federal do Paraná.
Orientador: Prof. Dr. Alessandro Rolim de Moura.

CURITIBA

2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS



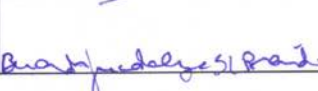
PARECER

Defesa de dissertação do mestrando VINICIUS FERREIRA BARTH para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados ALESSANDRO ROLIM DE MOURA, HENRIQUE CAIRUS e BERNARDO GUADALUPE LINS BRANDÃO arguíram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

“O CANTO I DAS *ARGONÁUTICAS* DE APOLÔNIO DE RODES: ENSAIOS DE INTERPRETAÇÃO, TRADUÇÃO POÉTICA E NOTAS”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
ALESSANDRO ROLIM DE MOURA		APROVADO
HENRIQUE CAIRUS		APROVADO
BERNARDO G. LINS BRANDÃO		APROVADO

Curitiba, 27 de setembro de 2013


Teresa Cristina Wachowicz
Coordenadora

Aos meus pais, Helder e Leticia.

Agradecimentos

Antes de tudo, à **minha família**, pelo constante suporte, carinho e bifes de chorizo. Nada seria possível sem vocês.

Ao professor **Alessandro Rolim de Moura**, grande mestre, pela amizade e confiança. E, sobretudo, pela paciência em ter me orientado de maneira impecável mesmo a mil e oitocentos quilômetros de distância. Sempre foi um privilégio trabalhar com você.

Ao professor **Henrique Cairus**, por fazer parte deste momento especial da minha formação.

Ao professor **Bernardo Guadalupe dos Santos Brandão**, por estar novamente me avaliando em uma banca. Grande parte da minha produção se deve ao que aprendi com você.

Ao professor **Rodrigo Tadeu Gonçalves**, por ter aceitado assumir a fase inicial da orientação e por ter acompanhado com cuidado a formação deste projeto.

Ao professor **Guilherme Gontijo Flores**, o Alberto Caeiro de Morretes, que me apresentou a poesia de Apolônio de Rodes e que sempre apostou todas as fichas no projeto.

Aos professores **Fernando Rodrigues Júnior** e **Leonardo Medeiros Vieira**, por terem se dado o trabalho de nos enviar alguns textos fundamentais.

A todo o departamento de **Letras Clássicas** da UFPR, sempre grandes amigos.

À **Rafa**, minha Medeia, por tudo.

Às amigas de sempre, que estiveram comigo desde o momento da aprovação no mestrado, ou que chegaram um pouquinho depois: **Emerson Christian Pereira**, **Leandro Cardoso**, **Juliano Samways Petroski**, **Adriano Scandolara**.

Oh baby, love and happiness.

Al Green

Resumo

A intenção deste trabalho é apresentar uma tradução poética do canto 1 das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes, acompanhada por uma introdução ao texto, estudos interpretativos, notas e uma breve discussão teórica sobre tradução. Focamos esta investigação na reunião de argumentos relevantes na crítica para tratar de alguns dos assuntos que mais se destacam na épica helenística de Apolônio, com atenção especial ao canto 1, nomeadamente: i) o papel do Amor; ii) a figura do narrador; iii) a importância do espaço. Além disso, compusemos uma série de notas explicativas e críticas para auxiliar a leitura do texto, principalmente no que se refere aos tópicos mencionados acima.

Palavras-chave: Apolônio de Rodes; *Argonáuticas*; tradução; erotismo; narrador; espaço.

Abstract

This work intends to present a poetic translation of book 1 of Apollonius Rhodius' *Argonautica*, accompanied by introduction, notes and interpretative studies, and a brief theoretical discussion of translation issues. The research has focused on collecting relevant arguments from Apollonian scholarship to address some of the issues that stand out in Apollonius' Hellenistic epic, with special attention to book 1, namely: i) the role of Love; ii) the narrator's profile; iii) the importance of space. In addition, we have written several notes to the text, in order to explain and discuss difficult passages, especially those which are relevant to the above-mentioned topics.

Keywords: Apollonius Rhodius; *Argonautica*; translation; eroticism; narrator; space.

Sumário

Sumário	09
Introdução	10
1. Alexandria	14
2. Aspectos do Canto 1	32
2.1. Papéis e representações do Amor: a ilha de Lemnos	32
2.1.1. Heroísmo sedutor	33
2.1.2. Lemnos	34
2.1.3. Ecos	40
2.1.4. <i>Eros</i>	45
2.2. A figura do Narrador	50
2.3. Entre mares e blasfêmias: algumas incursões pelo espaço do desconhecido	65
2.3.1. O espaço desconhecido do mar e o fado heroico	67
2.3.2. Antecipações e personificações do desconhecido, o canto de Orfeu e o perigo da blasfêmia	71
2.3.3. O desconhecido no Outro, Lemnos e a hospitalidade velada	78
3. Tradução	84
3.1. Traduzir Apolônio de Rodes	85
3.1.1. Breve nota sobre a tradução	95
4. Texto e tradução do Canto 1 das <i>Argonáuticas</i>	97
5. Notas ao Canto 1	153
6. Referências bibliográficas	177

Introdução

Este é um trabalho de tradução, embora não seja um trabalho *sobre* tradução. Isso quer dizer que nossa visada, desde o princípio, foi a de apresentar uma versão em português para o canto 1 das *Argonáuticas*¹ de Apolônio de Rodes (cuja tradição de leitura no Brasil ainda é muito escassa) e, a partir dessa “melhor leitura que jamais poderíamos ter feito”², reunimos e debatemos questões de interpretação literária a respeito do poema. Ou seja, a partir do projeto tradutório que apresentamos como resultado maior deste período de pesquisa foi possível descobrir significados mais profundos no texto de Apolônio de Rodes, o que nos interessou enquanto investigação literária.

Para procurarmos justificativas para o estilo de Apolônio, os modos como constrói intertextos ou reutiliza convenções da poesia grega arcaica, é necessário compreender como se constituiu a metrópole alexandrina sob o comando da dinastia ptolomaica, e como isso se reflete na consolidação de uma sociedade intelectualizada e artística, simbolizada sobretudo pela Biblioteca. Esse ambiente bastante propício à atividade intelectual fez com que nomes como os de Apolônio de Rodes, Calímaco e Teócrito unissem as atividades acadêmicas à produção poética, de modo que se criasse um estilo vanguardista, mas com alto apreço pela poesia arcaica. É uma época em que se revisitam a poesia homérica, a hesiódica e a dos principais trágicos, extraíndo-se delas uma enorme quantidade de matéria prima para a composição poética helenística. A poesia grega é catalogada, revista e recriada nesse momento. Calímaco, talvez o mais versátil autor do período, preza pela poesia breve, compõe

¹ A fase inicial de tradução e desenvolvimento deste projeto adotava para o poema o título de “*Argonáutica*”, ainda sem uma justificação adequada, seguindo alguns usos vernáculos. Considerando a forma grega do título, ΑΡΓΟΝΑΥΤΙΚΩΝ, em genitivo plural, assim como sua posterior versão latina, *Argonautica*, neutro plural nominativo, cheguei à decisão de utilizar também a forma plural em uma só palavra, *Argonáuticas*, de modo a não complementá-la com títulos compostos (o que significará, como provavelmente é o caso das outras traduções no mesmo formato, “[sc. Narrativas] *Argonáuticas*”). Outros usos modernos apresentam, por exemplo, títulos como *Cantos Argonáuticos* para o poema de Valério Flaco (Gouvêa, 2012), e *Os Argonautas de Apollonio Rhodio* (Costa e Silva, 1852), *The Voyage of Argo: The Argonautica* (Rieu, 1959), *The Argonautic Expedition* (Greene, 1780), *The Argonautica of Apollonius Rhodius* (Coleridge, 1889), *The Argonautics of Apollonius Rhodius* (Fawkes, 1780) e *El viaje de los Argonautas* (Gual, 1983). Embora seja grande a variedade de traduções para o título, os formatos com uma só palavra no singular ou no plural são os mais comuns: *Argonáutica*; *Argonáuticas*, *Argonautiche*, *Argonautiques*. Outra opção seria simplesmente *Os Argonautas*. Foram levados em conta também os títulos das demais épicas em português, em que predomina o uso do singular: *Ilíada*, *Odisseia*, *Teogonia*, *Eneida*, etc. Mas, diferentemente desses poemas, e como se vê comentado em algumas das notas ao texto, as *Argonáuticas* são uma épica de valor coletivo, em que Jasão, embora sendo o líder da expedição, divide o protagonismo com todo o grupo nos variados momentos do enredo. Julgo interessante, então, manter essa valoração coletiva também no título.

² Usando as palavras de Haroldo de Campos (2010, p. 45).

epigramas, hinos e inúmeros trabalhos de caráter etiológico. Teócrito funda a poesia pastoral com seus *Idílios*. Ambos projetam uma enorme influência na futura literatura romana.

O que acontece com Apolônio de Rodes não é diferente, embora ocorra por outra via. Diferente do que seus contemporâneos pregavam, compõe um poema longo em forma de épica, estilo até então considerado ultrapassado, dialogando muito proximamente com a poesia homérica. Essa obra, que contém também traços da poesia trágica de Eurípides e da lírica de Píndaro, retoma uma temática que era cara à época helenística e parecia dar um sentido ao tempo em que viviam esses poetas eruditos, em um mundo em plena expansão. Tratava-se do mito dos Argonautas.

Esse mito, já citado nas épicas homéricas e largamente conhecido pela audiência grega, também foi retomado por Calímaco e Teócrito, e Apolônio o escolheu também para compor seu poema maior. O ambiente intelectual de Alexandria nessa época parecia combinar bastante com o espírito proporcionado pelo texto, cujas possibilidades de desenvolvimento de temas de interesse acadêmico eram enormes, sobretudo no que dizia respeito à poesia etiológica, um dos interesses centrais dos poetas Helenísticos.

As *Argonáuticas*, portanto, estavam de acordo com um mundo grego que vivia em plena expansão. Os limites do mundo conhecido, que tinham sido aumentados pelas conquistas de Alexandre, refletiam-se no poema, em que um grupo de heróis viajava até a distante terra da Cólquida, terra oriental de um povo exótico e mágico, em busca do velocino de ouro. Essa épica Helenística parece em alguma medida ampliar os próprios horizontes da poética em que se apoia, o que se demonstra primeiramente no tema, pelo próprio trajeto percorrido pelos heróis, mas que se verifica também no plano mais estritamente conectado à técnica literária. Como se poderá ver em diversos momentos do trabalho, Apolônio opera mecanismos que o levam a ser um poeta minuciosamente criativo, mesmo quando retomando processos narrativos já conhecidos desde Homero.

Observar como funcionam alguns desses processos será o nosso interesse neste trabalho, de maneira sempre centrada no canto 1, para que daí se amplie o olhar e se vejam recorrências dentro do próprio poema como um todo, e, em alguns casos, até mesmo em outros autores.

Uma das características mais notáveis no poema argonáutico é a mudança do paradigma heroico representado por Jasão. O herói, como veremos, parece ser guiado por motivações que diferem do que seria o paradigma homérico, comumente relacionado à figura de Hércules. Nosso capítulo inicial de interpretação literária buscará observar em que medida

essas motivações de Jasão estão ligadas à sua capacidade sedutora, de modo que Eros pareça desenvolver um papel central em pontos de grande importância do enredo. Assim, Jasão seria descrito como um herói que, por assim dizer, usa da artimanha erótica para alcançar objetivos por meio do auxílio de figuras femininas, pois estaria aquém da capacidade de realizá-los por si só utilizando virtudes estritamente guerreiras.

A discussão sobre a figura do narrador retoma esse gancho, pois a própria voz narrativa parece questionar a sua atividade e a sua capacidade de realizar a tarefa de conduzir a épica. Em um trajeto de aparente decadência, essa voz inicia sua atividade num ápice de confiança, com a utilização clara de verbos em primeira pessoa e colocação das Musas em posições que, se não são subalternas, são de uma possível menor importância em comparação com o modelo homérico. A mudança dessa situação é progressiva e sutil, mas momentos decisivos da épica demonstram essa perda de autoridade sobre o texto e a recorrência maior às Musas, tal qual acontece com Jasão sua dependência em relação às mulheres, num interessante paralelo entre o plano da narrativa e o da estória. A completa entrega da narrativa nas mãos das divindades, no canto 4 do poema, completa esse ciclo e representa um dos mais notáveis processos literários apresentados por Apolônio nesse poema.

O terceiro ponto explorado no capítulo de interpretação trata do espaço literário. Julgamos interessante refletir sobre esse ‘espaço vazio’ e ao mesmo tempo tão repleto de informações que é o espaço da viagem sobre o mar e o desconhecido. A atividade da viagem para esses homens gregos representava uma ação relacionada a enorme devoção religiosa (da qual dependia o sucesso da empreitada), uma empresa de superação do oculto, do desconhecido e do monstruoso, e também de contato com o Outro, ou seja, aquele que vê nos heróis também um desconhecido. A expansão espacial da aventura épica encontra um momento especial nessa situação de (re)conhecimento, onde intenções e sentimentos são dissimulados por ambos os lados por motivações ocultas. Assim como nos capítulos sobre o amor e sobre o narrador, também o capítulo sobre o espaço nos ajudará a observar outras facetas do perfil de Jasão, que é esse protagonista sempre dubio e que pouco oferece de heroísmo ao modo convencional.

Essas análises, que servirão de suporte para a leitura do canto 1 que apresentamos, virão seguidas da justificativa do projeto de tradução. De maneira breve, é necessário que se comentem a teoria e a prática que resultaram no texto que apresentamos, as escolhas e

algumas das dificuldades impostas pelo texto grego³ durante esse processo. O objeto estético final apresentado, ademais, tendo sido sujeito a diversos processos de revisão, crítica e polimento, terá nesse capítulo um argumento que justifique suas opções de métrica, vocabulário e adequação formal, o que, na medida do possível, também se complementará através das notas. Estas, além de tratar de algumas questões formais ou de tradução, abrangem questões relevantes na crítica, principalmente aquelas abordadas nos capítulos introdutórios, e discutem problemas pontuais do texto, além de ressaltar diversos intertextos entre Apolônio e outros autores, de modo que consistam num material de auxílio considerável ao leitor que pretenda se embrenhar nos significados dessa épica.

³ O texto-base utilizado para a análise e tradução foi o de Hermann Fränkel (1961), exceto em algumas passagens em que adotamos outras lições, tendo sido estas assinaladas nas notas.

1. Alexandria

A efervescência cultural na Alexandria helenística foi produto do destaque político que a cidade adquiriu naquele período, reunindo ali alguns notáveis nomes para a literatura de seu tempo. Com efeito, algo há de dúvida na identidade da metrópole ptolomaica, que nos aparece como uma capital greco-egípcia. Uma antecipação da moderna Paris no começo do século XX, Alexandria parecia ser um destino obrigatório para autores que buscassem reconhecimento público e um ambiente erudito. A metrópole, como todo centro político dominante e bem estruturado, concentrava em seu núcleo, representado pela Biblioteca, um competente (talvez um dos mais competentes que já se tenha registrado até a ascensão da internet) acervo de informações, obras, estudos e cultura. Ali trabalharam, ao longo do século III a.C., figuras como o astrônomo Aristarco de Samos e o matemático e inventor Arquimedes. Entre seus diretores figuram ainda personalidades célebres como Zenódoto de Éfeso, Calímaco de Cirene e Apolônio de Rhodes.

Mas para um panorama político que esclareça um pouco mais o que se passava na Alexandria helenística e como se deu esse ambiente prolífero de produção artística, pensemos mais a respeito da já citada característica de dualidade cultural da identidade dessa metrópole por meio de um esboço geral a respeito da formação política da cidade e do Egito desse momento.

Na capital macedônica/grega, que se assentava em solo egípcio e se sustentava com um pé em cada cultura, enfrentavam-se conceitos gregos e egípcios de monarquia, o que, de alguma maneira, definiu os caminhos do reinado de Ptolomeu I e da fundação da dinastia. A teocracia egípcia mantinha na figura do rei a ligação direta – simbólica – com a esfera do divino, o que elevava consideravelmente a importância de templos e sacerdotes. Os rituais, portanto, bem como sacerdotes e crenças, envolviam-se no tecido da administração pública, e ignorá-los, como diz Stephens (2003, p. 12), seria cortejar a fragmentação econômica e social. A regular presença do rei em Mênfis para festejos de caráter religioso e cultural também ajudava a reforçar a importância do regime monárquico. Assim, tendo os líderes que se organizar com relação à administração pública e a manutenção dos eventos religiosos, surge durante o período helenístico um movimento de consolidação de algo que viria a parecer um tipo de resgate de identidade cultural egípcia, por meio da reafirmação e reatribuição de

valores faraônicos ao rei. Isso começa com Ptolomeu I Sóter, que, nomeado “faraó” Alexandre IV, após vir de Mênfis e do período em que carregava o título de sátrapa⁴, intenta recuperar a antiga condição dos templos egípcios e reverter as depredações dos antigos invasores, os Persas, o que o insere de fato na tradição faraônica do Egito e reforça a prática desse tipo de reinado como uma concretização de um governo legitimamente egípcio (Stephens, 2003, p. 13). A fundação da dinastia Ptolomaica, que se dá com a ascensão de Sóter, procura desde o início, portanto, o resgate de ideologias genuinamente egípcias, o que se soma ao papel do rei que inevitavelmente fala também a populações gregas.

Outra maneira de afirmar essa nova dinastia faraônica por meio da divinização da linhagem vinha através dos epítetos adotados pelos reis, como bem comenta Thompson (2005, p. 113):

The use of royal epithets started with Ptolemy I, who was also known as Soter (Saviour). (...) Later kings (with their queens) adopted similar epithets: Ptolemy II Philadelphos (sister-loving), Ptolemy III Euergetes (benefactor), Ptolemy IV Philopator (father-loving), Ptolemy V Epiphanes (made manifest), and so on. Such epithets certainly carried divine connotations for their holders though not yet full divine status.

Mas esse status ainda viria a ser alcançado posteriormente, com a divinização da dinastia ptolomaica por meio do oferecimento de cultos aos reis e rainhas, que começam a acontecer a partir de Arsínoe, meia-irmã de Ptolomeu II, que foi a primeira dos Ptolomeus a ser introduzida aos santuários Egípcios como uma deusa que compartilha o espaço do templo, adorada lado a lado com o culto da divindade principal⁵. Esse aspecto de força absoluta da figura do monarca serviria, então, para fortalecer a união do estado, bem como para consolidar a sua própria autoridade. Sendo faraós, os reis representavam para o povo o símbolo máximo do poder político e também divino, o que os coloca em posição de absoluto privilégio dentro dessa sociedade. Vale lembrar que o próprio culto a Alexandre era incentivado por Ptolomeu I como parte dos seus esforços para legitimar o próprio poder, prática que continuou através dos reinados dos Ptolomeus seguintes⁶. De qualquer modo, acerca desse tipo de prática e do encontro entre as crenças de egípcios e gregos no mesmo

⁴ Nome dado aos governadores das províncias egípcias durante o período de domínio Persa. A denominação e o sistema administrativo foram mantidos após a conquista de Alexandre.

⁵ Hölbl, 2001, pp. 85, 101-3 *apud* Thompson, 2005, p. 114.

⁶ Chaniotis, 2005, p. 435.

território, Thompson (2005, p. 107) comenta sobre o tipo de sincretismo que parecia acontecer entre as diferentes religiões, por meio do qual figuras mitológicas fundiam-se ao mesmo tempo em que o rei achava modos de estabelecer seu reinado de maneira homogênea.

Egyptian religion had never been exclusive; presenting themselves to immigrant and local populations in different forms, the gods of Egypt had a long and powerful life. Horus the Behedite of Edfu was Apollo for the Greeks, Ra became Helios, Amun of Thebes was Zeus, and so on. For the Greek immigrants, however, it was their human guise which was preferred to Egyptian animal forms. In promoting the cause of native gods, their festivals and cults and in temple-building, Ptolemy I and his successors found a sure way to establish their rule.

Ambições expansionistas também marcam os interesses ptolomaicos através do terceiro século a.C. De acordo com Gutzwiller (2007, p. 17), sua marinha representava uma potência no Egeu, e ilhas fundamentais, como Samos, Cós e Chipre, assim como partes da Ásia Menor, foram por vezes posse dos Ptolomeus. Conflitos militares na Síria e em Cirene também marcam a disputa pelo controle e expansão de seus domínios, sendo que Cirene chegou a ser completamente anexada durante o reinado de Ptolomeu III. Com efeito, é coerente pensar que esses movimentos de expansão se reflitam na produção literária dos poetas da época. Apolônio, como comentaremos com mais detalhes no capítulo 2.3, ao tratar do espaço literário, parece expandir os limites do próprio gênero épico, forçando a nau Argo aos limites do mundo conhecido⁷, que se encontra, politicamente falando, inteiramente sob os domínios das forças de Alexandre. Por isso, a poesia helenística é, de algum modo, também a poesia do pan-helenismo; uma poesia de revisão do passado, seja ele literário ou geográfico.

Alexandria, fundada por Alexandre em local próximo de onde o Nilo deságua no Mediterrâneo, representou, desde o início da dinastia ptolomaica, a riqueza e o poder daqueles reis. Física e culturalmente distinta do resto do Egito, apontando cada vez mais na direção do mundo então Helênico, Alexandria era a cidade cosmopolita por excelência, e a maior do mundo até o início do período Romano⁸. O “poder transformador” de Alexandre⁹, capaz de

⁷ Gutzwiller (2007, p. 21) nos traz um breve exemplo do argumento expansionista que o poema argonáutico pode gerar: “The *Argonautica* of Apollonius (...) obliquely connects the voyage of Jason and the Argonauts to future Greek settlements in northern Africa”.

⁸ Gutzwiller, 2007, p. 18.

⁹ Erskine, 2005, p. 1.

fazer florescer uma imensa cidade grega na distante e estrangeira terra dos egípcios, também provocou a ascensão de uma curiosa era no período entre a era de Alexandre e a era da ascensão de Roma, a Alexandria ptolomaica desempenhou um papel de grande destaque no cenário pan-helênico, agora dominado por uma elite greco-macedônica. A dominação dessa elite, que se voltava cada vez mais para o leste, fundou cidades que representavam verdadeiros centros de língua e cultura gregas em ambientes estranhos. Além de Alexandria, no Egito, havia ainda cidades como Antioquia de Orontes, Selêucia do Tigre e Báctria, em geral lideradas por ex-generais das tropas de Alexandre¹⁰. A dubiedade dessas relações de colonização, que mencionamos no início deste texto, é naturalmente lembrada na medida em que se analisa e pondera em que medida, e em que direção, corriam as influências culturais e linguísticas. Ser grego, nesse período, era algo difícil de mensurar e significar. A liderança fundada por Ptolomeu I Sóter também levou isso em conta na tentativa de se criar um reinado homogêneo para um povo misto. Mas, para além apenas da dinastia ptolomaica, o que se herda no mundo pan-helênico, e principalmente em Alexandria, é o legado político e cultural de Alexandre, que dá a todo esse mundo Helenístico um sentido de unidade e coerência¹¹.

Assim, Alexandria se confirma como uma cidade de notável prosperidade desde o reinado do primeiro dos Ptolomeus. No Egito, os grandes lucros provindos da agricultura, que funcionava com abundância graças ao sistema de irrigação natural proporcionado pela cheia anual do Nilo, permitiam que o rei controlasse com tranquilidade as finanças do estado. Também as fronteiras naturais do território auxiliavam na consolidação de defesas efetivas, como no caso citado por Thompson (2005, p. 107) em que Diodoro menciona o ataque de Pérdicas ao estado no ano de 321 a.C., frustrado pela combinação das forças de Ptolomeu com os crocodilos do Nilo.

A erudição que reinava sobre o espírito cultural dos artistas em Alexandria também parece ter uma origem mais ou menos definida. Lugares importantes como a Biblioteca e o Museu foram concebidos como adornos ao espírito magnífico da metrópole, imaginados já por Ptolomeu I no período de seu reinado¹². Os reinados dos primeiros Ptolomeus, habilitados

¹⁰ *Ibid.* p. 3.

¹¹ *Idem.*

¹² Em nota, Stephens (2003, p. 248) comenta a respeito de Ptolomeu I Sóter, ampliando a visão dada ao interesse do rei sobre a educação de seus descendentes: “Soter wrote a history of Alexander and had his son educated by leading intellectuals Zenodotus, Philotas, and Strato. Royal tutors were always distinguished literary figures; their

pela grande riqueza acumulada, permitiu que esses lugares fossem locais de manutenção, pesquisa e preservação dessa cultura grega, que, naquele ambiente ambivalente, não era só preservada, mas também herdada e absorvida pela outra cultura. A grande riqueza do Egito possibilitou, portanto, a coleta sistemática, a catalogação e o estudo de textos literários¹³. Essas atividades, que envolviam principalmente o estudo minucioso de autores antigos, pré-Helenísticos, e se estendiam desde a compilação e fixação de textos em edições críticas até a composição de longos e detalhados comentários, parece ter sido fundamental para a compreensão e recepção de textos que chegaram a eras posteriores, como comenta Gutzwiller (2007, p. 21):

The learned men who gathered at the Museum in Alexandria produced the first scholarly editions of earlier authors, studied the meanings and forms of words, wrote running commentaries on important works, and composed treatises on literary problems. Their selection of authors worthy of editions and commentaries set the literary canons for each genre and determined to a large degree the pre-Hellenistic works that have survived for us.

Sob um ponto de vista administrativo, tanto o Museu quanto a Biblioteca desempenhavam um papel-chave dentro do estado ptolomaico, aparecendo como mecanismos de uma política ativa de “helenização”, em que o trabalho de professores e pesquisadores aumentava em importância e se multiplicava em direção a pontos centrais do território¹⁴. O sistema de pagamento de bolsas para esses pesquisadores, que vinham de localidades próximas, como Cirene, proporcionou, portanto, não só o crescimento desenfreado dessas instituições intelectuais e educativo-culturais, mas também as consequentes sobrevivência e divulgação da língua e literatura gregas. Por meio da Biblioteca, o acesso ao mundo literário antigo se reabria, o que acabou sendo um importante marco para o senso grego de coletividade, no sentido de que o passado, que continha sentidos e formas do significado do ‘ser’ grego, estava reunido e revivido nesse lugar cada vez mais simbólico. Ali, pois, passaram a se encontrar a antiga literatura e a literatura contemporânea, o que acabou por consolidar uma característica fundamental para a produção do período, como veremos mais detalhadamente ao longo do estudo sobre o texto de Apolônio de Rodes. A retomada profunda

ranks include Philitas, Apollonius, and Eratosthenes. Ptolemy II and Euergetes were responsible for building the Library”.

¹³ Gutzwiller, 2007, p. 21.

¹⁴ Thompson, 2005, p. 111.

de autores como Hesíodo e Homero embasou e inspirou os autores dessa geração, e por meio dessas releituras foram possíveis as fusões entre época e ideologia Helenísticas de um lado, e formatos, temas e mitos antigos de outro. O ‘revestir’ literário representou também ruptura, renovação e resignificação, com busca e transgressão de antigas regras. Um espírito dos mais vanguardistas, dentro de um contexto singular, que fez proliferar uma rica e produtiva geração dentro das Letras da Antiguidade. Dentre os elementos de resignificação dos antepassados literários empreendido pelos Alexandrinos, destaquemos, por exemplo, os experimentos com a voz narrativa épica realizados por Apolônio de Rhodes, conforme veremos no capítulo 2.2.

Dentro da Biblioteca, um trabalho que representa um marco fundador de catalogação e organização do acervo foi o realizado por Calímaco durante seu período como diretor, a partir do ano de 245 a.C., sucedendo a Zenódoto de Éfeso. Calímaco foi o inventor das *pínakas* (plural de *πίναξ*), que formavam um catálogo em cujas placas de madeira estavam listadas as diferentes obras que compunham o acervo da Biblioteca. O formato inventado por Calímaco, de extrema complexidade por se tratar do primeiro catálogo que tentava abarcar toda a literatura grega relevante, que se acumulava em montanhas de livros em formatos de rolos, se tornou o formato padrão para as gerações posteriores enquanto método de organização¹⁵. Nesse sistema, os autores eram arranjados por classe e subclasse literária, e para cada um era dada uma breve informação biográfica, além dos títulos das obras de acordo com os gêneros e primeiras palavras de cada obra¹⁶.

Organizada dessa maneira, com grande empenho de Calímaco, a Biblioteca tinha como objetivo colecionar todas as obras escritas em grego, incluindo múltiplas cópias ou versão de um mesmo trabalho. Um exemplo apresentado por Gutzwiller (2007, p. 20) nos ajuda a entender ainda mais como se deu o aumento desse acervo e qual era a real importância representada pela instituição no que concerne à preservação da cultura grega nesse lugar:

The Ptolemies sometimes purchased books and at other times took them from ships that docked at Alexandria, had them copied, and returned the copies rather than the originals. The story, told in the so-called Letter of Aristeas (Ch. 4.3), that Ptolemy II commissioned seventy-two Jewish scholars to produce the first Greek version of the Old Testament, called the Septuagint, indicates that translations into Greek from other languages were included as well. The Library reportedly contained nearly 500,000 volumes

¹⁵ Gutzwiller, 2007, p. 22.

¹⁶ *Idem*.

when in 47 BC a great fire caused significant damage, if not wholesale destruction.

Podemos também apenas imaginar o tamanho da perda representada pela destruição da Biblioteca, acima citada, o que certamente impediu vários autores antigos de chegarem ao conhecimento de eras posteriores, tendo consistido, certamente, em um golpe fatal para a literatura do ocidente.

De qualquer forma, mesmo com a tragédia que caiu sobre a Biblioteca, muito se fez de relevante com relação à literatura antiga no local. Um dos casos mais conhecidos e citados é o trabalho de Zenódoto de Éfeso, que, como já comentamos, foi o antecessor de Calímaco e primeiro diretor da Biblioteca. Zenódoto é considerado também o primeiro editor dos poemas homéricos, tendo havido essa necessidade em vista das enormes variações que existiam entre as diversas cópias da *Ilíada* e da *Odisseia* que compunham aquele acervo. Ademais, sendo os poemas homéricos advindos de uma tradição oral e popularizados durante muito tempo por meio de performances de aedos, que eram baseadas unicamente na memória, era natural e muito provável que várias cópias fossem bastante diferentes entre si. Zenódoto acabou por assumir a função de comparar essas diferentes cópias e proceder no sentido de, dentro do que julgasse mais correto, fixar uma edição dos poemas.

Esse trabalho, tão extraordinário quanto o do próprio Calímaco na catalogação do acervo, acaba por lançar luz em uma questão relativa não só à Biblioteca, mas ao próprio espírito helenístico contido nela. Pois a relação do presente com o passado certamente foi alterada pela Biblioteca, já que a coleção de textos sempre esteve ali, disponível para imitações e apropriações, e por isso seu espaço físico representou um lugar que se poderia ver como temporal e fisicamente separado, tal como a épica, distanciado do presente e dos eventos literários dos quais seus poetas faziam parte (Stephens, 2003, p. 250). Isso fez com que a Biblioteca representasse, sem sombra de dúvidas, um símbolo unitário da identidade grega para aqueles alexandrinos, que compartilhavam um passado cultural ao alcance das mãos, ao mesmo tempo em que havia um contraste com uma nova cultura que efervescia em performances populares e que era justamente o contrário desse mundo antigo e distante simbolizado pela instituição.

Whatever the living performance practices of the Ptolemaic world — and these must have been extensive — they must have been experienced as cognitively different from the repository of literary remembrance gathered in

the Library. Or to put it somewhat differently, however scholarly and recondite we may perceive the Alexandrian poets to be, from their own perspective their poetry would have been the live experience. The poetry of the past was texts, to be collated, disputed, emended; texts, moreover, that were imbued with an image of Greekness — of who or what Greeks were or had been — against which modern Alexandrians might measure themselves. In this way the Library would have intensified the sense of collective Greek identity, but it also intensified the break between the old world of the collected literature and contemporary events.¹⁷

Dos nomes que surgem dessa efervescência cultural alexandrina, são sempre três os que predominam e que representam mais fortemente o período: Calímaco, Teócrito e Apolônio de Rodes.

Não sendo possível abarcar a obra de todos em um comentário mais completo, apenas relaciono algumas características gerais que mais interessarão ao leitor, para que se tenha ideia do panorama que possibilitou o nascimento de uma obra como as *Argonáuticas*.

Começamos com Teócrito, sendo dentre os três o autor que parece ter alcançado o maior sucesso entre o seu público. Comentários como os de Stephens (2003, p. 122) e Gutzwiller (2007, p. 84) convergem no sentido de ter sido a poesia de Teócrito uma poesia de mais fácil acesso, de estilo simples, curto e pessoal, reunindo temáticas pastorais (os chamados *Idílios*), amorosos e míticos, bem como poemas encomiásticos dirigidos a monarcas, frequentemente tidos como de menor valor poético quando comparados ao resto de sua produção¹⁸. Historicamente falando, o ponto alto de sua produção é certamente a poesia pastoral, gênero maior da poesia ocidental e que é considerado como tendo sido fundado por Teócrito, servindo como modelo, por exemplo, para Virgílio na composição de suas *Éclogas*. Era nascido na Sicília, na cidade de Siracusa, que era não só a maior cidade da região, como também uma das mais ricas e mais culturais. Não se sabe muito sobre a relação de Teócrito com Apolônio e Calímaco, mas ele certamente sabia da existência dos outros dois, como atesta Gutzwiller (2007, p. 85):

(...) he surely knew Callimachus and Apollonius of Rhodes. His poetic allegiance to this Alexandrian group is made explicit in the seventh Idyll

¹⁷ Stephens, 2003, pp. 250-1.

¹⁸ Exemplos desses textos são o *Idílio* 16 (para Hierão de Siracusa) e o *Idílio* 17 (para Ptolomeu Filadelfo). Além disso, outros poemas, como os *Idílios* 14 e 15, apresentam figuras da corte alexandrina com certa importância.

where a character named Simichidas, often identified with the poet, states his admiration for Philitas of Cos and Asclepiades of Samos, both forerunners of Callimachean poetics.

Mas embora essa relação seja apenas aludida por parte da crítica, sem que haja informações mais concretas a respeito do real relacionamento que pudesse haver existido entre eles, é inegável que há diversas confluências de temas entre os três. Muito se discute, por exemplo, a respeito de como é apresentada a figura de Héracles nas *Argonáuticas* de Apolônio em paralelo à apresentada por Teócrito no *Idílio* 13¹⁹.

O poeta Calímaco, por outro lado, parece ter tido algum tipo de relação didática com Apolônio de Rodes, embora não se saiba muito sobre como isso possa ter acontecido. Várias anedotas, no entanto, surgiram dessa possível querela que pudesse ter havido entre os dois. Nativo de Cirene, colônia grega a leste do Egito que se encontrou durante muito tempo sob domínio ptolomaico, acredita-se que Calímaco já estivesse produzindo em Alexandria por volta do ano de 280 a.C.

Autor de numerosos epigramas, hinos e poemas curtos, seu principal trabalho é conhecido como *Aetia*, um conjunto de poemas em forma de dísticos elegíacos de temática etiológica²⁰ formado por quatro livros. O poema intitulado *Hécale* (considerado um epílio, como um subgênero da épica), também é de grande importância no *corpus* do autor, tendo chegado até nós apenas via fragmentos. Sabe-se, no entanto, que foi uma das obras que gerou enorme influência sobre os autores helenísticos posteriores e também sobre os romanos.

Seu estilo, bastante versátil com relação tanto a estilo como ao uso de diferentes dialetos, tinha como regra básica o uso de formas menores, detalhadas e precisas, o que o levava a sustentar algum despreço por poetas que insistiam em estilos arcaicos, como a épica, de grande número de versos e complexidades (os grupos representados por poetas como Asclepiades e Posidipo certamente o desagradavam). Com efeito, isso é o que se credits como tendo sido o principal motivo de desavenças entre Calímaco e Apolônio, cuja obra maior é notadamente extensa para os padrões impostos pela poética tanto de Calímaco quanto

¹⁹ Hunter (1993, p. 25ss.) discute mais detalhadamente a respeito desse tema, passando pela importância da figura de *Eros* e da forma hímica reutilizada tanto por Apolônio quanto por Teócrito. Voltaremos a abordar esse assunto no capítulo 2.1, sobre o papel do Amor nas *Argonáuticas*.

²⁰ Sendo a Etiologia o estudo de causas, ou de formações anteriores de quaisquer coisas que vieram a ser de um jeito que se conhece no tempo presente. Um texto etiológico tende a dar explicações, ou razões, para o que quer que seja (como mitos, monumentos, construções, etc.). A poesia etiológica é um dos estilos definidores do período literário helenístico, tendo exercido grande influência em nomes posteriores, como Virgílio.

de Teócrito²¹. Havendo alguma concordância entre estes dois com relação ao estilo, pode-se pensar que os reais transgressores da poesia helenística, aqueles que levaram adiante os limites poéticos de seu tempo, tenham sido realmente apenas Teócrito e Calímaco. Como rebeldes, teriam deixado para trás o modelo homérico, considerando-o ‘morto’, prezando em suas dicções o enxugamento, a síntese e a aparência simples da poesia. Não à toa, quando se vê sob essa perspectiva, os *Idílios* de Teócrito assumem temas que falam da vida de cantores e pastores descolados do universo da realeza e da grandiloquência épica, encontrando em outros valores os motivos poéticos de sua composição²². Isso não torna a sua poesia simples, pois se trata de uma reelaboração literária (por vezes bastante complexa) que elege como temática os cantos primitivos e protagonistas rústicos. Como veremos mais à frente, tanto no capítulo 2, em que faremos algumas análises do primeiro canto sob um ponto de vista estritamente literário, quanto em notas à tradução, Apolônio, por sua vez, não somente imita a Homero, como durante muito tempo foi acusado de fazê-lo, mas o distorce, emula e o reconquista poeticamente, fazendo com que essa épica (quase que anacrônica, se levarmos em conta a opinião de seus contemporâneos), esteja revestida com o que seriam os mais decisivos elementos da poesia helenística²³.

Mas para pensarmos mais um pouco sobre essa rivalidade que poderia ter existido entre Calímaco e Apolônio, antes de tratarmos mais propriamente da vida do autor das *Argonáuticas*, devemos ter em mente que, embora haja indícios textuais e comentários dos próprios antigos que sustentem a hipótese da contenda, nada existe de comprovado. Também a hipótese de Apolônio de Rodes ter sido discípulo de Calímaco não pode ser tomada como completamente verdadeira, embora seja o que se encontra na *Suda* a respeito de sua biografia (ver mais abaixo, sobre a vida de Apolônio). Mas é certo que, sustentando um estilo que prezava pela concisão e indo contra os preceitos da épica e dos poemas longos, é muito

²¹ Supõe-se que Teócrito haja mencionado a querela entre Calímaco e Apolônio no seu *Idílio* 7, colocando-se, se este é o caso, do lado do primeiro. Cito aqui os versos do poeta, na tradução de Érico Nogueira (2012, p. 129): “Como a qualquer arquiteto eu odeio bastante, se tenta / erguer uma casa igualzinha ao cume do monte Oromédon, / odeio os pintinhos das Musas, que, à roda do aedo de Quios / estão pipiando, inutilmente gastam a lábia” (vv. 45-8).

²² Ironicamente, Virgílio assumirá tanto um estilo quanto outro, executando a ambos com maestria. Em sua figura se unirão, pois, os dois lados da principal contenda literária da época helenística.

²³ Neste ponto do trabalho, julgo importante que se considere as palavras de Hunter (1989, p.9) a respeito dessa ‘relação problemática’ que, embora sempre tenha se imaginado entre os autores e suas poéticas, nunca pôde ser comprovada de fato: “Finalmente, é preciso que se ressalte que a imitação e o remanejamento da poesia de um contemporâneo é normalmente uma marca não de hostilidade, mas de reverência e associação. Razões mais fortes ainda estão por serem encontradas para que se negue que esse seja o caso entre Calímaco, Teócrito e Apolônio”.

provável que Calímaco desqualificasse declaradamente a épica de Apolônio²⁴. Wilamowitz, por exemplo, acreditava que o fim do *Hino a Apolo* de Calímaco consistia em um ataque ao ‘invejoso Apolônio, cujo poema seria um grande rio de águas lamacentas’²⁵. Sobre o estilo de Apolônio, Vian (1976, p. xx) faz uma consideração que abrange, acima de qualquer querela, vaidades ou disputas, a capacidade de o poeta se adaptar à poética de seu tempo, mesmo com um poema distintamente longo: “Apolônio escreveu sua épica através de uma estética que deve muito a Calímaco, e os empréstimos que ele fez de seu mestre testemunham que ele pretendia se manter fiel ao essencial, mesmo que não compartilhasse de todas as suas prevenções”.

Assim, sendo inegável que haja proximidade entre os dois poetas no que diz respeito a temas, composição, estilo e dicção, não está absolutamente claro quem influenciou quem, embora seja realmente mais provável que Calímaco é que tenha exercido influências sobre Apolônio. Podemos elencar neste momento alguns breves exemplos gerais de confluências de temas e estilos que ocorreram entre os poetas, incluindo Teócrito. Primeiramente, deve-se levar em conta que o mito dos argonautas parece ter sido bastante caro à tradição literária do séc. III a.C. em Alexandria. Aproximações entre as *Argonáuticas* e poemas contemporâneos da tradição helenística são possíveis, já que há diversos entrecruzamentos e reutilizações de mitos. Temas retratados nas *Argonáuticas* se encontram, por exemplo, em Teócrito, no *Idílio* 13 (episódio de Hilas e do abandono de Héracles, como já comentamos mais acima) e 22 (sobre os Dióscuros). Numerosas *Aetia* de Calímaco também encontram temáticas paralelas às das *Argonáuticas*. Há que se compreender que para uma comunidade poética altamente intelectualizada, que unia a composição poética com o trabalho de investigação intelectual, o tema das *Argonáuticas* parecia ser altamente encantador, já que nenhum outro tema era igualmente amplo, igualmente abundante em tradições que deveriam ser pesquisadas e contrapostas criticamente umas às outras, o que resultaria em um relato realmente universal²⁶.

²⁴ Como se poderá ver na segunda versão da vida de Apolônio presente na *Suda*, cogita-se que o poeta tenha sido até mesmo enterrado no mesmo local que Calímaco após sua morte, para que se tenha alguma ideia da discussão e, neste caso, da comicidade que alcançou a dita rivalidade entre os dois. Obviamente, nunca se poderá comprovar a veracidade de tal relato. Hunter (1989, p. 6), para observarmos um lado interessante da questão, diz o seguinte a respeito dessa relação: “Não é impossível que Calímaco tenha sido literalmente professor de Apolônio, caso haja alguma verdade na tradição de se dizer que o primeiro era professor em Elêusis, um subúrbio de Alexandria, antes de se mudar à corte real. Biógrafos antigos, entretanto, habitualmente se expressam no sentido de haver influência poética ou similaridades em termos de uma relação aluno-professor, um laço familiar ou algo do tipo, então pouco podemos confiar nessa história”.

²⁵ Cf. Vian, 1976, p. xiv.

²⁶ Körte & Händel, 1973, p. 113.

Na intenção de se ilustrar brevemente a situação de proximidade textual e temática entre Apolônio e Calímaco, podemos tomar alguns exemplos que podem nos ajudar a situar melhor alguns aspectos de suas poéticas, já que os paralelos entre os dois poetas são numerosos. Um exemplo, já citado acima com referência à poesia de Teócrito, volta a aparecer nesta comparação: a presença de Héracles. Nesse ponto do trabalho, convém levar em consideração o que Hunter (1993, p. 23) ressalta com relação à presença do herói: “A dinastia ptolomaica afirmava-se como descendente do divino Héracles, e Héracles figura proeminentemente na literatura escrita sob o patrocínio dos ptolomaicos”²⁷. Mas isso não significa que Héracles seja uma figura louvada em termos de perfeição pelos poetas, e isso se tornará uma característica comum aos três, pois, enquanto o herói é retratado de maneira bruta, violenta e grotescamente cômica em Apolônio (cf. *Arg.* 1.1162ss.), o mesmo acontece também nos textos de Teócrito (*Idílio* 17) e Calímaco (*Hino a Ártemis*, onde seu mau-humor é causado pela barriga vazia). Comentaremos mais sobre as figuras de Héracles e Jasão, bem como algumas aproximações nesse sentido entre Calímaco e Apolônio, no capítulo 2.1, que irá comparar em alguma medida esses modos de heroísmo.

Também a história da “aquisição” de Hilas por Héracles, aludida por Apolônio em *Arg.* 1.1211-4²⁸ foi usada por Calímaco no primeiro livro dos *Aetia* (frr. 24-5). Outro interessante paralelo surge em uma temática do quarto canto das *Argonáuticas* (vv. 4.753-6), quando Iris é enviada por Hera para observar a partida dos argonautas dos domínios de Circe²⁹. A aproximação entre os dois poetas acontece no modo como Iris é descrita e utilizada como mensageira. Calímaco, no *Hino a Delos*, retrata uma Iris em missão³⁰, exausta e temerosa das reações de Hera, fazendo-a parecer quase uma escrava ou uma adúladora de sua ama, que permanecerá ao lado do trono da rainha até a sua próxima designação (cf. *h.* 4.215-36³¹). Essa passagem, diz Hunter (1993, p. 96), faz uso de motivos associados aos mensageiros trágicos (respiração ofegante e medo), e reminiscências dela aparecem no quarto canto argonáutico (em 4.757-69), quando Hera despacha a pobre Iris em uma longa e tripla

²⁷ Uma das referências citadas por Hunter nessa altura de seu texto ainda menciona a existência de uma estatueta de Ptolomeu Filadelfo como sendo o próprio Héracles.

²⁸ “Pois nessas coisas o outro bem o educou, / quando o levou na infância da casa do pai, / o bom Teodamas, este morto sem piedade / em Dríopes, em contenda por um boi do campo”.

²⁹ “(...) e assim deixaram / a habitação da encantadora Circe; / nem isto à Esposa do Satúrnio Jove / se oculta, que Iris lhe anunciou quão presto / sair os vira da mansão Circeia” (trad. de Costa e Silva, vv. 4.968-72).

³⁰ A deusa-mensageira deve, nesse caso, ficar de olho sobre toda a terra, para que Leto não encontre lugar onde possa parir sua criança.

³¹ “So she spake and seated her beside the golden throne, even as a hunting hound of Artemis, which, when it hath ceased from the swift chase, sitteth by her feet, and its ears are erect, ever ready to receive the call of the goddess” (trad. de A. W. Mair).

missão³² (Tétis, Hefesto e Éolo), o que causaria queixas³³ por parte de qualquer mensageiro (Hunter, 1993, p. 96). Isso seria, portanto, um momento de grande aproximação quando comparamos os estilos de apropriações temáticas entre os dois poetas.

Assim, temos nestes exemplos algumas poucas aproximações possíveis entre os principais poetas helenísticos, para que tenhamos sempre em mente que os estilos e temáticas dessa época, espalhados pelos trabalhos dos diversos autores, não deixam de estar sempre entrelaçados, mesmo que eles discordassem entre si no que diz respeito a estilos de composição³⁴.

Por fim, com o nosso pano de fundo helenístico já devidamente apresentado, focamos agora nossas atenções nas brevíssimas informações disponíveis a respeito da vida de Apolônio de Rodes, e a partir disso entraremos nas análises que fizemos a respeito do primeiro canto das *Argonáuticas*.

As fontes que tratam especificamente da vida do poeta Apolônio de Rodes são bastante escassas, consistindo em apenas dois resumos apresentados como apêndices nos escólios do *Codex Laurentianus*, além da nota na enciclopédia bizantina *Suda* e de um fragmento de papiro (*P. Oxy. X. 1241*) que contém uma lista dos bibliotecários de Alexandria. Poderemos notar também que as informações apresentadas por essas notas oferecem algumas contradições de difícil esclarecimento. O que se segue, portanto, é o que podemos considerar uma nota biográfica, apresentando as traduções dos principais trechos dessas fontes e considerando principalmente as condições que apontam para a composição e desenvolvimento das *Argonáuticas*.

É o seguinte o conteúdo das vidas presentes nos escólios³⁵:

Versão 1. Apolônio, o poeta das *Argonáuticas*, era nascido em Alexandria, filho de Sileu, ou, segundo alguns, de Ileu, da tribo dos Ptolomeus. Viveu no tempo dos Ptolomeus e era discípulo de Calímaco. Frequentava Calímaco, seu professor particular, antes de finalmente trabalhar com seus próprios poemas. Sobre ele se fala que, sendo ainda jovem, recitou publicamente as *Argonáuticas* e fracassou. Sem poder suportar as afrontas dos cidadãos ou os reproches e o descrédito dos outros

³² O modelo homérico para a atribuição de missões múltiplas a Iris vem da *Ilíada* 24.74ss. (para Tétis e Príamo). Como comenta Hunter em nota (1993, p. 96), “Apollonius goes one better”.

³³ Cf., por exemplo, *Arg.* 4.779-80: “Mientras también a éste anunciaba su mensaje y descansaba sus veloces rodillas del camino” (trad. de Mariano Valverde Sánchez).

³⁴ Como o espaço deste trabalho não nos permite investigar mais a fundo os demais paralelos entre Calímaco e as *Argonáuticas*, cf. Hunter (1989, p. 7) para se conferir uma discriminação mais detalhada.

³⁵ Para os textos de vidas presentes nos escólios e na *Suda*, sigo a edição de Mooney, 1912, p. 1.

poetas, abandonou sua pátria e embarcou para Rodes, onde aperfeiçoou e corrigiu o poema, recitando-o publicamente e logrando grande sucesso. Também em assinaturas em seus poemas se denomina como Ródio. Ensinou ali de maneira brilhante e recebeu a cidadania de Rodes juntamente com muitas honras.

Versão 2. Apolônio, o poeta, era nascido em Alexandria. Seu pai era Sileu, ou talvez Ileu, e sua mãe era Rodes. Foi aluno de Calímaco, que era gramático, em Alexandria, e declamou publicamente os poemas que tinha escrito. Bastante desacreditado e envergonhado, se mudou para Rodes, onde foi cidadão e ensinou o discurso retórico, e por isso também preferem chamá-lo Ródio. Ali viveu e aperfeiçoou seus poemas, e então os declamou publicamente, obtendo tanta celebridade que foi presenteado com a cidadania Ródia e com honras. Alguns dizem que ele retornou a Alexandria e, tendo recitado-os novamente, alcançou tamanha celebridade que foi tido como digno da Biblioteca do Museu e foi enterrado junto ao próprio Calímaco.

Na *Suda*, podemos encontrar a seguinte notícia sobre Apolônio:

Apolônio de Alexandria, poeta épico, residiu em Rodes e era filho de Sileu; foi discípulo de Calímaco, contemporâneo de Eratóstenes e Timarco, viveu sob Ptolomeu Evergetes, e veio a ser o sucessor de Eratóstenes na direção da Biblioteca de Alexandria.

E, por fim, a informação de um papiro do século II pertencente ao grupo descoberto em Oxirrincos:

P. Oxy. X 1241, col. II. Apolônio, filho de Sileu, de Alexandria, conhecido como Ródio, discípulo de Calímaco. Foi também instrutor do primeiro rei. Sucedeu-o Eratóstenes, e depois dele Aristófanes de Bizâncio, filho de Apeles, e Aristarco. Logo Apolônio de Alexandria, chamado de classificador, e depois dele Aristarco, filho de Aristarco de Alexandria, mas vindo da Samotrácia. Esse foi também professor dos filhos de Filopátor.

Especula-se que Apolônio tenha nascido entre os anos 300 e 295 a.C.³⁶ Também o local de seu nascimento é incerto, apesar de grande parte das informações apontarem para Alexandria. Com relação ao seu exílio em Rodes, não se sabe quais foram as condições dessa ida, se impostas ou voluntárias, assim como são discrepantes as versões acerca desse

³⁶ Sánchez, 1982, p. 9. Mooney, 1912, p. 2, no entanto, aceita o ano de 265 a.C. como data mais provável.

primeiros insucesso do poema argonáutico. O retorno triunfal a Alexandria, com o êxito da nova versão das *Argonáuticas*, que teria, por meio dessas máximas honras, recebido o cargo de diretor na Biblioteca, tampouco se confirma. Mas é certo que o poeta tenha, de fato, ocupado esse cargo. As contradições a respeito do período em que Apolônio de Rodes tenha exercido essa atividade geraram inúmeros e intensos debates, o que se deve às informações desconstruídas fornecidas pela *Suda*. Acredita-se que esses vários desencontros se devem principalmente a uma confusão gerada pela existência de um posterior ‘Apolônio de Alexandria’, eidógrafo e também bibliotecário na mesma instituição, embora o tenha sido bastante tempo depois³⁷ do autor das *Argonáuticas*.

Pouco se sabe do que teria sido a produção em prosa e poética de Apolônio de Rodes além das *Argonáuticas*, tendo restado apenas pedaços desconstruídos de informações. De qualquer modo, essa produção que desconhecemos parecia estar ligada a temas bastante comuns aos poetas de sua geração em Alexandria, bem como a seus sucessores, abordando questões de mitologia, amor, metamorfoses, as origens das cidades e dos cultos (etiologia, portanto). Nas interpretações literárias que acompanharemos mais adiante, no capítulo 2, veremos como todos esses temas fazem parte também das *Argonáuticas*, consistindo em temáticas-chave para um correto entendimento da obra. Para uma visão geral sobre o trabalho de Apolônio em seu contexto, unindo a pesquisa acadêmica à atividade poética, cito Hunter (1989, p. 12):

Like Callimachus, A. was a scholar as well as a poet, and a poet who used his scholarship in his poetry. The fragments of his many lost prose works show us the scholar at work on poetry and thus deserve a special mention here. A. dealt with Homeric problems by taking issue with his predecessor Zenodotus in a work entitled Πρὸς Ζηνόδοτον; he wrote a work on Archilochus and also one in at least three books on Hesiodic problems. Extant citations show him discussing major questions such as the authenticity of the *Shield of Heracles* and the ending of the *Works and Days*. Here we can see that A., like Callimachus, was not merely engaged with earlier poetry as all poets had to be, but also sought to impose order on it as scholarship demands.

³⁷ O ano de 189 a.C. é tido como o ano de início da atividade de Apolônio de Alexandria na Biblioteca.

Essa visada acadêmica sobre a composição poética, sublinhada acima por Hunter, fazia com que o tema do mito argonáutico parecesse bastante interessante aos olhos dos poetas helenísticos. Como mencionamos anteriormente (acima, p. 23ss.), o mito era abrangente o suficiente para abarcar os interesses etiológicos, filológicos, poéticos e culturais que interessavam aos artistas do período pan-helênico. Cada qual ao seu modo, muitas foram as abordagens dos diversos assuntos que se relacionam ao tema. Apolônio de Rodes, particularmente, realizou esse trabalho através do gênero épico, e por muito tempo foi considerado mero imitador de Homero e da dicção poética arcaica. Mas os argonautas, embora tenham recebido sua mais famosa versão pelas mãos de Apolônio, já eram conhecidos de longa data entre os gregos, figurando entre os mais conhecidos mitos daquela cultura e sendo cantados em versos desde pelo menos os tempos de Homero e Hesíodo. É importante que, mesmo que muito rapidamente, apresentemos aqui um resumo de registros anteriores sobre o mito, que puderam vir a culminar de alguma maneira ou de outra do poema de Apolônio de Rodes³⁸.

Com relação aos poemas homéricos, há várias menções aos personagens do mito argonáutico que podem ser encontradas ao longo dos textos³⁹. Exemplos delas são: menções ao filho de Jasão e Hipsípila (7.468-9, 21.40-1, *Arg.* 1.897-8)⁴⁰; Odisseu encontrando a Tiro no mundo subterrâneo (*Od.* 11.235-59); a fala de Circe a Odisseu com relação à nau Argo, fazendo menção a Hera e a Jasão, protegido da deusa (*Od.* 12.69-72).

Hesíodo, na *Teogonia* (vv. 992-1002), faz um breve resumo do mito:

Virgem do rei Eetes sustentado por Zeus,
o Esonida por desígnios dos Deuses perenes
levou-a de Eetes após cumprir gemidosas provas,
as muitas impostas pelo grande rei soberbo
o insolente Pélias estulto e de obras brutais.
Cumpriu-as, e chegou a Iolco após muito penar
o Esonida, levando em seu navio veloz
a virgem de olhos vivos, e desposou-a florescente.
Ela, submetida a Jasão pastor de homens,

³⁸ Para o registro das diferentes obras que listo a partir deste ponto, referentes ao mito antes de Apolônio, sigo Hunter, 1989, p. 12ss.

³⁹ Como se poderá ver adiante, diversas notas à tradução presente neste trabalho buscam identificar referências anteriores, sobretudo homéricas, que possam ter influenciado a composição de variadas passagens.

⁴⁰ Ver nota ao verso 898 desta tradução.

pariu Medeú, criou-o nas montanhas Quíron
Filírida, e cumpriu-se o intuito do grande Zeus.
(trad. de Jaa Torrano)

Outros poemas menos conhecidos, como a *Naupactia*, cujo autor é desconhecido, e a *Corintíaca*, de Eumelo de Corinto (séc. VII a.C.) também abordavam o mito. Sobre a *Corintíaca*, é provável que fosse familiar a Apolônio, e que ele o tenha usado como modelo para trechos do terceiro canto (Hunter, 1989, p. 15), embora não se saiba exatamente qual o tratamento dado por Eumelo ao tema.

Outras importantes fontes para Apolônio eram certamente a *Pítica 4* de Píndaro, que celebrava a vitória de Arcesilau de Cirene na corrida de bigas em 492 a.C, e a tragédia *Medeia* de Eurípides, com a qual Apolônio demonstrava enorme intimidade, de modo a compor os protagonistas de seu poema com vistas ao desfecho do enredo trágico, promovendo um entrelaçamento entre os dois enredos e tornando a história um ‘todo’⁴¹.

Por fim, antes de finalmente adentrarmos o texto argonáutico, pode-se mencionar ainda dois poemas que certamente apresentavam um argumento bastante similar ao de Apolônio de Rodes: a *Argonáutica* de Heródoro de Heraclea Pôntica (que parecia ter seguido o argumento da *Naupactia* e servido de modelo para a composição dos cantos 1 e 2, mais baseados no relato de viagem e navegação); e o poema intitulado *Argonautas*, de Dionísio Escitobráquio, também chamado de Dionísio de Mitilene ou Dionísio de Mileto. Sobre este poema, pouco se sabe sobre a data de composição, ou se chegou a ser de algum modo contemporâneo ao período de escrita das *Argonáuticas* de Apolônio. Seu peculiar argumento (que não deixa de parecer fantástico e representar uma enorme perda para a nossa história literária) foi preservado por Diodoro Sículo, e nada do que sabemos parece indicar que tenha havido alguma influência de um autor em direção ao outro. Hunter (1989, p. 20) o resume dessa maneira:

In Dionysius’ strongly rationalistic account, Jason undertook the expedition merely in order to emulate the great heroes of the past, Heracles was chosen leader because of his supreme andreaia, Medea was a beneficent worker in drugs who saved strangers from her father’s cruelty, the fire-breathing bulls (ταῦροι) were really Taurian guards, Δράκων was the name of a guard, not a

⁴¹ Cf. Hunter, 1989, p. 17.

designation of the guarding serpent, the golden-fleece was really the skin of a man called 'Ram', and so on.

Esboçado esse complexo cenário que envolve tamanhas contradições, possibilidades e leituras, sabemos com alguma certeza que o texto argonáutico que se apresenta ao leitor oferece um mundo bastante belo, e criativamente idealizado conforme os moldes poéticos e filosóficos do período helenístico. Como já comentamos, o poema das *Argonáuticas* representa, em sua essência, uma atitude de expansão, seja ela política ou estritamente literária, pois todas essas leituras são possíveis e oferecem caminhos valiosos. Considerando que já tenhamos exposto, neste ponto do trabalho, um mínimo de informações que possibilitem uma melhor compreensão dessa épica, nos debruçaremos agora sobre algumas interpretações literárias do canto primeiro, identificando e analisando alguns dos principais temas que aparecem em meio às sucessivas auroras que surgem das vias do mar.

2. Aspectos do Canto 1

Para que entremos de fato no texto das *Argonáuticas*, apresentamos aqui três assuntos que, no decorrer da pesquisa, na composição das notas à tradução e no levantamento da bibliografia, se destacaram enquanto mecanismos literários relevantes na poética de Apolônio de Rodes. Julgamos que esse capítulo também servirá ao leitor que ainda não tem nenhuma leitura do poema, servindo de preparação aos temas que surgirão com mais relevância para uma melhor compreensão do universo composto por Apolônio. A importante presença de *Eros* no enredo das *Argonáuticas* apresenta um novo tipo de paradigma heroico na épica clássica; também o narrador se distancia do homérico, modelo principal para a composição, apresentando sinais do que chamamos de “autoconsciência narrativa”, conceito que desenvolveremos ao longo do capítulo, em um movimento de elevação da importância da figura do poeta com relação às Musas; o espaço literário também é discutido enquanto contato com o ‘outro’ e com o ‘desconhecido’. Por se tratar de uma narrativa de viagem marítima, a *Odisseia* aparece como o principal intertexto.

2.1. Papéis e representações do Amor: a ilha de Lemnos

O erotismo parece consistir em um forte *Leitmotif* dentro da épica de Apolônio de Rodes. Diferente do que se tenha visto em épicos anteriores, temos nas *Argonáuticas* um herói que age instintivamente por meio de atitudes sedutoras e pouco baseadas no valor guerreiro. Sendo automaticamente contraposto à figura de Héracles, assim como as personagens Homéricas, Jasão passou a ser chamado pela crítica de *love-hero*⁴². Este capítulo se dedica a investigar essas características do herói dentro do canto I, e em como esses elementos pré-anunciados se refletem no canto 3, do fundamental encontro com Medeia.

⁴² Ver Jasão como um “herói do amor” (tendo sido a expressão *love-hero* aplicada a Jasão pela primeira vez por Beye em um ensaio de 1969) ou um diplomata não é novidade na fortuna crítica referente às *Argonáuticas*. Nosso foco será, no entanto, em sua caracterização e comportamento apenas no que concerne ao episódio da ilha de Lemnos.

2.1.1. Heroísmo sedutor

Certamente a grande maioria das discussões teóricas e análises críticas que se dão em torno das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes são centralizadas no canto 3, focado principalmente na relação tumultuosa entre Jasão e Medeia. É esse canto o que gerou mais bibliografia e comentários, sendo mais famoso muito provavelmente pela grande carga de *pathos* gerada pelo casal. Medeia, figura trágica que remete diretamente à peça de Eurípides de mesmo nome, é capaz de mover ações que vão contra o que seria assumido como aceitável em sua sociedade ao se aliar ao estrangeiro e se colocar contra o pai e a pátria. Essa personagem parece ter suas raízes também na tragédia euripidiana intitulada *Hipólito* no que concerne à figura feminina que luta contra os próprios desejos de realizar algo que sabe ser errado (Hunter, 1993, p. 46).

Episódios como os do canto 3 trazem Jasão a um paradigma heroico diferente do padrão homérico. Sua conduta e sistema pessoal de valores parecem se opor em especial à figura de Héracles⁴³. A figura do herói-sedutor é marcadamente presente nas *Argonáuticas* em diversos pontos. Jasão não enfrenta a maioria de suas peripécias se utilizando da força física, como Aquiles ou Héracles, e nem pela força da astúcia, como Odisseu, mas pelo poder da sedução. Exemplo disso é o já citado episódio figurado no canto 3, centrado em Medeia⁴⁴, em que o herói vence as provas que lhe são impostas e resgata o velo de ouro unicamente por causa do auxílio que recebe da mulher que seduziu⁴⁵. Mas mesmo que tanto Medeia quanto *eros* façam sua entrada no poema apenas no canto 3, já que a própria palavra *eros* não aparece nos dois primeiros cantos, isso não quer dizer que a temática não seja corrente no resto do poema (Hunter, 1993, p. 59).

De acordo com Hunter, Apolônio de Rodes concede à temática do amor um papel central nas *Argonáuticas*, embora não esteja inovando com relação à tradição épica anterior: Calipso e Nausícaa tornaram-se paradigmas eróticos em tempos posteriores, assim como o relacionamento entre Pátroclo e Aquiles tendia a ser entendido como um relacionamento erótico (Hunter, 1993, p. 46). Todos esses modelos anteriores podem ser entendidos como presentes nas *Argonáuticas*, principalmente as figuras de Calipso, Nausícaa e Circe.

⁴³ Para uma discussão detalhada a respeito do tema, cf. Diniz 2010.

⁴⁴ Poderíamos discutir em que medida o amor despertado em Medeia é correspondido por Jasão, mas não será esse o nosso foco aqui.

⁴⁵ Lembremo-nos nesse ponto, e não por acaso, do auxílio prestado por Ariadne a Teseu para percorrer o labirinto do Minotauro. Voltaremos a esse assunto.

A intenção desta análise é averiguar justamente em que medida a temática do amor aparecerá no canto I das *Argonáuticas*, e como isso pode caracterizar Jasão como um herói-sedutor. Nossa análise recairá naturalmente no episódio da ilha de Lemnos e na personagem de Hipsípile, que, assim como Medeia, muito provavelmente serviu como modelo de construção de Dido na *Eneida*, além de ter retomado várias figuras femininas anteriores, como as da *Odisseia* (diversas referências intertextuais que abordam esse assunto serão apresentadas também por meio de notas à tradução). Não por acaso, o canto 4 do poema de Virgílio é tido como um dos mais populares e mais lidos por causa da mesma presença impactante do *pathos* amoroso que acomete as personagens femininas nas *Argonáuticas*.

As mulheres de Lemnos têm uma relação particular com *Eros*, a começar pelo fato de que seu próprio passado, que intentam a princípio esconder dos argonautas, é composto por ruínas de uma relação destruidora com ele, devendo sua independência e isolamento social a um episódio de violência sexual (Mori, 2008, p. 102). Curiosamente, como observado por Anatole Mori (2008, p. 104), o encontro com as mulheres de Lemnos constitui também a primeira tarefa diplomática de Jasão, e por meio dela o grupo de heróis comporá um cenário especialmente curioso que não devemos de modo algum ignorar: de um lado os argonautas, longe da pátria e de suas mulheres (v. 1.867), heróis que, embora busquem um destino bastante além de Lemnos, acabarão por cair sob os poderes dessa “ilha dos amores” que ressoa os domínios de Calipso; de outro lado as mulheres de Lemnos, lideradas por Hipsípile, que viram no *eros* passado suas tragédias e buscarão em um novo *eros*, focado na figura dos heróis, a salvação da própria comunidade, pagando para isso o preço da perda da autonomia em favor da necessidade biológica (Mori, 2008, p. 102). *Eros* assume intenções e papéis distintos, impulsionando Lemnos a um futuro mais próspero e seguro e atrasando indefinidamente a trajetória da nau Argo.

Buscaremos, assim, nessa ilha dos amores, alguns rastros que *Eros* tenha deixado em todos os enquadramentos possíveis dessa cena, desde a chegada e o avistar dos heróis ao longe até a despedida para que, continuando sua viagem, Jasão possa ter a esperança de ver o fim de seus labores (v. 1.903).

2.1.2. Lemnos

Antes de adentrarmos uma análise mais detida do episódio de Lemnos, é necessário que se elucide o sucedido na ilha. Após todos os momentos de preparativos para a viagem e

libações aos deuses, os argonautas partem ao mar e traçam rotas que são narradas de maneira bastante breve. Sem se deter em maiores detalhes, o narrador lança imagens do curso seguido pela nau: “Bem cedo, a milharada região Pelasga / desvanecia; e avançando foram pelos / montes rugosos do Pélion, e os cabos Séprios / também sumiam” (vv. 1.580-3)⁴⁶. E tal como o trajeto mencionado, o avistar da ilha de Lemnos chega também sucintamente: “Mas ao tombar do sol, o abandonar do vento, / chegaram foram ‘té a rochosa Lemnos Síntia” (vv. 1.607-8).

A narrativa parte imediatamente para um “flashback” da história de Lemnos. Logo no verso seguinte (v. 1.609), o primeiro da rememoração da história da ilha, os homens assassinados pelas Lêmniás são mencionados. Isso traz a história do assassinato dos maridos para um primeiro plano crucial, já que é a primeira coisa a ser lembrada pelo narrador, e é a que decide o futuro próximo dos envolvidos na trama. O pecado que as habitantes de Lemnos intentam esconder é assim descrito (vv. 1.609-23):

Ali, os homens do povo foram, de uma vez,
mortos pelas mulheres no ano anterior.
Pois tendo rejeitado as esposas legítimas,
execrando-as, desejo bruto tinham pelas
cativas, que eles despojavam do outro lado,
pilhando a Trácia; os escoltava o atroz rancor
de Cípris, pois há muito a ela não honravam.
Ó, miseráveis! Insaciadas de ciúmes,
não somente os maridos com elas mataram
na cama, mas os homens todos, p’ra que não
houvesse no futuro a paga do massacre.
De todas, só Hipsípíle poupou o velho
pai, Toante, que sobre a multidão reinava;
e em um baú vazio lançou-o ao mar, p’ra assim
quicá escapar. (...)

Estavam, assim, acostumadas aos trabalhos anteriormente atribuídos aos homens e haviam abandonado os “trabalhos de Atena” (vv. 1.627-30). Ao avistarem a Argo vindo pelo mar, vestiram-se “para a guerra”, pois temiam a paga que os Trácios poderiam dar pelas suas

⁴⁶ Todas as traduções de trechos aqui citados são de minha autoria. Serão dadas as devidas referências em caso contrário.

ações. Eram muito temerosas dessa chegada, porque “frequente / pousavam sobre o vasto mar os seus olhares, / temendo horrivelmente a chegada dos Trácios” (vv. 1.630-2), o que as levou a descerem armadas à praia quando os argonautas se aproximavam, receosas e mudas. Elementos como esses demonstram também a carga de culpa que parece acompanhar a consciência dessas mulheres, coisa que se fará presente também na fala de Hipsípila que citaremos logo abaixo.

A rainha se reúne com todas as outras em uma assembleia democrática, apresentando prontamente um plano para hospedar os estranhos ao mesmo tempo em que ocultam seu segredo (vv. 1.657-66).

“Amigas, bom será gentis regalos darmos
aos homens, coisas que convêm levar à nau,
víveres, vinho puro, p’ra mantê-los fora
de nossas torres, e que por necessidade
não venham cá a saber verdades e se espalhe
um rumor grave; enorme foi nosso trabalho,
e não será de agrado a ninguém, se souberem.
Em minha mente surge agora tal astúcia;
mas, se de vós alguém tiver melhor propósito,
que levante; também p’ra isso vos chamei.”

“Tal astúcia” que surge nas mentes dessas mulheres mistura-se à culpa e ao temor de serem descobertas. Com suas próprias existências em risco, empenham-se a fornecer todo o tipo de víveres aos homens apenas para que se mantenham fora de suas torres. Mas a velha ama Polixo vai ainda mais longe, apresentando a ideia que acabará por ser adotada como ideal. Ansiando por falar e se apoiando em um bastão, a velha mulher tem uma única fala em todo o poema, que resolverá toda a questão da hospitalidade. Debilmente ela se faz ouvir em meio à assembleia e sugere que, mais do que dar os regalos sugeridos por Hipsípila, se acolham todos os homens para que se evitem as tragédias da velhice. Pois elas mesmas, velhas, não conseguirão mais realizar as tarefas masculinas que hoje desempenham com competência. Essa ideia contém, portanto, a salvação da comunidade, trazendo os estranhos ao seio dessa cultura para garantir sua continuidade: “A vossos pés se avista, pois, escapatória, / se confiardes as casas e todos os vossos / bens e a luzente cidade às mãos dos

estranhos” (vv. 1.694-6). A decisão que se resolve assumir aqui acaba sendo muito mais radical que a anterior, de Hipsípila, e é aprovada por unanimidade.

Feitos os avisos de uns aos outros por meio de mensageiros, os dois povos tornam-se amigáveis. Julgando ser Hipsípila a rainha por direito, enviam Jasão a seu encontro, e nesse ponto começa outro importante elemento contido nesse episódio: a *ekphrasis* do manto de Jasão (vv. 1.721-67)⁴⁷. O tecido, feito com uma cor purpúrea das mais vívidas⁴⁸ e foi dado de presente por Atena, ajuda também a compor a imagem do símile que se construirá logo após o término de sua descrição, em que é utilizado o símbolo homérico do astro. Cada cena bordada no manto é descrita em 4 a 7 versos. A coleção, como um todo, parece pertinente ao embarque de Jasão na tarefa de buscar o velo de ouro (Bulloch, 2006, p. 57). Pode-se dizer que o manto, sendo a chave para o episódio de Lemnos, é também a chave para que se compreenda todo o tecido estético e político das *Argonáuticas* (Mori, 2008, p. 104). Discutiremos na seção adiante mais elementos referentes ao manto.

A sequência das cenas concentra, portanto, o seguinte: os Ciclopes forjando o raio de Zeus (vv. 730-4); os filhos de Antíope construindo Tebas (vv. 735-41); Afrodite portando o escudo de Ares (vv. 742-6); os Teléboas lutando contra os filhos de Electrião (vv. 747-51); Pélops com Hipodâmia no combate de bigas (vv. 752-8); Tício punido por Apolo (vv. 759-2); Frixo e o carneiro (vv. 763-7).

Portando esse manto para uma ocasião não pouco especial, e muito ao contrário do desnudo Odisseu nas praias de Nausícaa, Jasão, “qual fulgente estrela” (v. 1.774), adentra a cidade e é imediatamente circundado por turbas de mulheres encantadas. É interessante notar que o narrador ressalta muito neste ponto o caráter encantador da figura de Jasão, construindo símiles muito belos e significativos. Discutiremos adiante o fato de *Eros* se fazer presente também aqui. Impassível, ele segue até o palácio de Hipsípila.

O encontro, que faz com que as próprias faces da rainha enrubesçam⁴⁹, se dá de maneira amigável. Hipsípila imediatamente começa a narrar a história dissimulada de seu povo e da relação com os Trácios. De acordo com ela, o motivo de não haver homens na cidade é o de que estes se puseram a arar os campos da terra Trácia como peregrinos (vv. 1.794-6). Conta então, “sincera” (v. 1.796), seus infortúnios. Sua versão se assemelha à versão real dos fatos ocorridos, como nos contou anteriormente o narrador. Coloca como

⁴⁷ Para um estudo mais completo sobre a descrição do manto de Jasão e ainda sua relação com o “Catálogo de Mulheres” visto por Odisseu em *Od.* 11.225-332, cf. Bulloch, 2006 e Hunter, 2005.

⁴⁸ “Seria até mais fácil levantar os olhos / ao sol, que contemplar tamanho enrubescer” (vv. 1.725-6)

⁴⁹ Cf. 1.790-1.

ponto chave da tragédia ocorrida a vingança de Cípris, que “lançou-os à imprudência” (v. 1.803) por haverem “repugnado suas esposas legítimas” (v. 1.804). O abandono de suas próprias casas e esposas é mencionado, por terem caído de amores pelas cativas, mas Hipsípila omite o fato de terem sido todos mortos por vingança, dizendo apenas que permaneceram na Trácia. Isso explicaria também o fato de temerem e negarem qualquer embarcação proveniente dos vizinhos: “(...) um deus em nós inflou violenta audácia, / p’ra não mais receber nos muros quem voltasse / da Trácia” (1.820-2).

Tendo sido feita a exposição, Hipsípila lança, sem maiores rodeios, a proposta crucial (1.827-33):

“Ficai aqui para morar; se vos agrada
permanecer, assim te dignaria com
a distinção de Toante, meu pai. Eu não creio
que vás a terra escarnecer, pois é mais fértil
que as outras tantas ilhas que existem no Egeu.
Pois vai agora à nau e diz aos companheiros
estas palavras, e da pólis não te ausentes.”

que é bem recebida por Jasão, embora o herói decline a proposta por causa de “labores graves que o impelem” (v. 1.841). E assim, tendo sido os companheiros comunicados da boa recepção e das possibilidades dessa estadia na ilha, e tendo sido também inflados pelos desejos vertidos por Cípris (vv. 1.849-50), quedaram-se junto às mulheres por dias, atrasando as viagens e compartilhando de festas e banquetes. Hércules, por sua vez, permanece junto à nau com alguns poucos comparsas, e “mais longo tempo ficariam” ali (v. 1.862) se ele não dirigisse ao resto sua grave censura (vv. 1.865-71):

“Malditos, nos tomou a morte de um parente
de nossa terra mãe? Ou p’ra arranjar noivados
viemos p’ra cá, deixando lá nossas mulheres?
Agrada aqui morar e arar campos de Lemnos?
Pois poucos louros colheremos se ficarmos
com tais exóticas mulheres. Nenhum deus
concederá por nossas preces velo autômato.

Os homens, cabisbaixos e obedecendo prontamente ao chamado de Héracles⁵⁰, põem-se a se arrumar com pressa para a partida, causando uma angústia maior às habitantes da ilha, que, bastante agitadas, não tentam impedir a viagem, mas rogam aos deuses por um bom retorno. Hipsípíle, em palavras amáveis, deixa a ilha, o cetro de seu pai e todo o povo à disposição de Jasão. Promete obediência ao herói e pede-lhe que seja lembrada. Pasma, Jasão acaba com as esperanças de retorno, em um discurso pouco carregado de *pathos* e assumindo claramente a intenção de voltar à própria pátria depois de completos os labores relativos ao velo (vv. 1.900-3):

“Hipsípíle, que obtenhas grandes benefícios
por diva graça e que de mim guardes mais altas
opiniões; me basta estar em minha terra,
cedendo-o Pélias; oxalá os trabalhos findem!

E finda a fala, todos seguem para a nau com Jasão à frente, e não se fala mais com nenhuma das mulheres. A partida é imediata, sem mais despedidas ou manifestações patéticas (cf. nota aos vv. 836-42). Poucos versos à frente os viajantes já estão chegando à ilha de Electra Atlântida, cujos ritos o narrador se proíbe de cantar (ver nota aos vv. 919-21).

Assim, tão logo como chegaram à ilha de Lemnos, os argonautas partem. Há de se notar que são muito mais longos os trechos de preparação para a chegada (considerações de ambos os lados, principalmente da assembleia de Hipsípíle) do que os eventos de chegada e saída propriamente, assim como o próprio trecho que narra a permanência de dias dos heróis. Todo o episódio, que envolve uma participação ativa das forças de Afrodite e de momentos patéticos, parece encerrar em si um *eros* peculiar. Embora não seja o *eros* que aparecerá nomeado no canto 3 e ligado a Medeia, não devemos deixar de pensar em quão pertinente é a ligação da figura de Hipsípíle às figuras épicas eróticas anteriores, principalmente com relação à *Odisseia*. Assim, na próxima seção procuraremos alguns ecos da tradição amorosa presentes nas *Argonáuticas*, para depois discutir as relações do episódio da ilha de Lemnos com a erotização da trama e a concretização de Jasão como um herói-sedutor.

⁵⁰ Hunter, 1993, p. 34: “Podemos também detectar ressonâncias de leituras moralísticas da *Odisseia* que viram o período passado por Odisseu com Calipso e Circe como exemplos de luxo não-heroico. No entanto, é o atraso da expedição, e não o sexo casual, que incomodam Héracles; a expedição em si representa para ele uma interrupção dos seus trabalhos e do *kleos* que os aguarda. O Héracles de Apolônio é autorizado a arguir seu próprio destino e futuro *status*: ele se apressa em direção a isso.”

2.1.3. Ecos

Nesta seção traçaremos de maneira breve alguns dos ecos da tradição épica que se renovam no capítulo de Lemnos, já que todos eles refletem de alguma maneira certos tons de renovação que Apolônio dá à tradição (e em particular a alguns aspectos da poesia homérica) ao mesmo tempo em que se ligam à temática amorosa que nos interessa. Com efeito, já mencionamos que algumas fontes anteriores se fazem presentes nas *Argonáuticas* no que se refere ao trato com assuntos especificamente amorosos. Uma das principais fontes para Apolônio é a *Odisseia*, em que acompanhamos Odisseu se envolver amorosamente (ou eroticamente) com pelo menos três figuras além de Penélope: Calipso, Nausícaa e Circe. Diversas pesquisas foram capazes de aproximar essas três mulheres e Hipsípila⁵¹, observando elementos comuns.

De início, a chegada da Argo à ilha de Lemnos lembra em muitos aspectos vários episódios da *Odisseia*, na medida em que os argonautas aportam em um lugar não-familiar que abriga uma comunidade potencialmente perigosa (Mori, 2008, p. 103). Mas apesar dessas semelhanças iniciais, Mori observa que diferenças sensíveis são vistas a partir daí, causadas propositadamente em oposição à narrativa homérica. O episódio de Lemnos tem seu foco direcionado imediatamente à visão das mulheres e de seu ponto de vista com relação à chegada dos argonautas, ao invés do contrário. O temor sentido por elas e seu armamento imediato é algo de que os heróis não têm conhecimento até a narrativa de Hipsípila para Jasão. Bulloch (2006, p. 51) observa que há muitas semelhanças entre a cena de Hipsípila e a de Telêmaco enquanto vestem as armas e preparam uma assembleia. O ato de Hipsípila chama a atenção justamente pelo fato de ser ela uma mulher e, tendo ido vestir as armas de alguém, acabam por ser as de seu pai. Telêmaco, por sua vez, também é similarmente descrito levantando-se, vestindo-se e armando-se (*Od.* 2.1-5, 10), para, em seguida, despachar mensageiros e reunir a assembleia (*Od.* 2.6-8). A descrição de um mensageiro ocorre de maneira semelhante nos dois poemas, embora nas *Argonáuticas* o mensageiro descrito seja o enviado pelos argonautas, e não o de Hipsípila (vv. 1.640-51). Por fim, entre outras

⁵¹ Hunter, 1993, por exemplo, relaciona primeiramente Hipsípila a Calipso e Medeia a Circe. Obviamente, a relação entre estas duas possui também um nível próximo de parentesco, sendo Circe tia de Medeia.

numerosas semelhanças, as descrições dos habitantes de Ítaca e das de Lemnos em assembleia se aproximam bastante, sendo sintaticamente idênticas⁵².

Outras situações-chave também se assemelham a pontos específicos da *Odisseia*, como na oferta do trono que Hipsípila faz a Jasão em 1.827-31 e 1.888-95, que lembra a oferta de Alcínoo a Odisseu em *Od.* 7.311-6 (e com isso, a fantasia de Nausícaa com um casamento em *Od.* 6.244ss.), e a recusa de Jasão em 1.836-41 é similar à recusa de Odisseu a Calipso em *Od.* 5.219-24. Ademais, o Jasão de Apolônio parece ser uma figura odisseica que, nesse ponto de seus trabalhos, pode negar o pedido de Hipsípila com a mesma justificativa moral que dá Odisseu ao que é oferecido por Calipso e Nausícaa, ambas representantes de mundos irreais e utópicos (Bulloch, 2006, p. 49). Hipsípila, assim como Calipso, oferece ao herói a possibilidade de um prazer carnal ilimitado, que se soma, no caso das *Argonáuticas*, não ao poder da vida eterna e divinização, mas à soberania política e poder sobre toda uma comunidade. Em certa medida, tais poderes parecem se aparentar.

Há momentos de grande semelhança também entre a chegada dos argonautas a Lemnos e a chegada de Odisseu à ilha dos Feácios. Apolônio certamente modelou a chegada dos heróis se utilizando da cena homérica como modelo⁵³. Como uma cena exemplar do paralelo que pretendemos enxergar entre as duas situações, podemos pensar no rubor na face de Hipsípila ao encontro de Jasão em 1.790-2 (“e ela, olhando-o de relance, / corou a face virginal; no entanto, embora / tímida, dirigiu-lhe palavras amenas”), que pode nos levar a lembrar imediatamente de Nausícaa na praia à vista de um Odisseu desnudo e estranho, embora embelezado por Atena, a mesma Atena que produziu o manto que agora embeleza Jasão. E tal manto, elemento central no episódio de Lemnos, apresenta diversas características pertinentes ao nosso estudo.

Primeiramente, devemos notar o uso básico que se faz do manto e em que situação. Hunter (1993, p. 48) desenvolve algumas interessantes comparações da seguinte forma:

Ao se preparar para encontrar tanto Hipsípila como Medeia, Jasão ‘arma-se’ com beleza fulgente (1.721-73, manto e lança; 3.919-26, graça concedida a ele por Hera), em uma reescrita erótica de uma preparação para um duelo por um guerreiro Homérico. As duas aproximações são ainda acompanhadas

⁵² Cf. Bulloch, 2006, p. 51. Mais semelhanças ainda são observadas na cena da assembleia, como as descrições dos personagens sentando-se nos tronos dos respectivos pais e das figuras que se levantam para tomar a palavra: Polixo nas *Argonáuticas* e Egípcio na *Odisseia*.

⁵³ Relações minuciosas entre Lemnos e a ilha dos Feácios, inclusive gramaticais e vocabulares, podem ser conferidas em Bulloch, 2006, p. 52ss.

por símiles que o comparam a um astro. Em 1.774-81 Jasão é comparado à clara estrela da manhã que favorece o casamento e que, como o próprio Jasão, captura os olhos das mulheres casadas e solteiras, igualmente. Em 3.956-61, no entanto, ele é a incendiada Sírius, uma estrela explicitamente perigosa, um eco de Aquiles prestes a derramar uma vingança terrível sobre Heitor. O poeta da *Odisseia* fez também algo semelhante com as convenções Iliádicas ao descrever a aproximação de Odisseu a Nausícaa em *Od.* 6.11. Lá um pequeno ramo é a ‘armadura’ do herói, e um símile de leão, que cheira muito à *Ilíada* (cf. esp. *Il.* 12.299-308), marca sua aproximação às jovens moças que, com exceção de Nausícaa, reagem muito diferentemente das mulheres de Lemnos à vista de Jasão. Ali também a *Ilíada* é reescrita em modo amoroso para marcar as circunstâncias modificadas do herói.

Esse manto, então, tornando-se uma armadura desse herói amoroso, e assemelhando-se com o ramo utilizado por Odisseu ao encontro de Nausícaa, representa as armas desse novo paradigma de guerreiro. Não se vê, nesse caso, Jasão comportando-se como uma estrela fulgente ao modo de Aquiles, nem mesmo como um leão iliádico, mas sim como explorador ligado ao paradigma odisseico, aquele que fará uso, e não pouco, de suas qualidades sedutoras para seguir viagem com sucesso. Há um deslocamento não pouco significativo do momento da *aristeia* do herói de um contexto bélico para dois contextos diplomáticos e amorosos. A *ekphrasis* do manto, que como já mencionamos parece retomar o “Catálogo de Mulheres” do canto 11 da *Odisseia*, não deixa de ressoar também o canto 19 da *Ilíada*, da descrição do escudo de Aquiles, além do *Scutum* hesiódico (Hunter, 1993, p. 54). Apolônio chama a atenção do leitor para o modelo homérico ao imitar estruturas, como, por exemplo, a repetição de fórmulas para introduzir uma nova cena componente da descrição. As aproximações com usos de situações presentes nos poemas da tradição épica mostram nas *Argonáuticas* a sua própria reutilização dessa tradição colocada sob um espectro particular. As interpretações e leituras desse manto variam entre os críticos⁵⁴, mas é certo que as cenas nele representadas sugerem dúvida e conflito. Por se tratar, no fim das contas, da vestimenta utilizada unicamente durante o caminho que Jasão toma até o palácio e no encontro com Hipsípile, parece-nos que Hunter acaba por tratar a questão de uma maneira bastante curiosa (Hunter, 1993, p. 59):

⁵⁴ Há leituras da *ekphrasis* presentes na maioria dos principais autores que utilizamos para este estudo. Mori, 2008, por exemplo, faz uma análise contextual histórico-política que procurará no manto figuras do poder no período helenístico/ptolomaico.

O pequeno número de cenas enfatiza o quanto um cosmos parcial e pouco claro nos é oferecido, em contraste com o escudo de Aquiles, tido como reflexo de um cosmos completo e unificado. Entre a descrição do manto e o símile poderosamente erótico que descreve o movimento de Jasão ao palácio está o motivo de Jasão ter recusado a Atalante a permissão para juntar-se à expedição, ‘porque ele temia a terrível peleja causada pelo amor’. A ironia não podia ser mais clara.

E assim, também ligada ao manto de alguma maneira, gostaríamos de trazer à tona uma última figura nesta seção: a de Ariadne. Mesmo sendo mencionada apenas no canto 3, ela será importante para uma delimitação de elementos do caráter de Jasão, principalmente com relação a atitudes tomadas no canto 1 e na ilha de Lemnos. Jasão parece ter algumas vezes, por algum motivo, seu terreno moral dominado por essa figura feminina (Bulloch, 2006, p. 44). A menção do nome de Ariadne no canto 3, com efeito, é muito curiosamente enunciada por Jasão em um momento de grande emoção dramática entre o herói e Medeia no templo de Hécate. Ela, inspirada por uma “paixão catastrófica” (Bulloch, 2006, p. 44), recebe o pedido de ajuda de Jasão, cuja resposta explicita uma comparação que soa imediatamente rudimentar. Por meio da ajuda dos Argonautas, de acordo com ele, ela se tornaria tão famosa na Grécia quanto Ariadne, que libertou Teseu de seus labores e deixou seu próprio país para partir com o herói (vv. 3.997-1006). Bulloch observa que Jasão pode estar agindo com uma falta de tato suficiente para não perceber as implicações de seu paralelo, ou está sendo cínico (extremamente, diríamos) por não apresentar alguma preocupação com os possíveis sentimentos de Medeia por ser objeto de tal comparação, podendo, a partir disso, sofrer destino semelhante: o abandono após a essencial ajuda fornecida ao herói. Assim, como o próprio Bulloch, também nos perguntamos o que Apolônio pretendia ao fazer Jasão mencionar Ariadne nesse momento. Reparemos, por exemplo, na enorme carga significativa (e trágica) que representa o manto que Jasão recebeu de Hipsípila⁵⁵, e no que ele representa nesse momento:

A isca atraindo Apsirto a entrar na armadilha foi um manto dado a Jasão pela agora abandonada Hipsípila, compartilhado um dia por Ariadne e Dioniso

⁵⁵ Cf. *Arg.* 4.421-4: “Dolo infando assim tramam contra Absyrto: / dois hospedeiros pródigos lhe mandam. / E de Hipsípila entre eles o purpúreo / manto precioso” (trad. de Costa e Silva, vv. 4.534-7, com ortografia atualizada).

depois de Ariadne ter sido abandonada por Teseu. Essa foi a história que Jasão contou – com omissões diplomáticas – para assegurar a co-operação de Medeia em 3.997. Hipsípíle recebeu o manto de seu pai, que foi poupado quando as mulheres de Lemnos mataram todos os homens da ilha. Elas estavam irritadas com a demasiada atenção que seus maridos davam às ληιάδες (1.806). Mas a própria Medeia é uma ληιάς (4.35).⁵⁶

Obviamente, a estratégia do autor não é despropositada, e aproveitaremos as observações feitas acima para estender esses elementos ao episódio que nos interessa. Ariadne, que parece atuar como um *Leitmotiv* para o poema, também tem presença marcada no canto 1. Hipsípíle é neta dela e de Dioniso, tendo assim uma linhagem divina (Mori, 2008, p. 102). E assim, também o manto de Jasão parece guardar um mistério e apresentar Ariadne como uma figura “fantasma” que não deve ser esquecida dentro desse enredo⁵⁷. Bulloch nos apresenta essa questão na conclusão de um paralelo detalhado que realiza entre o manto de Jasão e o “Catálogo das Mulheres” da *Odisseia* em *Od.* 11. Por não podermos explorar a fundo esse paralelo em nosso estudo, centralizaremos nossa atenção sobre o que é dito no desfecho, que pode nos ajudar a tentar traçar esse perfil moral de Jasão como um herói sedutor. A seção final do manto, portanto, aponta seu tema diretamente para as próprias *Argonáuticas*, descrevendo Frixo e o carneiro (vv. 1.763-7). Mas a *ekphrasis* parece apontar para o início do Catálogo, ao invés de apontar (pelo menos não o faz diretamente) para o seu fim, acompanhando o paralelo. O Catálogo começou com a avó de Jasão: o manto se conclui com o primo dela, o ‘originador’ do velo, que agora é o destino principal da expedição de Jasão (Bulloch, 2006, p. 64). A seção final do Catálogo, por conseguinte, apresenta as figuras de seis mulheres, sendo apenas uma, a última, digna de atenção especial por parte da narrativa, o que para as *Argonáuticas* acaba sendo bastante significante: Ariadne. A conclusão que Bulloch (2006, p. 64) apresenta a partir de tudo isso é a seguinte:

Ela (Ariadne) não é mencionada ou referida diretamente no manto, mas, assim que visualizamos que ele segue o mesmo padrão do Catálogo, ela não precisa sê-lo. Alusivamente, o manto guia diretamente àquele ponto, e então para uma seção antes; ou seja, o manto para, mas o Catálogo segue adiante, e

⁵⁶ Newman, 2001, p. 334.

⁵⁷ A mesma Ariadne aparece em uma *ekphrasis* semelhante em Catulo 64: “E ainda não crê, ela mesma, ver o que vê, / já que ela, só agora despertada de um sono falaz, / infeliz, se vê desertada na solitária areia” (tradução de Celina Figueiredo Lage, adaptada).

o faz com alguém que é de grande importância simbólica para a narrativa de Jasão. E assim Ariadne é como uma figura fantasma, uma sombra posta sobre o manto, e uma presença muito maior (ameaçadora até) que se tivesse sido mencionada diretamente. É como se a descrição no manto acabasse, como um floreio, em Frixo (“em meu fim está meu início”), mas graças ao padrão compartilhado que está, então, completamente estabelecido, o Catálogo sussurra: ‘e não se esqueça de Ariadne’.

Dito isso, e embora as alusões nunca sejam diretas, como vimos em vários exemplos, parece-nos que Apolônio estabelece um paradigma comportamental baseado em modelos anteriores. O caso de Ariadne está longe de ser descartável para que possamos ao menos tentar compreender alguns pontos dessa longa trilha corrida por Jasão na jornada até o velo. O simples e rápido caminho que Jasão toma até o palácio de Hipsípila, vestido com o manto, deixa em seus rastros e em suas sombras resquícios do mito de Ariadne e Teseu, assim como do caráter e dos amores de Odisseu, o que nos leva infalivelmente a levantar questões sobre o caráter do próprio Jasão. Essas questões, de respostas nunca definitivas, é o que abordaremos seção seguinte, que concluirá esta discussão sobre o Amor, observando finalmente como as passagens eróticas do episódio de Lemnos mostram-se proeminentes entre os acontecimentos ali sucedidos. Partindo disso, nos interessa refletir sobre como os ecos aqui abordados nos ajudam a desenhar a personalidade desse sedutor cujas intenções nunca são claras. Entretanto, se as respostas não são nunca definitivas, tentaremos oferecer ao menos algum palpite.

2.1.4. *Eros*

Até aqui refletimos sobre como Lemnos se apresenta como um episódio baseado no *eros*, e em como ecos da tradição épica nos auxiliam a identificar traços de comportamento de Jasão com relação às mulheres da ilha e, principalmente, Hipsípila. Essas mulheres, adjetivadas pela própria ama Polixo de “miseráveis” (δυσάμμοροι, v. 1.685), parecendo capazes de gerar empatia por parte do leitor, também parecem por vezes procurar algum tipo de redenção em um futuro tranquilo que as absolva dos pecados cometidos contra seus homens e garanta suas velhices longe da miséria e dos trabalhos masculinos. O que se vê com a chegada dos homens a bordo da Argo é primeiramente o temor, dada a possível vingança que sofreriam dos Trácios, e posteriormente a astúcia de tentar utilizar os homens para alcançar a prosperidade da ilha. Até então, *Eros* não está envolvido senão no passado trágico

da população, causado pela ira de Cípris. Sua amabilidade para com os heróis é, até então, uma amabilidade interessada, não genuína. No entanto, a chegada de Jasão às portas de Mirina dá outra perspectiva à questão. Embelezado de maneira divinal pelo manto e pela lança de Atalante, e adentrando pela cidade com o símile do astro a seu favor, de que se diz que “as jovens noivas veem ascender na noite, / e que pelo ar escuro seus olhos encanta / em belo enrubescer” (vv. 1.776-8), Jasão torna-se símbolo de *Eros*. Traz de volta a graça propiciada por Cípris, procurando ali obter auxílio nessa etapa da jornada. E tendo assim adentrado a cidade, também as faces virginais de Hipsípila se ruborizam, tal qual sucede com as moças do símile (e do resto de Lemnos) que aguardam seus rapazes que foram viver entre outros homens. O paralelo aqui é claro, tornando-se Jasão e os outros homens nas figuras aguardadas pelas mulheres de Lemnos. A astúcia dessas mulheres parece ser vencida nesse momento, já que o plano se mantém, mas Hipsípila entrega a si e a toda a cidade ao mando de Jasão no momento em que este se vai, esperançosa de que um dia ele volte. Colocar-se sob seu mando de forma astuciosa, como era o plano sugerido por Polixo e adotado por todas, não teria causado rubor nas faces nem tamanho impacto, assinalado pelo uso do símile homérico. Outro símile, aliás, que pode corroborar o nosso ponto de vista é o que se vê utilizado na partida dos argonautas após a reprimenda de Hércules, que exprime muito mais um sentimento de *pathos* amoroso e esperança sincera que o dismantelamento frustrado de um ardil (vv. 1.878-87):

(...) As moças vinham correndo, ao sabê-lo.
E como abelhas zunzunindo sobre belos
lírios, fluindo da pétrea colmeia, e os campos
do entorno deleitando, em voo colhendo os doces
frutos de lá e de cá; assim essas mulheres
lamentavam-se em fluxos circundando os homens,
e com mãos e palavras saudaram a todos,
rogando aos deuses que tivessem bom retorno.
Também Hipsípila rogou, tomando as mãos
do Esônida, e vertendo lágrimas à perda:

Sabemos, no entanto, que essa questão sobre a sinceridade dos sentimentos de ambos os lados não pode ser facilmente resolvida, dada a ambiguidade dos fatos, e que o próprio comportamento de Jasão com relação a Hipsípila, assim como com relação a Medeia, é

igualmente ambíguo. Sabemos também que as mulheres de Lemnos não foram flechadas pelo deus Eros a mando de Cípris, ou Afrodite, como foi Medeia no canto 3. Mas tendo em vista o caráter erótico de todo o episódio de Lemnos, assim como a tendência dos heróis a permanecer longo tempo sob o domínio de Hipsípile, retomamos a afirmativa de Hunter de que o fato de *Eros* não ser nomeado até então não significa que sua temática não seja corrente no momento. Pois, assim como Odisseu nas praias dos Feácios, também Jasão encontra-se embelezado por poderes divinos. Em ambos os casos, como já dissemos, por ações de Atena.

Assim, já tendo discutido a forma como Jasão adentra os portões de Mirina, observaremos agora como se dá esse *eros* particular. Podemos dizer que há nas *Argonáuticas* uma preocupação em se figurar o amor de uma maneira diferente das épicas anteriores. Exemplo disso é a forma como o deus Eros aparece junto com sua mãe Afrodite no canto 3, bastante infantilizado e inconsequente. King (2009, p. 119) nos apresenta uma visão pertinente dessa figuração:

A cena em que Afrodite encarrega Eros de sua missão é tão cômica quanto é assustadora. Um pequeno garoto mimado que incorpora em si um desejo incontrolável (...), qualquer coisa que Eros faça é em seu próprio interesse. Através de Eros, o amor erótico é introduzido na épica como exigente, implacável e egoísta. Esse entendimento do amor, que podemos rotular como trágico ou realista, nasce da narrativa na medida em que o foco da épica muda de super-heróis e milagres divinos para os poderes misteriosos da psique humana.

Todos esses elementos que circundam o Eros visto no canto 3 já podem ser sentidos, pré-anunciados, desde pelo menos o episódio de Lemnos. Jasão, que por meio da *ekphrasis* de seu manto coloca-se equiparado a Aquiles, encontra não na *menis* o motivo de seu percurso épico, mas no *eros*. Os elementos anunciados nesse episódio, tanto da *ekphrasis* do manto quanto dos símiles utilizados, trazem o espectador desse poema ao terreno erótico. Sendo simplesmente um oposto de Aquiles (e de Héracles), ou uma ampliação do *love-hero* latente em Odisseu⁵⁸, fato é que Jasão tende a desfrutar de seus encantos persuasivos ao se armar com o manto e com a lança.

⁵⁸ Cf. Diniz, 2010, p. 34.

Mas analisemos alguns aspectos dessa chegada do herói ao palácio de Hipsípile. Há de se observar que, ao ultrapassar os portões de Mirina e ser circundado por turbas de mulheres “encantadas com o estranho”, Jasão mantém “os olhos fixos no chão”, seguindo firme até o palácio. Hipsípile, igualmente encantada com a visão do herói, prontamente narra a sua versão da história de Lemnos e oferece o trono de Toante a Jasão. Cobrindo com sua fala um espaço compreendido entre 40 versos (vv. 1.793-833), Hipsípile obtém uma resposta sucinta e pouco amável, embora amigável, que cobre apenas 6 versos (vv. 1.836-41):

“Aceitaríamos, Hipsípile, tua ajuda,
que a nós regalas e da qual necessitamos.
Retornarei à pólis quando em ordem tudo
eu relatar. Que a ti pertença a primazia
e a ilha; isso declino, mas não por desdém,
e sim pelos labores graves que me impelem.”

Note-se também que antes da fala o narrador não explicita nenhuma reação expressiva do herói ao que é dito por Hipsípile, fazendo diretamente a transição para a fala de Jasão apenas com meio verso: “e isso foi o que ele respondeu” (v. 1.835). Voltando-se então para tomar o caminho de volta, Jasão é novamente rodeado por multidões de mulheres que o seguem até o portão, trazendo presentes. E aí chegamos ao ponto em que Cípris é novamente citada no poema, pois tendo Jasão encontrado seus homens e narrado o sucedido com Hipsípile, todos voltam à cidade e são levados para as casas das mulheres, para que elas os entretendam (v. 1.850). Causa disso é que Cípris vertia desejos sobre eles, para que Lemnos pudesse ser novamente habitada por homens e não se arruinasse (v. 1.852). Esse processo nunca chega ao conhecimento dos Argonautas. A atmosfera de dissimulação que sentimos nos episódio é adequada à representação de um encontro com estrangeiros, com um desconhecido que representa um “outro” em que não se pode confiar totalmente. Essa tópica é analisada mais a fundo no capítulo sobre o espaço (p. 64ss.).

Essa falta de atitude que observamos por parte de Jasão até o momento em que Cípris é invocada, em oposição ao grande *pathos* erótico vertido pelas mulheres em sua chegada, nos leva a acreditar que, de fato, o fator principal que faz com que a viagem se atrase por essa estadia na ilha seja o poder de *Eros*. Enquanto todos celebravam com danças e banquetes na cidade, tendo retornado as honras a Cípris e a Hera, Héracles, como vimos, manteve-se afastado com poucos companheiros, junto à nau. Quedou-se, portanto, distante do poder

erótico que atingia o espaço da cidade. Poderíamos comparar Lemnos à ilha de Circe nesse momento, pela grande carga erótica e divina que percorre o lugar, já que os heróis parecem ter se esquecido de sua missão primária, permanecendo por dias em celebrações com as mulheres⁵⁹. Jasão não habita outro lugar senão o leito de Hipsípila, tendo sido contestado gravemente por Hércules: “sobre o leito / de Hipsípila p’ra sempre o deixai, ‘té que Lemnos / povoe com garotos” (vv. 1.872-4). Mas após tal reprimenda, a retirada é imediata. O sofrimento e as despedidas se dão por parte das mulheres, enquanto os homens correm apressadamente para a nau. Assim também acontece com relação à despedida de Jasão e Hipsípila, que nos lembra a despedida de Eneias e Dido. Pois ele, resoluto de sua partida e da impossibilidade de seu retorno, despede-se sem demonstrações de sofrimento amoroso, ao contrário dela, que às lágrimas exprime seu desejo de ser lembrada⁶⁰ e de que Jasão volte com seus homens. Jasão responde novamente com resolução, e deixa clara a impossibilidade do retorno (vv. 1.900-9).

Pensamos, pois, em que tipo de poder erótico terá sido operado sobre os personagens desse episódio. Os homens e as mulheres, que funcionam como uma ampliação dos sentimentos expressos por Jasão e Hipsípila, diferenciam-se grandemente com relação à resposta a esse *eros* vertido por Cípris. Os heróis quedaram-se facilmente e submeteram-se sem resistência aos “entretenimentos” eróticos impostos pelas mulheres. Hipsípila, abrigando Jasão por dias em seu leito, poderia imaginar que o futuro da ilha estaria garantido, como era o planejado astuciosamente no início, mas também nos parece alguém que, nessa despedida, sofreu das “querelas do amor”. Jasão, por outro lado, não demonstra sofrimentos amorosos em nenhum momento, assim como não demonstra grandes reações simpáticas no momento de sua chegada, sendo o mesmo com todos os seus homens, sem exceção. O guerreiro se utiliza do amor em uma situação equiparada à bélica sem sucumbir. Parece-nos que o manto traz a serventia do *eros* ao seu usuário, tal como o faz o escudo com relação à *menis*. Cípris, que atinge essas mulheres com o *eros*, fazendo coisa semelhante com Medeia no canto 3, parece atuar em favor da prosperidade da ilha.

Nossas conclusões, que vão em direção a um Jasão sedutor, mas não apaixonado, não podem ser definitivas, mas alguns argumentos textuais parecem nos corroborar. O “pano de fundo” da história de Ariadne e o futuro encontro com Medeia e seu desfecho parecem traçar a moral de Jasão, que vemos refletida em Lemnos. Improvável que a verdade nos apareça

⁵⁹ O capítulo seguinte, que trata da figura do narrador, voltará a abordar essa passagem. Afinal, a resolução de Jasão com relação à partida é facilmente revertida pela ação dessas figuras femininas, Cípris e Hipsípila.

⁶⁰ Cf. Hunter, 1993, p. 51, sobre a lembrança como *Leitmotiv* que percorre o poema.

claramente, mas os sucessivos abandonos das mulheres por um herói que atua eroticamente, sendo chamado por seus estudiosos de *love-hero*, nos mostram um amor peculiar que é pouco favorável às mulheres atingidas por esse *pathos*. Para concluir nosso raciocínio, invoco novamente as palavras de Hunter (1993, p. 15), fazendo-as nossas por esse breve momento e tentando dar um ponto “final” a essa reflexão sobre uma questão que gerou e ainda gerará inúmeras controvérsias:

(...) mas será que podemos dizer que Jasão, como (?) Odisseu com Nausícaa, está meramente permitindo que Medeia conte com mais coisas do que ele, no momento, esteja preparado para oferecer? Ou que ele tenha formulado com antecedência um plano para fugir com ela e depois abandoná-la? Ou que a apropriação, em um nível profundo, do exemplo que utilizara (relativo a Ariadne) era a ele desconhecido, e suas palavras – como palavras na vida real frequentemente o são – eram meramente mais verdadeiras do que ele sabia? Não podemos reconstruir a mente de Jasão além das preocupações recorrentes da narrativa, entre os quais a persuasão, o engano e a memória são proeminentes.

2.2. A figura do Narrador

O tema da narração no poema de Apolônio de Rodes gera muita controvérsia na crítica quando se pensa em que medida esse narrador realmente reflete no poema características de sua própria figura, se é ele o real condutor da matéria narrada, ou se está subjugado à voz da Musa, tal como seus antecessores. Muito se fala a respeito da inversão desses papéis entre Musa e poeta que *pode ser* sugerida pela dicção de Apolônio. Infelizmente não se pode provar que o poeta tivesse em mente uma ruptura tão radical com a tradição ou com seu próprio tempo, como comentamos no capítulo 1 deste trabalho, de modo que muito do que se conjectura são hipóteses formadas a partir de elementos diversos, que nos dão uma boa ideia do problema com o qual lidamos, mas dificilmente são conclusivas.

Com base nessa complicada gama de elementos que formam a voz narrativa das *Argonáuticas*, desenvolvemos este capítulo e várias notas à tradução que apontam ao problema da narração “autoconsciente”, ou seja, do narrador que consegue enxergar e expressar a própria capacidade de realizar (ou não) a ação narrativa, fazendo com que isso

apareça de maneira sutil para o leitor. Seja esse método narrativo comprovadamente vanguardista ou não, é certo que muitos elementos textuais, se observados com atenção, nos oferecem possibilidades interessantes para uma idealização desse narrador. Nossa análise, como nos demais capítulos, está focada no canto 1 do poema, mas serão considerados dados pertinentes relativos também ao resto do poema.

Assim, embora seja um assunto que praticamente todos os comentadores abordam, há pouco consenso sobre como realmente a narração de Apolônio se caracteriza em sua épica. Uma análise como a de Morrison (2007, pp. 271-311) persegue a ideia da voz narrativa das *Argonáuticas* como um percurso que parte da confiança em direção à crise. Isso significa, e de acordo com o autor estaria claramente posto, uma auto-encenação em que o narrador se colocaria acima da autoridade divina da Musa para narrar o Mito, iniciando o poema com um extremo sem precedentes de confiança (e assim seria ao longo dos dois primeiros cantos), e demonstrando, progressivamente (ao longo dos dois últimos cantos), momentos de hesitação ou dúvida sobre o caminho que sua narrativa deve seguir, até que desabe sob as dificuldades de manejar tamanho conhecimento, perda a autonomia e ceda à humildade representada pela Invocação à deusa e pelos pedidos de auxílio. Basicamente, a tese buscada por Morrison (2007, p. 272) em sua análise é a seguinte:

(...) ele (o narrador) também se torna tema de uma narrativa contínua que corre através da épica, paralelamente ao que se conta dos Argonautas e sua jornada em busca do velo. Essa narrativa não se preocupa em contar-nos fatos a respeito da vida do narrador, mas sim da própria habilidade de contar a história. Ela mostra-o experimentando uma perda progressiva da confiança narrativa que se vê nos momentos iniciais das *Argonauticas*.

No decorrer do capítulo isso poderá ser visto com alguns exemplos. O canto 1, que é o nosso maior interesse aqui, estaria ainda englobando os momentos de maior poder dessa voz, que ainda assim parece se confrontar com questões acerca do seu próprio papel enquanto narrador.

Essa não é, no entanto, uma opinião partilhada por toda a crítica. Como comentamos um pouco mais detalhadamente nas notas à tradução⁶¹, o uso de palavras como Ἀρχόμενος

⁶¹ Ver notas aos vv. 1, 22 e 23, por exemplo.

para abrir o poema, bem como o de ὑποφύτορες na invocação, geram muita controvérsia e fazem com que autores como Ardizzoni e Hunter considerem absurdas as interpretações que imaginam essa inversão radical de papéis.

Mesmo assim, Apolônio de Rodes faz um interessante uso da voz narrativa, e tentaremos aqui analisar um pouco do seu comportamento.

De início, uma comparação com o narrador homérico é inevitável, sendo este o modelo de maior importância para que fosse composta a voz narrativa de Apolônio, embora muito do que se vá comentar aqui leve em conta também que o poeta estava ajustado com vozes narrativas do próprio período Helenístico. Essas vozes autorais e acadêmicas foram capazes de realizar uma grande imersão no estudo da literatura grega anterior, como visto no capítulo 1 deste trabalho, em especial na poesia homérica. Isso quer dizer que os processos de manutenção e transgressão da regra homérica estão sempre operando em Apolônio, o que o levou a ser considerado por muito tempo como um imitador de Homero. Mas com base nisso, e como que para nortear essa reflexão, pensemos em algumas características gerais que definem o narrador homérico, para que se estabeleçam parâmetros de análise do narrador argonáutico.

Uma dessas características do narrador dos poemas homéricos é uma maior neutralidade e um menor envolvimento com a matéria narrada, quando comparado ao narrador de Apolônio⁶². Esse envolvimento, seja por meio de empatia do narrador com personagens ou fatos, seja através de menções à sua própria figura ou papel, é exatamente o que encontramos no poema. Um levantamento desses elementos nos mostra desde o começo um narrador consciente da própria voz, que seleciona o caminho que o poema deverá seguir, declarando-o decisivamente como um narrador apto e escolhendo ao deus Apolo como a primeira figura a ser lembrada. Faremos uma primeira definição dessa figura narrativa das *Argonáuticas* por meio do que diz Hunter (1993, p. 105), já adiantando elementos de estruturas hímnicas e etiológicas, que comentaremos em seguida:

Nas *Argonáuticas*, preocupações sutis de estilos hímnicos e etiológicos, e também o fato de que tanto o próêmio quanto o epílogo se referem

⁶² O que queremos dizer com isso não é que o narrador homérico seja absolutamente neutro e distante do mito que está narrando, mas sim que essa é uma posição praticamente de lugar-comum na crítica homérica, e que de fato se pode observar uma diferença clara entre o tipo de envolvimento entre ambos os tipos de narrador. Cf. Cuypers, 2004, p. 43: “(...) enquanto Homero opera em grande parte nos bastidores, Apolônio direciona sua narrativa em uma maneira completamente aberta e auto-consciente. Em sua constante interação com seus narratários, ele não só usa dispositivos ‘interativos’ homéricos com frequência não-homérica e novelesca, mas também abrange temas e adota estratégias narrativas que se originam de outros gêneros”.

explicitamente ao poder do canto de preservar os feitos heroicos (1.18-19, 4.1773-5), enfatizam a distância entre o mundo dos heróis e o mundo onde se dá a performance do poeta. Essa distância, e a sensação de perda que a acompanha, se tornam parte da nossa constante consciência de que estamos lendo ou ouvindo a uma recriação poética de eventos controlados por um narrador sempre presente. Essa é uma história sobre o passado heroico, mas as barreiras entre nós e esse passado podem ser erguidas ou derrubadas de acordo com as escolhas desse poeta.

A consciência do distanciamento altera e aumenta o controle do narrador sobre essa história, e as constantes intromissões desse narrador que se faz presente aumentam a sensação de que nós (enquanto leitor ou expectador) não fazemos parte do universo que se apresenta. Uma simples comparação pode ilustrar essa diferença, pois se pode ver que “glórias de idos homens” (*Arg.* 1.1) promove um distanciamento bastante maior que os proêmios homéricos, que nos colocam nesse passado heroico (cf. *Il.* 1.10-1, trad. de Haroldo de Campos: “ruína / cai sobre o povo!”).

A menção às Musas, coincidentemente (e conscientemente, como acreditamos) adiada, aparece como a primeira maior divergência com relação ao modelo homérico. Mas isso quando se pensa apenas nos modelos da *Iliada* e *Odisseia*⁶³. Vê-se nesse caso uma aproximação muito grande ao modelo formal dos *Hinos Homéricos*, principalmente com relação aos *Hinos* a Apolo e a Selene⁶⁴.

Ἀρχόμενος σέο Φοῖβε παλαιγενέων κλέα φωτῶν
μνήσομαι (...)

⁶³ De acordo com Hunter (1989, p. 95), o fato de Apolônio ter escrito uma invocação a uma deusa definida e nomeada na abertura do canto 3 representa uma marca de autoconsciência narrativa que o difere de Homero. Tanto na *Iliada* quanto na *Odisseia*, as invocações são feitas unicamente no início do canto 1, para uma ‘deusa’ ou ‘musa’ não nomeada. Apolônio, além de explicitar esse nome, faz invocações em pontos diferentes da épica, de modo que o texto se estruture de outra maneira (neste caso, uma estrutura tripartida: jornada de ida – Cólquida – jornada de volta). Esse tipo de estruturação exerceu grande influência em Virgílio, por exemplo. Sobre este poeta, cito brevemente o que diz Nelis (2001, p. 238) sobre essa influência: “A *Eneida* é mais do que o fruto de uma meditação profunda sobre a natureza da épica homérica. É o resultado de uma meticulosa investigação feita por Virgílio sobre toda a tradição épica, tanto homérica como pós-homérica, e, em sua visão a respeito dessa tradição épica, Virgílio viu as *Argonáuticas* de Apolônio ocupando uma posição de importância absolutamente central”.

⁶⁴ A nota ao v. 1 discute com detalhes os usos vocabulares que aproximam esses modelos, por isso não se faz necessário que se repitam os dados aqui. A nota comenta também sobre a justificativa de se ter trocado a primeira pessoa de lugar na tradução, abrindo o primeiro verso ao invés do segundo. Isso, acredito, reforça ainda mais na versão em português a aparição da figura do narrador.

Começo por ti, Febo, a glórias de idos homens
lembrar (...)
(Arg. 1.1-2)

Além da notável aproximação que Apolônio promove entre o gênero épico e o formato hímico, que tanto emoldura a ação quanto serve de prelúdio a uma ação maior (ver nota ao v. 1), o que nos interessa é o uso que faz com que o narrador apareça marcadamente dominando o enredo. Endereçado exclusivamente a Apolo neste início, o narrador faz uma proposição que engloba num primeiro momento a temática da jornada marítima e da busca pelo velo (vv. 1.1-4), estendendo em seguida, e de maneira bastante breve, os mitos que antecipam a jornada de Jasão, que tratam do oráculo que confirmaria a ruína de Pélias, seus planos nefastos de para usurpar o trono que não lhe é de direito, a perda da sandália de Jasão nas correntes do rio Anauro, a antipatia (apenas aludida) de Hera por Pélias, bem como a simpatia da deusa por Jasão, que pode ser subentendida pela história da perda da sandália⁶⁵. Essa organização, entretanto, se deve ao poder do narrador, pois como ele mesmo deixa claro na abertura do poema, é ele quem detém o papel da condução narrativa. As coisas que são ditas a partir daí, subentende-se que vêm da sua voz e da sua memória, e não da Musa. Tais temas, que seguem até o v. 17 e antecipam o início da ação do poema, são seguidos finalmente por um tipo de invocação, que faz referência também ao fato de outros bardos terem cantado esse mito, o que serve, por meio desse reflexo na figura dos ‘outros’, para caracterizar a sua própria voz. Note-se, portanto, que uma vez mais, em um trecho relativamente curto, o narrador esclarece a sua autonomia, já que é a sua voz que ‘conta’ algo ao expectador.

Νῆα μὲν οὖν οἱ πρόσθεν ἔτι κλείουσιν ἄοιδοί
Ἄργον Ἀθηναίης καμέειν ὑποθημοσύνησι·
νῦν δ' ἄν ἐγὼ γενεήν τε καὶ οὔνομα μυθησαίμην
ἥρώων, δολιχῆς τε πόρους ἄλός, ὅσσα τ' ἔρεξαν
πλαζόμενοι· Μοῦσαι δ' ὑποφήτορες εἶεν ἄοιδῆς.

Se antigos vates celebraram o conselho
de Atena a Argos ao fazer a embarcação,

⁶⁵ Fato conhecido desde a *Odisseia*. Cf. *Od.* 12.69-72, trad. de Odorico Mendes: “Devoram chamas, furacões destroçam: / à de Argos só fadado foi transpô-los, / de Etas vogando; e ali talvez jazera, / se não fora Jasão tão caro a Juno”.

conto agora linhagens, e os heroicos nomes,
e as longas trilhas do oceano, e o que fizeram
em seus desvios; *que as Musas decifrem meu canto!*
(Arg. 1.18-22)

Agora, estando em um dos pontos críticos do poema, que consiste nessa problemática invocação, muito há que se considerar⁶⁶. Primeiro, que o problema será abordado em demais ocasiões no trabalho, principalmente em notas, de modo que tentaremos condensar a discussão aqui e abordar mais aspectos do narrador. Segundo, que a tradução que apresento fez uma opção interpretativa entre muitas, mas que nunca deixou de levar em conta as demais leituras⁶⁷. Isso quer dizer que há críticos que descartam a possibilidade que assumimos, que trata desse tipo de inversão de relações entre poeta e Musa⁶⁸. Mas há quem diga (e Morrison talvez seja a voz mais confiante nesse sentido) que tudo isso faz parte dessa encenação do poeta em se mostrar uma figura confiante, que decairá ao longo do poema e se subjugará à inspiração divina para que possa terminar seu poema. Não se deve deixar de reparar que desde o início do texto o narrador se vê como uma figura diferenciada quando se compara com textos da tradição, de modo a se colocar sempre como uma figura de destaque e no controle do enredo. Quando as Musas finalmente aparecem, após ele mesmo dizer o que está por ‘contar’, sua voz se torna ainda mais enfática: Μοῦσαι δ' ὑποφῆτορες εἶεν αἰοιδῆς. “Que as Musas decifrem meu canto”. Apesar do significado truncado e do uso enigmático de ὑποφῆτορες, ainda assim parece bastante curiosa essa ambígua eleição vocabular. Fusillo & Paduano (2010, p. 89), embora não adotem a leitura da inversão de papéis, ainda consideram bastante revolucionária a dicção de Apolônio neste ponto, já que tira o poeta do papel de simples mediador. A visão inovadora de Apolônio estaria, assim, de acordo com o humanismo que percorre todo o poema. Hunter (1993, p. 125), embora acredite que a interpretação a favor das Musas como ‘inspiradoras’ seja mais correta que como ‘intérpretes’, confessa a inevitabilidade do debate. Sua leitura é a de que a figura do narrador busca nas Musas a confiança para que os fatos que ele apresentará sejam de acordo com a realidade, e que essa realidade possa se tornar uma poesia de qualidade. De acordo com essa leitura, as

⁶⁶ A nota ao v. 22 abordará o problema do papel que se atribui aqui às Musas. Comentaremos aqui o que possa contribuir para a continuação deste capítulo no que se refere à auto-caracterização do narrador.

⁶⁷ Falaremos mais sobre isso no capítulo 3.1, de justificação à tradução.

⁶⁸ Ardizzoni (1967, pp. 103-4), por exemplo, considera um absurdo esse tipo de interpretação, julgando que o uso de ὑποφῆτορες por Apolônio foi um uso equivocado, que gerou não só críticas por parte de seus contemporâneos, mas também uma retratação dele mesmo em 4.1381.

demais invocações (cantos 3 e 4), além de desenvolver um pouco o papel da aparição das divindades no poema, seriam um reforço desse pedido do narrador, que se encontra em apuros para dar conta do que foi proposto.

Logo, não há porque descartar também a possibilidade de o poeta estar invocando a Apolo, colocando-o num patamar superior ao das Musas. O oráculo proferido pelo deus é o que dá sentido aos versos iniciais dessa abertura, e o poeta, narrando histórias que vieram a ser verdade e a confirmar o oráculo (v. 8: “confirmando-te, Apolo!”), confirma a veracidade do que conta, veracidade esta que, de outro modo, poderia ser alcançada apenas por meio de um pedido às Musas, tal como o fazem os narradores de Homero.

Esse narrador, assumindo as rédeas da história e demonstrando consciência do que precisa ou não ser dito, embora sem tanta objetividade, se faz visível ao leitor em determinados momentos. Exemplo disso se vê em momentos como o seguinte:

(...) ἀλλὰ τί μύθους
Αἰθαλίδεω χρεῖώ με διηνεκέως ἀγορεύειν;

(...) Mas por que as lendas
de Etálida é preciso que eu conte integrais?
(Arg. 1.648-9)

E também em:

ἀλλὰ τὰ μὲν τηλοῦ κεν ἀποπλάγξειεν ἀοιδῆς·

Mas tais assuntos me desviam do meu canto.
(Arg. 1.1220)

Apesar da impressão de controle absoluto que esse narrador parece transmitir, detecta-se também um grau de incerteza. Abordar assuntos que deverão ser abandonados, perguntar-se a si mesmo, ou ao leitor, por que é que fala a respeito do que fala, inquirir-se a respeito do que é digno ser contado, são coisas que o levam para longe da objetividade. Esses tipos de intervenção, como nos casos citados acima, de interrupção das digressões, são desconhecidos para a épica homérica (Fusillo & Paduano, 2010, p. 169), embora consonantes com algumas das vozes do período Helenístico. Para Cuypers (2004, p. 43), a mescla entre a composição

poética e a característica investigativa dos pesquisadores de Alexandria foi fundamental para a caracterização desse estilo, não sendo exclusiva da voz de Apolônio: “Isso resulta em (...) um amálgama de (pelo menos) o cantor épico homérico, os cantores de elogios Pindáricos e de hinos, a escrita histórica de Heródoto, e o pesquisador Calimaqueano”.

Esse tipo de “falta de certeza” a respeito do que suas fontes apresentam, o que parece ter bastante a ver com a mentalidade acadêmica que predomina em sua dicção, é demonstrada também em momentos como o que se vê no v. 26 (ἐνέπουσιν, “contam”), onde a própria veracidade dessa matéria não pode ser observada pelo narrador, de modo que ele tenha que salientar que, nesse momento, sua narrativa é contada de acordo com o que se diz popularmente, não com um fato cientificamente comprovado por ele, ou mesmo com a “verdade incontestável” sussurrada pela voz da Musa (a qual ele, por agora, parece ter dispensado). O uso contínuo da partícula που também parece indicar incertezas⁶⁹, bem como a menção ao mito de Linceu no v. 154 (εἰ ἐτεόν γε πέλει κλέος, “se acaso é vera a fama”) mostra a dimensão humana e imperfeita do narrador que deve se ater a informações não conclusivas, já que elas não provêm de uma esfera onisciente.

Outra faceta dessa figura narrativa, ainda mais interessante e que parece sustentar a tese que apresentamos até aqui, se faz visível quando ela é colocada em paralelo com a própria figura do protagonista do poema. Se imaginarmos que o movimento de confiança>crise seja realmente palpável, considerando um “projeto literário” de autoconsciência narrativa, podemos buscar em outras esferas, além das que observamos até agora, indícios que o corroborem. Não parece ser despropositado, ou é no mínimo curioso, que alguns dos momentos de maior perda de confiança do narrador coincidam com horas de dificuldade para os heróis dentro da narrativa.

Sendo ou não um efeito proposto pelo autor do poema, é um paralelo curioso que nos fornece um pouco mais de informações sobre essa *persona* do narrador. A progressiva dependência que se enxerga nessas posteriores invocações poderiam realmente querer dizer que não mais o narrador está sendo capaz de controlar o conhecimento da ‘verdade’ da narrativa. Como vimos mais acima, mesmo em seus momentos de maior confiança, ao longo do canto 1, houve momentos de dúvida ou de digressões que o recolocassem no caminho que julgasse mais correto. Se escolhermos considerar que nada disso estaria correto, e que é um absurdo pensar nesse tipo de interpretação, há que se considerar também que uma segunda

⁶⁹ Cf. notas aos vv. 22 e 26 para mais detalhes.

invocação, que aparece já numa altura avançada do canto 2, é uma forte quebra com a tradição, e ela aparece num momento crítico para a aventura dos heróis, com a morte de Ídmon, e logo antes de uma informação etiológica, cuja descrição o narrador não parece capaz de fornecer sem que as Musas o auxiliem⁷⁰. Seria esse o primeiro momento de mostra explícita de dificuldades enfrentadas pelo narrador⁷¹:

(...) se a mim é necessário
cantar tais pormenores co' auxílio das Musas,
(Arg. 2.844-5)

Logo depois, um novo jogo retórico é acionado na forma de uma pergunta, momentos antes que se anuncie a morte de Tífis (v. 2.851): Τίς γὰρ δὴ θάνεν ἄλλος, “Quem foi que morreu em seguida?”. Sendo outro procedimento metanarrativo desconhecido em Homero, Fusillo & Paduano (2010, pp. 340-1) usam esse exemplo para ressaltar a explicitação do processo compositivo de Apolônio, que parte de sinais verificáveis no tempo presente para reconstruir a narrativa mítica. A pergunta que se lança, logo após um inédito pedido de auxílio às Musas, se contrasta com uma resposta estritamente científica: Tífis morre acometido por uma doença, eventualidade que não se verifica na épica arcaica.

A incapacidade de recordar por completo as histórias, e principalmente os “pormenores”, de um passado distante⁷² representaria a dimensão da memória humana, que não consegue alcançar a onisciência da esfera divina. Pois já em Homero, para que a voz do poeta pudesse recordar com precisão de todos os nomes dos chefes das naus, as Musas eram requeridas. Mas ainda, o narrador homérico explicita a própria tarefa, com a qual nós (e o narrador de Apolônio) nos debatemos, na intenção de definir os modos como trabalha com a própria narrativa. Veja-se que o poeta, quanto dispensa o trabalho das Musas, tem disponível para si “só a fama” dos fatos que o rodeiam, e sua memória, sem a memória delas, reserva-se ao mundano e pouco preciso. Isso certamente confere com a necessidade que o poeta tem de verificar fontes em um procedimento quase historiográfico, tendo que fazer justificativas

⁷⁰ Fusillo & Paduano (2010, p. 339), em nota que comenta a morte de Ídmon e o trecho etiológico que se segue, veem também um posicionamento pouco comum para essa invocação: “A insólita invocação às Musas não deve ser vista como um simples sinal de contaminação entre fontes contraditórias, mas como um contrato fictício com a tradição poética, da qual as Musas são a hipóstase, a fim de narrar acontecimentos que sucedem a viagem dos Argonautas (...)”.

⁷¹ Deve-se notar, no entanto, a presença de uma curiosa passagem em 1.919-21, comentada em nota, que representa uma forte intervenção do autor no curso da narrativa: “Mas essas coisas não mais narrarei; da própria / ilha, e dos deuses que ali moram, me despeço, / de cujos ritos não nos permitem cantar”.

⁷² Morrison, 2007, p. 311.

quando seus dados são pouco precisos ou advindos de conhecimentos populares. O narrador homérico, que sem dúvidas difere nesse aspecto, faz invocações mais longas e notavelmente mais apegadas às divindades:

Ó Musas, me dizei, moradoras do Olimpo,
divinas, todo-presentes, todo-sapientes
(nós, nada mais sabendo, só a fama ouvimos),
quais eram, hegemônicos, guiando os Dânaos,
os príncipes e os chefes. O total de nomes
da multidão, nem tendo dez bocas, dez línguas,
voz inquebrável, peito brônzeo, eu saberia
dizer, se as Musas, filhas de Zeus porta-escudo,
olímpicas, não derem à memória ajuda,
renomeando-me os nomes.
(*Il.* 2.484-93, trad. de Haroldo de Campos)

Apolônio parece jogar com esse conceito, e muito do que seu próprio narrador demonstra retoma o que o narrador homérico explicita com relação à própria atividade. Por meio dos dados que vimos até aqui, o narrador de Apolônio também parece demonstrar consciência da própria atividade por meio desses mecanismos mais sutis, mas bastante sofisticados, de manutenção da própria voz, e do modo como ela se faz aparecer ao leitor. Assim, o jogo textual que o autor promove é de justamente expor as dificuldades enfrentadas por um narrador que se desgarra da esfera divina de narração poética, o que representaria uma grande humanização da tarefa na narração épica. A humanização da própria matéria épica, que, como vimos antes, não mais se coloca “dentro” do tempo dos heróis, mas sim num tempo posterior que os observa com um interesse acadêmico, se colocada em paralelo com essa humanização da figura do narrador, revelaria um projeto épico que se descola de Homero, mas também o reinterpreta. Com efeito, o narrador precisaria ser redefinido nesse novo contexto.

Morrison (2007, p. 306ss.), nesse sentido, defende que haja um espelhamento entre o narrador e seu próprio protagonista, Jasão, o que significaria que ambos fraquejam nos mesmos momentos do poema, ao encontrarem dificuldades para desempenhar seus papéis, assim como ambos também apresentariam sérias dependências de figuras femininas mais poderosas (Musa / Medeia), sem as quais seus objetivos não seriam alcançados. Esse tipo de

leitura, embora pouco difundido entre a crítica, parece fazer algum sentido, e argumentos textuais apontam para a possibilidade de que haja realmente alguma correspondência entre narrador e protagonista.

Alguns desses indícios são comentados por Morrison (2007, p. 308) de uma maneira que pareçam evidentes tais paralelos:

A dependência dos Argonautas com relação às figuras femininas nas passagens finais ecoa a independência inicial do narrador com relação às Musas, e sua subsequente subordinação. Jasão também se encaixa nesse padrão. Ele nitidamente abandona as mulheres no início da épica. (...) Eventualmente, é claro, ele vem a depender da ajuda de Medeia na segunda metade da épica.

(...)

Os paralelos entre Jasão e o narrador de Apolônio são ainda mais profundos. Spentzou, por exemplo, caracteriza Jasão, cujo gosto pelas palavras é claro (3.188-90), como um herói que ‘quer ser um poeta e maquinar sua épica como parecer melhor’, e Medeia como sua Musa, possuindo o conhecimento de que ele necessita (os medicamentos que o protegem durante as provas de Eetes) para completar a épica como ele deseja. A dependência de Jasão e dos Argonautas em relação às mulheres (...) coincide com a dependência primária do narrador a Erato nos livros 3 e 4.

Quando repensamos a parada dos heróis na ilha de Lemnos a partir desta reflexão, para complementar a discussão do capítulo anterior, outras conclusões nos ocorrem com relação à frieza e independência demonstrada por Jasão e seus heróis. É certo que muitas das informações que desenvolvemos apontam a um Jasão cuja frieza o permitiu facilmente negar a soberania oferecida por Hipsípila. Como discutimos naquele trecho, o herói parece lançar mão de alguns artifícios amorosos para alcançar objetivos que estão além do seu alcance. Ora, nota-se que há uma concordância com o que se discute neste capítulo, sobre o narrador que pactua com a Musa na medida em que busca concluir seus afazeres épicos. Mais do que isso, nota-se que essa atitude de soberba demonstrada por um herói, que dispensa os amores de uma rainha que está a seu serviço, com a mesma facilidade que o narrador, que dispensa os serviços da Musa com a mesma facilidade, é destroçada com eficácia em passagens importantes da narrativa. Lembremos que o heroísmo de Héracles, figura que por alguns

motivos representa os heróis da épica arcaica⁷³, é o que arranca Jasão da passividade a que se entregaram os heróis nessa ‘ilha dos amores’. A determinação de Jasão em partir da ilha é revertida com uma impressionante facilidade, pois quase ao mesmo tempo em que os heróis decidem partir, a deusa Cípris age e, como que magicamente, Jasão volta a rumar ao palácio de Hipsípila junto com seus homens. De acordo com o que é indicado pelo narrador, o tempo de estadia deles acaba sendo indefinido: “dia após dia, atrasava-se o passo / da jornada; e mais longo tempo ficariam” (vv. 1.861-2). Jasão se desviou de seu rumo. Não soa familiar que pouco tempo depois, ainda no canto primeiro, nos deparemos com o já citado verso: “Mas tais assuntos me desviam do meu canto” (v. 1.1220)? Necessita-se que Hércules volte a colocar Jasão na linha, do mesmo modo que o próprio narrador precisa se manter na linha da sua narrativa. E se a sombra de um herói arcaico se projeta sobre esse novo modelo de herói de Apolônio, por que não pensar, nesse sentido, que a sombra do narrador homérico não esteja fazendo o mesmo? A capacidade de Jasão enquanto um herói independente é, de qualquer modo, colocada em xeque pelo narrador. Discutimos no capítulo anterior, e continuamos afirmando, que Jasão não é acometido propriamente pelo *Eros*, senão que apenas se aproveitava da comodidade representada pela estadia oferecida em Lemnos. Seria, portanto, outro anúncio do que viria a suceder apenas no canto 3, no clímax da sedução de Medeia e do auxílio que ela presta no momento de maior miséria do herói, que é o de vencer desafios que a ele, só, seriam impossíveis.

A coincidência com a falta de confiança do narrador, e suas conseqüentes invocações à Musa Erato, não podia ser mais notável.

Quando se nota que pode estar aumentando a chamada “crise” do narrador de Apolônio no canto 3, se intensifica a busca do apoio nas Musas, que haviam sido tratadas de maneira diferente nos trechos iniciais. Parece se consolidar o período de subordinação do narrador, que na verdade nunca pôde se firmar como um verdadeiro senhor da narrativa. Essa crise não se apresenta apenas pelo fato de o narrador parecer atingido pelos fatos ocorridos no poema, mas também por se deparar com a possibilidade de se ver incapaz de dar continuidade a essa narração, em um processo de perda gradual da confiança na sua habilidade. Abre-se, enfim, a possibilidade de nos confrontarmos com um tipo de “história do narrador” correndo em paralelo com a história principal dos Argonautas⁷⁴.

⁷³ Cf. nota ao v. 122.

⁷⁴ Cf. Morrison, 2007, p. 297.

A abertura do canto 3 já conta no primeiro verso com uma invocação à Musa do amor, Erato:

Agora vem, Erato, próxima e me conta,
como Jasão de Iolco retornou o velo
(Arg. 3.1-2)

Assim, não há mais nenhuma tentativa de autonomia do autor como nos dois primeiros livros. Entretanto, há algum tipo de posição de igualdade, já que podemos traduzir *παρ' ἔμ' ἵστασο* (v. 3.1) como “fica/permanece ao meu lado”. Não parece despropositado que o autor tenha escolhido a Musa Erato para acompanhá-lo, sendo este canto o que se foca mais detidamente na história de Jasão e Medeia, onde a temática do Amor, que foi bastante anunciada no início do poema, predomina no enredo. Seria interessante pensar também, em uma leitura um pouco mais interpretativa, que o narrador estaria admitindo ser incapaz de produzir, por si só, a poesia lírica.

Observando a abertura do canto quarto, percebemos de que maneira a situação inicial chega a se inverter:

Αὐτὴ νῦν κάματόν γε θεὰ καὶ δῆνεα κούρης
Κολχίδος ἔννεπε Μοῦσα, Διὸς τέκος· ἧ γὰρ ἔμοιγε
ἀμφασίῃ νόος ἔνδον ἐλίσσεται, ὁρμαίνοντι
ἠὲ τόγ' ἄτης πῆμα δυσιμέρου ἧ μιν ἐνίσπω
φύζαν ἀεικελίην ἧ κάλλιπεν ἔθνεα Κόλχων.⁷⁵

Da Colchia Virgem lidas, e projeto
narra tu, ora ó Musa, ó prole augusta,
do Egidígero Jove, *que se enredam*
os pensamentos meus, e mal atino
se ao fado, e vivo amor cedeu, se as gentes
Colchias deixou com desonesta fuga.
(Arg. 4.1-5, trad. de Costa e Silva, adaptada)

⁷⁵ Nota-se a alusão às aberturas dos dois poemas homéricos nestes versos, constando no primeiro *θεὰ*, presente no primeiro verso da *Iliada*, e no segundo *ἔννεπε Μοῦσα*, do primeiro verso da *Odisseia*.

Tal confissão, um tanto inesperada, coloca o poeta em posição subjugada ao favor e à vontade da Musa, o que contrasta fortemente com a atitude vista no canto 1. Aqui o pedido é para que ela mesma (Αὐτῇ) cante, marcando em definitivo a subordinação daquele que antes se colocava como autor do canto que seria interpretado. Além disso, esse trecho apresenta um momento de confessa inabilidade em continuar a narrativa, de forma que após o pedido o poeta, numa conclusão chocante, se diga ἀμφασίη, ou seja, sem voz. Vale observar que a mesma palavra foi utilizada em momentos bastante significativos, o que amplia a dimensão da sensação de impotência do narrador: na descrição da mãe de Jasão no momento da partida do herói (v. 1.262), em um momento de enorme impotência e angústia; para descrever o sentimento de temor que se espalhou entre Jasão e os heróis ao escutarem as previsões de Fineu sobre as dificuldades que enfrentarão até encontrarem o velo (v. 2.409); na ocasião em que Medeia, assaltada pelo desespero, em lágrimas e flertando com a ideia do suicídio, se ajoelha frente ao seu cofre onde estão guardadas suas poções. O “mudo estupor” aparece quando o “medo funesto do odioso Hades lhe entra na alma” (v. 3.811). Não é pouco significativo o aparecimento desse tipo de adjetivação que o narrador dá a si próprio, demonstrando a sensação de completa e desesperada impotência que simboliza a todas essas situações. Se observamos a situação em que Jasão recebe o velo graças ao auxílio de Medeia, tendo sido comparado com uma menina, nota-se que é bastante grande a ‘decadência’ heroica, que correu em paralelo à decadência da figura narrativa (Arg. 4.162-6): “Como a *Menina*, que em delgada veste / recebe em cheio o resplendor da Lua, / que do alto no seu tálamo penetra, / e o formoso clarão contempla, e folga; / assim ledo Jasão co’ as mãos levanta / o longo velo, e sua fronte, e faces / se tingem d’um rubor de lã provindo, / que imita o cintilar da chama ardente” (trad. de Costa e Silva, vv. 4.207-14, com ortografia atualizada). Um pouco antes ainda, numa constatação fatal da submissão do herói à figura feminina, lê-se: “Jasão logo / *ao mando da Donzela* o velo rouba” (trad. de Costa e Silva, vv. 4.200-1).

Por fim, para que tenhamos um último exemplo de remissão do narrador a si mesmo, vemos um trecho que apresenta um narrador não só incapaz de montar a sua narrativa, mas também temeroso de fazê-lo, pois está tratando dos obscuros ritos sacrificiais a Hécate:

(...) e que ninguém o saiba,
que até meu coração se agita em tal cantar.
Temo contar;
(Arg. 4.248-9)

De certo modo, o que se considera uma falha do poeta em concluir de maneira apropriada a sua épica, terminando-a de maneira abrupta⁷⁶, parece ter sido antecipada em vários momentos durante os dois últimos cantos. É assim, afinal, que o poeta vê a si mesmo: temeroso em revelar segredos que a ele não pertencem e incapaz de manejar uma narrativa para a qual deu um início independente do apoio das divindades inspiradoras. Seu comportamento, assim como o de seu herói, parece ter beirado a soberba ou a autoconfiança desmesurada, o que resultou em momentos de incerteza com relação à aventura de peripécias/narração da épica. Os paralelos entre o narrador e o herói Jasão, presentes já desde o canto 1, assim como as futuras recorrências ao auxílio de figuras femininas, colocam algumas questões para as quais devemos dar atenção. Nem todos os críticos enfatizam tanto essas questões como Morrison, embora algumas questões sejam recorrentes entre todos, mas é interessante que tantos dados apontem para um comportamento peculiar do narrador, como nos momentos de autoconsciência desse narrador e as condições que o obrigam a confessá-las, positiva ou negativamente. Também o distanciamento do paradigma do herói homérico por meio de mecanismos textuais nesse paralelo que observamos, bem como a figura feminina como determinante na configuração e no desempenho do protagonista épico (sendo de maior importância, neste caso, as figuras da Musa Erato e de Medeia), são todos dados que tentamos observar para construir essa imagem do que seria o narrador das *Argonáuticas*.

Até este ponto já discutimos a respeito do papel do Amor no poema, sobre como ele acontece no canto 1 como tema fundamental e culmina no canto 3 como centro do clímax, e de como o narrador épico se faz aparecer, nessa condição ambígua e aparentemente decadente, que, como vimos, parte do canto 1 com plena convicção de seu desempenho (não sem algumas leves titubeadas) e chega nos cantos 3 e 4 implorando pelo auxílio da Musa. Como última parte do capítulo de análise e interpretação literária do poema, escolhemos a temática do espaço e do contato com o desconhecido para discutir, pois, se tratando em boa parte de um poema de relato de viagem, que expande os limites do mundo conhecido, nos

⁷⁶ Cf. Morrison, 2007. Essa interrupção também tem a ver, no entanto, com o formato hímico que o poema parece assumir, como é comentado na nota ao v. 1, com a utilização de invocação e apóstrofe aos heróis em segunda pessoa (Sánchez, 1982, p. 337). Por outro lado, enquanto Morrison parece ver esse fim como falho dentro dos moldes épicos, outros autores pensam diferente. Hunter (2001, p. 115) diz que embora o fim pareça abrupto, a única surpresa que surge é do quanto ele é previsível. Afinal, de que outro jeito a narrativa poderia ter terminado? Esse final seria, assim, bastante sólido, pois todo leitor já saberia por antemão do futuro de seus protagonistas. Fusillo & Paduano (2010, pp. 721-2), consideram que esse fim, diferentemente do que se diz a respeito de ele ser precipitado, marca uma circularidade perfeita com a chegada ao porto de Págasas. Mais ainda, essa conclusão teria sido preparada com um último traço de navegação, cuja temática, de certo modo, já tinha saído do horizonte semântico do poema, que era até ali dominado pelo tema cansativo e penoso das provas.

interessa saber até onde Apolônio levou a épica de seu tempo, por meio dos mares da literatura Helenística.

2.3. Entre mares e blasfêmias: algumas incursões pelo espaço do desconhecido

A já discutida relação do poema argonáutico de Apolônio com a *Odisseia* de Homero nos levou a compor este capítulo a respeito da viagem marítima e o temor do desconhecido. A luta contra o mar, que se integra aos trabalhos do ‘fado’ heroico, consiste nessa lacuna fantástica entre dois pontos, entre o partir e o chegar. É justamente o tempo decorrido nesse intervalo que nos interessa aqui. O estudo do ‘espaço literário’ como um espaço que interage com a temática, expandindo-a ou retratando-a, nos ajudará a entender esses personagens em suas dimensões mais humanas, já que o próprio autor promove esse ‘descenso’ dos patamares heroicos da épica arcaica na direção de uma épica, em certos aspectos, mais terrena. Isso se reflete no modo como esses argonautas percorrem o espaço, ainda mais gigante que o amplo mar odisseico, e interação com ele. O desconhecido é o termo dominante nessa jornada de duros labores. E ironicamente, embora alguns desses perigos já sejam conhecidos desde a épica homérica, Apolônio age de maneira bastante ‘cinemática’ na composição de suas cenas, com momentos de grande suspense, o que faz com que cenas como a da passagem entre as rochas entrechocantes remetam até mesmo ao puro suspense hollywoodiano.

Assim, neste último capítulo de interpretação de aspectos do poema de Apolônio de Rodes, nos atemos a essa terceira faceta: o Espaço e suas implicações na jornada.

Como vimos até aqui, as *Argonáuticas* são um representante peculiar de uma cultura bastante multifacetada e abrangente, principalmente no que se refere à literatura. Nomes de relevância considerável como os de Teócrito e Calímaco, além do próprio Apolônio de Rodes, fizeram florescer nessa época um tipo de produção de sofisticação ímpar, tecendo redes intertextuais, recuperando o passado literário e recriando-o, e, por meio disso, apontando para o futuro com um tipo de vanguardismo experimental que influi, por fim, sobre grandes nomes da literatura latina, como Virgílio, Propércio, Lucano e Estácio, entre outros. Comentamos no capítulo 1 deste trabalho que as viagens de Alexandre, que expandem o helenismo aos limites do mundo conhecido na época, expandem também, naquilo que nos interessa, a épica. E para muito além de Troia ou de Ítaca, contemplamos a nau Argo que avança até o fim do mundo,

conquistando-o literariamente, tendo-o já conquistado politicamente o próprio Alexandre⁷⁷. A questão, portanto, do novo paradigma espacial do mito épico que aqui pretendemos observar já se apresenta nos seguintes versos de proposição do tema (já citados acima, no capítulo 2.2, quando tratávamos do narrador), a partir dos quais todo o poema se abre em favor da jornada:

Se antigos vates celebraram o conselho
de Atena a Argos ao fazer a embarcação,
conto agora linhagens, e os heroicos nomes,
e as longas trilhas do oceano, e o que fizeram
em seus desvios (...)
(Arg. 1.18-22)

A própria abertura do poema também nos leva diretamente à ideia do percurso, profundamente ligado ao argumento central, que é a busca pelo velo de ouro.

Começo por ti, Febo, a glórias de idos homens
lembrar, que pela boca Pôntea e entre rochas
Ciâneas sob as ordens do rei Pélias foram,
a obter o velo d'ouro em bem jungida Argo.
(Arg. 1.1-4)

O que temos em mente aqui, portanto, é observar no canto 1 das *Argonáuticas* alguns modos de funcionamento desse “relato de viagem”, que nos remete ao modelo da narrativa marítima da *Odisseia*, poema ao qual retornaremos algumas vezes. Além disso, a busca pelo desconhecido nessa “lacuna” entre a partida da nau e a chegada ao velo de ouro nos leva a analisar o modo como os próprios heróis que compunham o grupo enxergavam a empreitada, revelando algo sobre si mesmos e os seus temores. Assim, desenvolveremos uma reflexão a respeito das funções desse vasto espaço pelo qual os heróis dessa épica traçarão suas rotas.

Dividiremos a análise em três partes de abordagens distintas. Primeiramente trataremos do espaço desconhecido do mar e dos temores dos heróis com relação à viagem. Isso nos abrirá caminho para pensarmos um pouco sobre como os heróis faziam algum tipo de antecipação do espaço desconhecido, o que os levava também a temer as ações divinas e os

⁷⁷ Para discussões mais aprofundadas sobre uma interpretação política do poema de Apolônio, cf. Mori, 2008. Cf. também acima o capítulo 1, Alexandria.

atos blasfemos. Por fim, observaremos alguns elementos do espaço desconhecido relacionado ao “Outro”, sobretudo com relação ao episódio da ilha de Lemnos e aos contrastes culturais entre os heróis e suas hospedeiras.

2.3.1. O espaço desconhecido do mar e o fado heroico

A memória que forma o espaço mítico de que as épicas se apropriam faz referência ao passado heroico de uma civilização. Como comentamos no capítulo sobre o narrador, Apolônio age de maneira diferente de Homero no que se refere à localização do narrador, e consequentemente do público, dentro da ação. Assim, o narrador parecia ver as coisas muito mais “de perto” do que Apolônio, cuja narração em moldes Helenísticos observa o passado com um distanciamento muito maior, ressaltando seu interesse acadêmico em feitos e mitos do passado. Isso não muda o fato de que o conjunto de feitos heroicos do passado compõem os mitos formadores de uma cultura. Entre outros inúmeros elementos, o espaço e seus lugares parecem guardar algumas das mais vivas memórias ancestrais do ser humano. Para enriquecer a discussão, tomo a liberdade de evocar as palavras de um geógrafo contemporâneo, Yi-Fu Tuan (1983, p. 97), a fim de considerar dois tipos de espaço mítico⁷⁸:

Podem-se distinguir dois tipos principais de espaço mítico. Em um deles, o espaço mítico é uma área imprecisa de conhecimento deficiente envolvendo o empiricamente conhecido; emoldura o espaço pragmático. No outro, é o componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio da qual as pessoas realizam suas atividades práticas. (...) Eles persistem porque, tanto para os indivíduos como para os grupos, sempre haverá áreas do imprecisamente conhecido e do desconhecido, e porque é possível que algumas pessoas serão sempre levadas a compreender o lugar do homem na natureza de uma maneira holística.

⁷⁸ O chinês Yi-Fu Tuan, nascido em 1930, é considerado um dos maiores pensadores da Geografia na contemporaneidade. Sua obra intitulada *Espaço & Lugar*, cujos breves trechos utilizamos neste capítulo, desenvolve a teoria de que um ‘espaço’ se consolida quando há movimento de um lugar em direção a outro lugar. Do mesmo modo, um ‘lugar’ requer um espaço para que seja um lugar. As duas noções seriam, portanto, co-dependentes.

Esse tipo de pensamento se adéqua muito bem quando aplicado à épica e ao passado mítico. Ora, não seriam Cila e Caríbdis⁷⁹ uma imprecisão do espaço desconhecido, um espaço mítico que emoldura o empiricamente conhecido⁸⁰? Vistos pelo homem grego como monstros de ameaça potencial aos viajantes marítimos, se assemelham facilmente a fenômenos como o par de rochas entrechocantes das Simplégades (também chamadas de Ciâneas, cf. vv. 1.1-4), ultrapassado pelos Argonautas no canto 2 (v. 549ss.). A personalização da natureza, que se transforma em monstros ou divindades, representa aqui o mito do homem com o espaço ainda não dominado nem compreendido, e o espaço mítico vira aquele que se apropria do imaginário dessa ‘visão de mundo’ de um povo para solucionar espaços não explorados. E isso resulta, no decorrer de qualquer jornada, em sérios perigos.

O desconhecido acaba por se tornar uma ideia comum tanto aos aventureiros da épica como ao indivíduo ordinário, e a todos os que habitam um determinado espaço e têm consciência da sua relação, ou falta de, com o desconhecido:

Experienciar é vencer os perigos. (...) Para experienciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto. Para se tornar um experto, cumpre arriscar-se a enfrentar os perigos do novo. Por que alguém se arrisca? O indivíduo é compelido a isso.⁸¹

Os exemplos dos personagens de Odisseu e dos Argonautas se encaixam muito bem nesse paradigma, que de certo modo se torna universal. Pois embora a épica homérica e a de Apolônio se diferenciem no grau de envolvimento com o passado mítico (e ademais, os heróis de Homero seriam moralmente mais perfeitos que os de Apolônio, como comentamos no capítulo sobre o Amor), não há discordância no fato de que o empenho da jornada e o enfrentamento do desconhecido estão representados no caminho obrigatório a que foram compelidos. “O indivíduo é compelido a isso”, e essa formulação diz respeito a qualquer um, em maior ou menor grau. Note-se que a *Odisseia* envolve também a jornada de amadurecimento do jovem Telêmaco, cujo duro trabalho consiste em percorrer por si só os espaços desconhecidos. Sobrepujar o medo do que está além dos limites, conhecê-lo e resignificá-lo, isso traz a madurez, a experiência.

⁷⁹ Cf. *Od.* 12.173ss.

⁸⁰ Cf. também a nota ao v. 943, sobre os Terrígenos.

⁸¹ Tuan, 1983, p. 10.

Stephens (2003, p. 184) divide a narrativa de Apolônio em três tipos distintos: 1) a jornada pelo velo de ouro, que consiste numa viagem por reinos de magia e monstros; 2) observação ‘objetiva’, que inclui informação científica e explicações etiológicas; 3) o encontro erótico de Jasão e Medeia, que, de acordo com a autora, estaria superficialmente em desacordo estilístico e conceitual com o resto do texto. Vê-se que os tipos 1 e 2 estão intimamente ligados com a ideia que estamos desenvolvendo, onde se tende a uma racionalização do desconhecido, definido por ela aqui como um ‘reino de magia e de monstros’, através do relato de viagem. Sobre o que ela define como sendo o tipo 3, veremos no capítulo 2.3.3, falando sobre Lemnos, que também esse contato (seja erótico ou não) com o Outro representa mais um degrau nessa escala de autoconhecimento e experiência desenvolvidos pelo desbravamento do desconhecido.

Assim, levando em consideração as palavras de Yi-Fu Tuan citadas mais acima, complemento nosso raciocínio com a reflexão de François Hartog (2004, p. 14) a respeito da expansão do homem grego que encontra uma síntese na figura de Odisseu (Ulisses):

Ulisses, em suas viagens, pelo próprio movimento desse retorno sem cessar contrariado e diferido, traça os contornos de uma identidade grega. Ele a enclausura. Ele marca as fronteiras (entre o humano e o divino, por exemplo), ou, sobretudo, ele, o Resistente, prova-as ou experimenta-as, arriscando-se a perder-se totalmente. Móvel, agitado pelas ondas, tendo sempre de partir de novo, ele próprio é um homem-fronteira e um homem-memória. Ele avança o mais longe possível, até além do que não permitiria mais retorno (...)

Esse simbolismo que invade e define a figura de Odisseu recai infalivelmente sobre os argonautas, não há dúvida. Por isso é que nos preocupamos com a figuração desse “espaço do desconhecido” e dessa ampliação de fronteiras em nossa abordagem, já que a épica, em todas as suas formas, reúne inúmeras representações desses lugares do mundo que são pouco experimentados pela vivência humana, mitificando-os. E aqui a própria vivência do desconhecido em diferentes formas torna-se central. O percurso que engloba a viagem dos argonautas entre um ponto e outro é o que nos interessa, é aquilo que centraliza justamente a materialidade do desconhecido. O argonauta Ídmon, por exemplo, sabendo por meio de oráculos que encontrará a morte no percurso da viagem, resume para todo o grupo de heróis o fado que encontrarão, de maneira clara, durante os preparativos para a partida. Enquanto o

desconhecido revela uma faceta escondida desses homens, a do temor, por Ídmon se vê que também esse enfrentamento é motivo de honra frente aos próprios conterrâneos:

“Υμῖν μὲν δὴ μοῖρα θεῶν χρειώ τε περῆσαι
ἐνθάδε κῶας ἄγοντας, ἀπειρέσιοι δ' ἐνὶ μέσσω
κεῖσέ τε δεῦρό τ' ἔασιν ἀνερχομένοισιν ἄεθλοι·
αὐτὰρ ἐμοὶ θανέειν στυγερῇ ὑπὸ δαίμονος αἴσῃ
τηλόθι που πέπρωται ἐπ' Ἀσίδος ἠπείροιο.
ὧδε κακοῖς δεδαῶς ἔτι καὶ πάρος οἰωνοῖσιν
πότμον ἐμόν, πάτρης ἐξήιον, ὄφρ' ἐπιβαίην
νηός, ἐκκλείη δὲ δόμοις ἐπιβάντι λίπηται.”

“A vós já os deuses decidiram o retorno
co’ o velocino; *mas durante esse caminho,*
aqui e ali, serão infindas vossas lides.
A mim, morrer por hostil fado dos divinos
bem longe, sobre o continente da Ásia, é certo.
Assim, mesmo que saiba pelos maus augúrios
meu fado, deixo a minha pátria p’ra embarcar
na nau, e de quem foi que fique a nobre fama.”
(Arg. 1.440-7)

Carregada de *pathos* pelo herói, que sabe por antecipação que encontrará no desconhecido (“em algum lugar do continente d’Ásia”) a sua morte, essa fala demonstra que ele vê na missão uma tarefa de honra, e por meio dessa jornada nefasta é que se dará o seu próprio autoconhecimento e se completará o seu percurso particular. Conhecer o desconhecido torna-se conhecer a si mesmo. O *fado*, tão presente na jornada de Eneias no poema de Virgílio⁸², representa também a jornada do autoconhecimento dos demais heróis. Sabe-se que os trabalhos serão infintos àqueles que sobrevivem, assim como se sabe que o encontro da morte por meio desse embarque é o símbolo da coragem e honra do herói. O “caminho de infindas lides” não deixa de definir também os dez anos de peripécias de Odisseu em seu retorno a Ítaca. A viagem é justamente a provação, e o mar é sempre o “escuro abismo” que assombra aqueles que o desafiam:

⁸²Aen. 10.48-9, trad. de Odorico Mendes: “Bote-se Enéias por ignotos mares / à mercê da fortuna (...)”.

(...) ali mau gênio
lançou-me só, desfeito havendo Jove
a raio a embarcação no *escuro abismo*,
onde os meus nautas soçobraram todos.
Por nove dias, aferrado à quilha,
de vaga em vaga (...)
(*Od.* 7.194-9, trad. de Odorico Mendes)

Denominação parecida se vê na *Eneida*:

Tal, se alvejando a onda e encrespa o vento,
incha o mar pouco a pouco e alteia vagas,
té que o *úmido abismo* aos astros sobe.
(*Aen.* 7.532-4, trad. de Odorico Mendes)

A viagem marítima, portanto, envolvendo tamanho número de riscos, não é por acaso tão comumente figurada na épica como símbolo de desafio, fado e travessia de peripécias. O desafio ao mar é o caminho para que se alcance um objetivo maior, seja o retorno a Ítaca⁸³, seja o cumprimento da fundação de Roma⁸⁴. E sendo a *Odisseia* a épica fundadora desse tipo de relato de viagem, e as *Argonáuticas* o seu modelo imediatamente mais próximo⁸⁵, vejamos agora como se figuram no canto 1 do poema de Apolônio de Rodes essas aparições do mar ligadas às divindades e os sentimentos dos nautas com relação à lacuna do desconhecido.

2.3.2. Antecipações e personificações do desconhecido, o canto de Orfeu e o perigo da blasfêmia

Já que tomamos a liberdade de atribuir um pensamento contemporâneo à observação desse espaço mítico percorrido pelos heróis épicos, levando em conta as considerações de Yi-Fu Tuan mais acima, eu gostaria de evocar também as palavras de Merleau-Ponty (2005, p.

⁸³ *Od.* 13.166-7, trad. de Odorico Mendes: “por Ítaca ele chama, Ítaca chora / pelas praias do mar circunsonante”

⁸⁴ *Aen.* 1.42-4, trad. de Odorico Mendes: “e, em derredor vagando anos e anos, / de mar em mar a sorte os repulsava. / Tão grave era plantar de Roma a gente!”

⁸⁵ Pois esse tipo de viagem marítima se apresentará nas mais variadas formas em épicas que vão desde a *Eneida* até *Jerusalém Libertada*, *Paraíso Perdido* e *Os Lusíadas*.

386) sobre o espaço natural. A sensação do sujeito frente a uma paisagem que abrange mais do que apenas o ‘conhecido’, alcançando o indeterminado e o abstrato, é especialmente representativa quando aplicada ao nosso pensamento:

Embora a paisagem diante dos meus olhos possa muito bem anunciar as características daquilo que se esconde atrás da colina, ela o faz apenas sujeita a um certo grau de indeterminação: aqui há planícies, ali talvez bosques, e, em todo caso, além do horizonte próximo, sei apenas que haverá terra ou mar, e além disso apenas o mar aberto ou o mar congelado, e além disso ainda apenas terra ou céu e, enquanto se diz respeito aos limites da atmosfera terrestre, sei apenas que há, em termos mais gerais, algo para ser percebido, e dessas regiões remotas eu possuo apenas o estilo, abstratamente.

Como viemos comentando desde o primeiro capítulo deste trabalho, a épica de Apolônio sempre esteve atrelada ao sentimento de expansão, que tem a ver com seu próprio contexto histórico. Nesse sentido, também a épica homérica é expandida nas mãos de Apolônio, onde a relação com o desconhecido é mais humana que heroica. Não temos motivos para duvidar que o herói épico sobre o qual pensamos não tivesse em sua consciência a atitude descrita por Merleau-Ponty, que a princípio é inerente a qualquer sujeito. Os mistérios a se esperar de uma jornada sobre o mar aberto seriam inexpugnáveis, de significado guardado somente aos deuses e de pouca compreensão à esfera humana, que dos espaços remotos guarda apenas um esboço do que pode ser visto. Os trechos do poema que citamos até agora indicam esse sentimento. Sabe-se que um dos grandes temores do homem grego era se perder e encontrar a tragédia em alto mar⁸⁶. Tal sentimento certamente estava presente entre os tripulantes da Argo, o que se observa pela realização de abluções e oferendas às divindades, para que protegessem o caminho. Vemos, nos vv. 411-24, súplicas a Apolo por uma viagem favorável, que terminam do seguinte modo:

νῦν δ' ἴθι, καὶ τήνδ' ἤμιν, Ἐκηβόλε, δέξο θυηλήν,

⁸⁶ Hartog (2004, p. 25), em consideração ao mar enfrentado por Odisseu: “O mar encontra-se aí, onipresente e detestado: mar das borrascas repentinas e dos naufrágios noturnos, que conduz o marinheiro para uma morte lastimável”. Observar também a visão de navegação que encontramos em Hesíodo, *Erga* 618-94, dizendo que, entre outras coisas, “é terrível encontrar a desgraça entre as ondas do mar” (trad. de Alessandro Rolim de Moura). Além disso, é recorrente em poemas como a *Odisseia* (8.138-9) e a *Eneida* (5.767-9) a ideia de que a morte no mar, espaço desconhecido que causa a destruição e o esquecimento, é horrível e não heroica, contraposta à morte (preferível) em combate.

ἦν τοι τῆσδ' ἐπίβαθρα χάριν προτιθείμεθα νηός
πρωτίστην· λύσαιμι δ', ἄναξ, ἐπ' ἀπήμονι μοίρῃ
πείσματα σὴν διὰ μῆτιν· ἐπιπνεύσειε δ' ἀήτης
μείλιχος, ᾧ κ' ἐπὶ πόντον ἐλευσόμεθ' εὐδιόωντες.

Vem já, Hekébolos, e aceita o sacrifício
primeiro, pela graça desta nau, tal qual
passagem; Soberano!, que com boa fortuna
desatem-se as amarras; e que sobre um vento
suave, que nos leve calmo sobre o mar.
(Arg. 1.420-4)

E a partir desses pedidos de bênção à viagem, os próprios heróis expressam pensamentos confusos com relação à jornada. Enquanto alguns se preocupam, outros se irritam com as demonstrações de preocupação, em uma maneira de interpretar os sombrios pensamentos alheios como maus augúrios. A certa altura, em que Jasão “meditava as coisas consigo, como homem sem recursos” (vv. 460-1), Idas o censura gravemente por transparecer um semblante de medo e covardia:

“Αἰσονίδη, τίνα τήνδε μετὰ φρεσὶ μῆτιν ἐλίσσεις;
αὐδα ἐνὶ μέσσοισι τεδὸν νόον. ἦέ σε δαμνᾷ
τάρβος ἐπιπλόμενον, τό τ' ἀνάλκιδας ἄνδρας ἀτύζει;
ἵστω νῦν δόρυ θοῦρον, ὅτῳ περιώσιον ἄλλων
κῦδος ἐνὶ πτολέμοισιν αἰίρομαι, οὐδέ μ' ὀφέλλει
Ζεὺς τόσον ὅσσάτιόν περ ἐμὸν δόρυ, μή νύ τι πῆμα
λοίγιον ἔσσεσθαι μηδ' ἀκράαντον ἄεθλον
ἴδεω γ' ἐσπομένοιο, καὶ εἰ θεὸς ἀντιόφτο·
τοῖόν μ' Ἀρήνηθεν ἀοσσητῆρα κομίζεις.”

“Esônida, que plano no âmago reviras?
Diz teu pensar ao centro. Te domina o medo
próximo, o que intimida os perplexos covardes?
Sabe por minha árdua lança, co' a qual glória
excelsa obtive em lutas – nem Zeus me ampliou
como o fez esta lança – que nenhum sofrer

será fatal, nem incompleta qualquer prova
se Idas te segue, mesmo que se oponha um deus.
E é tal o companheiro que trazes de Arene.”
(Arg. 1.463-70)

Essa fala apresenta ainda outros fatores relevantes. Além do “medo próximo” que, de acordo com Idas, deve ser afastado, vê-se que a experiência do desconhecido já passa a abranger conjecturas de intervenções divinas: “mesmo que se oponha um deus”. Sendo assim, o próprio percurso do desconhecido, o espaço mítico de Tuan ou as remotas regiões naturais de Merleau-Ponty, abrange também o perigo do sobrenatural. Exemplo dessa conclusão é o antagonismo entre Odisseu e Poseidon na *Odisseia*, em que o deus acomete o herói com severos momentos de fúria marítima. Pois o deus dos mares representa e personifica o espaço amplo e ameaçador. Ele controla e observa, recebe as oferendas e ataca aqueles que não lhe pagam o devido tributo, pois nunca se deve esquecer que

onde finda a areia e quebra a onda, aí começa o mar, inevitável e perigoso. Ele pertence, antes de tudo, a Poseidon. É ele que, fechando para Ulisses o caminho do retorno, tornou-o um “prisioneiro” do mar. Ele é o “grande Poseidon que sacode a terra e o mar estéril, aquele a quem os deuses atribuíram o duplo privilégio de domar cavalos e salvar navios” – ou, do mesmo modo, de perdê-los. Armado com seu tridente, desencadeia as borrascas e levanta o mar, ou então o apazigua e faz soprar uma brisa ligeira. Ele quer que lhe sejam rendidas homenagens, através de sacrifícios apropriados, antes da partida dos navios e nas escalas.⁸⁷

A blasfêmia representa o maior dos perigos, como se vê com Poseidon acima e como se verá com Zeus mais adiante. Pois eles, divindades naturais e máximas, são o próprio espaço do desconhecido (e conhecido também), e é através deles que se alcançará ou não o favor de uma viagem bem sucedida. É pelas mãos dos deuses que Odisseu é chacoalhado entre inúmeras ilhas durante seus dez anos de retorno a Ítaca, pois seu atraso pode (e deve) ser atribuído à sua própria falta com os deuses olímpicos (Hartog, 2004, p. 28). É com os mesmos deuses que também os argonautas devem se confrontar e é a eles que imolam sacrifícios para o bem de sua jornada, como vimos Jasão mais acima fazer com relação ao deus Apolo.

⁸⁷ Hartog, 2004, p. 31.

Em meio aos festejos, os banquetes e os goles de vinho dos tripulantes da Argo, também Ídmon toma a palavra, desta vez em resposta ao que fora dito por Idas, e aí se dá o embate entre a piedade e a blasfêmia, que traz o perigo de que se provoque a ira divina:

“Δαιμόνιε, φρονέεις ὀλοφώια καὶ πάρος αὐτῷ,
ἦέ τοι εἰς ἄτην ζῶρὸν μέθυ θαρσαλέον κῆρ
οἰδάνει ἐν στήθεσσι, θεοὺς δ' ἀνέηκεν ἀτίζειν;

“Maldito! Desde antes pensas tua ruína,
ou o vinho forte causa ao coração audaz
que aos deuses menosprezo inflames em teu peito?
(Arg. 1.476-8)

Ídmon, que se opõe a Idas neste momento, defende a reverência aos deuses⁸⁸. Sabe, pois, que o espaço desconhecido que compreende o período de viagem deve seu destino apenas às divindades. No segundo canto do poema, Jasão demonstra tal consciência a respeito de Zeus, pois o deus “verdadeiramente vê tudo, e nem os divinos nem os injustos podem algum dia escapar à sua atenção” (Arg. 2.1179-80). Além disso, o líder do grupo é quem realiza as oferendas em favor de Apolo no primeiro canto, como já vimos mais acima.

Como demonstrado também na fala de Ídmon citada anteriormente, nos vv. 440-7 (ver acima, p. 69), o herói sabia de seu próprio destino e o transmitiu ao resto do grupo. Idas, contudo, mostra-se com um caráter pouco crente nos mistérios oraculares, passando a zombar ainda mais uma vez dos poderes sobrenaturais e de Ídmon:

“Ἄγρει νυν τόδε σῆσι θεοπροπίησιν ἐνίσπες,
εἰ καὶ ἐμοὶ τοιόνδε θεοὶ τελέουσιν ὄλεθρον
οἶον Ἀλωιάδησι πατὴρ τεδὸς ἐγγυάλιξε·
φράζω δ' ὅπως χειῖρας ἐμὰς σόος ἐξαλέαιο,
χρειῶ θεσπίζων μεταμώνιον εἴ κεν ἀλώης.”

“Agora, vamos, diz por tuas profecias

⁸⁸ Vian (2005, p. 72) lembra, sobre este assunto, que os escólios ao v. 475 consideram que Apolônio inventou a disputa entre Idas e Ídmon. No entanto, vale ressaltar que a imagem da disputa entre guerreiro e adivinho já é uma convenção antiga, vista em Ésquilo e em Homero. Cf. notas aos vv. 470, 490, 492 e 496 para mais detalhes sobre essas correspondências e sobre a figura soberba de Idas.

se a mim também os deuses guardam fim terrível,
tal qual enviou teu pai aos filhos de Aloeu.
Pois pensa como vivo escaparás de mim,
se colhes vaticínios vãos qual vento inútil.”
(Arg. 1.487-91)

Nesse ponto, de acordo com Anatole Mori⁸⁹, “Ídmon evidentemente escolhe não revelar que Idas está destinado a ser destruído por um raio de Zeus”. Pois Idas, figura notavelmente soberba dentro da tradição épica (mencionada em *Il.* 9.558-64. Cf. nota ao v. 470) não sai impune de suas afrontas às divindades ou às tradições de culto. Pode-se pensar que em alguma medida ele é a figura fundadora, dentro da tradição épica, dos grandes ímpios, ou ateus, tal como se vê posteriormente na épica latina em personagens como Mezêncio em Virgílio, Capaneu em Estácio (muito simbolicamente liquidado por um raio de Zeus, tal qual Idas) e César em Lucano.

A situação se torna confusa, com tentativas de agressão entre os heróis. Diz o poema que todos os parceiros e o próprio Jasão separaram a confusão. Orfeu empunhou a lira e iniciou um canto que apaziguou o ambiente, em uma cena em que é aparente a tradicional apreciação grega pela música na restauração e preservação da harmonia cívica⁹⁰.

Cito aqui o trecho integral, por conter também elementos relacionados à geração do espaço, que comentaremos adiante:

Cantava como a terra, o céu, e como o mar,
antes unidos todos sob uma só forma,
desagregaram-se depois de vil discórdia;
e como no céu sempre têm limite fixo
as estrelas e os rumos do sol e da lua;
como montes se ergueram, como rios ruidosos
e as ninfas e animais rastejantes nasceram.
Cantava como, no início, Ofião e Eurínome
Oceanida habitavam o nevado Olimpo;
como um cedeu sob grande fúria o cargo a Cronos,
e a outra a Reia, e despencaram no Oceano;

⁸⁹ Cf. Mori, 2008, p. 77, corroborada por Hunter 1993, Nelis 1992 e Fränkel 1968.

⁹⁰ Mori, 2008, p. 80.

estes reinaram sobre os divinos Titãs,
enquanto o ainda jovem Zeus, e ainda ingênuo,
habitava de Dicte a gruta; e ainda não
tinham-lhe dado o raio os Ciclopes terrígenos,
nem trovão, nem relâmpago; glórias de Zeus.
(Arg. 1.496-511)

O canto de Orfeu narra brevemente a origem do mundo e a sucessão dos deuses. Mitos de origem do mundo são comuns em épicas tradicionais como, por exemplo, o *Kalevala* finlandês e a própria *Teogonia* de Hesíodo. Mori⁹¹ observa que o mito narrado por ele não é de temática aleatória, pois privilegia a racionalidade sobre a agressão fazendo um contraste entre o reinar inteligente de Zeus e a brutalidade dos Titãs. Discutindo-se sobre o problema do *neikos*, a “nefasta discórdia”, já vista em Hesíodo e Empédocles, conta-se sobre como ela assumiu um papel importante na formação e organização do cosmos. Pois se vê, além disso, como a configuração do próprio espaço terrestre foi alterada por efeito da discórdia, sendo que antes os diferentes espaços (o céu, a terra, o mar) estavam “unidos todos sob uma só forma”. “A terra, o céu e o mar” desagregaram-se em desunião após a discórdia, mas note-se que têm limite fixo no céu “as estrelas e as vias da lua e do sol”. As lições do poeta Orfeu mostram que na terra montes se ergueram, rios ruidosos, ninfas e coisas medonhas nasceram. A indefinição do espaço terrestre, portanto, nasce da própria impulsão da discórdia, incluindo a criação de divindades, como as ninfas, e o aparecimento dessas “coisas medonhas”, que a princípio representam tudo o que o homem grego deve temer e evitar. Parece não ser por acaso que a figuração terrível do mar apareça novamente aqui, já que Ofião e Eurínome, em tragédia, “despencaram no Oceano” após seus reinados no Olimpo, para darem lugar à futura ascensão de Zeus.

Alegoricamente ainda, o jovem Zeus apresenta duas fases distintas figuradas no canto de Orfeu, também ligadas à imagética do espaço. A primeira é de infância e ingenuidade dentro da gruta de Dicte, onde o deus ainda é desprovido de todo e qualquer poder político e bélico, em um tempo em que os “Ciclopes terrígenos” ainda não tinham dado a ele o raio. A oposição óbvia a essa primeira fase é aquela anunciada pelo próprio canto, da soberania de Zeus sobre os deuses e sobre o Olimpo. Observamos aí a oposição entre o espaço enclausurado da gruta e o Olimpo resplandecente das alturas do mundo, que passa a

⁹¹ *Idem.*

representar também “ingenuidade” x astúcia⁹², fragilidade x poder, entre outras possibilidades.

Para concluir a discussão a respeito da discórdia provocada por Idas e o canto de Orfeu, cito Mori (2008, p. 81):

Ao trazer ao primeiro plano essa imagem de uma cósmica “discórdia nefasta” (*neikos*), Orfeu também desloca a culpa pela discussão de Idas a uma abstração impessoal e divina, e enquanto isso lembra seu público do raio que ameaça aqueles que se opõem a Zeus.

O raio de Zeus, materialização fatal do desconhecido, é assim transmitido como lição moral ao público do poeta. Orfeu, em meio à discórdia de seus colegas, relembra a punição infalível que recairá sobre os que blasfemarem, e a blasfêmia é ali algo que deve ser evitado a todo custo por aqueles que assumirão tal empresa. Por fim, todos se unem, “aquietados pelo encanto”, e caem no sono após as últimas libações a Zeus, travando um acordo final de paz com o soberano dos deuses.

Como última observação, é interessante notar outro paralelo que aparece com o canto de Orfeu, que tem como tema e efeito, respectivamente, a ordenação do cosmos e o apaziguamento da desordem entre os Argonautas. Isso casa bem com a imagem do poder da poesia que transparece no narrador mais confiante que, como foi visto no capítulo 2.2, caracteriza o canto 1.

2.3.3. O desconhecido no Outro, Lemnos e a hospitalidade velada

O encontro com o Outro, essa condição de revelação e resignificação do desconhecido, é uma temática comum no poema odisseico, bem como nas *Argonáuticas*. Esses encontros de experiência com o desconhecido talvez seja o mais impactante entre os que listamos e comentamos neste capítulo. O Outro representa a materialização do que está além dos limites. É o desconhecido que toma forma e que assume uma voz. Seus costumes, valores e falhas são ainda desconhecidos aos heróis recém-chegados, e há vezes em que se torna muito custoso o retorno aos trilhos da jornada.

⁹² Tendo Zeus também desposado a deusa Métis, que em grego representa “sabedoria”, “astúcia”, “conhecimento”, e absorvido parte dessas mesmas capacidades ao engolir tal divindade, o que lhe permitiu dar à luz Atena.

Exemplos desses encontros no poema homérico vão desde o contato com os lotófagos até as visitas aos Ciclopes e aos Feácios, a Circe e a Calipso. Podemos tranquilamente considerar que o contato com o Outro seja um dos temas básicos dessa epopeia homérica, e, por extensão, da narrativa de relatos de viagem. A tradição que se inicia na *Odisseia* representa o contraste entre culturas, entre o que é grego e o que é bárbaro ou estrangeiro. No caso do contexto das *Argonáuticas* isso se torna especialmente significativo, pois nessa era de expansão territorial da língua e cultura gregas, graças a Alexandre, o contraste cultural se tornou ainda mais evidente, com o aumento do ‘mundo conhecido’ e a consequente absorção de outras culturas. Os resultados, portanto, dessa jornada de conhecimento são imprevisíveis, pois o Outro nem sempre é amigável ou inofensivo, e nem sempre hospitaleiro. Diz Hartog (2004, p. 28):

O retorno retardado (de Ulisses) resulta de uma “falta” (com relação aos deuses). É no espaço aberto por esse retardamento (de que trata o aedo) que se inscreverá a experiência do outro e se desenrolarão, no momento de uma narrativa, as grandes partilhas da antropologia grega. O outro é sempre uma ameaça – e o outro extremo representa um extremo perigo.

O caso da passagem de Odisseu pela ilha do ciclope Polifemo é um bom exemplo. Consiste em um “outro extremo” para os gregos que chegam até ali, já que entre outras coisas ele é um *galaktophagos* (“aquele que se alimenta de leite”) que não resiste à atração da carne fresca e do vinho puro, costumes que não condizem com os de Odisseu e seus homens, principalmente com relação ao conceito de hospitalidade. A visão que esses gregos têm do perigoso conflito que se dá nessa passagem pode ser resumida nas palavras de Odisseu ao Ciclope: “Não devoraste, Polifemo, os sócios / de um homem sem valor; cruel e iníquo, / de hóspedes em teus lares te sustentas; / Júpiter castigou-te e os mais celestes” (trad. de Odorico Mendes, vv. 9.373-6). O conflito com o desconhecido nessa situação leva os heróis a se confrontarem com o próprio Poseidon, tendo cometido uma blasfêmia contra o deus. Momentos como esse mostram que a passagem pelo desconhecido guarda segredos (e perigos de se incorrer em graves blasfêmias) ignorados pelos viajantes. O caso da profanação ao se alimentarem do gado sagrado do Sol Hiperônio, por exemplo, resultou fatal para a maioria da tripulação, ao terem desacreditado uma crença exterior às suas próprias (*Od.* 1.8: “Loucos! que as vacas sagradas do Sol Hiperônio comeram”. Trad. de Carlos Alberto Nunes).

No canto 1 das *Argonáuticas*, que é nosso objeto de estudo neste momento, o caso de encontro extremo com o Outro é o da chegada dos heróis à ilha de Lemnos. Como vimos no capítulo 2.1, sobre o Amor, a ilha governada por Hipsípila é povoada apenas por mulheres, pois todos os homens que ali residiam foram mortos por suas esposas (cf. *Arg.* 1.609-19, citado acima na p. 34). A manifestação do narrador com relação a essas mulheres já sugere uma definição que as situa numa condição problemática: “Oh, miseráveis!” (v. 616). Aqueles atos e aquela postura diferem do que é a vivência anterior dos viajantes. A terra de Lemnos, sem homens, foi assolada pelo “vil rancor de Cípris” (vv. 614-5). No entanto, os fatores que levaram a ilha a essa condição são desconhecidos (e sempre o serão) aos heróis, pois a trama e o encontro com as habitantes dali serão envolvidos por uma esfera de dissimulação de ambas as partes. Ou seja, para que se conquiste a confiança do Outro, tanto Jasão se fará valer do poder da conquista erótica para alcançar seus meios (cf. também o capítulo 1) quanto Hipsípila, talvez mais engenhosamente, tentará maquiagem a história mais recente da ilha e tentará conquistar os visitantes com propostas e agrados, a fim de que as mulheres superem a incômoda situação em que se encontram.

As mulheres de Lemnos, então, temerosas de que o navio de heróis que se aproximava fosse de Trácios vingadores, tomaram precauções para a defesa da ilha. No entanto, ao terem certeza de que aqueles eram viajantes que desejavam algum acolhimento em sua jornada, tomaram outro tipo de precaução.

O encontro com o outro aqui não atende estrita ou intencionalmente as regras da hospitalidade, já que essa acolhida faz parte da tal “astúcia” que nasce na mente das mulheres com a intenção de que se ocultem as verdades, como vimos em *Arg.* 1.657-64 (citado acima, p. 35). O outro-extremo aqui se apresenta, como vimos na passagem citada de Hartog, um pouco antes, como “ameaça” e “extremo perigo”. A dubiedade da situação entra em cena nesse encontro entre os viajantes e as anfitriãs de modo curioso, já que a astúcia se reveste de hospitalidade, por um lado por questões de segurança, e por outro por autopreservação. Isso porque a fala introduzida pela anciã Polixo traz nova luz à situação da hospitalidade. O mistério do passado de Lemnos não é o único intento da boa recepção aos estranhos, já que a velha lembra as outras sobre a possibilidade de os homens fornecerem considerável mão de obra aos trabalhos braçais.

No intervalo, portanto, entre o envio do mensageiro Etálide pelos argonautas e a recepção dele pelas mulheres de Lemnos, o que acontece entre elas é uma assembleia para que se decida como proceder com os visitantes, conforme visto no capítulo 2.1.2, sobre

Lemnos. Na primeira decisão tomada, decidem esconder dos estranhos “as verdades” que estavam encobertas sob o mistério da ilha. O plano, que pretende ao mesmo tempo beneficiar os convidados e ocultar os fatos funestos da ilha, é prontamente descartado por outro que surge em seguida. A velha ama Polixo, ao se levantar debilmente, tendo “vasta idade sobre os frouxos pés” (v. 669), apresenta uma solução distinta. Levando em conta que aqueles que as visitam não são de fato os temidos inimigos Trácios, ela apresenta um plano que beneficia a convivência na ilha, tira as mulheres dos labores masculinos e ainda provê alguma defesa contra um possível ataque.

“Esses regalos, como intenta a própria Hipsípila,
aos estranhos mandemos, que é melhor assim.
Mas e a nós, como sustentar-nos a nós mesmas
se nos ataca a Trácia tropa ou qualquer outra,
como acontece aos homens com certa frequência,
Assim como veio esta inesperada turba?
E se algum dos divinos isso afasta, infindos
e outros males esperam, piores que a guerra,
quando todas as velhas mulheres morrerem,
e a vós jovens, inférteis, vier velhice trágica.
Como resistirão, ó miseráveis? Vão
acaso autômatos os bois trazer o arado
p’ra vós, e abrir os sulcos, repartir a terra,
e à translação de um ano recolher espigas?
(...)
Às jovens aconselho nisto pensar bem.
A vossos pés se avista, pois, escapatória,
se confiardes as casas e todos os vossos
bens e a luzente cidade às mãos dos estranhos.”
(Arg. 1.675-96)

Assim, além de ocultarem o segredo do massacre dos homens e oferecerem a estadia, as mulheres intentam agregar esses novos homens ao seu reino, dando-lhes plenos poderes sobre seus “bens e a luzente cidade”. Ou seja, tal “presente” parece ir bastante além do que um hospedeiro comum ofereceria. Se observarmos a reação geral da assembleia, vemos que nem o resto das mulheres e nem mesmo a soberana tiveram o que objetar, de modo que a ideia

acabou sendo prontamente aceita e uma mensageira foi enviada à nau. A partir disso, enfim, o diálogo entre os dois grupos se estabelece e a hospedagem dos estranhos é garantida, e outros eventos se seguem, como o problema da estadia prolongada dos heróis na ilha e a decisão de Héracles de forçar a ida.

O que tentamos demonstrar, afinal, com a sequência de observações sobre o episódio foi algum esboço da relação entre o herói épico de Apolônio e o Outro dentro dessa jornada marítima dos Argonautas, que tanto retoma contextos e situações da épica homérica, mas ao mesmo tempo os renova. A ideia de Polixo que vimos acima alcança bastante êxito entre as mulheres, e isso nos lança novamente ao capítulo 2.1 deste trabalho, sobre o Amor. Pois em que medida o êxito da ideia não estaria atribuído à própria possibilidade não só prática, mas também sentimental, dessas mulheres que vivem sem seus cônjuges, e o são por motivos também amorosos? Por isso nos parece que o conceito básico da hospitalidade grega aqui é aqui distorcido, já que os próprios argonautas a um só tempo se favorecem e são vítimas da eroticização em que mergulha o enredo. Como uma mítica e sombria ilha dos amores⁹³, Lemnos congrega os dois lados de um encontro sobre o qual paira um perigo para ambas as partes: as mulheres, que temem pelos atos do passado, pela vinda dos Trácios e pela futura sobrevivência das habitantes da ilha, de certa forma se redimem de seus crimes e recolocam em movimento sua civilização, mas são também envolvidas pela sedução potencialmente destrutiva de Jasão; e os Argonautas, que procuram primeiramente uma noite de repouso e encontram períodos prolongados de estadias luxuriosas, são quase mantidos sob feitiços e colocam em risco sua missão.

Apolônio pontua nesse episódio ainda uma questão central para o desenvolvimento da épica, que é o distanciamento do paradigma do herói épico homérico em direção a um novo modelo. Um retrato fundamental dessa oposição é concentrado no par Jasão (o paradigma do herói de Apolônio, predominantemente sedutor) e Héracles (guerreiro de tipo homérico), cujas palavras nos remetem ao dilema de Aquiles entre uma vida longa e pacífica ou a morte na guerra e os louros da glória eterna: “Agrada aqui morar e arar campos de Lemnos? / Pois poucos louros colheremos se ficarmos / com tais exóticas mulheres” (vv. 868-70). As mulheres, ainda revestidas pelo manto do exótico e desconhecido, também levam Héracles a apressar a partida. Pois todos eles saíram em jornada deixando suas próprias mulheres (v. 867), ou seja, aquelas de seu próprio país e, em consequência, de seu próprio espaço. É

⁹³ Como a de Calipso na *Odisseia*, além de ser uma temática recorrente também em épicos posteriores, como *Jerusalém Libertada*.

curioso notar também que as mulheres de Lemnos mataram seus maridos justamente por terem sido trocadas por estrangeiras. De certo modo, elas mesmas assumem o papel de estrangeiras nessa nova situação.

Aquele espaço de mulheres desconhecidas é também a ilha de Calipso da *Odisseia*. É a ilha dos amores, do atraso da jornada e da tentação de uma vida fácil e prolongada, oposta à do herói épico de moldes homéricos. É dela que foge Odisseu em busca do reconhecimento de sua própria pátria, Aquiles em busca da glória, e é dela que os expulsa Hércules. A partida da ilha de Lemnos significa, em um paralelo, a partida em busca do que é conhecido por meio do desconhecido, o cumprimento dos oráculos divinais e dos desígnios altivos, e, por fim, a experiência com o Outro, mas nunca a permanência com ele.

Para terminar esta reflexão, podemos pensar que, ironicamente, mesmo com a aura de desconhecido associada ao mar na tradição homérica, Apolônio está escrevendo numa época em que a geografia era já bastante desenvolvida e o mar Mediterrâneo uma área totalmente devassada. O significado histórico (não mítico) desse espaço é assinalado por Apolônio de Rodes quando ele diz seus versos sobre lugares que existem na época dele, cenários identificáveis para o público helenístico. Quando ele faz o gesto etiológico e conecta esses lugares a episódios da viagem dos Argonautas, um dos efeitos é justamente quebrar a magia da distância épica com uma nota erudita e fria. Esse lado ambíguo do poema, cindido entre a busca da tradição e a impossibilidade de reproduzi-la, é um dos traços fundamentais do poema, como vimos no capítulo 2.2, sobre a figura do narrador.

3. Tradução

Este projeto nunca teve como objetivo a eleição de um modelo ou de uma teoria tradutória que conduzissem nosso objeto a um modelo final e adequado a uma única linha de pensamento, modelado e composto sob as medidas e formas de uma teoria preferida. Desde o começo partimos, pois, de escolhas, comparações e metas visando um resultado estético aceitável, e, acima de tudo, digno de ser lido como uma tradução de um texto clássico. A teoria, desse modo, veio de vários lados. Certamente, e principalmente, veio de tradutores cujo plano sempre foi o de fazer nascer um novo objeto estético, uma obra nascida da obra, da centelha poética advinda da língua de origem. Para além de teorias e definições de métrica, acentuação rítmica e prosódica, fidelidade e desvio, procuramos, acima de tudo, lançar alguma luz sobre outras traduções feitas a partir do mesmo texto e, disso, navegar em nosso próprio projeto, em mar aberto, mas nunca perdendo de vista a terra firme apresentada por toda uma tradição tradutória.

Isso nos levou a procurar um caminho original, embora fincado convictamente na ideia de que se pudesse apresentar um trabalho que fizesse jus ao “original”. E essa diferença é o que mais iríamos valorizar ao longo desse processo, sabendo que é “nessa divergência essencial que se abre a possibilidade de tradução” (Flores, 2008, p. 12), apagando-se as comparações entre as traduções em termos de certo e errado, melhor e pior. E essa diversão, tanto no sentido de divertimento quanto de divergência, é o que significa todo ato de traduzir, indo além da teoria e do método.

A tradução não quer igualar o original – de certo modo, nem ele pode ser igual a si mesmo através dos tempos – como a teoria não quer – ou não deveria querer – se igualar ao mundo: ambas precisam ser diferentes dos seus pretensos objetos. A teoria, para mim, é a tradução do mundo: não existe melhor tradução nem melhor método, ao menos não até o momento, mas cada uma delas é capaz de recriar o todo anterior sem mostrá-lo diretamente, dando-lhe novos sentidos ao mesmo tempo em que se afasta. (Flores, 2008, p. 12)

Desse modo, chega-se à teoria através da prática, alcançando e observando resultados, (re)lendo outras traduções e se apoiando no trabalho de tradutores e poetas, que fazem, com seu trabalho puramente literário, a mais preciosa das teorias.

Nossa reflexão sempre se direcionou de maneira a ponderar sobre o valor de uma nova tradução poética de um texto fundamental para a tradição ocidental. A tradução resultante deste projeto, que não se apega a critérios únicos de metodologias tradutórias, nasceu das necessidades que observamos de um cenário relativo à tradição desse texto, considerando o que já foi dito a seu respeito e o que dele já foi traduzido. Como vimos nos capítulos anteriores, muito do que se fala teoricamente sobre o texto de Apolônio acaba inevitavelmente sendo aplicado na prática tradutória. Isso quer dizer que o próprio texto ganha com as reflexões e discussões.

O texto literário poético, em si mesmo, joga com a diversidade, com o múltiplo. Procuramos na dicção poética da tradução a reprodução e expansão dessa liberdade, o que uma tradução engajada teoricamente de maneira unívoca tenderia a renegar. E também por isso sempre tivemos outras traduções do mesmo texto em vista, procurando o que não tenha sido contemplado, e também o que houvesse de valioso.

Para lograr uma maior sensação de proximidade ao texto original, procuramos um maior apego filológico, sem que isso, necessariamente, implique numa tradução prosaica ou unicamente filológica⁹⁴. O original, por isso, nos impulsiona ao criativo.

O jogo, o intertexto, o neologismo e a liberdade textual são elementos que valorizamos em busca de um resultado estético digno de uma tradução que valha como obra literária, tal como o valeram a diversão e a brincadeira tradutória⁹⁵. A prática, mais que nada, vale como o exercício da leitura por excelência enquanto conhecimento profundo da obra.

Ademais, já diria Meschonnic (2010, p. 29), “*a rejeição da teoria faz parte da teoria*”.

3.1. Traduzir Apolônio de Rodes

Talvez a questão fundamental da elaboração do projeto tenha consistido na escolha – desde o início tida como certa – de se traduzir o poema argonáutico poeticamente, independentemente dos formatos e variáveis que pudessem surgir ao longo do caminho. Seria, afinal, a materialização da diversão literária que imaginamos como justificativa à empreitada,

⁹⁴ Meschonnic, 2010, p. XLIII: “Não se traduz mais da língua, mas de um texto”.

⁹⁵ E sempre tendo em mente a constatação de Lefevere (2007, p. 137): “Para os leitores que não podem contrastar a tradução com o original, a tradução é, ingenuamente, o original”.

o gosto de “novidade” que surge não de um trabalho teórico inédito, mas de um resultado prático naturalmente inédito. Ademais, através do procedimento da tradução poética é operado um mecanismo de profundo conhecimento e reconhecimento do texto literário, em que o tradutor partilha e percorre os meandros dos inúmeros possíveis significados e simbologias, para depois empenhar-se na sua reconstrução e reprodução em sua própria língua, entrando, então, em questão um jogo de profunda imersão de um autor contemporâneo na obra e universo do anterior. Um enfrentamento de épocas, vocabulários e contextos, onde se intercalam a fidelidade poética à fonte com a fidelidade – ou desvio – à tradição, a fidelidade espiritual à sombra do autor contraposta à fidelidade ao projeto, à intenção mais que tentadora de se revestir o épico com a indumentária contemporânea.

Reescrituras, principalmente traduções, afetam a interpenetração de sistemas literários, não apenas projetando a imagem de um escritor ou obra em outra literatura, ou deixando de fazê-lo (...) mas também pela introdução de novos recursos dentro do componente inventarial de uma poética, preparando o caminho para mudanças em seus componentes funcionais. (Lefevere, 2007, p. 68)

E a renovação dessa indumentária tradutória é, mais que nada, necessária para a sobrevivência do texto dentro de uma tradição ou cultura. Exemplo fácil é o que temos em mãos com o caso das *Argonáuticas*, poema que é um grande desconhecido em território brasileiro. Trata-se de um texto cujas dificuldades enumeram-se por todos os lados, sendo uma obra de difícil acesso pela escassez de edições, principalmente no Brasil, de estilo pouco acessível mesmo a leitores especializados (dada a complexidade vocabular), e, acima de tudo e por todos esses motivos, de acesso quase impossível ao leitor não-especializado. Torna-se, assim, a obra de Apolônio uma obra quase irrelevante dentro do contexto brasileiro, dados motivos como esses, em que se perdem leitores em potencial e, conseqüentemente, tradutores. “O leitor não-profissional mais frequentemente deixa de ler a literatura tal como ela foi escrita pelos seus autores, mas a lê reescrita por seus reescritores. Sempre foi assim, mas isso nunca pareceu tão óbvio como hoje” (Lefevere, 2007, p. 18). Pois o trabalho de tradução resulta, enfim, em maior circulação. No caso da literatura clássica greco-romana, a tendência é uma reclusão quase completa da circulação de obras dentro dos círculos acadêmicos, com a exceção das numerosas e quase anuais retraduições de Homero. Assim, a sobrevivência de um texto dentro de uma tradição depende, inevitavelmente, do contínuo trabalho de tradução.

Nesse ponto, o pensamento de Meschonnic acaba por definir o horizonte desse caminho tradutório:

O traduzir muda. Não se pode impedi-lo de mudar. Nem todos os tradutores, nem todas as traduções. Onde se encontra este paradoxo da tradução, que tudo o que se ensina só tende a definir e programar a má tradução, e corresponde à prática do maior número de traduções, no lugar em que a definição e o ensinamento se fundamentam nas muito mais raras traduções, que não fizeram de tudo como dizem fazer, mas que têm-se saído bem, maravilhosamente bem: significa que elas são obras, envelhecem como as obras. Invertendo o propósito banal, que quer que as traduções envelheçam, uma vez que elas são periodicamente refeitas, enquanto as obras não envelhecem. É o inverso que é verdadeiro. As obras verdadeiras envelhecem, no sentido que seu estado de língua não as encerra em um passado que não se lê mais. E as traduções-obras fazem disto tanto quanto. O que não se lê mais é o que não envelhece, as obras ditas originais bem como as traduções. O descarte da época. (Meschonnic, 2010, pp. 65-6)

De tal modo, se vê o completo obscurecimento da obra de Costa e Silva, cuja tradução das *Argonáuticas* permanece encarcerada num passado não mais lido, e, pela falta de reedições, inacessível, ao passo que traduções como as de Homero feitas por Odorico Mendes, inequivocamente envelhecidas, ainda se mantêm em circulação. Isso prova, de fato, a qualidade das traduções de Odorico, sendo lidas por gerações muito distantes da que a gerou. Como diz ainda Meschonnic (2010, p. XXX), “as belas traduções envelhecem, como as obras, no sentido em que elas continuam a ser ativas, a ser lidas”. Mas ao mesmo tempo nos coloca em uma posição de dúvida quando, sob o mesmo prisma, olhamos o texto de Costa e Silva, de qualidade incontestável (talvez de um virtuosismo e complexidade comparáveis a Odorico), e confirmamos sua perda nos meandros da história literária recente. Seria difícil definir os motivos de tal obscurecimento, mas outro elemento se esclarece no processo de comparação entre os dois tradutores. A tradição tradutória dos textos de Homero no Brasil apresenta um enorme (e crescente) volume de textos que tendem a engrossar o número de leitores e de trabalhos acadêmicos acerca das obras no país, tendo na figura de Odorico como que um

marco fundador canonizado que pauta e sinaliza os trabalhos dos tradutores seguintes⁹⁶. O lado oposto dessa comparação é óbvio, já que não havendo leitura da obra de Costa e Silva (que é portuguesa, ou seja, menos natural ao leitor brasileiro) se obscurece também o autor Apolônio de Rodes, e, por conseguinte, a leitura do texto épico e suas traduções. Assim, com relação às *Argonáuticas*, perdeu-se, acima de tudo, a figura do tradutor-referência. No momento de escrita deste trabalho, por exemplo, não há disponibilidade de traduções no mercado brasileiro. Temos que ressaltar, é claro, que essa comparação entre os dois tradutores deve levar em conta que Homero, por si só, é um poeta de muito maior circulação do que Apolônio.

Há, entretanto, sinais de mudança nesse panorama. Entre uma provável reedição de Costa e Silva e traduções feitas em ambientes acadêmicos em tempos recentes, entre as quais a minha se inclui, a obra de Apolônio de Rodes pode voltar a representar alguma relevância no cenário nacional, com um consequente aumento de estudos acadêmicos sobre sua obra e uma maior compreensão e entendimento de toda uma multiplicidade de sentidos e possibilidades, o que poderá ser proporcionado justamente pela existência dessas múltiplas traduções. “Noutros termos, como é a poesia essencialmente aberta para uma infinidade de leituras, a reescrita dessa infinidade de leituras dá ao poema uma gama maior de possibilidades de realizações textuais pela via da tradução” (Laranjeira, 2003, p. 41).

No caso da tradução que apresento, a escolha foi por produzir um resultado também poético, a exemplo de textos muito influentes, como as já consagradas traduções de Carlos Alberto Nunes e Haroldo de Campos, além do próprio Odorico Mendes. Isso nos abriu um leque de possibilidades de leituras e reflexos dos problemas teóricos encontrados ao longo da pesquisa. Como se viu no capítulo 2.2, nuances interpretativas poderiam influenciar, por exemplo, no nível de intromissão do narrador dentro do enredo. Esse tipo de detalhe textual se reflete invariavelmente na tradução, podendo ser oculto ou ressaltado, e como possibilidade poética isso sempre nos pareceu bastante atrativo. E como comentamos ao longo deste trabalho, o resultado estético apresentado é uma coleção de escolhas feitas pelo tradutor, que busca uma adequação formal a partir de sua própria leitura.

Entretanto, outras traduções, feitas em prosa, foram valiosas para o estudo de Apolônio de Rodes, como as publicadas pelas coleções Loeb, Belles Lettres e Gredos (que,

⁹⁶ Lefevere, 2007, p. 43: “A canonização (potencial) influencia grandemente a disponibilidade de uma obra literária.”

aliás, não encontram um correspondente brasileiro, o que demonstra um notável atraso no catálogo nacional, somando-se a isso o acesso nem sempre fácil às coleções estrangeiras).

Mas quando se opta pelo caminho da tradução poética, mesmo tendo o apoio de materiais de qualidade como os citados acima, as barreiras que se elevam à frente do tradutor se multiplicam. Pois a informação estética que se entrelaça ao conteúdo poético de um texto deve ser recodificada em uma estética distinta, e nesse aspecto um texto em prosa encontra, visivelmente, mais liberdade. Assim, a correspondência entre dois textos poéticos distintos (o texto fonte e o texto traduzido) terá uma origem comum na ideia, no sistema, como afirma Haroldo de Campos (2010, p. 34).

Teremos (...) em outra língua, uma outra informação estética, autônoma, mas ambas estarão ligadas entre si por uma relação de isomorfia: serão diferentes enquanto linguagem, mas, como os corpos isomorfos, cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema.

Concepção semelhante à de Mário Laranjeira (2003, p. 124), que defende a ideia do tradutor como autor de um novo texto que compartilha algo maior com o texto de origem, aquele que não é seu. Ambos os autores compartilham de uma centelha sagrada:

O sujeito da tradução opera o trabalho do traduzir que gera um texto seu. Mas esse trabalho se faz a partir da leitura de um texto que não é seu, leitura que é uma expedição às profundezas do texto alheio para roubar-lhe a centelha viva do fogo sagrado: a significância. Uma vez que o tradutor tenha conseguido acender seu próprio facho, passa a ter um fogo que é e não é o mesmo, como o poema traduzido é e não é o poema original.

Podemos dizer que de alguma maneira ambas as citações acima fizeram parte deste trabalho desde as fases de rascunho do projeto, o que parece definir o texto que apresentamos menos enquanto teoria que como filosofia de trabalho. Apesar da arte (penosa, por muitas vezes) de se construir um texto poético derivado de um original, cujo resultado não escapará de comparações recorrentemente baseadas apenas no complicado termo de “fidelidade”, o estatuto do tradutor adquire, de uma ou outra maneira, uma importante forma dentro da cultura que receberá essa nova obra, cultura essa para a qual a tradução será, ingenuamente, o

original (para retornar à sentença de Lefevere). A partir disso, constrói-se a imagem abstrata do autor primordial, vista através das lentes do tradutor. No nosso caso, em se tratando de Apolônio de Rodes, praticamente não há vistas ou lentes que reflitam o poeta helenístico em terreno brasileiro, senão pela opaca imagem transmitida (e já praticamente perdida) por Costa e Silva. Não há, portanto, uma tradição tradutória do autor para ser revista e reescrita⁹⁷, senão uma reconstrução do intertexto entre Apolônio e as demais épicas antigas, fazendo com que uma tradução dialogue e retome as demais traduções de outros autores em um tempo contemporâneo, em um universo que, embora limitado, como ainda o é o de Apolônio, seja potencialmente infinito. Um entrelugar numa tradição de diversões.

A cada tradução, o que está em jogo não é apenas a obra a ser traduzida, mas toda a tradição que pode ser retomada, negada, reafirmada, reestruturada ou reproposta, pois a tradição da tradução não está exatamente nem na língua ou cultura de partida nem na de chegada, mas num outro lugar: um não aqui, nem lá: um ponto instável, provável, possível de mudança: num entrelugar de diversões. (Flores, 2008, pp. 57-8)

Entre a diversão e a infinitude de possibilidades, há que se levar em conta o fardo e o risco que um tradutor corre de não lograr alcançar a fidelidade ao seu próprio projeto, o que seria, no fim, uma má tradução. Nossa escolha de conduzir desde o começo um projeto de tradução poética encontrou dificuldades ao se deparar com essa ‘infinitude’ de possibilidades, mas também enriquecimento estético. O conceito poundiano do *Make it New*, essa atividade de se dar nova vida ao passado literário via tradução (Campos, 2010, p. 36), representou outra frutífera filosofia de trabalho. O exemplo de Odorico Mendes volta à tona quando se pensa na peculiaridade de sua dicção, além das críticas aos seus vícios e à diferença de tamanho entre sua obra e o original, ao ponto de se esquecer da importância da obra que adentrava o cânone literário da língua portuguesa. De tal maneira Odorico resume a intenção primeira de seu projeto, na primeira nota ao Canto I de sua tradução da *Ilíada*: “Se vertêssemos servilmente as repetições de Homero, deixava a obra de ser aprazível como é a dele; *a pior das infidelidades*”⁹⁸. Com isto não quero fazer a apologia das paráfrases: aspiro a ser tradutor”. A concepção de “fidelidade” tradutória, negada aqui por Odorico à sua maneira, é comumente

⁹⁷ No que diz respeito ao que se produz academicamente, em teses e dissertações, a respeito de Apolônio, não se pode negar que é um conhecimento confinado apenas a essas esferas, o que não consiste num real impacto sobre a tradição de leitura do autor dentro do país.

⁹⁸ Meu grifo.

relacionada à tradução “palavra por palavra”, ou “tradução literal”, cuja atividade não escapa às críticas de autores como Meschonnic (2010, p. 43), quando diz que “o objetivo da tradução não é mais o sentido, mas bem mais que o sentido, e que o inclui: o modo de significar”. Com isso, o *Make it new* passa a representar, em termos de tradução, o renascimento de um texto, onde não é só ele o objeto traduzido, mas toda a sua língua. Em termos usados por Meschonnic, sua expressão e poética. Assim, borram-se os conceitos de fidelidade e a ilusão tão desgastada de apagamento do tradutor, em que se vende ao leitor a imagem de que o texto a ser lido é o original. Desse modo, o trabalho do tradutor se assume como um pacto de transição, um transmissor de uma poesia contida em um sistema e reproduzido (ou reconstruído) em outro. O que se traduz, por fim, não é o texto ou um combinado de signos, mas uma ideia⁹⁹.

A fidelidade, tão respeitável em aparência, e requerida como o menor dos respeitos devidos ao texto e ao leitor, a fidelidade que deve acompanhar a modéstia, o apagamento do tradutor, para atingir a transparência é, na realidade, um disfarce amável colocado sobre um pacote de ignorância e de obscuridade. Fidelidade de quem? Fidelidade a quê? Pretensamente ao texto a traduzir. Mas logo quando se olha de que ela é feita, vê-se que ela é primeiro uma fidelidade ao signo. E às ideias preconcebidas. O apagamento do tradutor só tem uma visada: dar a impressão de que a tradução não é uma tradução, oferecer a ilusão do natural. Ficam por apagar todas as particularidades que pertencem a um outro modo de significar, apagar as distâncias, de tempo, de língua, de cultura. (Meschonnic, 2010, pp. XXXIII-IV)

Dai nasce a leitura crítica, ou melhor, a tradução como leitura crítica, que é, segundo Campos e Meschonnic, a melhor e mais atenta forma de leitura, onde a beleza do texto, por meio da dificuldade e da construção criativa, toma forma. Pode ser a épica de Odorico considerada bizarra e difícil de ser lida (Campos, 2010, p. 41), mas é um texto fundamentalmente brasileiro, ou, dentro do que interessa dentro desta argumentação, um texto definitivamente transposto de uma cultura original para uma receptora, estando aí bem

⁹⁹ Assunto pelo qual também o próprio Odorico Mendes passou em nota ao v. 433 do seu Canto V da *Ilíada*: “Acrescentarei que num homem do cunho de Ferreira ou do de Dante ou de Young, autores em quem se notam algumas durezas, não se hão de catar pequeninos defeitos, sumidos na multidão de belezas de primeira ordem: guarde-se tão miúda censura para aqueles que, não sabendo jamais elevar-se ao grandioso ou ao sublime, só poderiam agradecer pela doçura e melodia.”

acomodado e encarado como um legítimo texto nacional. O *Make it New* funciona por excelência na tradução, na recriação, reescrita e remanipulação de um texto poético, sendo o processo da melhor leitura possível, o que recria o processo da composição e revira a centelha compartilhada entre autor e tradutor. E isso se observa aplicado na poesia de Odorico Mendes. Nesse ponto é pertinente a observação de Antonio Medina Rodrigues (1980, p. 20), antepondo a crítica dogmática de Romero e os efeitos de expressão de Odorico:

Como ignorar (...) seu (de Odorico) trabalho textual ou o serviço que prestou à literatura brasileira? Como impedir que seja apreciado por um Garrett, um João Ribeiro, um Martins de Aguiar, um Jorge de Lima, um Haroldo de Campos? Aí está um ponto em que a crítica pode ser contestada pela lembrança da liberdade crítica. Ou da curiosidade heurística, do amor ao insólito, do cultivo das humanidades. Tudo, no comentário de Silvio Romero, mesmo o pretenso argumento da natureza fátua do neologismo, é marca do gosto renitente e do dogmatismo. Impugnar o neologismo com o argumento de que é feio ou de que a língua tem sinônimos mais adequados é desconsiderar o aspecto crucial da tradução de poesia clássica, a saber, a transposição de efeitos analógicos de expressão.

Efeito de gostos pessoais à parte, torna-se o lugar da tradução um lugar de gosto pelo novo, de releitura e continuação da obra, de expansão dos limites anteriormente definidos pelas possíveis leituras de um texto. O que faz com que a leitura à base do gosto pessoal e de denominações como “feio”, “bizarro” ou “grotesco” percam a relevância (até mesmo a validade) frente à importância maior que uma tradução representa em uma sociedade, em um processo de enriquecimento cultural que uma cultura adquire ao alimentar-se dos tesouros de outras culturas.

Quando consideramos as traduções para outras línguas, várias foram as versões que nos auxiliaram para a escrita do trabalho. A tradição inglesa, por exemplo, que contém inúmeras traduções das *Argonáuticas* de Apolônio, parece ser a língua com o mais vasto número de referências e estudos críticos sobre o poema. Para este trabalho, entre estudos comparativos e composição de notas, utilizamos ao menos cinco traduções poéticas já bastante envelhecidas: a de Seaton, de 1912, apresentada em prosa pela *Loeb Classical Library*; as de Greene e Fawkes, ambas em decassílabos heroicos com rimas emparelhadas, e

ambas publicadas em 1780; a de Preston, de 1803, no mesmo formato que as anteriores¹⁰⁰; e a de Arthur Way, de 1901, também em rimas emparelhadas, mas em versos de formato que tendem a reproduzir o hexâmetro, variando entre 13 e 16 sílabas. Desnecessário dizer que o número de traduções para o inglês apenas aumentou ao longo do século XX. Há dois movimentos que acontecem simultaneamente nesse panorama: o de envelhecimento dessas traduções, e o de renovação. Pois embora elas ainda sejam lidas, seus estilos, vocabulários e público se desatualizaram, surgindo o descompasso com o gosto vigente da época. Isso exige a escrita de novas traduções, tendo em vista que, apesar de as antigas ainda serem lidas e estudadas (já assumindo até o estatuto de obras canônicas dentro dessa cultura em questão), o público para o qual foram escritas mudou. Com essa mudança, e sem a apresentação de traduções que saciem esse gosto atualizado e compatível com a poética vigente, corre-se o risco de que a obra progressivamente caia em esquecimento. A renovação das traduções representa a manutenção e a continuidade da vida do texto original e do nome do seu autor, somando possibilidades de leituras, novas visadas da nova época e novas formas para onde o texto possa crescer. Um organismo vivo dentro de uma cultura borbulhante. No Brasil, como já comentamos, uma obra como a de Costa e Silva não é lida. A inserção de novas traduções nesse cenário pode, portanto, trazer à tona não apenas o texto clássico de Apolônio de Rodes, mas o próprio diálogo com o tradutor português. O crescente número de traduções dentro de uma cultura, como discutimos, significa um grande fortalecimento do público leitor de uma obra. Mesmo sendo múltiplos os resultados a partir de um original, existe um diálogo. Mário Laranjeira diz que “cada tradução é tão única quanto o poema original” (2003, p. 39), e continua:

Além disso, a unicidade do poema original só existe enquanto tal poema constitui objeto único, singular, produzido por determinado poeta em um determinado tempo e lugar, com suas marcas específicas e sua historicidade. Mas, assim como pode haver várias traduções de um mesmo original – pelo

¹⁰⁰ Note-se o trabalho de composição e reescrita em tais traduções por meio da comparação das três aberturas, semelhantes apenas na forma escolhida, mas bastante diferentes entre si. Greene: God of the lyre, and guardian of my song, / Lead me, oh! lead me to the gen'rous throng / Of gallant heroes, o'er th' incircling main / Where rocks Cyanean have their solid reign, / (So mighty Pelias urg'd the dread command!) / Who bad compacted Argo quit the strand; / And claim the fleece of gold (...). Fawkes: Inspir'd by thee, O Phoebus, I refound / The glorious deeds of heroes long renown'd, / Whom Pelias urg'd the Golden Fleece to gain, / And well-built Argo wasted o'er the main, / Through the Cyanean rocks. (...). Preston: Parent of sacred song, inform the rhymes, / Record the glorious men of other times, / Whose daring oars the vessel first impell'd, / And thro' th' astonish'd deeps their voyage held; / With search advent'rous on the Colchian shore, / To win the fleece replete with golden ore.

mesmo ou por vários tradutores -, também pode haver várias formulações, várias realizações (originais?) de um mesmo tema poético (...).

Desse modo, a qualidade poética do material traduzido pode apresentar qualidade comparável (para bem ou para mal) a qualquer obra original na mesma língua. No entanto, essa multiplicidade de leituras e traduções (que agora parecem se confundir conceitualmente) a partir de um original é infinita, sendo cada tradução um retrato de uma leitura bem localizada estilística e historicamente. O aperfeiçoamento literário nasce sobretudo do aperfeiçoamento crítico que aflora da leitura tradutória. Através da prática da tradução poética é que se conhecem a fundo, de maneira mais perfeita do que o que seria com a mais atenta leitura, os significados mais íntimos de uma obra. Nesse aspecto, Haroldo de Campos é incisivo (2010, p. 46): “Se a tradução é uma forma privilegiada de leitura crítica, será através dela que se poderão conduzir outros poetas, amadores e estudantes de literatura à penetração no âmago do texto artístico, nos seus mecanismos e engrenagens mais íntimos”. O papel da tradução no desenvolvimento literário de uma cultura não poderia ser mais claro, passando a formar um cânone que integra uma determinada literatura, tal como o seria com quaisquer obras originais.

As traduções ruins são, por certo, mais numerosas, como os livros maus são mais numerosos que os bons. Mas as boas são exemplares nisto que, contrariamente ao caráter perecível dado como inerente à tradução – como se a tradução fosse em sua essência identificada com a má tradução – que a tradução bem sucedida não se refaz. Tem a historicidade das obras originais. Permanece um texto apesar do seu envelhecimento. As traduções são então obras – uma escritura – e fazem parte das obras. Que se possa falar do Poe de Baudelaire e do de Mallarmé mostra que a tradução bem sucedida é uma escritura, não uma transparência anônima, o apagamento e a modéstia do tradutor que o ensinamento dos profissionais preconiza. (Meschonnic, 2010, p. 28)

Para concluirmos esse raciocínio e seguirmos à breve apresentação de alguns detalhes mais específicos sobre a tradução das *Argonáuticas*, devemos dizer que, acima de tudo, a preocupação dos envolvidos neste projeto sempre foi a de alcançar a qualidade literária do que se apresenta, ao mesmo tempo em que se manteve, na medida do possível, intacto o

conteúdo transmitido pelos manuscritos de Apolônio de Rodes. Obviamente que diferentes manuscritos e diferentes editores trazem ao tradutor um problema de diferentes lições e nuances de significados. Nisso, como comentamos desde o início deste capítulo, também consiste o trabalho do tradutor: em escolher. Se revemos o que foi dito logo acima por Meschonnic, parece que o ato de escolher acaba implicando sempre numa interferência, de modo que o tradutor nunca é realmente apagado. Se há, porém, modéstia, é devido ao grandioso trabalho que nos foi dado no original, ao que tentamos fazer jus.

3.1.1. Breve nota sobre a tradução

Em termos de projeto, sabe-se desde o início o quão longo é o caminho entre uma concepção minimamente embasada e o resultado final da obra traduzida. O texto argonáutico de Apolônio de Rodes, em especial, ainda deixa muitas opções em aberto, dada a escassez de traduções em nosso território, o que gera, independente da forma escolhida para a tradução, um sintoma de novidade para quaisquer caminhos que se apresentem e se trilhem. Pouco há de inter-referências ou intertextualidades possíveis entre traduções de Apolônio na língua portuguesa. Assim, os que se voluntariam (meu caso) para traduzir textos nessa condição se embrenham em caminhos certamente solitários¹⁰¹.

No entanto, há inegavelmente o suporte de um universo de textos paralelos de importante referência. A já citada tradição de traduções homéricas é um exemplo (o maior deles) de usos e possibilidades da reconstrução de um universo épico em nossa língua. Ademais, quaisquer traduções de autores como Calímaco, Teócrito, Valério Flaco e até mesmo Virgílio contribuem enormemente para uma mais completa compreensão e reconstrução de Apolônio. Do modo como o texto das *Argonáuticas* se compõe sobre referências à sua própria época e às obras de seus contemporâneos, assim como aos poetas antigos, principalmente Homero e Hesíodo, também o tradutor em tempos atuais estrutura sua tradução de maneira a buscar e, enquanto for possível, reconstruir tais diálogos intertextuais.

Com relação aos poemas de Homero, as traduções de Odorico foram de grande auxílio, embora tenhamos optado por outro caminho com respeito à forma dos versos. O decassílabo heroico, forma épica de maior prestígio durante o século XIX, sendo também a

¹⁰¹ Fazemos questão aqui de ressaltar o interesse por nossa parte de incluir alguma análise ou comentário a respeito das demais traduções que se fizeram recentemente do texto argonáutico no Brasil, o que não foi possível por falta de tempo hábil que permitisse uma abordagem relativamente completa dos textos. De qualquer modo, estivemos cientes das traduções de Thais Evangelista de Assis Caldas, de Fernando Rodrigues Junior e da portuguesa Fernanda Pinto Rodrigues.

forma utilizada por Costa e Silva, trouxe também um problema: a divergência no tamanho do poema traduzido, com o natural aumento de versos para abarcar o conteúdo dos hexâmetros. Como tínhamos desde o início a intenção de manter uma aparente proximidade com o texto grego, onde pudesse haver uma correspondência visível entre original e tradução (com uma leitura lado a lado facilitada, no caso de uma apresentação bilíngue), outro modelo veio à mente para a tradução das *Argonáuticas*: a *Ilíada* de Haroldo de Campos.

No caso dessa tradução, o uso do dodecassílabo nos pareceu bastante adequado para tomar como modelo, pois possibilitaria a manutenção do conteúdo dentro do número correspondente de versos do original, sem que tivéssemos que recorrer a metros como o de Carlos Alberto Nunes, reproduzindo o hexâmetro em versos de até 16 sílabas na contagem convencional. Além disso, por fazer parte de uma dicção marcadamente oitocentista, o decassílabo heroico não representava bem o tipo de atualização de leitura que queríamos propor com a apresentação de uma nova tradução, além de já possuímos a tradução de Costa e Silva nesse formato.

Assim, a tradução foi escrita em versos de 12 sílabas. Dos 1.362 versos que compõem o canto 1, aproximadamente 1.053 possuem acentos na 6ª e na 12ª sílabas, enquanto cerca de 278 versos estão acentuados na 4ª, 8ª e 12ª sílabas. Por fim, cerca de 31 versos apresentam acentos nas sílabas ímpares 5ª e 7ª, que foram mantidos por questões de fluência e qualidade, não prejudicando o bom andamento da leitura. Acreditamos que a variedade de acentos, mesmo que não tenha a liberdade que se poderia ter em versos livres, como o faz a boa tradução de Jaa Torrano para a *Teogonia*, evite a monotonia da leitura, ao mesmo tempo em que mantém a proximidade ao texto grego com relação às diferenças de extensão e de posições de palavras no verso hexâmetro, sabidamente também aberto a várias instâncias de flexibilidade. Dentro das possibilidades, essa proximidade alcançou um nível que consideramos bastante aceitável. Com relação aos nomes próprios, optamos por seguir o uso já convencionalizado em língua portuguesa (Héracles, Jasão, Poseidon), o que foi possível na maioria dos casos, para que se evitassem maiores estranhamentos a novos leitores. Por último, como é usual nas traduções de poesia épica, mantivemos o uso das segundas pessoas (singular e plural), bem como o aspecto de grandiloquência dos diálogos e, quando foi possível, a criação de efeitos de aliteração (como se verá comentado em algumas notas). Tudo isso visou reconstruir esse contexto que mistura reis, heróis e deuses, tão comum nos mitos épicos, mas ao mesmo tempo com uma dicção atualizada em comparação às traduções oitocentistas.

4. Texto e tradução do Canto 1 das *Argonáuticas*

ΑΡΓΟΝΑΥΤΙΚΩΝ Α

Ἀρχόμενος σέο Φοῖβε παλαιγενέων κλέα φωτῶν
μνήσομαι οἱ Πόντοιο κατὰ στόμα καὶ διὰ πέτρας
Κυανέας βασιλῆος ἐφημοσύνη Πελίαο
χρύσειον μετὰ κῶας ἐύζυγον ἤλασαν Ἀργῶ.

Τοίην γὰρ Πελὶς φάτιν ἔκλυεν, ὥς μιν ὀπίσσω
μοῖρα μένει στυγερή, τοῦδ' ἀνέρος ὄντιν' ἴδοιτο
δημόθεν οἰοπέδιλον ὑπ' ἐννεσίησι δαμῆναι·
δηρὸν δ' οὐ μετέπειτα τεῖν κατὰ βάζιν Ἰήσων,
χειμερίοιο ῥέεθρα κιὼν διὰ ποσσὶν Ἀναύρου,
ἄλλο μὲν ἐξεσάωσεν ὑπ' ἰλὺος ἄλλο δ' ἐνερθεν
κάλλιπεν αὖθι πέδιλον ἐνισχύμενον προχοῇσιν·
ἵκετο δ' ἐς Πελίην αὐτοσχεδόν, ἀντιβολήσων
εἰλαπίνης ἦν πατρὶ Ποσειδάωνι καὶ ἄλλοις
ῥέζε θεοῖς, Ἥρης δὲ Πελασγίδος οὐκ ἀλέγιζεν·
αἶψα δὲ τόνγ' ἐσιδὼν ἐφράσσατο, καὶ οἱ ἄεθλον
ἔντυε ναυτιλίας πολυκηδέος, ὄφρ' ἐνὶ πόντῳ
ἦε καὶ ἄλλοδαποῖσι μετ' ἀνδράσι νόστον ὀλέσσει.

Νῆα μὲν οὖν οἱ πρόσθεν ἔτι κλείουσιν ἀοιδοί
Ἄργον Ἀθηναίης καμέειν ὑποθημοσύνησι·
νῦν δ' ἂν ἐγὼ γενεήν τε καὶ οὔνομα μυθησαίμην
ἡρώων, δολιχῆς τε πόρους ἄλός, ὅσσα τ' ἔρεξαν
πλαζόμενοι· Μοῦσαι δ' ὑποφήτορες εἶεν ἀοιδῆς.

Πρῶτά νυν Ὀρφῆος μνησώμεθα, τόν ῥά ποτ' αὐτὴ
Καλλιόπη Θρήικι φατίζεται εὐνηθεῖσα
Οἰάγρῳ σκοπιῆς Πιμπληίδος ἄγχι τεκέσθαι.
αὐτὰρ τόνγ' ἐνέπουσιν ἀτειρέας οὔρεσι πέτρας
θέλξαι ἀοιδῶν ἐνοπῇ ποταμῶν τε ῥέεθρα·
φηγοὶ δ' ἀγριάδες κείνης ἔτι σήματα μολπῆς
ἄκτῃ Θρηικίῃ Ζώνης ἔπι τηλεθόωσαι
ἐξείης στιχόωσιν ἐπήτριμοι, ἃς ὄγ' ἐπιπρό
θελγομένας φόρμιγγι κατήγαγε Πιερίθην.
Ὀρφέα μὲν δὴ τοῖον ἔῶν ἐπαρωγὸν ἀέθλων
Αἰσονίδης Χείρωνος ἐφημοσύνησι πιθήσας
δέξατο, Πιερίη Βιστωνίδι κοιρανέοντα·

ἦλυθε δ' Ἀστερίων αὐτοσχεδόν, ὃν ῥα Κομήτης
γεῖνατο, δινήεντος ἐφ' ὕδασι Λαπιδανοῖο
Πειρεσιᾶς ὄρεος Φυλληίου ἀγχόθι ναίων,
ἔνθα μὲν Ἀπιδανός τε μέγας καὶ δῖος Ἐνipeύς
ἄμφω συμφορέονται, ἀπόπροθεν εἰς ἓν ἰόντες.

Λάρισαν δ' ἐπὶ τοῖσι λιπὼν Πολύφημος ἵκανεν
Εἰλατίδης, ὃς πρὶν μὲν ἐρισθενέων Λαπιθάων,
ὀππότε Κενταύροις Λαπίθαι ἐπὶ θωρήσσοντο,
ὀπλότερος προμάχιζε· τότ' αὖ βαρύθεσκέ οἱ ἦδη
γυῖα, μένεν δ' ἔτι θυμὸς ἀρήιος ὥς τὸ πάρος περ·

ARGONÁUTICAS

de Apolônio de Rodes

Canto 1

Começo por ti, Febo, a glórias de idos homens
lembrar, que pela boca Pôntea e entre rochas
Ciâneas sob as ordens do rei Pélias foram,
a obter o velo d'ouro em bem jungida Argo.

Ouvira Pélias certo oráculo: sobre ele 5
cairia horrível mal; morrer pelos conselhos
do homem que encontraria c'uma só sandália.
Pouco depois, Jasão, confirmando-te, Apolo!,
cruzando a pé a corrente do invernial Anauro,
salvou do fundo lamacento uma sandália, 10
tendo perdido a outra, a destra, no canal.
E foi direto a Pélias, que um banquete dava
honrando o pai Poseidon e as demais deidades,
com exceção de Hera Pelasga. O rei, ao vê-lo,
arquitetou ansioso e lhe incumbiu de pronto 15
uma jornada cheia de preocupações,
p'ra que no mar ou entre estranhos se desgarre.

Se antigos vates celebraram o conselho
de Atena a Argos ao fazer a embarcação,
conto agora linhagens, e os heroicos nomes, 20
e as longas trilhas do oceano, e o que fizeram
em seus desvios; que as Musas decifrem meu canto!

Primeiro a Orfeu lembremos, pois gerou-o, dizem,
Calíope, após deitar-se com o Trácio Eagro
e dar à luz no altíssimo Pimpleio cimo. 25
Ainda contam que co' a voz dos seus cantares
fluxos de rios e duras rochas encantava.
E os selvagens carvalhos, testemunhas disso,
que enfloram sobre o litoral da Trácia Zona,
em falanges mantêm-se, pelo canto desse 30
que os regeu, com a fórminge, vindo da Piéria.
Tal era então Orfeu, à empresa convidado
pelo Esônida, sob o conselho de Quíron;
era ele o soberano da Bistônia Piéria.

Diretamente veio Astérion, que Cometes 35
gerou nas turbulentas águas do Apidano;
habitava a Pirésia, próximo ao Fileu,
onde o grande Apidano e o Enipeu divino
confluem unidos, vindo juntos da lonjura.

Da Larissa, em seguida, veio Polifemo 40
Ilatida, que outrora entre os ferozes Lápitais,
quando se armaram ao guerrear contra os Centauros,
lutou na juventude; agora, sente o peso
dos membros, mas mantém intacto o ardor da guerra.

οὐδὲ μὲν Ἴφικλος Φυλάκη ἐνὶ δηρὸν ἔλειπτο, μήτρως Αἰσονίδαο, κασιγνήτην γὰρ ὄπυιεν Αἴσων Ἀλκιμέδην Φυλακίδα· τῆς μιν ἀνώγει πηροσύνη καὶ κῆδος ἐνικρινθῆναι ὁμίλῳ·	45
οὐδὲ Φεραῖς Ἀδμητος εὐρρήνεσσιν ἀνάσσω μῖμνεν ὑπὸ σκοπιῇν ὄρεος Χαλκωδονίου·	50
οὐδ' Ἀλόπη μῖμνον πολυλήιοι Ἑρμείας υἱέες εὖ δεδαῶτε δόλους, Ἑρυτος καὶ Ἑχίων· τοῖσι δ' ἐπὶ τρίτατος γνωτὸς κίε νισσομένοισιν Αἰθαλίδης· καὶ τὸν μὲν ἐπ' Ἀμφρυσσοῖο ῥοῇσιν Μυρμιδόνος κούρη Φθιάς τέκεν Εὐπολέμεια, τὼ δ' αὖτ' ἐκγεγάτην Μενετηίδος Ἀντιανείρης.	55
Ἦλυθε δ' ἀφνειὴν προλιπὼν Γυρτῶνα Κόρωνος Καινεΐδης, ἐσθλὸς μὲν, ἐοῦ δ' οὐ πατρὸς ἀμείνων. Καινεά γὰρ ζῶν ἔπερ ἔτι κλείουσιν ᾠοιδοί· Κενταύροισιν ὀλέσθαι, ὅτε σφέας οἶος ἀπ' ἄλλων ἦλ' ἀριστεύων, οἱ δ' ἔμπαλιν ὀρμηθέντες οὔτε μιν ἀγκλῖναι προτέρω σθένον οὔτε δαΐξαι, ἀλλ' ἄρρηκτος ἄκαμptos ἐδύσετο νειόθι γαίης, θεινόμενος στιβαρῇσι καταΐγδην ἐλάτησιν.	60
Ἦλυθε δ' αὖ Μόψος Τιταρήσιος, ὃν περὶ πάντων Λητοΐδης ἐδίδαξε θεοπροπίας οἰωνῶν· βῆ δὲ καὶ Εὐρυδάμας Κτιμένου πάις, ἄγχι δὲ λίμνης Ξυνιάδος Κτιμένην Δολοπηίδα ναιετάασκεν· καὶ μὴν Ἄκτωρ υἱὰ Μενόιτιον ἐξ Ὀπόεντος ᾤρσεν, ἀριστήεσσι σὺν ἀνδράσιν ὄφρα νέοιτο.	65
Εἵπετο δ' Εὐρυτίων τε καὶ ἀλκῆεις Ἑριβώτης, υἱὲς ὁ μὲν Τελέοντος, ὁ δ' Ἴρου Ἀκτορίδαο· ἦτοι ὁ μὲν Τελέοντος ἐυκλειῆς Ἑριβώτης, Ἴρου δ' Εὐρυτίων· σὺν καὶ τρίτος ἦεν Οἰλεύς, ἔξοχος ἠγορέην καὶ ἐπαΐξαι μετόπισθεν εὖ δεδαῶς δῆοισιν, ὅτε κλίνειε φάλαγγας.	70
Αὐτὰρ ἀπ' Εὐβοίης Κάνθος κίε, τὸν ῥα Κάνηθος πέμπεν Ἀβαντιάδης λελημμένον· οὐ μὲν ἔμελλε νοστήσειν Κήρινθον ὑπότροπος, αἴσα γὰρ ἦεν αὐτὸν ὁμῶς Μόψον τε δαήμονα μαντοσυνάων πλαγχθέντας Λιβύης ἐπὶ πείρασι δηωθῆναι. ὥς οὐκ ἀνθρώποισι κακὸν μὴ πιστὸν ἐπαυρεῖν, ὅπποτε καὶ κείνους Λιβύῃ ἐνὶ ταρχύσαντο, τόσσον ἐκάς Κόλχων ὅσσον τέ περ ἡελίοιο μεσσηγνὺς δύσιές τε καὶ ἀντολαὶ εἰσορόωνται.	75
Τῷ δ' ἄρ' ἐπὶ Κλυτίος τε καὶ Ἴφίτος ἠγερέθοντο, Οἰχαλῆς ἐπίουροι, ἀπηνέος Εὐρύτου υἱὲς, Εὐρύτου ᾧ πόρε τόξον Ἐκηβόλος, οὐδ' ἀπόνητο δωτίνης· αὐτῷ γὰρ ἐκὼν ἐρίδηνε δοτῆρι.	80
Τοῖσι δ' ἐπ' Αἰακίδαι μετεκίαθον, οὐ μὲν ἅμ' ἅμφω οὐδ' ὁμόθεν, νόσφιν γὰρ ἀλευάμενοι κατένασθεν Αἰγίνης, ὅτε Φῶκον ἀδελφεὸν ἐξενάριζαν ἀφραδίῃ· Τελαμῶν μὲν ἐν Ἀτθίδι νάσσατο νήσω, Πηλεὺς δ' ἐν Φθίῃ ἐριβόλακι ναῖε λιασθείς.	85
	90

Nem longo se deteve na Filácia Íficlo, 45
tio do Esônida: casado co' a irmã de Esão,
Alcímeda Filácida: tal parentesco
impulsionou-o a apresentar-se em meio ao grupo.

Nem Admeto, em cordeiros rico, rei de Feres, 50
sob o pico aguardou do Calcodônio monte.

Nem ficaram nos milharais de Álope os filhos
de Hermes, herdeiros de sua astúcia, Équion e Erito;
com eles, em terceiro, vinha junto o irmão
Etálides, gerado junto ao rio Anfriso
por uma Mirmidônia, Eupôlema da Ftia. 55
E os outros Antianira Menetida urdiu.

Veio, deixando a rica Girtona, Corono
Cenida, que é valente, mas não mais que o pai.
Pois contam bardos que Ceneu, quando atacou
só, sem outros heróis, os Centauros, vivia, 60
tendo sido esmagado; atacando-o de novo,
não puderam dobrá-lo, nem feri-lo: ao fim,
enraizado, invencível, na terra afundaram-no
sob o ataque maciço da chuva de pinhos.

E veio também Mopso, o Titarésio; a quem 65
o Letida ensinou sobre os augúrios de aves;

E Euridamante, filho de Ctímeno: próximo
à lagoa de Xínias habitava, em Ctímena.

E Actor impulsionou a seu filho Menécio
de Opunte, p'ra que fosse co' os melhores homens. 70

Seguiam Erição e o valoroso Eríbotes,
um, filho de Teleão, e o outro d'Iro Actórida;
o filho de Teleão é Eríbotes famoso,
e o de Iro é Erição. Em terceiro ia Oileu,
varão insigne e destro em perseguir rivais 75
quando estes retrocedem em suas falanges.

Da Eubeia vinha o ardoroso Canto, enviado
por Caneto Abantida; mas não voltaria
com vida aos muros de Cerinto. Era seu fado,
pois, e de Mopso, tão versado em profecias, 80
que caíssem errantes nos confins da Líbia.

Pois mal não há que seja tão remoto aos homens,
tendo sido estes dois sepultados na Líbia,
que é de Colcos tão longe quanto é longa a via
que o sol percorre entre a alvorada e o crepúsculo. 85

Também Ífito e Clítio a ele se juntaram,
guardiães da Ecália e filhos do cruel Eurito,
que recebeu de Apolo um arco e não o usou,
pois intentava desafiar ao próprio deus.

E vieram, mas nem juntos, nem do mesmo ponto, 90
os Eácidas, tendo tão longe de Egina
se assentado ao matarem, delirantes, Fócis,
seu irmão. Télamon fixou-se na ilha Ática;
Peleu, por outro lado, residiu na Ftia.

Τοῖς δ' ἐπὶ Κεκροπίθην ἀρήιος ἦλυθε Βούτης, 95
 παῖς ἀγαθοῦ Τελέοντος, εὐμμελὴς τε Φάληρος·
 Ἄλκων μιν προέηκε πατήρ ἐός· οὐ μὲν ἔτ' ἄλλους
 γήραος νῆας ἔχεν βιότοιό τε κηδεμονῆας,
 ἀλλὰ ἐ τηλύγετόν περ ὁμῶς καὶ μοῦνον ἐόντα
 πέμπεν, ἵνα θρασέεσσι μεταπρέποι ἡρώεσσι. 100
 Θησέα δ', ὃς περὶ πάντας Ἐρεχθεΐδας ἐκέκαστο,
 Ταιναρίην ἀίδηλος ὑπὸ χθόνα δεσμός ἔρυκε,
 Πειρίθω ἐσπόμενον κοινήν ὁδόν· ἥ τέ κεν ἄμφω
 ρηίτερον καμάτοιο τέλος πάντεσσιν ἔθεντο. 105
 Τῖφος δ' Ἀγνιάδης Σιφαιέα κάλλιπε δῆμον
 Θεσπίων, ἐσθλὸς μὲν ὀρινόμενον προδαῖναι
 κῦμ' ἄλδος εὐρείης, ἐσθλὸς δ' ἀνέμοιο θυέλλας,
 καὶ πλόον ἠελίῳ τε καὶ ἀστέρι τεκμήρασθαι.
 αὐτὴ μιν Τριτωνὶς ἀριστήων ἐς ὄμιλον
 ὥρσεν Ἀθηναίη, μέγα δ' ἦλυθεν ἐλδομένοισιν· 110
 αὐτὴ γάρ καὶ νῆα θοὴν κάμε, σὺν δέ οἱ Ἄργος
 τεῦξεν Ἀρεστορίδης κείνης ὑποθημοσύνησι·
 τῷ καὶ πασάων προφερεστάτη ἔπλετο νηῶν
 ὅσσαι ὑπ' εἰρεσίησιν ἐπειρήσαντο θαλάσσης. 115
 Φλείας δ' αὐτ' ἐπὶ τοῖσιν Ἀραιθυρέθην ἵκανεν,
 ἔνθ' ἀφνειὸς ἔναιε, Διωνύσοιο ἔκητι
 πατρὸς ἐοῦ, πηγῇσιν ἐφέστιος Ἀσωποῖο.
 Ἀργόθεν αὖ Ταλαὸς καὶ Ἀρήιος, νῆε Βίαντος,
 ἦλυθον ἴφθιμός τε Λεώδοκος, οὓς τέκε Πηρῷ
 Νηληΐς, τῆς ἀμφὶ δύην ἐμόγησε βαρεῖαν 120
 Αἰολίδης σταθοῖσιν ἐν Ἰφίκλοιο Μελάμπους.
 Οὐδὲ μὲν οὐδὲ βίην κρατερόφρονος Ἡρακλῆος
 πευθόμεθ' Αἰσονίδαο λιλαιομένου ἀθερίζαι·
 ἀλλ' ἐπεὶ αἶε βάζιν ἀγειρομένων ἡρώων
 νεῖον ἀπ' Ἀρκαδίας Λυρκήιον Ἄργος ἀμείψας, 125
 τὴν ὁδὸν ἥ ζωὸν φέρε κάπριον ὅς ῥ' ἐνὶ βήσσης
 φέρβετο Λαμπεΐης Ἐρυμάνθιον ἄμ' μέγα τῖφος,
 τὸν μὲν ἐνὶ πρώτοισι Μυκηνάων ἴαγορῇσι
 δεσμοῖς ἰλλόμενον μεγάλων ἀπεσεΐσατο νότων,
 αὐτὸς δ' ἥ ἰότητι παρὲκ νόον Εὐρυσθέως 130
 ὠρμήθη· σὺν καὶ οἱ Ὑλας κίεν, ἐσθλὸς ὀπάων
 πρωθήβης, ἰὼν τε φορεὺς φύλακός τε βιοῖο.
 Τῷ δ' ἐπὶ δὴ θείοιο κίεν Δαναοῖο γενέθλη,
 Ναύπλιος· ἥ γὰρ ἔην Κλυτονήου Ναυβολίδαο,
 Ναύβολος αὖ Λέρνου, Λέρνον γε μὲν ἴδμεν ἐόντα 135
 Προΐτου Ναυπλιάδαο, Ποσειδάωνι δὲ κούρη
 πρίν ποτ' Ἀμυμώνη Δαναῖς τέκεν εὐνηθεῖσα
 Ναύπλιον, ὃς περὶ πάντας ἐκαίνυτο ναυτιλίησιν.
 Ἴδμων δ' ὑστάτιος μετεκίαθεν ὅσσοι ἔναιον
 Ἄργος, ἐπεὶ δεδαῶς τὸν ἐὸν μόρον οἰωνοῖσιν 140
 ἦε, μή οἱ δῆμος εὐκλείης ἀγάσαιτο·
 οὐ μὲν ὄγ' ἦεν Ἄβαντος ἐτήτυμον, ἀλλὰ μιν αὐτός
 γείνατο κυδαλίμοις ἐναρίθμιον Αἰολίδησιν
 Λητοΐδης, αὐτὸς δὲ θεοπροπίας ἐδίδαξεν

Da Cecropeia veio o belicoso Butes, 95
filho do bom Teleão, e o lanceiro Falero.
A este enviou seu pai, Alcão, que nenhum outro
filho teria p'ra amparar sua velhice.
Ainda assim, o filho único e amado
enviou, p'ra que entre heróis notável se tornasse. 100
Teseu, o mais notável entre os Erectidas,
quedou-se acorrentado abaixo da Tenária
por ter seguido a estrada de Pirítoo. E estes,
quanto mais branda a empresa aos outros tornariam!
Tífis Agníade os Sifeus abandonou, 105
povo dos Téspios, hábeis em prever as formas
das ondas do oceano, e hábeis frente aos ventos
furiosos, e em viajar segundo o sol e os astros.
Ele a Tritônia Atena a estar entre os melhores
encorajou, e entre eles foi bem recebido. 110
Pois também ela a veloz nau moldou, com Argos,
filho de Arestor, que a forjou sob seus conselhos.
Razão por que de todas naus foi a melhor,
de tantas que com remos agitaram o mar.
Da Aretireia veio Fliante, onde habitava 115
ditoso por vontade de seu pai Dioniso,
bastante próximo ao local do rio Asópio.
De Argos vieram Talau e Areio, de Biante
progênie, e o excelente Leódoco, gerado
pela Nelida Pero; na cocheira de Íficlo 120
sofreu penas por ela o Eólida Melampo.
Soubemos que nem mesmo Héracles, de bravo
espírito, ignorou o chamado do Esônida.
Pois logo ouviu rumores de uma união de heróis,
quando vinha da Arcádia até Argos Lirceia. 125
Trazia vivo o javali, que nas Lampeias
matas pastava, junto ao pântano Erimanto;
a fera acorrentada descendeu dos ombros
em frente à entrada do mercado de Micenas.
E por si só, contra a vontade de Euristeu, 130
ele partiu; consigo, o companheiro Hilas,
tão jovem, que portava as flechas e seu arco.
Co' eles veio o da raça divinal de Dânao:
Náuplio. De Clitoneu Naubólida era filho;
Náubolo era de Lerno; e Lerno, ao que sabemos, 135
do Nauplíada Preto; e ao deitar-se Amímone,
filha de Dânao, com Poseidon, foi gerado
Náuplio, que em navegar a todos excedia.
Seguiu-os Ídmon, último dos que habitavam
Argos. Partiu mesmo sabendo de seu fado, 140
p'ra que não duvidasse de sua fama o povo.
Não era ele de Abante filho, e sim do próprio
Letida, que o fez para estar entre os ilustres
Eólicas; treinou-o o deus p'ra ver oráculos,

οἰωνούς τ' ἀλέγειν ἢδ' ἔμπτυρα σήματ' ιδέσθαι. 145

Καὶ μὴν Αἰτωλὶς κρατερὸν Πολυδεύκεα Λήδη
Κάστορά τ' ὠκυπόδων ὤρσεν δεδαημένον ἵππων
Σπάρτηθεν, τοὺς ἦγε δόμοις ἐνὶ Τυνδαρείοιο
τηλυγέτους ὠδῖνι μιῇ τέκεν· οὐδ' ἀπίθησεν
νισσομένοις, Ζηνὸς γάρ ἐπάξια μῆδετο λέκτρων. 150

Οἱ δ' Ἀφαρητιάδαι Λυγκεὺς καὶ ὑπέρβιος Ἴδας
Ἀρήνηθεν ἔβαν, μεγάλη περιθαρσέες ἀλκῇ
ἀμφοτέρω· Λυγκεὺς δὲ καὶ ὀξυτάτοις ἐκέκαστο
ὄμμασιν, εἰ ἐτεόν γε πέλει κλέος ἀνέρα κείνον
ρήιδίως καὶ νέρθεν ὑπὸ χθονὸς ἀνγάζεσθαι. 155

Σὺν δὲ Περικλύμενος Νηλῆιος ὦρτο νέεσθαι,
πρεσβύτατος παίδων ὅσσοι Πύλῳ ἐξεγένοντο
Νηλῆος θείοιο· Ποσειδάων δὲ οἱ ἀλκὴν
δῶκεν ἀπειρεσίην, ἢδ' ὅττι κεν ἀρήσαιο
μαρνάμενος, τὸ πέλεσθαι ἐνὶ ξυνοχῇ πολέμοιο. 160

Καὶ μὴν Ἀμφιδάμας Κηφεὺς τ' ἴσαν Ἀρκαδίηθεν,
οἱ Τεγέην καὶ κλῆρον Ἀφειδάντειον ἔναιον,
υἷε δὴν Ἀλεοῦ· τρίτατός γε μὲν ἔσπετ' ἰοῦσιν
Ἀγκαῖος· τὸν μὲν ῥα πατὴρ Λυκόοργος ἔπεμπε,
τῶν ἄμφω γνωτὸς προγενέστερος, ἀλλ' ὁ μὲν ἤδη 165
γηράσκοντ' Ἀλεὼν λίπετ' ἄμ πόλιν ὄφρα κομίζοι,
παῖδα δ' ἐὼν σφετέροισι κασιγνήτοισιν ὅπασσε·
βῆ δ' ὅγε Μαιναλῆς ἄρκτου δέρος, ἀμφίτομόν τε
δεξιτερῇ πάλλων πέλεκεν μέγαν· ἔντεα γάρ οἱ
πατροπάτωρ Ἀλεὸς μυχάτῃ ἐνέκρυψε καλιῇ, 170
αἱ κέν πως ἔτι καὶ τὸν ἐρητύσειε νέεσθαι.

Βῆ δὲ καὶ Αὐγείης, ὃν δὴ φάτις Ἡελίοιο
ἔμμεναι, Ἡλείοισι δ' ὄγ' ἀνδράσιν ἐμβασίλευεν
ὄλβῳ κυδιόων· μέγα δ' ἔετο Κολχίδα γαῖαν
αὐτόν τ' Αἰήτην ιδέειν σημάντορα Κόλχων. 175

Ἀστέριος δὲ καὶ Ἀμφίων Ὑπερασίου υἷες
Πελλήνης ἅφ' ἱκανὸν Ἀχαιίδος, ἣν ποτε Πέλλης
πατροπάτωρ ἐπόλισσεν ἐπ' ὀφρύσιν Αἰγιαλοῖο.

Ταῖναρον αὖτ' ἐπὶ τοῖσι λιπὼν Εὐφημος ἵκανε,
τόν ῥα Ποσειδάωνι ποδωκηέστατον ἄλλων 180
Εὐρώπῃ Τιτυοῖο μεγασθενέος τέκε κούρη·
κεῖνος ἀνὴρ καὶ πόντου ἐπὶ γλαυκοῖο θέεσκεν
οἴδματος, οὐδὲ θοοὺς βάπτειν πόδας, ἀλλ' ὅσον ἄκροις
ἴχνεσι τεγγόμενος διερῇ πεφόρητο κελεύθῳ·

καὶ δ' ἄλλω δύο παῖδε Ποσειδάωνος ἴκοντο, 185
ἦτοι ὁ μὲν πτολίεθρον ἀγαυοῦ Μιλήτοιο
νοσφισθεὶς Ἐργῖνος, ὁ δ' Ἰμβρασίης ἔδος Ἥρης
Παρθενίην Ἀγκαῖος ὑπέρβιος· ἵστορε δ' ἄμφω
ἡμὲν ναυτιλίας ἢδ' ἄρεος εὐχετόωντο.

Οἰνεΐδης δ' ἐπὶ τοῖσιν ἀφορμηθεὶς Καλυδῶνος 190
ἀλκῆεις Μελέαγρος ἀνήλυθε, Λαοκόων τε –
Λαοκόων Οἰνῆος ἀδελφεός, οὐ μὲν ἱῆς γε
μητέρος, ἀλλὰ ἐθῆσσα γυνὴ τέκε. τὸν μὲν ἄρ' Οἰνεὺς
ἤδη γηραλέον κοσμήτορα παιδὸς ἱάλλεν,

a ver augúrios e os sinais nos sacrifícios. 145

E ao poderoso Polideuces Leda Etólia,
com Cástor treinador de velozes cavalos,
enviou de Esparta; os dois na casa Tindareia
gerou, amados, num só parto; e não proibiu
suas idas: juízo à altura do leito de Zeus. 150

E os filhos de Afareu, Linceu e Idas soberbo,
de Arene vieram, tendo em seu poder firmeza;
também a vista aguda em Linceu se avultava,
se acaso é vera a fama de ele, facilmente,
poder ter clara vista mesmo sob a terra. 155

E também Periclímeneo Nelida veio,
primeiro filho dos gerados por Neleu
divino em Pilos; a ele concedeu Poseidon
valor infindo e o poder de converter-se
no que quisesse em meio à fúria da batalha. 160

Cefe e Anfidamante da Arcádia provinham;
habitaram Tegeia em campos de Afidante,
ambos filhos de Aleu; seguiu-os de lá um terceiro,
Anceu, que foi enviado por seu pai, Licurgo,
irmão maior dos outros dois. Este ficou 165

na pólis a cuidar do envelhecido Aleu,
mas permitiu que o filho fosse co' os irmãos.
Vestindo a pele de urso da Menália, o jovem
partiu, brandindo ainda um gigante machado,
já que Aleu, pai do pai, sumira co' a armadura, 170

p'ra que evitasse de algum jeito a sua partida.

E veio Augias, cuja fama é de ser filho
de Hélios, que sobre os homens de Eleia reinava,
com notável riqueza; ansiava conhecer
a Cólquida e o próprio Eetes, rei dos Colcos. 175

Os filhos de Hiperásio, Astério e Anfião
vieram da Pelene Aqueia, que antes Peles,
o pai do pai, fundou nas alturas do Egíalo.

E depois deles, veio de Tênaros Eufemo,
maior dos velocípedes, filho de Europa, 180

filha do poderoso Tício, e de Poseidon.
O herói pode correr por sobre as ondas verdes
sem nelas afundar seus pés velozes; só
roçando as pontas vai pelo úmido caminho.

E outros dois filhos de Poseidon também vêm; 185

um veio de Mileto, a grandiosa cidade:
esse era Ergino. O outro era o soberbo Anceu,
que veio da Partênia, sede de Hera Imbrásia.
Os dois da náutica e da guerra vangloriavam-se.

Da Calidônia, depois deles, veio o bravo 190

Meleagro Enida, e Laocoonte acompanhando.
Laocoonte é irmão de Eneu, mas não da mesma mãe,
pois quem o deu à luz foi uma serva; Eneu
enviou-o, mesmo velho, a tutelar seu filho,

ὦδ' ἔτι κουρίζων περιθαρσέα δύνεν ὄμιλον 195
 ἡρώων· τοῦ δ' οὐ τιν' ὑπέρτερον ἄλλον οἶω
 νόσφιν γ' Ἡρακλῆος ἐπελθέμεν, εἴ κ' ἔτι μοῦνον
 αὐθι μένων λυκάβαντα μετετράφη Αἰτωλοῖσιν·
 καὶ μὴν οἱ μήτρως αὐτὴν ὁδόν, εὖ μὲν ἄκοντι
 εὖ δὲ καὶ ἐν σταδίῃ δεδαημένος ἀντιφέρεσθαι, 200
 Θεστιάδης Ἴφικλος ἐφωμάρτησε κίοντι.
 Σὺν δὲ Παλαιμόνιος Λέρνου πάις Ὡλενίοιο –
 Λέρνου ἐπίκλησιν, γενεήν γε μὲν Ἡφαίστοιο·
 τούνεκ' ἦν πόδε σιφλός, ἀτὰρ χέρας οὐ κέ τις ἔτλη 205
 ἠγορήν τ' ὀνόσασθαι, ὃ καὶ μεταρίθμιος ἦεν
 πᾶσιν ἀριστήεσσιν Ἰήσωνι κῦδος ἀέζων.
 Ἐκ δ' ἄρα Φωκῆων κίεν Ἴφιτος, Ὀρνυτίδαο
 Ναυβόλου ἐκγεγαώς· ξεῖνος δέ οἱ ἔσκε πάροιθεν,
 ἦμος ἔβη Πυθώδε θεοπροπίας ἐρεείνων
 ναυτιλῆς, τόθι γάρ μιν ἐοῖς ὑπέδεκτο δόμοισι. 210
 Ζήτης αὖ Κάλαις τε Βορήιοι νῆες ἰκέσθην,
 οὓς ποτ' Ἐρεχθίδι Βορρῇ τέκεν Ὠρεΐθυια
 ἐσχατιῇ Θρηκῆς δυσχειμέρου· ἐνθ' ἄρα τήνγε
 Θρηκίος Βορέης ἀνερείψατο Κεκροπίηθεν,
 Ἴλισσοῦ προπάροιθε χορῶ ἐνι δινεύουσιν, 215
 καὶ μιν ἄγων ἔκαθεν, Σαρπηδονίην ὅθι πέτρην
 κλείουσιν ποταμοῖο παρὰ ῥόον Ἐργίνοιο,
 λυγαίοις ἐδάμασσε περὶ νεφέεσσι καλύψας.
 τὼ μὲν ἐπ' ἀστραγάλοισι ποδῶν ἐκάτερθεν ἐρεμνάς
 σεῖον ἀειρομένω πτέρυγας, μέγα θάμβος ἰδέσθαι, 220
 χρυσεῖαις φολίδεσσι διαυγέας· ἀμφὶ δὲ νότοις
 κράτος ἐξ ὑπάτοιο καὶ αὐχένος ἔνθα καὶ ἔνθα
 κυάνεαι δονέοντο μετὰ πνοιῇσιν ἔθειραι.
 Οὐδὲ μὲν οὐδ' αὐτοῖο πάις μενέαιεν Ἀκαστος
 ἰφθίμου Πελῖαιο δόμοις ἐνι πατρὸς ἐῆος 225
 μιμνάζειν, Ἄργος τε θεᾶς ὑποεργὸς Ἀθήνης,
 ἀλλ' ἄρα καὶ τὼ μέλλον ἐνικρινθῆναι ὁμίλῳ.
 Τόσσοι ἄρ' Αἰσονίδη συμμήστορες ἠγερέθοντο.
 τοὺς μὲν ἀριστῆας Μινύας περιναιετάοντες
 κίκλησκον μάλα πάντας, ἐπεὶ Μινύαιο θυγατρῶν 230
 οἱ πλεῖστοι καὶ ἄριστοι ἀφ' αἵματος εὐχετόωντο
 ἔμμεναι, ὥς δὲ καὶ αὐτὸν Ἰήσωνα γείνατο μήτηρ
 Ἀλκιμέδη Κλυμένης Μινυηίδος ἐκγεγαυῖα.
 Αὐτὰρ ἐπεὶ δμῶεσσιν ἐπαρτέα πάντ' ἐτέτυκτο
 ὅσσα περ ἐντύνονται ἔπαρτέα ἐνδοθι νῆες, 235
 εὗτ' ἂν ἄγῃ χρέος ἄνδρας ὑπεῖρ ἅλα ναυτίλλεσθαι,
 δὴ τότε ἴσαν μετὰ νῆα δι' ἄστεος, ἔνθα περ ἄκται
 κλείονται Παγασαὶ Μαγνήτιδες· ἀμφὶ δὲ λαῶν
 πληθὺς σπερχομένων ἄμυδις θέον, οἱ δὲ φαεινοί
 ἀστέρες ὥς νεφέεσσι μετέπρεπον. ὣδε δ' ἕκαστος 240
 ἔννεπεν εἰσορόων σὺν τεύχεσιν αἰσσοντας·
 “Ζεῦ ἄνα, τίς Πελῖαιο νόος; πόθι τόσσον ὄμιλον
 ἡρώων γαίης Παναχαΐδος ἔκτοθι βάλλει;
 αὐτῇμάρ κε δόμους ὀλοῶ πυρὶ δηώσειαν

que jovem se juntou ao valoroso grupo 195
de heróis. E creio que nenhum o venceria
a não ser Héracles, se ao menos mais um ano
tivesse estado e se nutrido co' os Etólios.
Também seu tio materno o acompanhou, instruído
nos combates com lanças e no corpo-a-corpo; 200
era Íficlo Testíada, que vinha junto.

E Pilemônio, filho de Olênio Lerno,
só por nome de Lerno, pois de Hefesto é prole;
e assim, do pé era coxo, mas ninguém zombava
de seu corpo ou valor. Enumerava-se entre 205
valiosos chefes, de Jasão crescendo a glória.

Dos Fócios veio Ífito, prole de Náubolo
Ornitida; Jasão antes fora seu hóspede
em Pito, quando o oráculo foi consultar
sobre a viagem; recebeu-o em sua casa. 210

Vieram Zetes e Calais, filhos de Bóreas,
que gerou Oritia Erectida com Bóreas
beirando a Trácia gélida. Levou-a lá
o Trácio Bóreas quando a apanhou da Cecrópia
enquanto ela dançava, nas margens do Ilisso. 215
Levou-a p'ra bem longe, à rocha nomeada
Sarpedônia, do rio Ergino aproximada,
e conquistou-a sob o véu de negras nuvens.
Podiam voar os filhos, com seus pés alados
de asas escuras e áureas escamas luzentes. 220
Quão surpreendente é a vista! E pelas costas descem
do alto do crânio, do pescoço, aqui, acolá,
as ciâneas tranças, que agitavam co' as aragens.

Não, e nem mesmo Acasto desejava, filho
do bravo Pélias, de na casa de seu pai 225
permanecer; nem Argos, auxiliar de Atena;
também eles dispunham-se a juntar-se ao grupo.

Tais foram os que enfim reuniram-se co' o Esônida.
E os vizinhos nomeavam os heróis por Mínia 230
pois muitos e os mais nobres juraram ser prole
sanguínea das filhas de Mínia; era exemplo
Jasão, o próprio, pois Alcímeda, sua mãe,
de Clímena nasceu, descendente de Mínia.

Depois de os servos entregarem tudo em ordem,
tudo o que serve como equipamento à nau 235
quando ao mar é preciso que lancem-se os homens,
até a nau iam, pela pólis, cuja costa
era a afamada Págasas de Magnésia. E o povo
corria aos montes ao redor dos que partiam;
e estes como astros em meio às nuvens brilhavam. 240
E assim diziam vendo-os avançando em armas:

“Que pensa Pélias, Zeus do céu? Aonde envia
tamanha tropa heroica, além da terra Acaia?
Num dia incendiariam por completo o paço

Αἰήτεω, ὅτε μή σφιν ἐκὼν δέρος ἐγγυαλίξῃ· 245
 ἀλλ' οὐ φυκτὰ κέλευθα, πόνος δ' ἄπρηκτος ἰοῦσιν.”
 Ὡς φάσαν ἔνθα καὶ ἔνθα κατὰ πτόλιν· αἱ δὲ γυναῖκες
 πολλὰ μάλ' ἀθανάτοισιν ἐς αἰθέρα χειῖρας ἄειρον,
 εὐχόμεναι νόστοιο τέλος θυμηδὲς ὀπάσσαι.
 ἄλλη δ' εἰς ἑτέρην ὀλοφύρετο δακρυχέουσα· 250
 “Δειλὴ Ἀλκιμέδη, καὶ σοὶ κακὸν ὀψέ περ ἔμπησ
 ἦλυθεν, οὐδ' ἐτέλεσσας ἐπ' ἀγλαΐῃ βιότοιο.
 Αἴσων αὖ μέγα δὴ τι δυσάμμορος· ἦ τέ οἱ ἦεν
 βέλτερον, εἰ τὸ πάροιθεν ἐνὶ κτερέεσσιν ἔλυσθεις
 νειόθι γαίης κεῖτο, κακῶν ἔτι νῆις ἀέθλων. 255
 ὥς ὄφελεν καὶ Φρίξον, ὅτ' ὤλετο παρθένος Ἑλλή,
 κῦμα μέλαν κριῶ ἅμ' ἐπικλύσαι· ἀλλὰ καὶ αὐδὴν
 ἀνδρομένην προέηκε κακὸν τέρας, ὥς κεν ἀνίας
 Ἀλκιμέδη μετόπισθε καὶ ἄλγεα μυρία θείῃ.”
 Αἱ μὲν ἄρ' ὥς ἀγόρευον ἐπὶ προμολῇσι κιόντων· 260
 ἔνδον δὲ δμῶές τε πολεῖς δμωαὶ τ' ἀγέροντο
 μήτηρ τ' ἀμφασίῃ βεβολημένη, ὅξυ δ' ἑκάστην
 δύνεν ἄχος· σὺν δὲ σφι πατὴρ ὀλοῶ ὑπὸ γήρῃ
 ἐντυπὰς ἐν λεχέεσσι καλυψάμενος γοάσκειν.
 αὐτὰρ ὁ τῶν μὲν ἔπειτα κατεπρήνυνεν ἀνίας, 265
 θαρσύνων· δμῶεσσι δ' ἀρήια τεύχε' ἀείρειν
 πέφραδεν, οἱ δὲ τε σῖγα κατηφές ἡείροντο.
 μήτηρ δ' ὥς τὰ πρῶτ' ἐπεχεύατο πῆχεε παιδί,
 ὥς ἔχετο κλαίους· ἀδινώτερον, ἤνυτε κούρη
 οἰόθεν ἀσπασίως πολὴν τροφὸν ἀμφιπесоῦσα 270
 μύρεται, ἣ οὐκ εἰσιν ἔτ' ἄλλοι κηδεμονῆες,
 ἀλλ' ὑπὸ μητρυνῇ βίοντον βαρὺν ἡγηλάζει·
 καὶ ἐ νέον πολέεσσιν ὀνειδέσιν ἐστυφέλιξεν,
 τῇ δὲ τ' ὀδυρομένη δέδεται κέαρ ἔνδοθεν ἄτη,
 οὐδ' ἔχει ἐκφλύξαι τόσσον γόον ὅσσον ὀρεχθεῖ – 275
 ὥς ἀδινὸν κλαίεσκεν ἐὼν πᾶν ἀγκὰς ἔχουσα
 Ἀλκιμέδη· καὶ τοῖον ἔπος φάτο κηδοσύνησιν·
 “Αἴθ' ὄφελον κεῖν' ἦμαρ, ὅτ' ἐξειπόντος ἄκουσα
 δειλὴ ἐγὼ Πελῖαο κακὴν βασιλῆος ἐφετμὴν,
 αὐτίκ' ἑλὼν ψυχὴν μεθέμεν κηδέων τε λαθέσθαι, 280
 ὄφρ' αὐτός με τεῇσι φίλαις ταρχύσαιο χερσίν,
 τέκνον ἐμόν· τὸ γὰρ οἶον ἦν ἔτι λοιπὸν ἐέλδωρ
 ἐκ σέθεν, ἀλλὰ δὲ πάντα πάλαι θρεπτήρια πέσσω.
 νῦν γε μὲν ἢ τὸ πάροιθεν Ἀχαιιάδεσσιν ἀγῆτῃ
 δμῶις ὅπως κενεοῖσι λελείψομαι ἐν μεγάροισιν, 285
 σεῖο πόθω μινύθουσα δυσάμμορος, ὅ ἔπι πολλὴν
 ἀγλαΐην καὶ κῦδος ἔχον πάρος, ὅ ἔπι μούνῳ
 μίτρην πρῶτον ἔλυσα καὶ ὕστατον, ἔξοχα γάρ μοι
 Εἰλείθυια θεὰ πολέος ἐμέγηρε τόκοιο.
 ὦ μοι ἐμῆς ἄτης· τὸ μὲν οὐδ' ὅσον οὐδ' ἐν ὀνείρῳ
 ὠισάμην, εἰ Φρίξος ἐμοὶ κακὸν ἔσσειτ' ἀλύξας.” 290
 Ὡς ἦγε στενάχουσα κινύρετο, ταὶ δὲ γυναῖκες
 ἀμφίπολοι γοάσκον ἐπισταδόν· αὐτὰρ ὁ τήνγε
 μειλίχοις ἐπέεσσι παρηγορέων προσέειπεν·

de Eetes, caso amável não conceda o velo. 245
Mas não se foge à viagem. Aos que vão: suplícios.”
Isso era dito aqui, acolá, pela cidade.
Aos deuses as mulheres erguiam as mãos,
em preces ao regresso e ao êxito ansiado.
E lamentavam-se chorosas entre si: 250
“Pobre Alcímeda, a ti também veio a desgraça,
mesmo tardia, e não findou a vida em brilho.
E Esão é o miserável mor. Melhor seria
se antes tivesse se envolvido em faixas fúnebres,
jazendo sob a terra, ignoto aos maus labores. 255
Que as ondas negras que levaram Hele, a virgem,
tivessem sepultado Frixo e seu carneiro!
Mas voz humana o monstro proferiu, que angústia
a Alcímeda mais tarde trouxe, e dores tantas.”
Tal era a arenga sobre a partida dos homens. 260
E numerosos servos e servas reuniram-se;
a mãe de Jasão sem palavra. Em cada um deles,
cortante angústia; e co’ eles padecia o pai
jazendo sob os panos e a mortal velhice.
Tentava o herói apaziguar todas angústias, 265
animando-os; e aos servos ordenou trazerem
suas armas. Cabisbaixos trouxeram-nas, quietos.
A mãe, pondo os braços sobre o filho, o retinha;
seguia soluçando muito, como a jovem
que, sozinha, se agarra meiga à ama grisalha 270
e chora, não havendo mais quem dela cuide,
só a madrastra, que oprime sua vida, implacável,
e há pouco a maltratou co’ inúmeras injúrias.
E chora, com seu coração por dentro atado,
por seu soluço não soltar tamanha dor. 275
Assim retinha o filho, em violentas queixas,
Alcímeda, que disse estas ternas palavras:
“Quisera o céu no dia em que eu mesma, infeliz,
escutei do rei Pélias o funesto mando,
tivesse a alma perdido, e olvidado o cuidado, 280
p’ra que com tuas mãos queridas me enterrasses,
meu filho. Esta satisfação de ti inda espero;
já tenho as demais pagas por bem te criar.
Agora, eu, que era entre as Aqueias admirada,
serei deixada como serva em ampla alcova, 285
por ti a murchar saudosa e triste, por quem muita
satisfação eu tive e honra, por quem, só,
o cinto desatei na vez primeira e última;
proibiu-me a deusa Ilítia que alargasse a prole.
Pobre de mim!, nunca uma vez, nem nunca em sonho 290
supus, que tanto mal traria Frixo em fuga.”
Assim em prantos suspirava, e junto a ela
lamentavam-se as servas de pé; assim, Jasão
exortou-a co’ amáveis palavras dizendo:

“Μή μοι λευγαλέας ἐνιβάλλεο μητὲρ ἀνίας 295
 ὧδε λίην, ἐπεὶ οὐ μὲν ἐρωήσεις κακότητος
 δάκρυσιν, ἀλλ’ ἔτι κεν καὶ ἐπ’ ἄλγεσιν ἄλγος ἄροιο.
 πῆματα γάρ τ’ αἰδήλα θεοὶ θνητοῖσι νέμουσιν·
 τῶν μοῖραν κατὰ θυμὸν ἀνιάζουσά περ ἔμπης 300
 τλῆθι φέρειν. θάρσει δὲ συνημοσύνησιν Ἀθήνης,
 ἡδὲ θεοπροπίησιν, ἐπεὶ μάλα δεξιὰ Φοῖβος
 ἔχρη, ἀτὰρ μετέπειτά γ’ ἀριστῶν ἐπαρωγῇ.
 ἀλλὰ σὺ μὲν νῦν αὖθι μετ’ ἀμφιπόλοισιν ἔκηλος 305
 μίμνε δόμοις, μηδ’ ὄρνις ἀεικελὴ πέλε νηί·
 κεῖσε δ’ ὁμαρτήσουσιν ἔται δμῶές τε κιόντι.”
 Ἦ, καὶ ὁ μὲν προτέρωσε δόμων ἔξ ὧρτο νέεσθαι.
 οἷος δ’ ἐκ νηοῖο θυώδεος εἴσιν Ἀπόλλων
 Δῆλον ἄν’ ἡγαθέην ἢ Κλάρων, ἢ ὅγε Πυθώ 310
 ἢ Λυκίην εὐρεῖαν ἐπὶ Ξάνθοιο ῥοῇσι –
 τοῖος ἄνὰ πληθὺν δήμου κίεν, ὧρτο δ’ αὐτὴ
 κεκκομένων ἄμυδις. τῷ δὲ ξύμβλητο γεραὴ
 Ἴφιάς Ἀρτέμιδος πολιόχου ἀρήτειρα,
 καὶ μιν δεξιτερῆς χειρὸς κύσεν· οὐδέ τι φάσθαι 315
 ἔμπης ἰεμένη δύνατο προθέοντος ὁμίλου,
 ἀλλ’ ἡ μὲν λίπετ’ αὖθι παρακλιδόν, οἷα γεραὴ
 ὀπλοτέρων, ὁ δὲ πολλὸν ἀποπλαγχθεὶς ἐλιάσθη.
 Αὐτὰρ ἐπεὶ ῥα πόληος ἐνδμήτους λίπ’ ἀγυιάς,
 ἀκτὴνδ’ ἴκανε Παγασίδα, τῇ μιν ἐταῖροι 320
 δειδέχασθ’ Ἀργῶν ἄμυδις παρὰ νηὶ μένοντες.
 στῆ δ’ ἄρ’ ἐπιπρομολών, οἱ δ’ ἀντίοι ἡγερέθοντο·
 ἐς δ’ ἐνόησαν Ἄκαστον ὁμῶς Ἄργον τε πόληος
 νόσφι καταβλώσκοντας, ἐθάμβησαν δ’ ἐσιδόντες
 πασσυδίῃ Πελῖαο παρὲκ νόον ἰθύοντας·
 δέρμα δ’ ὁ μὲν ταύροιο ποδηνεκὲς ἀμφέχετ’ ὦμους 325
 Ἄργος Ἀρεστορίδης λάχνη μέλαν, αὐτὰρ ὁ καλὴν
 δίπλακα, τὴν οἱ ὅπασσε κασιγνήτη Πελόπεια·
 ἀλλ’ ἔμπης τὼ μὲν τε διεξερέεσθαι ἕκαστα
 ἔσχετο, τοὺς δ’ ἀγορήνδε συνεδριάσθαι ἄνωγεν.
 αὐτοῦ δ’ ἰλλομένοις ἐπὶ λαΐφεσιν ἡδὲ καὶ ἰστῷ 330
 κεκλιμένῳ μάλα πάντες ἐπισχερὸν ἐδριόωντο.
 τοῖσιν δ’ Αἴσονος υἱὸς εὐφρονέων μετέειπεν·
 “Ἄλλα μὲν, ὅσσα τε νηὶ ἐφοπλίσσασθαι ἔοικεν,
 πάντα μάλ’ εὖ κατὰ κόσμον ἐπαρτέα κεῖται ἰοῦσιν,
 τῷ οὐκ ἂν δηναιὸν ἐχοίμεθα τοῖο ἔκητι 335
 ναυτιλίας, ὅτε μοῦνον ἐπιπνεύσουσιν ἀῆται·
 ἀλλὰ φίλοι, ξυνὸς γὰρ ἐς Ἑλλάδα νόστος ὀπίσσω,
 ξυναὶ δ’ ἅμμι πέλονται ἐς Αἰήταο κέλευθοι,
 τούνεκα νῦν τὸν ἄριστον ἀφειδήσαντες ἔλυσθε
 ὄρχαμον ἡμείων, ᾧ κεν τὰ ἕκαστα μέλοιτο,
 νείκεα συνθεσίας τε μετὰ ξείνοισι βαλέσθαι.” 340
 Ὡς φάτο. πάπτηναν δὲ νέοι θρασὺν Ἡρακλῆα
 ἤμενον ἐν μέσσοισι, μῆ δέ ἐ πάντες αὐτῇ
 σημαίνειν ἐπέτελλον· ὁ δ’ αὐτόθεν ἔνθα περ ἦστο
 δεξιτερὴν ἄνὰ χεῖρα τανύσσατο, φώνησέν τε·

“Não te atires, ó mãe, assim demasiado, 295
 em lúgubres pesares, pois o mal com lágrimas
 não conterás, apenas dor à dor cumulas.
 Os deuses aos mortais ignotos males mandam;
 tua parte, mesmo com o peito amargo, aguenta
 carregar; e confia nos votos de Atena, 300
 e nos oráculos, pois Febo anunciou-se
 a favor, e também na ajuda dos demais.
 Mas fica tu co’ as servas agora, serena,
 em casa, e mau agouro para a nau não sejas;
 p’ra lá comigo irão companheiros e servos.” 305
 Disse, e saiu de casa p’ra partir ao mar.
 Tal qual do templo perfumado sai Apolo
 em Delos divinal, em Claros, ou em Pito,
 ou na ampla Lícia, próxima ao fluxo do Xanto,
 assim ele ia em meio à turba populosa; 310
 subiu clamor geral de excitação. A velha
 Ifias veio, sacerdotisa da pátria
 Ártemis, e beijou-lhe a destra, e nada disse,
 embora ansiasse, estando em meio à multidão.
 E ali ficou, deixada ao lado, como velha 315
 por jovens; e ele, longe, sumiu na distância.
 Mas quando as belas ruas da pólis deixou,
 de Págasas chegou à costa, e o receberam
 os companheiros todos, ao redor da Argos.
 Parou ao encontrá-los, e eles se acercaram. 320
 Distinguiram então Acasto e Argos vindo
 já longe da cidade; e ficaram surpresos
 ao ver correrem árdusos, contra a ordem de Pélias.
 Um, dos ombros aos pés coberto em negra pele
 de touro, era Argos Arestórida; e o outro 325
 portava um manto duplo dado por Pelópia.
 Mas de inquirir os dois absteve-se Jasão;
 manda a todos, então, sentar-se em assembleia.
 E ali sentaram-se, reunidos sobre as velas
 e sobre o mastro ainda ao chão feito de banco. 330
 Disse o filho de Esão, judicioso, a eles:
 “Toda equipagem que convém a nau conter
 está disposta em boa ordem p’ra partida.
 Por isso, não convém longo tempo adiar
 o navegar, quando a favor soprar o vento. 335
 Comum será o retorno, amigos, para a Hélade,
 e a todos é comum a via ao paço de Eetes.
 Agora, sem rancores, dentre vós o líder
 escolhei, que de tudo possa encarregar-se,
 de acordos ou contendias co’ estrangeiros trate.” 340
 Falou; e os jovens espreitaram bravo Hércules,
 sentado ao centro; e em una voz todos clamaram
 elegendo-o; e sentado no lugar que estava,
 disse aos demais, erguendo a sua mão direita:

“Μή τις ἐμοὶ τόδε κῦδος ὀπαζέτω· οὐ γὰρ ἔγωγε 345
 πείσομαι, ὥς δὲ καὶ ἄλλον ἀναστήσεσθαι ἐρύξω.
 αὐτὸς ὅτις ξυνάγειρε καὶ ἀρχεῦοι ὁμάδοιο.”
 Ἦ ῥα μέγα φρονέων· ἐπὶ δ' ἦνεον ὥς ἐκέλευεν
 Ἡρακλῆς. ἀνὰ δ' αὐτὸς ἀρήιος ὥρνυτ' Ἴησων 350
 γηθόσυνος, καὶ τοῖα λιλαιομένοις ἀγόρευεν·
 “Εἰ μὲν δὴ μοι κῦδος ἐπιτρωπᾷτε μέλεσθαι,
 μηκέτ' ἔπειθ', ὥς καὶ πρίν, ἐρητύοιτο κέλευθα.
 νῦν γε μὲν ἤδη Φοῖβον ἀρεσσάμενοι θυέεσσιν
 δαῖτ' ἐντυνώμεσθα παρασχεδόν. ὄφρα δ' ἴωσιν 355
 δμῶες ἐμοὶ σταθμῶν σημάντορες οἷσι μέμνηεν
 δεῦρο βόας ἀγέληθεν ἐν κρίναντας ἐλάσσαι,
 τόφρα κε νῆ' ἐρύσαιμεν ἔσω ἄλός, ὅπλα δὲ πάντα
 ἐνθήμενοι πεπάλαχθε κατὰ κληϊδας ἐρετμά·
 τειῶς δ' αὖ καὶ βωμὸν ἐπάκτιον Ἐμβασίοιο 360
 θείομεν Ἀπόλλωνος, ὃ μοι χρεῖων ὑπέδεκτο
 σημανέειν δείξειν τε πόρους ἄλός, εἴ κε θυηλαῖς
 οὐ ἔθεν ἐξάρχωμαι ἀεθλεύων βασιλῆϊ.”
 Ἦ ῥα, καὶ εἰς ἔργον πρῶτος τράπεθ'. οἱ δ' ἐπανεστάν
 πειθόμενοι· ἀπὸ δ' εἵματ' ἐπήτριμα νηήσαντο 365
 λείῳ ἐπὶ πλαταμῶνι, τὸν οὐκ ἐπέβαλλε θάλασσα
 κύμασι, χειμερίη δὲ πάλαι ἀποέκλυσεν ἄλμη.
 νῆα δ' ἐπικρατέως Ἄργου ὑποθημοσύνησιν
 ἔζωσαν πάμπρωτον ἐυστρεφεῖ ἐνδοθεν ὄπλῳ
 τεινάμενοι ἐκάτερθεν, ἴν' εὖ ἀραροίατο γόμοις 370
 δούρατα καὶ ῥοθίοιο βίην ἔχοι ἀντιώσαν.
 σκάπτων δ' αἶψα κατ' εὖρος ὅσον †περιβάλλεται χῶρος†,
 †ῆδὲ κατὰ πρῶειραν ἔσω ἄλός ὀσσάτιόν περ
 ἐλκομένη χεῖρεσσιν ἐπιδραμέεσθαι ἔμελλεν,
 αἰεὶ δὲ προτέρῳ χθαμαλώτερον ἐξελάχαινον 375
 στείρης· ἐν δ' ὀλκῷ ξεστὰς στορέσαντο φάλαγγας·
 τὴν δὲ κατάντη κλῖναν ἐπὶ πρώτῃσι φάλαγξιν,
 ὥς κεν ὀλισθαίνουσα δι' αὐτάων φορέοιτο.
 ὕψι δ' ἄρ' ἔνθα καὶ ἔνθα μεταστρέψαντες ἐρετμά
 πήχυιον προύχοντα περὶ σκαλμοῖσιν ἔδησαν,
 τῶν δ' ἐπαμοιβαδὶς αὐτοὶ ἐνέσταθεν ἀμφοτέρωθεν 380
 στέρνα θ' ὁμοῦ καὶ χεῖρας ἐπήλασαν. ἐν δ' ἄρα Τῖφους
 βήσαθ', ἴν' ὀτρύνειε νέους κατὰ καιρὸν ἐρύσσαι.
 κεκλόμενος δ' ἦρσε μάλα μέγα, τοὶ δὲ παρᾶσσον
 ὧ κράτει βρῖσαντες ἱῆ στυφέλιξαν ἐρωῇ
 νειόθεν ἐξ ἔδρης, ἐπὶ δ' ἐρρώσαντο πόδεσσιν 385
 προπροβιαζόμενοι· ἢ δ' ἔσπετο Πηλιάς Ἀργῷ
 ῥίμφα μάλ', οἱ δ' ἐκάτερθεν ἐπίαχον αἰσσοντες·
 αἰ δ' ἄρ' ὑπὸ τρόπιδι στιβαραὶ στενάχοντο φάλαγγες
 τριβόμεναι, περὶ δὲ σφιν αἰδνὴ κήκιε λιγνύς
 βριθοσύνη· κατόλισθε δ' ἔσω ἄλός. οἱ δὲ μιν αὖθι 390
 ἂψ ἀνασειράζοντες ἔχον προτέρωσε κιοῦσαν·
 σκαλμοῖς δ' ἀμφὶς ἐρετμὰ κατήρτυον, ἐν δὲ οἱ ἰστόν
 λαίφεά τ' εὐποίητα καὶ ἀρμαλιὴν ἐβάλλοντο.
 Αὐτὰρ ἐπεὶ τὰ ἕκαστα περιφραδέως ἀλέγυναν,

“Ninguém essa honraria me conceda, pois 345
 não me induzem, e impedirei que se ergam outros.
 Que nos comande aquele que nos reuniu.”
 Falou em tom grandioso; e aprovou-se a ideia
 de Hércules; e ergueu-se o próprio Jasão bélico,
 exultante, e aos ansiosos heróis dirigiu-se: 350
 “Se a vossa glória aos meus cuidados empenhais,
 que não mais, como outrora, se obstrua o caminho.
 Agora, que sacrifiquemos para Febo
 e que o festim seja servido sem demora.
 Enquanto os servos chegam, líderes das baías, 355
 a quem mandei que tragam bois bem escolhidos,
 botemos nossa nau ao mar. Quando equipada,
 sorteai posições para bancos e remos.
 Erijamos, por hora, um pedestal a Apolo
 Embásio, que me prometeu por seu oráculo 360
 apontar-nos as vias do mar, se oferendas
 lhe desse ao começar a viagem do rei.”
 Disse, e ao labor foi primo a se voltar; os outros
 ergueram-se convictos; amontoaram vestes
 no rochedo alinhadas, que o mar não alcança 365
 co’ as ondas, mas que outrora lavara em tormenta.
 A nau, por sugestão de Argos, fortemente,
 por dentro, antes, cingiram em corda torcida
 bem esticada, p’ra que os pinos bem cravassem
 as vigas, sem cederem ao furor das vagas. 370
 Então, cavaram fosso largo como a nau
 desde a proa até o mar, por onde passaria
 empurrada por todas as mãos; e mais fundo
 cavavam sob o casco enquanto se adiantavam,
 alinhando no sulco troncagens polidas; 375
 inclinaram a proa abaixo, sobre os rolos,
 p’ra que nos rolos avançasse deslizando.
 Aqui e acolá seus remos logo colocaram,
 e os prenderam, sobrando um côvado, em toletes.
 Puseram-se em espaços entre cada remo, 380
 e se empenharam a forçar com peito e mãos.
 E embarcou Tífis p’ra ordenar o impulso aos jovens;
 lançou, de estímulo, um grito enorme. Inclinados,
 a nau eles com toda a força e num só ímpeto
 tiraram do repouso, e co’ a força dos pés 385
 marchavam; a Argo, filha do Pélion, seguia-os.
 E de todos os lados, gritos jubilosos.
 Sob a quilha gemiam os maciços troncos
 e em torno deles levantava um negro fumo
 pelo roçar, e ao mar desceram-na. Em seguida, 390
 lançaram cordas p’ra conter o seu avanço.
 Dispõem, além dos remos nos toletes, mastro,
 as bem tecidas velas e também os víveres.
 Depois de cada coisa co’ atenção disposta,

κληϊδας μὲν πρῶτα πάλῳ διεμοιρήσαντο, 395
 ἄνδρ' ἐντυναμένῳ δοιῶ μίαν· ἐκ δ' ἄρα μέσσην
 ἦρεον Ἡρακλῆϊ καὶ ἠρώων ἄτερ ἄλλων
 Ἀγκαίῳ, Τεγέης ὅς ῥα πτολίεθρον ἔναιεν·
 τοῖς μέσσην οἴοισιν ἀπὸ κληϊδα λίποντο
 αὐτῶς, οὐτι πάλῳ· ἐπὶ δ' ἔτρεπον αἰνήσαντες 400
 Τῖφυν ἐνστείρης οἴηια νηὸς ἔρυσθαι.
 Ἐνθεν δ' αὖ λάιγγας ἀλὸς σχεδὸν ὀχλίζοντες,
 νήεον αὐτόθι βωμὸν ἐπάκτιον, Ἀπόλλωνος
 Ἀκτίου Ἐμβασίοιο τ' ἐπώνυμον· ὧκα δὲ τοίγε 405
 φιτροὺς ἀζαλέης στόρεσαν καθύπερθεν ἐλαίης.
 τείως δ' αὐτ' ἀγέληθεν ἐπιπροέηκαν ἄγοντες
 βουκόλοι Αἰσονίδαο δῶ βόε· τοὺς δ' ἐρύσαντο
 κουρότεροι ἐτάρων βωμοῦ σχεδόν, οἱ δ' ἄρ' ἔπειτα
 χέρνιβά τ' οὐλοχύτας τε παρέσχεθον. αὐτὰρ Ἴησων 410
 εὐχετο κεκλόμενος πατρώιον Ἀπόλλωνα·
 “Κλῦθι ἄναξ Παγασάς τε πόλιν τ' Αἰσωνίδα ναίων
 ἡμετέροιο τοκῆος ἐπώνυμον, ὅς μοι ὑπέστης
 Πυθοῖ χρειομένῳ ἄνυσιν καὶ πείραθ' ὁδοῖο
 σημανέειν, αὐτὸς γὰρ ἐπαίτιος ἔπλευ ἀέθλων· 415
 αὐτὸς νῦν ἄγε νῆα σὺν ἀρτεμέεσσιν ἐταίροις
 κεῖσέ τε καὶ παλίνορσον ἐς Ἑλλάδα. σοὶ δ' ἂν ὀπίσσω
 τόσσων ὅσσοι κεν νοστήσομεν ἀγλαὰ ταύρων
 ἱρὰ πάλιν βωμῷ ἐπιθήσομεν, ἄλλα δὲ Πυθοῖ,
 ἄλλα δ' ἐς Ὀρτυγίην ἀπερείσια δῶρα κομίσσω· 420
 νῦν δ' ἴθι, καὶ τήνδ' ἡμιν, Ἐκηβόλε, δέξο θυηλήν,
 ἦν τοι τῆσδ' ἐπίβαθρα χάριν προτιθείμεθα νηὸς
 πρωτίστην· λύσαιμι δ', ἄναξ, ἐπ' ἀπήμονι μοίρῃ
 πείσματα σὴν διὰ μῆτιν· ἐπιπνεύσειε δ' ἀήτης
 μεῖλιχος, ὃ κ' ἐπὶ πόντον ἐλευσόμεθ' εὐδιόωντες.”
 Ἦ, καὶ ἅμ' εὐχολῇ προχύτας βάλε. τῷ δ' ἐπὶ βουσὶν 425
 ζωσάσθην, Ἀγκαῖος ὑπέρβιος Ἡρακλῆς τε·
 ἦτοι ὁ μὲν ῥοπάλῳ μέσσον κάρη ἀμφὶ μέτωπα
 πλῆξεν, ὁ δ' ἀθρόος αὐθι πεσὼν ἐνερείσατο γαίῃ·
 Ἀγκαῖος δ' ἐτέροιο κατὰ πλατὺν αὐχένα κόψας
 χαλκεῖῳ πελέκει κρατεροὺς διέκερσε τένοντας, 430
 ἦριπε δ' ἀμφοτέροισι περιρρηδῆς κεράεσσιν.
 τοὺς δ' ἔταροι σφάζαν τε θοῶς δεῖράν τε βοείας,
 κόπτον δαίτρευνόν τε καὶ ἱερὰ μῆρ' ἐτάμοντο,
 καὶ δ' ἄμυδις τάγε πάντα καλύψαντες πύκα δημῷ
 καῖον ἐπὶ σχίζησιν· ὁ δ' ἀκρήτους χέε λαιβάς 435
 Αἰσονίδης· γήθει δὲ σέλας θηεύμενος Ἴδμων
 πάντοσε λαμπόμενον θυέων ἄπο, τοῖό τε λιγνύν
 πορφυρέαις ἐλίκεσσιν ἐναΐσιμον αἴσσουσιν·
 αἶψα δ' ἀπηλεγέως νόον ἔκφατο Λητοῖδαο·
 “Υμῖν μὲν δὴ μοῖρα θεῶν χρεῖῳ τε περῆσαι 440
 ἐνθάδε κῶας ἄγοντας, ἀπειρέσιοι δ' ἐνὶ μέσσω
 κεῖσέ τε δεῦρὸ τ' ἔασιν ἀνερχομένοισιν ἄεθλοι·
 αὐτὰρ ἐμοὶ θανέειν στυγερῇ ὑπὸ δαίμονος αἴσῃ
 τηλόθι που πέπρωται ἐπ' Ἀσίδος ἠπείροιο.

primeiro os bancos distribuem por sorteio, 395
e a cada banco vão dois homens; o do meio
foi dado a Héracles e a Anceu, que na cidade
de Tegeia morava, entre os outros heróis.
Apenas para os dois deixaram esse banco,
portanto, sem sorteio; e em consenso elegeram 400
Tífis pro leme da robusta nau guardar.

Então da margem recolheram pedregulhos
e ali na praia ergueram pedestal a Apolo
chamando-o como Áctio e Embásio; nessa hora
cobriram-no com troncos secos de oliveira. 405
Chegaram, nessa altura, e trazendo dois bois
do rebanho, os pastores do Esônida. Os mais
jovens do grupo os bois levaram ao altar.
Os outros, a cevada em grãos e água lustral.
E suplicou Jasão a Apolo paternal: 410

“Ouve, senhor, que habita Págasa e Esão,
pólis nomeada igual meu pai, a mim juraste,
quando busquei-te em Pito, o sucesso e o final
da jornada, pois és do meu labor estímulo;
a nau agora leva, co’ os nossos ilesos 415
ao ir e ao regressar à Hélade. E depois,
quantos voltemos salvos, a ti tantos touros
ilustres sobre o altar de novo trago. Em Pito
seja, seja na Ortígia, infindos dons trarei.
Vem já, Hekébolo, e aceita o sacrifício 420
primeiro, pela graça desta nau, tal qual
passagem; Soberano!, que com boa fortuna
desatem-se as amarras; e que sobre um vento
suave, que nos leve calmo sobre o mar.”

Disse, e os grãos de cevada lançou. Dedicaram-se 425
os dois a preparar os bois: Anceu e Héracles.
Este com clava em meio ao crânio a fronte parte
e o touro, com o golpe, desmorona ao chão;
Anceu golpeia com machado brônzeo ao outro
em seu pescoço, repartindo os tendões rijos. 430
De bruços cai o boi por sobre os próprios chifres.
Os outros degolaram-nos e os esfolaram.
Partiram, separando as partes consagradas,
cobrindo-as em seguida com gordura densa,
e as depuseram sobre o fogo. Ali o Esônida 435
vertia libações. E se alegrava Ídmon
ao ver a chama cintilante e o fumo ariolo
que levantava dela em espiral purpúrea;
e clara do Letida fez-se ouvir a ideia:

“A vós já os deuses decidiram o retorno 440
co’ o velocino; mas durante esse caminho,
aqui e ali, serão infindas vossas lides.
A mim, morrer por hostil fado dos divinos
bem longe, sobre o continente da Ásia, é certo.

ὥδε κακοῖς δεδαῶς ἔτι καὶ πάρος οἰωνοῖσιν 445
 πότμον ἐμόν, πάτρης ἐξήιον, ὄφρ' ἐπιβαῖν
 νηὶς, ἐυκλείη δὲ δόμοις ἐπιβάντι λίπηται.”
 Ὡς ἄρ' ἔφη· κοῦροι δὲ θεοπροπίης αἰόντες
 νόστῳ μὲν γήθησαν, ἄχος δ' ἔλεν Ἴδμονος αἴση. 450
 ἦμος δ' ἡέλιος σταθερὸν παραμείβεται ἦμαρ,
 αἱ δὲ νέον σκοπέλοισιν ὑπο σκιάωνται ἄρουραι,
 δειελινὸν κλίνοντος ὑπὸ ζόφον ἡελίοιο,
 τῆμος ἄρ' ἦδη πάντες ἐπὶ ψαμάθοισι βαθεῖαν
 φυλλάδα χευάμενοι πολιοῦ πρόπαρ αἰγιαλοῖο 455
 κέκλινθ' ἐξείης· παρὰ δὲ σφισι μυρί' ἔκειτο
 εἶδατα καὶ μέθυ λαρόν, ἀφυσσαμένων προχόοισιν
 οἶνοχόων. μετέπειτα δ' ἀμοιβαδὶς ἀλλήλοισιν
 μυθεῦνθ' οἷά τε πολλὰ νέοι παρὰ δαιτὶ καὶ οἴνῳ
 τερπνῶς ἐψιόωνται, ὅτ' ἄατος ὕβρις ἀπεῖη.
 ἐνθ' αὖτ' Αἰσονίδης μὲν ἀμήχανος εἰν ἐοῖ αὐτῷ 460
 πορφύρεσκεν ἕκαστα, κατηφιόωντι ἐοικώς·
 τὸν δ' ἄρ' ὑποφρασθεὶς μεγάλη ὀπί νεῖκεσεν Ἴδας·
 “Αἰσονίδη, τίνα τήνδε μετὰ φρεσὶ μῆτιν ἐλίσσεις;
 αὐδα ἐνὶ μέσσοισι τεδὸν νόον. ἦέ σε δαμνᾷ
 τάρβος ἐπιπλόμενον, τό τ' ἀνάγκιδας ἄνδρας ἀτύζει; 465
 ἴστω νῦν δόρυ θοῦρον, ὅτῳ περιώσιον ἄλλων
 κῦδος ἐνὶ πτολέμοισιν ἀείρομαι, οὐδέ μ' ὀφέλλει
 Ζεὺς τόσον ὁσσάτιόν περ ἐμόν δόρυ, μή νύ τι πῆμα
 λοίγιον ἔσσεσθαι μηδ' ἀκράαντον ἄεθλον
 Ἴδεω γ' ἐσπομένοιο, καὶ εἰ θεὸς ἀντιόωτο· 470
 τοῖόν μ' Ἀρήνηθεν ἀοσσητῆρα κομίζεις.”
 Ἦ, καὶ ἐπισχόμενος πλεῖον δέπας ἀμφοτέρησι
 πῖνε χαλίκρητον λαρόν μέθυ, δεύετο δ' οἴνῳ
 χεῖλεα κυάνεαί τε γενειάδες. οἱ δ' ὁμάδησαν
 πάντες ὁμῶς, Ἴδμων δὲ καὶ ἀμφοδίην ἀγόρευσεν· 475
 “Δαιμόνιε, φρονέεις ὀλοφώια καὶ πάρος αὐτῷ,
 ἦέ τοι εἰς ἄτην ζωρὸν μέθυ θαρσαλέον κῆρ
 οἰδάνει ἐν στήθεσσι, θεοὺς δ' ἀνέηκεν ἀτίζειν;
 ἄλλοι μῦθοι ἔασι παρήγοροι οἷσί περ ἀνήρ
 θαρσύνοι ἔταρον· σὺ δ' ἀτάσθαλα πάμπαν ἔειπας. 480
 τοῖα φάτις καὶ τοὺς πρὶν ἐπιφλύειν μακάρεσσιν
 υἱας Ἀλωιάδας, οἷς οὐδ' ὅσον ἰσοφαρίζεις
 ἡγορέην, ἔμπης δὲ θοοῖς ἐδάμησαν ὀιστοῖς
 ἄμφω Λητοῖδαο, καὶ ἴφθιμοί περ ἐόντες.”
 Ὡς ἔφατ'· ἐκ δ' ἐγέλασεν ἄδην Ἀφαρήιος Ἴδας, 485
 καὶ μιν ἐπιλλίζων ἡμείβετο κερτομίοισιν·
 “Ἄγρει νυν τόδε σῆσι θεοπροπίησιν ἐνίσπες,
 εἰ καὶ ἐμοὶ τοιόνδε θεοὶ τελέουσιν ὄλεθρον
 οἷον Ἀλωιάδησι πατὴρ τεδὸς ἐγγυάλιξε·
 φράζεο δ' ὅπως χεῖρας ἐμὰς σόος ἐξαλέαιο, 490
 χρεῖω θεσπίζων μεταμώνιον εἴ κεν ἀλώῃς.”
 Χώετ' ἐνιπτάζων· προτέρῳ δέ κε νεῖκος ἐτύχθη,
 εἰ μὴ δηριόωντας ὁμοκλήσαντες ἐταῖροι
 αὐτός τ' Αἰσονίδης κατερήτυεν· † ἄν δὲ καὶ † Ὀρφεύς,

Assim, mesmo que saiba pelos maus augúrios 445
meu fado, deixo a minha pátria p'ra embarcar
na nau, e de quem foi que fique a nobre fama.”

Falou; e os jovens, tendo ouvido os vaticínios,
comemoraram o retorno, mas sofreram
co' o fado de Ídmon. Quando o sol ultrapassa o zênite, 450
e as sombras dos penhascos deitam sobre os campos,
e o sol torna deitando sob a umbrosa noite,
então na areia todos espalharam denso
folheto, e em frente à escura praia se deitaram
em fileiras; e havia junto a eles víveres 455
infinitos, e ânforas com fino vinho às mãos
dos servos; e alternados descreviam fábulas
uns aos outros, quais jovens que em banquete e vinhos
se alegram com prazer, se é ausente a insolência.
E as coisas meditava o Esônida consigo, 460
como homem sem recursos, minuciosamente.
Ao vê-lo, censurou-o Idas em voz alta:
“Esônida, que plano no âmago reviras?
Diz teu pensar ao centro. Te domina o medo
próximo, o que intimida os perplexos covardes? 465
Sabe por minha árdua lança, co' a qual glória
excelsa obtive em lutas – nem Zeus me ampliou
como o fez esta lança – que nenhum sofrer
será fatal, nem incompleta qualquer prova
se Idas te segue, mesmo que se oponha um deus. 470
E é tal o companheiro que trazes de Arene.”

Falou; e entre as mãos sustentando a copa plena,
bebeu um vinho puro e doce, embebeu lábios
e a negra barba; todos, juntos, comentavam,
e Ídmon discursou também publicamente: 475
“Maldito! Desde antes pensas tua ruína,
ou o vinho forte causa ao coração audaz
que aos deuses menosprezo inflames em teu peito?
Há outras palavras p'ra exortar, co' as quais um homem
anima seu parceiro; imprudente falaste, 480
pois diz-se terem dito outrora injúria análoga
os filhos de Aloeu, com os quais não te iguais,
aos bem-aventurados; sob as setas rápidas
do Letida morreram, mesmo valorosos.”

Falou; e gargalhava Idas Afareu, 485
que, com lúbricos olhos, replicou satírico:
“Agora, vamos, diz por tuas profecias
se a mim também os deuses guardam fim terrível,
tal qual enviou teu pai aos filhos de Aloeu.
Pois pensa como vivo escaparás de mim, 490
se colhes vaticínios vãos qual vento inútil.”

Se enfurecia mais a cada insulto; o embate
iria além se os gritos de seus companheiros
e até do Esônida não os domassem. Orfeu,

λαιῇ ἀνασχόμενος κίθαριν, πείραζεν ἀοιδῆς. 495
 Ἦειδεν δ' ὥς γαῖα καὶ οὐρανὸς ἠδὲ θάλασσα,
 τὸ πρὶν ἔτ' ἀλλήλοισι μιῇ συναρηρότα μορφῇ,
 νείκεος ἐξ ὀλοοῖο διέκριθεν ἀμφὶς ἕκαστα·
 ἥδ' ὥς ἔμπεδον αἰὲν ἐν αἰθέρι τέκμαρ ἔχουσιν 500
 ἄστρα, σεληναίης τε καὶ ἡελίοιο κέλευθοι·
 οὐρεά θ' ὥς ἀνέτειλε, καὶ ὥς ποταμοὶ κελάδοντες
 αὐτῇσιν νύμφησι καὶ ἔρπετὰ πάντ' ἐγένοντο.
 ἦειδεν δ' ὥς πρῶτον Ὀφίων Εὐρυνόμη τε 505
 Ὠκεανὶς νιφόντος ἔχον κράτος Οὐλύμποιο·
 ὥς τε βίη καὶ χερσὶν ὁ μὲν Κρόνῳ εἵκαθε τιμῆς,
 ἥ δὲ Ῥέῃ, ἔπεσον δ' ἐνὶ κύμασιν Ὠκεανοῖο·
 οἱ δὲ τέως μακάρεσσι θεοῖς Τιτῇσιν ἄνασσον,
 ὄφρα Ζεὺς ἔτι κοῦρος, ἔτι φρεσὶ νήπια εἰδώς,
 Δικταῖον ναίεσκεν ὑπὸ σπέος, οἱ δέ μιν οὐπῶ 510
 γηγενέες Κύκλωπες ἐκαρτύναντο κεραυνῷ,
 βροντῇ τε στεροπῇ τε· τὰ γὰρ Διὶ κῦδος ὀπάζει.
 Ἦ, καὶ ὁ μὲν φόρμιγγα σὺν ἀμβροσίῃ σχέθεν αὐδῇ·
 τοὶ δ' ἄμοτον λήξαντος ἔτι προύχοντο κάρηνα,
 πάντες ὁμῶς ὀρθοῖσιν ἐπ' οὔασιν ἡρεμέοντες 515
 κηληθμῷ· τοῖόν σφιν ἐνέλλιπε θέλκτρον ἀοιδῆς.
 οὐδ' ἔτι δὴν μετέπειτα κερασσάμενοι Διὶ λοιβάς,
 ἦ θέμις, ἐστηῶτες ἐπὶ γλώσσησι χέοντο
 αἰθομέναις, ὕπνου δὲ διὰ κνέφας ἐμνώνοντο.
 Αὐτὰρ ὅτ' αἰγλήεσσα φαεινοῖς ὄμμασιν Ἡώς 520
 Πηλίου αἰπεινὰς ἶδεν ἄκριας, ἐκ δ' ἀνέμοιο
 εὐδίῳ ἐκλύζοντο τινασσομένης ἀλὸς ἀκταί,
 δὴ τότε ἀνέγρετο Τῖφυς, ἄφαρ δ' ὀρόθυνεν ἐταίρους
 βαινέμεναί τ' ἐπὶ νῆα καὶ ἀρτύνασθαι ἐρετμά.
 σμερδαλέον δὲ λιμὴν Παγασήϊος ἠδὲ καὶ αὐτὴ 525
 Πηλιάς ἴαχεν Ἀργῶ ἐπισπέρχουσα νέεσθαι·
 ἐν γὰρ οἱ δόρυ θεῖον ἐλήλατο, τό ρ' ἀνὰ μέσσην
 στεῖραν Ἀθηναίῃ Δωδωνίδος ἥρμοσε φηγοῦ.
 οἱ δ' ἀνὰ σέλματα βάντες ἐπισχερῶ ἀλλήλοισιν,
 ὥς ἐδάσαντο πάροιθεν ἐρεσσέμεν, ᾧ ἐνὶ χώρῳ 530
 εὐκόσμως σφετέροισι παρ' ἔντεσιν ἐδριώοντο·
 μέσσω δ' Ἀγκαῖος μέγα τε σθένος Ἡρακλῆος
 ἵζανον, ἄγχι δὲ οἱ ρόπαλον θέτο· καὶ οἱ ἔνερθε
 ποσσὶν ὑπεκλύσθη νηὸς τρόπις. εἵλκετο δ' ἦδη
 πείσματα καὶ μέθυ λείβον ὑπερθ' ἀλός, αὐτὰρ Ἰήσων 535
 δακρυόεις γαίης ἀπὸ πατρίδος ὄμματ' ἔνεικεν.
 οἱ δ', ὥστ' ἠΐθεοι Φοῖβῳ χορὸν ἦ ἐνὶ Πυθοῖ
 ἦ που ἐν Ὀρτυγίῃ ἦ ἐφ' ὕδασι νῆσται Ἰσμηνοῖο
 στησάμενοι, φόρμιγγος ὑπαὶ περὶ βωμὸν ὁμαρτῇ
 ἐμμελέως κραιπνοῖσι πέδον ῥήσσωσι πόδεσσιν – 540
 ὧς οἱ ὑπ' Ὀρφῆος κιθάρῃ πέπληγον ἐρετμοῖς
 πόντου λάβρον ὕδωρ, ἐπὶ δὲ ῥόθια κλύζοντο·
 ἀφρῶ δ' ἔνθα καὶ ἔνθα κελαινὴ κήκιεν ἄλμη
 δεινὸν μορμύρουσα περισθενέων μένει ἀνδρῶν,
 στράπτε δ' ὑπ' ἡελίῳ φλογὶ εἵκελα νηὸς ἰούσης

alçando à esquerda a lira experimenta o canto. 495

Cantava como a terra, o céu, e como o mar,
antes unidos todos sob uma só forma,
desagregaram-se depois de vil discórdia;
e como no céu sempre têm limite fixo
as estrelas e os rumos do sol e da lua; 500
como montes se ergueram, como rios ruidosos
e as ninfas e animais rastejantes nasceram.
Cantava como, no início, Ofião e Eurínome
Oceanida habitavam o nevado Olimpo;
como um cedeu sob grande fúria o cargo a Cronos, 505
e a outra a Reia, e despencaram no Oceano;
estes reinaram sobre os divinos Titãs,
enquanto o ainda jovem Zeus, e ainda ingênuo,
habitava de Dicte a gruta; e ainda não
tinham-lhe dado o raio os Ciclopes terrígenos, 510
nem trovão, nem relâmpago; glórias de Zeus.

Ele findou, cessando a lira e a voz ambrósia.
À frente os outros suas cabeças inclinavam,
igualmente, bastante atentos e aquietados
pelo encanto; tamanha a força do feitiço. 515
E tendo misturado as libações a Zeus,
como é costume, sobre as línguas derramaram-nas
ardentes, e encontraram nas trevas o sono.

Mas quando a cintilante Aurora de olhos fúlgidos
viu de Pélion os altos cumes, e nas costas 520
serenas salpicava o mar tempestuoso,
despertou Tífis; rápido animou os outros
a pôr os pés na nau e organizar os remos.
De modo horrível rangia o porto de Págasas
e a própria nau do Pélion, conclamando à ida: 525
dentro havia uma viga sacra, de um carvalho
de Dodona, por Palas posto em meio à quilha.
Eles, um após outro, sentaram nos bancos,
como antes de remar haviam combinado,
e ordenados ficaram junto de suas armas. 530
Ao meio Anceu e o bravo Héracles sentaram;
este pousou por perto a própria clava, e a quilha
da nau vergou sob os seus pés; se retiravam
os cabos, e vertiam vinho ao mar. Jasão,
choroso, os olhos pôs p'ra longe de sua pátria. 535
E qual mancebos que p'ra Febo em Pito dançam,
ou na Ortígia, ou beirando as correntes do Ismeno,
e com o som da fórminge ao redor do altar
ressoam juntos com os pés batendo ao chão,
assim co' os remos, sob a cítara de Orfeu 540
batiam n'água inquieta, e as vagas colidiam.
E aqui e acolá a salmoura negra borrifava
terrível, pela força dos heróis golpeada.
Partindo a nau, brilhavam sob o sol as armas,

τεύχεα· μακραι δ' αἰὲν ἐλευκαίνοντο κέλευθοι, 545
 ἀτραπὸς ὧς χλοεροῖο διειδομένη πεδίοιο.
 πάντες δ' οὐρανόθεν λεῦσσον θεοὶ ἤματι κείνῳ
 νῆα καὶ ἡμιθέων ἀνδρῶν γένος, οἳ τότε ἄριστοι
 πόντον ἐπιπλώεσκον· ἐπ' ἀκροτάτησι δὲ νύμφαι 550
 Πηλιάδες σκοπιῇσιν ἐθάμβεον, εἰσορόωσαι
 ἔργον Ἀθηναίης Ἰωνίδος ἡδὲ καὶ αὐτοῦς
 ἥρωας χεῖρεςσιν ἐπικραδάοντας ἐρετμά·
 αὐτὰρ ὅγ' ἐξ ὑπάτου ὄρεος κίεν ἄγχι θαλάσσης
 Χείρων Φιλλυρίδης, πολιῇ δ' ἐπὶ κύματος ἀγῇ 555
 τέγγε πόδας, καὶ πολλὰ βαρεῖη χειρὶ κελεύων
 νόστον ἐπευφήμησεν ἀπηρέα νισσομένοισιν·
 σὺν καὶ οἱ παράκοιτις, ἐπωλένιον φορέουσα
 Πηλεΐδην Ἀχιλῆα, φίλῳ δειδίσκετο πατρί.
 Οἱ δ' ὅτε δὴ λιμένος περιηγέα κάλλιπον ἀκτὴν
 φραδοσύνη μῆτι τε δαΐφρονος Ἀγνιάδαο 560
 Τίφυος, ὅς ῥ' ἐνὶ χερσὶν εὐξοα τεχνηέντως
 πηδάλι' ἀμφιέπεσκ', ὄφρ' ἔμπεδον ἐξιθύνει,
 δὴ ῥα τότε μέγαν ἴστον ἐνεστήσαντο μεσόδμη,
 δῆσαν δὲ προτόνοισι, τανυσσάμενοι ἐκάτερθεν· 565
 καὶ δ' αὐτοῦ λῖνα χεῦαν, ἐπ' ἡλακάτην ἐρύσαντες,
 ἐν δὲ λιγὺς πέσεν οὖρος· ἐπ' ἰκριόφιν δὲ κάλωας
 ξεστῆσιν περόνησι διακριδὸν ἀμφιβαλόντες
 Τισαῖην εὐκῆλοι ὑπὲρ δολιχὴν θεὸν ἄκρην.
 τοῖσι δὲ φορμίζων εὐθήμονι μέλπεν ἀοιδῇ 570
 Οἰάγροιο πάϊς Νηοσσόον εὐπατέρειαν
 Ἄρτεμιν, ἣ κείνας σκοπιάς ἀλὸς ἀμφιέπεσκεν
 ῥυομένη καὶ γαῖαν Ἰωλκίδα. τοῖ δὲ βαθείης
 ἰχθύες αἰσσοντες ὑπερθ' ἀλός, ἄμμιγα παύροις
 ἄπλετοι, ὕγρὰ κέλευθα διασκαίροντες ἔποντο· 575
 ὥς δ' ὁπότε ἀγραύλοιο μετ' ἵχνια σημαντήρος
 μυρία μῆλ' ἐφέπονται ἄδην κεκορημένα ποίης
 εἰς αὖλιν, ὃ δὲ τ' εἴσι πάρος, σύριγγι λιγείῃ
 καλὰ μελιζόμενος νόμιον μέλος – ὧς ἄρα τοίγε
 ὠμάρτευν· τὴν δ' αἰὲν ἐπασσύτερος φέρειν οὖρος.
 Αὐτίκα δ' ἡερίη πολυλήϊος αἶψα Πελασγῶν 580
 δύετο, Πηλιάδας δὲ παρεξήμειβον ἐρίπνας,
 αἰὲν ἐπιπροθέοντες, ἔδυνε δὲ Σηπιάς ἄκρην·
 φαίνετο δ' εἰναλίη Σκίαθος, φαίνοντο δ' ἄπωθεν
 Πειρεσῖαι Μάγνησά θ' ὑπεύδιος ἡπείροιο
 ἀκτὴ καὶ τύμβος Δολοπήϊος. ἔνθ' ἄρα τοίγε 585
 ἐσπέριοι ἀνέμοιο παλιμπνοίησιν ἔκελσαν·
 καὶ μιν κυδαίνοντες ὑπὸ κνέφας ἔντομα μῆλων
 κέϊαν ὀρινομένης ἀλὸς οἴδματι, διπλόα δ' ἀκταῖς
 ἤματ' ἐλινύεσκον. ἀτὰρ τριτάτῳ προέηκαν
 νῆα, τανυσσάμενοι περιώσιον ὑψόθι λαῖφος· 590
 τὴν δ' ἀκτὴν Ἀφέτας Ἀργοῦς ἔτι κικλήσκουσιν.
 Ἐνθεν δὲ προτέρωσε παρεξέθειον Μελίβοϊαν,
 ἀκτὴν τ' αἰγιαλὸν τε δυσήνεμον ἴεισορόωντες·
 ἡῶθεν δ' Ὀμόλην αὐτοσχεδὸν εἰσορόωντες

qual chama; e infinda a longa via alvorecia, 545
tal qual trajeto destacado em verde plano.
Do céu, naquele dia, os deuses observavam
a nau e a raça de homens semidivos, que eram
os melhores, então, a navegar; nos sumos
fitavam assombradas as ninfas do Pélion 550
o trabalho de Atena Itonida e os próprios
heróis que com as mãos moviam os seus remos.
E do alto do mais alto monte veio ao mar
Quíron Filirida, e molhou os pés bem onde
quebrava a onda branca, e brandindo a mão forte, 555
aos que partiam desejou um bom regresso.
Com ele estava a esposa, que tinha em seus braços
Aquiles Pelida, e saudava o pai querido.
Quando do porto a costa curvada deixaram,
co' a astúcia e co' o conselho do habilidoso Tífis 560
Agníada, que hábil manejava o leme
ornamentado, p'ra que firme os conduzisse,
então o mastro na coxia colocaram
e o afixaram com os cabos pelos lados,
e enfim as velas estenderam sobre o poste. 565
Um bom vento as inchava. E co' as adriças postas
bem firmes no convés, nos pinos de madeira,
passaram pelo cabo Tiseu sossegados.
E a eles, com o fórminge, o filho de Eagro
cantava em festa a bem-nascida salva-naus, 570
Ártemis, que do mar guardava aqueles picos
e ainda a região de Iolcos; e lançavam-se
pelo mar fundo os peixes, miúdos e imensos
misturados, seguindo em saltos a hidrovia.
Como quando, no campo, a trilha do pastor 575
incontáveis ovelhas seguem satisfeitas
de pasto, e ele à frente com a pura flauta
tocando belos sons bucólicos, assim
iam os peixes; e um bom vento os conduzia.
Bem cedo, a milharada região Pelasga 580
desvanecia; e avançando foram pelos
montes rugosos do Pélion, e o cabo Sépio
também sumiam. E surgiu no mar Escíato
e mais longe a Pirésia, e ainda a calma costa
Magnésia, e a Dolopeia tumba. E assim, 585
à noite ali ancoraram, tendo o vento contra,
e em honra a ele, na penumbra, eles queimaram
ovelhas, quando inchava-se o mar; por dois dias
descansaram na costa; e no terceiro a nau
moveram, tendo no alto içado a imensa vela. 590
Por isso chamam essa costa Afetas de Argo.
Passaram, depois disso, pela Melibeia
olhando a costa e sua praia tormentosa.
No alvorecer, Hômla viram junto ao mar

πόντω κεκλιμένην παρεμέτρεον. οὐδ' ἔτι δηρὸν 595
 μέλλον ὑπὲκ ποταμοῖο βαλεῖν Ἀμύροιο ρέεθρα·
 κεῖθεν δ' Εὐρυμένας τε πολυκλύστους τε φάραγγας
 Ὅσσης Οὐλύμποιο τ' ἐσέδρακον, αὐτὰρ ἔπειτα
 κλίτεια Παλλήναια, Καναστραίην ὑπὲρ ἄκρην,
 ἦνυσαν, ἐννύχιοι πνοιῇ ἀνέμοιο θεόντες. 600
 ἦρι δὲ νισσομένοισιν Ἄθω ἀνέτειλε κολώνη
 Θρηκίη, ἥ τόσσον ἀπόπροθι Λῆμνον ἐοῦσαν
 ὅσσον ἐς ἐνδιόν κεν εὐστολος ὀλκὰς ἀνύσσαι,
 ἀκροτάτῃ κορυφῇ σκιάει καὶ ἐσάχρι Μυρίνης.
 τοῖσιν δ' αὐτῆμαρ μὲν ἄεν καὶ ἐπὶ κνέφας οὖρος 605
 πάγχυ μάλ' ἀκραῆς, τετάνυστο δὲ λαίφεα νηός·
 αὐτὰρ ἅμ' ἠελίοιο βολαῖς ἀνέμοιο λιπόντος,
 εἰρεσίῃ κραναὴν Σιντηίδα νῆσον ἵκοντο.
 Ἐνθ' ἄμυδις πᾶς δῆμος ὑπερβασίησι γυναικῶν
 νηλειῶς δέδμητο παροιχομένῳ λυκάβαντι. 610
 δὴ γὰρ κουριδίας μὲν ἀπηνήναντο γυναῖκας
 ἄνδρες ἐχθήραντες, ἔχον δ' ἐπὶ ληιάδεσσι
 τρηχὺν ἔρον, ἃς αὐτοὶ ἀγίνεον ἀντιπέρηθεν
 Θρηκίην δηοῦντες· ἐπεὶ χόλος αἰνὸς ὄπαζε
 Κύπριδος, οὐνεκά μιν γεράων ἐπὶ δηρὸν ἄτισσαν. 615
 ὦ μέλεια ζήλοιο τ' ἐπισμυγεῶς ἀκόρητοι·
 οὐκ οἶον σὺν τῇσιν ἐοὺς ἔρραισαν ἀκοίτας
 ἀμφ' εὐνῇ, πᾶν δ' ἄρσεν ὁμοῦ γένος, ὥς κεν ὀπίσσω
 μή τινα λευγαλέοιο φόνου τείσειαν ἀμοιβήν.
 οἷη δ' ἐκ πασέων γεραροῦ περιφείσατο πατρός 620
 Ὑψιπύλεια Θόαντος, ὃ δὴ κατὰ δῆμον ἄνασσε,
 λάρνακι δ' ἐν κοίλῃ μιν ὑπερθ' ἀλὸς ἦκε φέρεσθαι,
 αἶ κε φύγῃ. καὶ τὸν μὲν ἐς Οἰνοίην ἐρύσαντο
 (πρόσθεν, ἀτὰρ Σίκινόν γε μεθύστερον αὐδηθεῖσαν)
 νῆσον ἐπακτῆρες (Σικίνου ἄπο, τὸν ῥα Θόαντι 625
 νηιάς Οἰνοίῃ νύμφῃ τέκεν εὐνηθεῖσα)·
 τῇσι δὲ βουκόλῳ τε βοῶν χάλκειά τε δύνειν
 τεύχεα πυροφόρους τε διατμήξασθαι ἀρούρας
 ῥήϊτερον πάσησιν Ἀθηναίης πέλεν ἔργων,
 οἷς αἰεὶ τὸ πάροιθεν ὀμίλεον. ἀλλὰ γὰρ ἔμπης 630
 ἦ θαμὰ δὴ πάπταινον ἐπὶ πλατὺν ὄμμασι πόντον
 δείματι λευγαλέῳ ὁπότε Θρήικες ἴασι·
 τῷ καὶ ὅτ' ἐγγύθι νήσου ἐρεσσομένην ἴδον Ἀργῷ,
 αὐτίκα πασσυδίῃ πυλέων ἔκτοσθε Μυρίνης
 δῆια τεύχεα δῦσαι ἐς αἰγιαλὸν προχέοντο, 635
 Θυιάσιν ὠμοβόροις ἵκελαι, φὰν γάρ που ἰκάνειν
 Θρήικας· ἥ δ' ἅμα τῇσι Θεαντιάς Ὑψιπύλεια
 δύν' ἐνὶ τεύχεσι πατρός. ἀμηχανίῃ δ' ἔσχοντο
 ἄφθογοι, τοῖόν σφιν ἐπὶ δέος ἠωρεῖτο.
 Τείως δ' αὖτ' ἐκ νηὸς ἀριστῆες προέηκαν 640
 Αἰθαλίδην κήρυκα θεόν, τῷπέρ τε μέλεσθαι
 ἀγγελίας καὶ σκῆπτρον ἐπέτραπον Ἑρμείας
 σφωιτέριοιο τοκῆος, ὃ οἱ μνηστὶν πόρε πάντων
 ἄφθιτον· οὐδ' ἔτι νῦν περ ἀποιχομένου Ἀχέροντος

e a circundaram; pouco depois se encontravam 595
na foz do rio Amiro, prestes a cruzá-lo.
Viram dali Eurímenas e as fendas do Ossa
inundadas e as do Olimpo. Então alcançaram
os clivos de Palene, além do promontório
de Canastra, correndo ao vento pela noite. 600
Bem cedo, surgiu Atos diante deles, monte
Trácio, que embora fosse tão longe de Lemnos
quanto percorre a nau mercante em meio dia,
tal pico inda sombreia, longe até Mirina.
Até a noite, naquele dia, um vento bom 605
soprou forte, esticando a vela do navio.
Mas ao tombar do sol, co' o abandonar do vento,
remando foram 'té a rochosa Lemnos Síntia.
Ali, os homens do povo foram, de uma vez,
mortos pelas mulheres no ano anterior. 610
Pois tendo rejeitado as esposas legítimas,
execrando-as, desejo bruto tinham pelas
cativas, que eles despojavam do outro lado,
pilhando a Trácia; os escoltava o atroz rancor
de Cípris, pois há muito a ela não honravam. 615
Ó, miseráveis! Insaciadas de ciúmes,
não somente os maridos com elas mataram
na cama, mas os homens todos, p'ra que não
houvesse no futuro a paga do massacre.
De todas, só Hipsípile poupou o velho 620
pai, Toante, que sobre a multidão reinava;
e em um baú vazio lançou-o ao mar, p'ra assim
quicá escapar. E pescadores o arrastaram
p'ra ilha que era antes Eneia, e então Sicino,
por causa de Sicino, gerado de Eneia, 625
a ninfa, após ter se deitado com Toante.
Vestir os brônzeos trajes e os bois pastorear,
e arar as plantações de trigo era mais fácil
p'ra elas que os trabalhos de Atena, co' os quais
se ocupavam outrora. No entanto, frequente 630
pousavam sobre o vasto mar os seus olhares,
temendo horivelmente a chegada dos Trácios.
Por isso, quando viram junto à ilha a Argo,
iam em multidão das portas de Mirina
vestidas para a guerra, à praia despejando-se, 635
como Tíades carniceras, pois talvez
viessem Trácios; e Hipsípile Toantida co' elas
vestiu do pai as armas. Receosas desciam
sem fala; tal o horror que sobre elas pairava.
Entretanto, os heróis despachavam da nau 640
o ágil mensageiro Etálida, incumbido
de portar as mensagens e o báculo de Hermes,
seu pai, que concedeu-lhe memória imortal.
Nem mesmo agora, entrando em imprevistos vórtices

δίνας ἀπροφάτους ψυχὴν ἐπιδέδρομε λήθη· 645
 ἀλλ' ἤγ' ἔμπεδον αἰὲν ἀμειβομένη μεμόρηται,
 ἄλλοθ' ὑποχθονίοις ἐναρίθμιος, ἄλλοτ' ἐς αὐγὰς
 ἡελίου ζωοῖσι μετ' ἀνδράσιν – ἀλλὰ τί μύθους
 Αἰθαλίδew χρεῖώ με διηγεκέως ἀγορεύειν;
 ὃς ῥα τόθ' Ὑψιπύλῃν μειλίζατο δέχθαι ἰόντας 650
 ἡματος ἀνομένοιο διὰ κνέφας. οὐδὲ μὲν ἠοῖ
 πείσματα νηὸς ἔλυσαν ἐπὶ πνοιῇ βορέαο.
 Λημνιάδες δὲ γυναῖκες ἀνὰ πτόλιν ἶζον ἰοῦσαι
 εἰς ἀγορὴν, αὐτὴ γὰρ ἐπέφραδεν Ὑψιπύλεια.
 καὶ ῥ' ὅτε δὴ μάλα πᾶσαι ὁμίλαδὸν ἠγερέθοντο, 655
 αὐτίκ' ἄρ' ἤγ' ἐνὶ τῇσιν ἐποτρύνουσ' ἀγόρευεν·
 “ὦ φίλαι, εἰ δ' ἄγε δὴ μενοεικέα δῶρα πόρωμεν
 ἀνδράσιν, οἷά τ' ἔοικεν ἄγειν ἐπὶ νηὸς ἔχοντας,
 ἦια καὶ μέθυ λαρόν, ἵν' ἔμπεδον ἔκτοθι πύργων
 μίμνοινεν, μηδ' ἄμμε κατὰ χρεῖώ μεθέποντες 660
 ἀτρεκέως γνώωσι, κακὴ δ' ἐπὶ πολλὸν ἵκηται
 βάξις, ἐπεὶ μέγα ἔργον ἐρέξαμεν· οὐδέ τι πάμπαν
 θυμηδὲς καὶ τοῖσι τόγ' ἔσσεται εἴ κε δαεῖεν.
 ἡμετέρη μὲν νῦν τοίῃ παρενήνοθε μῆτις·
 ὑμέων δ' εἴ τις ἄρειον ἔπος μητίσεται ἄλλη, 665
 εἰρέσθω· τοῦ γάρ τε καὶ εἵνεκα δεῦρο κάλεσσα.”
 ὣς ἄρ' ἔφη, καὶ θῶκον ἐφίζανε πατὴρ ἐοῖο
 λάινον. αὐτὰρ ἔπειτα φίλῃ τροφὸς ὄρτο Πολυξῶ.
 γῆρα δὴ ῥικνοῖσιν ἐπισκάζουσα πόδεσσιν,
 βάκτρῳ ἐρείδομένη, πέρι δὲ μενέαιν' ἀγορεύσαι· 670
 τῇ καὶ παρθενικαὶ πίσυρες σχεδὸν ἐδριόωντο
 ἀδμήτες, λευκῇσιν ἐπιχνοάουσαι ἐθειραῖς.
 στῆ δ' ἄρ' ἐνὶ μέσση ἀγορῇ, ἀνὰ δ' ἔσχεθε δειρὴν
 ἦκα μόλις κυφοῖο μεταφρένου, ὧδέ τ' ἔειπεν·
 “Δῶρα μὲν, ὥς αὐτῇ περ ἐφανεράναι Ὑψιπυλείῃ, 675
 πέμπωμεν ξείνοισιν, ἐπεὶ καὶ ἄρειον ὁπάσσαι·
 ὕμμι γε μὴν τίς μῆτις ἐπαυρέσθαι βιότοιο,
 αἷ κεν ἐπιβρίσῃ Θρήϊξ στρατὸς ἠέ τις ἄλλος
 δυσμενέων, ἃ τε πολλὰ μετ' ἀνθρώποισι πέλονται,
 ὥς καὶ νῦν ὅδ' ὄμιλος ἀνωίστως ἐφικάνει; 680
 εἰ δὲ τὸ μὲν μακάρων τις ἀποτρέποι, ἄλλα δ' ὀπίσσω
 μυρία δηιοτῆτος ὑπέρτερα πῆματα μίμνει.
 εὗτ' ἂν δὴ γεραραὶ μὲν ἀποφθινύθωσι γυναῖκες,
 κουρότεραι δ' ἄγονοι στυγερόν ποτὶ γῆρας ἵκησθε,
 πῶς τῆμος βώσεσθε, δυσάμμοροι; ἦε βαθείαις 685
 αὐτόματοι βόες ὕμμιν ἐνιζευχθέντες ἀρούραις
 γειοτόμον νειοῖο διειρύσσουσιν ἄροτρον,
 καὶ πρόκα τελλομένου ἔτεος στάχυν ἀμήσονται;
 ἦ μὲν ἐγὼν, εἰ καὶ μετὰ νῦν ἔτι πεφρίκασιν
 Κῆρες, ἐπερχόμενόν που οἶομαι εἰς ἔτος ἤδη 690
 γαῖαν ἐφέσσεσθαι, κτερέων ἀπὸ μοῖραν ἐλοῦσα
 αὐτῶς ἢ θέμις ἐστί, πάρος κακότητι πελάσσαι·
 ὀπλοτέρησι δὲ πάγχυ τάδε φράζεσθαι ἄνωγα.
 νῦν γὰρ δὴ παρὰ ποσσὶν ἐπήβολός ἐστ' ἀλεωρή,

do Aqueronte, em sua alma penetrou o oblívio; 645
 pois esta tem em seu destino a infinda troca,
 que ora entre os subterreos vai, ora entre os homens
 vivos sob o raiar do sol. Mas por que as lendas
 de Etálida é preciso que eu conte integrais?
 Pois ele convenceu Hipsípila a acolher 650
 quem vinha ao pôr do sol; mas a nau não soltaram
 nem na aurora, por causa do sopro de Bóreas.

E as mulheres de Lemnos, vindo pelas pólis,
 reuniram-se, tal qual Hipsípila ordenara.
 E quando em assembleia unidas se encontravam, 655
 seu discurso impelia às outras desse modo:

“Amigas, bom será gentis regalos darmos
 aos homens, coisas que convêm levar à nau,
 víveres, vinho puro, p’ra mantê-los fora
 de nossas torres, e que por necessidade 660
 não venham cá a saber verdades e se espalhe
 um rumor grave; pois obramos atos vis,
 e não será de agrado a ninguém, se souberem.
 Em minha mente surge agora tal astúcia;
 mas, se de vós alguém tiver melhor propósito, 665
 que levante; também p’ra isso vos chamei.”

Assim falou; sentou-se então no pétreo trono
 do próprio pai; se pôs de pé a ama Polixo,
 que tinha vasta idade sobre os frouxos pés,
 e, ansiosa por falar, num bastão se sustinha. 670
 Ao seu redor estavam quatro intactas damas;
 distinguiam-se todas pelas alvas comas.
 E estando ao centro da assembleia, debilmente
 ergueu o pescoço sobre o curvo dorso, e disse:

“Esses regalos, como intenta a própria Hipsípila, 675
 aos estranhos mandemos, que é melhor assim.
 Mas e a nós, como sustentar-nos a nós mesmas
 se nos ataca a Trácia tropa ou qualquer outra,
 como acontece aos homens com certa frequência,
 Assim como veio esta inesperada turba? 680
 E se algum dos divinos isso afasta, infindos
 e outros males esperam, piores que a guerra,
 quando todas as velhas mulheres morrerem,
 e a vós jovens, inférteis, vier velhice trágica.
 Como resistirão, ó miseráveis? Vão 685
 acaso autômatos os bois trazer o arado
 p’ra vós, e abrir os sulcos, repartir a terra,
 e à translação de um ano recolher espigas?
 Pois eu, embora as Queres quanto a mim se ericem,
 creio no próximo ano estar toda coberta 690
 de terra, após ter recebido ritos fúnebres,
 como é devido, antes que a ruína se aproxime.
 Às jovens aconselho nisto pensar bem.
 A vossos pés se avista, pois, escapatória,

εἴ κεν ἐπιτρέψητε δόμους καὶ ληίδα πᾶσαν 695
 ὑμετέρεην ξείνοισι καὶ ἀγλαὸν ἄστρῳ μέλεισθαι.”
 ὣς ἔφατ'· ἐν δ' ἀγορῇ πλῆτο θρόου, εὐάδε γάρ σφιν
 μῦθος· ἀτὰρ μετὰ τήνγε παρασχεδὸν αὐτὶς ἀνῶρτο
 Ὑψιπύλῃ, καὶ τοῖον ὑποβλήδην ἔπος ἡῶδα·
 “Εἰ μὲν δὴ πάσῃσιν ἐφανδάνει ἦδε μενοινή, 700
 ἦδη κεν μετὰ νῆα καὶ ἄγγελον ὀτρύναιμι.”
 Ἦ ῥα, καὶ ἀμφίπολον μετεφώνεεν ἄσπον ἐοῦσαν·
 “Ὅρσο μοι, Ἰφινόη, τοῦδ' ἀνέρος ἀντιόωσα
 ἡμέτερόνδε μολεῖν ὅστις στόλου ἡγεμονεύει,
 ὄφρα τί οἱ δῆμοιο ἔπος θυμηδὲς ἐνίσπω· 705
 καὶ δ' αὐτοὺς γαίης τε καὶ ἄστεος, αἴ κ' ἐθέλωσι,
 κέκλεο θαρσαλέως ἐπιβαινέμεν εὐμενέοντας.”
 Ἦ, καὶ ἔλυσ' ἀγορὴν· μετὰ δ' εἰς ἐὸν ὦρτο νέεσθαι.
 ὧς δὲ καὶ Ἰφινόη Μινύας ἵκεθ'· οἱ δ' ἐρέεινον
 χρεῖος ὅ τι φρονέουσα μετήλυθεν. ὦκα δὲ τούσγε 710
 πασσυδίῃ μῦθοισι προσέννεπεν ἐξερέοντας·
 “Κούρη τοί μ' ἐφέηκε Θοαντιάς ἐνθάδ' ἰοῦσαν
 Ὑψιπύλῃ καλέειν νηὸς πρόμον ὅστις ὄρωρεν,
 ὄφρα τί οἱ δῆμοιο ἔπος θυμηδὲς ἐνίσπη·
 καὶ δ' αὐτοὺς γαίης τε καὶ ἄστεος, αἴ κ' ἐθέλητε, 715
 κέκλεται αὐτίκα νῦν ἐπιβαινέμεν εὐμενέοντας.”
 ὣς ἄρ' ἔφη, πάντεσσι δ' ἐναΐσιμος ἦνδανε μῦθος·
 Ὑψιπύλῃ δ' εἴσαντο καταφθιμένοιο Θόαντος
 τηλυγέτην γεγαυῖαν ἀνασσέμεν. ὦκα δὲ τόνγε
 πέμπον ἴμεν, καὶ δ' αὐτοὶ ἐπεντύνοντο νέεσθαι. 720
 Αὐτὰρ ὅγ' ἀμφ' ὥμοισι, θεᾶς Ἰτωνίδος ἔργον,
 δίπλακα πορφυρέην περονήσατο, τήν οἱ ὄπασσε
 Παλλάς, ὅτε πρῶτον δρυόχους ἐπεβάλλετο νηὸς
 Ἀργοῦς, καὶ κανόνεσσι δάε ζυγὰ μετρήσασθαι.
 τῆς μὲν ῥηϊτέρων κεν ἐς ἡέλιον ἀνιόντα 725
 ὅσσε βάλοις ἢ κεῖνο μεταβλέψειας ἔρευθος·
 δὴ γάρ τοι μέσση μὲν ἐρευθήεσσα τέτυκτο·
 ἄκρα δὲ πορφυρέη πάντη πέλεν, ἐν δ' ἄρ' ἐκάστω
 τέρματι δαίδαλα πολλὰ διακριδὸν εὖ ἐπέπαστο.
 Ἐν μὲν ἔσαν Κύκλωπες ἐπ' ἀφθίτῳ ἡμμένοι ἔργῳ, 730
 Ζηνὶ κεραυνὸν ἄνακτι πονεύμενοι· ὃς τόσον ἦδη
 παμφαίνων ἐτέτυκτο, μιῆς δ' ἔτι δεύετο μοῦνον
 ἀκτῖνος· τὴν οἴγε σιδηρεΐης ἐλάασκον
 σφύρησιν, μαλεροῖο πυρὸς ζεῖουσιν ἀντμήν.
 Ἐν δ' ἔσαν Ἀντιόπης Ἀσωπίδος υἱέε δοιῶ, 735
 Ἀμφίων καὶ Ζῆθος, ἀπύργωτος δ' ἔτι Θήβῃ
 κεῖτο πέλας· τῆς οἴγε νέον βάλλοντο δομαίους
 ἰέμενοι· Ζῆθος μὲν ἐπωμαδὸν ἡέρταζεν
 οὖρεος ἡλιβάτοιο κάρη, μογέοντι ἐοικώς·
 Ἀμφίων δ' ἐπὶ οἷ χρυσέῃ φόρμιγγι λιγαίων 740
 ἦι, δις τόσση δὲ μετ' ἵχνια νίσσετο πέτρῃ.
 Ἐξεΐης δ' ἤσκητο βαθυπλόκαμος Κυθήρεια
 Ἄρεος ὀχμάζουσα θοὸν σάκος, ἐκ δὲ οἱ ὦμου
 πῆχυν ἐπὶ σκαιὸν ξυνοχὴ κεχάλαστο χιτῶνος

se confiardes as casas e todos os vossos
bens e a luzente cidade às mãos dos estranhos.” 695

Disse; e houve na ágora rumor. Pois foi do agrado
aquela fala. E então ergueu-se novamente
Hipsípíle, e foi tal a sua fala em resposta:

“Se tal resolução é, pois, de agrado a todas, 700
com toda pressa envio a mensageira à nau.”

E então a Ifínoe proferiu, perto postada:

“Levanta, Ifínoe, e vai encontrar-se com o homem
e traze-o até nós, quem lidere essa empresa,
p’ra que lhe conte a amável decisão do povo; 705
e se lhes for do agrado, invita-os a adentrar
amigáveis, sem medo, em nossa terra e pólis”.

Assim, findou o encontro e partiu para o lar.
Também partiu aos Mínias Ifínoe; e a ela
interrogavam eles a intenção da vinda. 710

A tanto respondeu com tal fala e relato:

“Até aqui me enviou a filha de Toante,
Hipsípíle, a chamar da nau quem seja o líder,
p’ra que lhe conte a amável decisão do povo;
e se a vós for do agrado, invita-os a adentrar 715
amigáveis, sem medo, em nossa terra e pólis”.

Assim falou, causando agrado o bom discurso.
Supuseram que, morto Toante, a filha Hipsípíle
teria herdado o trono e reinava; com pressa
mandaram Jasão, e eles mesmos se aprontaram. 720

Prendeu nos ombros, obra da deusa Tritônia,
o ambifácie e purpúreo manto, dado a ele
por Palas, iniciada a construção da Argo,
quando ouviu dela como medir os seus bancos.
Seria até mais fácil levantar os olhos 725
ao sol, que contemplar tamanho enrubescer.
Pois era rubro ao centro, mas todas as bordas
eram purpúreas; tendo ainda cada margem
galantes ornamentos bordados co’ engenho.

Viam-se ali os Ciclopes em labor eterno, 730
forjando o raio para Zeus supremo; agora
quase todo fulgente, um só facho faltava,
que estava a ser forjado em marteladas férreas,
cuspindo um fumo tórrido o faustoso fogo.

Via-se ali também a progênie de Antíope 735
Asópida: Anfíon e Zeto; e Tebas próxima
inda indefesa, cuja fundação fixavam
dispostos. Sobre o ombro Zeto carregava
o pico de um abrupto monte, como obreiro;
com ele Anfíon, co’ áurea fórminge cantando, 740
e atrás tal rocha que dobrava o seu tamanho.

Depois, havia Citereia em grossas comas
portando de Ares o ágil escudo; e do ombro
esquerdo as dobras do seu manto deslizavam

νέρθε παρὲκ μαζοῖο· τὸ δ' ἀντίον ἀτρεκὲς αὐτως 745
 χαλκείῃ δεικῆλον ἐν ἀσπίδι φαίνεται' ιδέσθαι.
 Ἐν δὲ βοῶν ἔσκεν λάσιος νομός, ἀμφὶ δὲ τῆσιν
 Τηλεβόαι μάρναντο καὶ υἱέες Ἥλεκτρύωνος,
 οἱ μὲν ἀμυνόμενοι, ἀτὰρ οἷγ' ἐθέλοντες ἀμέρσαι, 750
 ληισταὶ Τάφιοι· τῶν δ' αἵματι δεύετο λειμῶν
 ἐρσήεις, πολέες δ' ὀλίγους βιόωντο νομῆας.
 Ἐν δὲ δύω δίφροι πεπονήατο δηριόωντες·
 καὶ τοῦ μὲν προπάροιθε Πέλοψ ἴθυνε τινάσσων
 ἡνία, σὺν δέ οἱ ἔσκε παραιβάτις Ἴπποδάμεια· 755
 τοῦ δὲ μεταδρομάδην ἐπὶ Μυρτίλος ἤλαεν ἵππους,
 σὺν τῷ δ' Οἰνόμαος, προτενὲς δόρυ χειρὶ μεμαρπῶς,
 ἄξιονος ἐν πλήμνησι παρακλιδὸν ἀγνυμένοιο
 πῖπτεν, ἐπεσσύμενος Πελοπῆια νῶτα δαΐξει.
 Ἐν καὶ Ἀπόλλων Φοῖβος οἰστεύων ἐτέτυκτο,
 βούπαις, οὐπῶ πολλός, ἐὴν ἐρύοντα καλύπτρης 760
 μητέρα θαρσαλέως Τιτυὸν μέγαν, ὃν ῥ' ἔτεκέν γε
 δῖ' Ἑλάρη, θρέψεν δὲ καὶ ἄψ' ἐλοχεύσατο Γαῖα.
 Ἐν καὶ Φρίξος ἔην Μινυήιος, ὥς ἐτεόν περ
 εἰσαῖων κριοῦ, ὃ δ' ἄρ' ἐξενέποντι ἐοικώς. 765
 κείνους κ' εἰσορόων ἀκέοις ψεύδοιό τε θυμόν,
 ἐλπόμενος πυκινήν τιν' ἀπὸ σφείων ἐσακοῦσαι
 βάzzιν, ὃ καὶ δηρὸν περιπορπίδα θηήσαιο.
 Τοῖτ' ἄρα δῶρα θεᾶς Ἰτωνίδος ἦεν Ἀθήνης·
 δεξιτερῇ δ' ἔλεν ἔγχος ἐκηβόλον, ὃ ῥ' Ἀταλάντη 770
 Μαινάλῳ ἐν ποτέ οἱ ξεινήιον ἐγγυάλιξε,
 πρόφρων ἀντομένη, πέρι γὰρ μενέαινεν ἔπεσθαι
 τὴν ὁδόν· ἀλλ', ὅσον αὐτὸς ἐκῶν, ἀπερήτυε κούρην,
 δεῖσε γὰρ ἀργαλέας ἔριδας φιλότητος ἔκητι.
 Βῆ δ' ἵμεναι προτὶ ἄστν, φαεινῷ ἀστέρι ἴσος, 775
 ὃν ῥά τε νηγατέησιν ἐεργόμεναι καλύβησιν
 νύμφαι θηήσαντο δόμων ὑπερ ἀντέλλοντα,
 καὶ σφισι κυανέοιο δῖ' αἰθέρος ὄμματα θέλγει
 καλὸν ἐρευνθόμενος, γάννυται δέ τε ἠιθέοιο
 παρθένος ἰμείρουσα μετ' ἄλλοδαποῖσιν ἐόντος 780
 ἀνδράσιν, ᾧ κέν μιν μνηστὴν κομέωσι τοκῆες –
 τῷ ἵκελος προπόλοιο κατὰ στίβον ἦεν ἥρως·
 καὶ ῥ' ὅτε δὴ πυλέων τε καὶ ἄστεος ἐντὸς ἔβησαν,
 δημότεραι μὲν ὀπισθεν ἐπεκλονέοντο γυναῖκες
 γηθόσυναι ξείνῳ· ὃ δ' ἐπὶ χθονὸς ὄμματ' ἐρείσας 785
 νίσσεται ἀπηλεγέως, ὄφρ' ἀγλαὰ δώμαθ' ἵκανε
 Ὑψιπύλης. ἄνεσαν δὲ θύρας προφανέντι θεράπναι
 δικλίδας, εὐτύκτοισιν ἀρηρεμένας σανίδεσσιν·
 ἐνθα μιν Ἰφινόη κλισμῷ ἐνι παμφανόωντι
 ἐσσυμένως καλῆς διὰ παστάδος εἶσεν ἄγουσα
 ἀντία δεσποίνης. ἡ δ' ἐγκλιδὸν ὅσσε βαλοῦσα 790
 παρθενικὴ ἐρύθηνε παρηίδας· ἔμπα δὲ τόνγε
 αἰδομένη μύθοισι προσέννεπεν αἰμυλίοισιν·
 “Ξεῖνε, τίη μίμνοντες ἐπὶ χρόνον ἔκτοθι πύργων
 ἦσθ' αὐτως; ἐπεὶ οὐ μὲν ὑπ' ἀνδράσι ναίεται ἄστν,

por debaixo do seio; isso se via nítido 745
também no escudo brônzeo que ela tinha à frente.

Viu-se um espesso campo de vacas; por elas
os Teléboas lutavam contra os Electridas;
uns defendiam-nas, e os outros, bandos Táfiros,
furtá-las intentavam; de cruor cobriam-se 750
os campos; e arrasavam-se os poucos pastores.

E ainda havia duas bigas em combate.
À frente Pélops guiava e agitava as rédeas
e ao seu lado, como passageira, Hipodâmia;
Mirtilo ia no encalço urgindo seus cavalos; 755
e com ele Enomau, que alçava à mão a lança
e caía ao quebrar-se o eixo do seu carro
tão prestes a varar de Pélops o dorso.

E havia o miúdo Febo Apolo, que flechava
quem pelo véu queria arrastar sua mãe; 760
este era o grande Tício, de Elara nascido,
mas criado e renascido pela deusa Gaia.

E também Frixo, o Mínio, como que se ouvisse
o carneiro, tal como se este discorresse.
Tu calarias vendo-os, a alma burlarias, 765
terias a esperança de ouvir falas sábias,
e longo tempo os olharias co' esperança.

Eram tais os presentes da Tritônia Atena.
E ele tomou na destra o dardo, que Atalanta
um dia deu-lhe como lembrança em Menalo, 770
encontrando-o animada; ansiava, pois, segui-lo
na jornada; mas ele mesmo a proibira,
temeroso das duras querelas do amor.

E ele foi até a pólis, qual fulgente estrela
que, das janelas de seus novos aposentos 775
as jovens noivas veem ascender na noite,
e que pelo ar escuro seus olhos encanta
em belo enrubescer; e a dama então se alegre
saudosos do homem que entre estranhos foi viver,
a quem seus pais para noivar a mantiveram; 780
de tal modo rumava o herói até a pólis.

E quando as portas dessa pólis adentrou,
seguiram-no as mulheres dali em dilúvio,
alegres com o estranho; mas co' os olhos fixos
no chão, e indiferente seguiu até o paço 785
de Hipsípila; ao chegar, várias servas abriram
o portão duplo, em tábuas bem feitas disposto.

Ifínoe, tendo um belo pórtico passado,
o acomodou por sobre um luxuoso assento
frente à senhora; e ela, olhando-o de relance, 790
corou a face virginal; no entanto, embora
tímida, dirigiu-lhe palavras amenas:
“Estranho, por que tanto tempo demoraram
p'ra lá dos muros? Não há homens na cidade,

ἄλλα Θρηκίης ἐπινάστιοι ἠπείροιο 795
 πυροφόρους ἄρόωσι γύας· κακότητα δὲ πᾶσαν
 ἐξερῶ νημερτές, ἴν' εὖ γνοίητε καὶ αὐτοί.
 εὖτε Θόας ἀστοῖσι πατὴρ ἐμὸς ἐμβασίλευε,
 τηνίκα Θρηκίους οἱ τ' ἀντία ναιετάουσι
 Λήμνου ἀπορνύμενοι λαοὶ πέρθεσκον ἐναύλους 800
 ἐκ νηῶν, αὐτῇσι δ' ἀπείρονα ληίδα κούραις
 δεῦρ' ἄγον. οὐλομένη δὲ θεᾶς πορσύνετο μῆνις
 Κύπριδος, ἥ τέ σφιν θυμοφθόρον ἔμβαλεν ἄτην·
 δὴ γὰρ κουριδίας μὲν ἀπέστυγον ἔκ τε μελάρων
 ἥ ματίη εἷξαντες ἀπεσσεύοντο γυναῖκας, 805
 αὐτὰρ ληιάδεσσι δορικτήταις παρίανον,
 σχέτλιοι. ἥ μὲν δηρὸν ἐτέτλαμεν, εἴ κέ ποτ' αὖτις
 ὀψὲ μεταστρέψωσι νόον· τὸ δὲ διπλόον αἰεὶ
 πῆμα κακὸν προύβαινε· ἀτιμάζοντο δὲ τέκνα
 γνήσι' ἐνὶ μεγάροις, σκοτίη δ' ἄρα θάλλε γενέθλη· 810
 αὐτῶς δ' ἀδμήτες κοῦραι, χῆραί τ' ἐπὶ τῇσι
 μητέρες, ἅμ' πτολίεθρον ἀτημελέες ἀλάληντο·
 οὐδὲ πατὴρ ὀλίγον περ ἐῆς ἀλέγιζε θυγατρός,
 εἰ καὶ ἐν ὀφθαλμοῖσι δαΐζομένην ὀρόωτο
 μητρυῆς ὑπὸ χερσὶν ἀτασθάλου· οὐδ' ἀπὸ μητρὸς 815
 λώβην ὥς τὸ πάροιθεν ἀεικέα παῖδες ἄμυνον,
 οὐδὲ κασιγνήτοισι κασιγνήτη μέλε θυμῷ·
 ἀλλ' οἴαι κοῦραι ληϊτίδες ἔν τε δόμοισιν
 ἔν τε χοροῖς ἀγορῇ τε καὶ εἰλαπίνῃσι μέλοντο,
 εἰσόκε τις θεὸς ἄμμιν ὑπέρβιον ἔμβαλε θάρσος, 820
 ἃς ἀναερχομένους Θρηκῶν ἀπο μηκέτι πύργοις
 δέχθαι, ἴν' ἡ φρονέοιεν ἄπερ θέμις, ἡέ πη ἄλλη
 αὐταῖς ληιάδεσσιν ἀφορμηθέντες ἴκοιντο.
 οἱ δ' ἄρα θεσσάμενοι παίδων γένος ὅσσον ἔλειπτο
 ἄρσεν ἀνὰ πτολίεθρον, ἔβαν πάλιν ἔνθ' ἔτι νῦν περ 825
 Θρηκίης ἄροσιν χιονώδεα ἴναιετάουσιν.
 τῷ ὑμεῖς στρωφᾶσθ' ἐπιδήμιοι· εἰ δέ κεν αὖθι
 ναιετάειν ἐθέλοις καὶ τοι ἄδοι, ἥ τ' ἂν ἔπειτα
 πατρὸς ἐμεῖο Θόαντος ἔχους γέρας· οὐδέ σ' οἶω
 γαῖαν ὀνόσσεσθαι, περὶ γὰρ βαθυλήϊος ἄλλων 830
 νήσων Αἰγαίῃ ὅσαι εἰν ἀλὶ ναιετάουσιν.
 ἀλλ' ἄγε νῦν ἐπὶ νῆα κιῶν ἐτάροισιν ἐνίσπεες
 μύθους ἡμετέρους, μηδ' ἔκτοθι μίμνε πόληος.”
 Ἴσκεν, ἀμαλδύνουσα φόνου τέλος οἷον ἐτύχθη
 ἀνδράσιν· αὐτὰρ ὁ τήνγε παραβλήδην προσέειπεν· 835
 “Ὑγιπύλη, μάλα κεν θυμηδέος ἀντιάσαιμεν
 χρησιμοσύνης ἦν ἄμμι σέθεν χατέουσιν ὀπάξεις.
 εἴμι δ' ὑπότροπος αὖτις ἀνὰ πτόλιν, εὖτ' ἂν ἕκαστα
 ἐξεῖπω κατὰ κόσμον· ἀνακτορὴ δὲ μελέσθω
 σοίγ' αὐτῇ καὶ νῆσος· ἔγωγε μὲν οὐκ ἀθερίζων 840
 χάζομαι, ἀλλὰ με λυγροὶ ἐπισπέρχουσιν ἄεθλοι.”
 Ἦ, καὶ δεξιτερῆς χειρὸς θίγεν, αἶψα δ' ὀπίσσω
 βῆ ρ' ἵμεν· ἀμφὶ δὲ τόνγε νεήνιδες ἄλλοθεν ἄλλαι
 μυρία εἰλίσσοντο κεχαρμέναι, ὄφρα πυλάων

pois foram, peregrinos, a lavrar os campos 795
da terra Trácia. E contarei, sincera, todos
os nossos infortúnios, p'ra que vós saibais.
Quando meu pai Toante governava o povo,
os lares Trácios que existiam do outro lado
eram pilhados pelos nossos, que desciam 800
das naus, e infindas moças de lá carregavam
e espólios; o rancor destrutivo da deusa
Cípris cumpria-se, lançando-os à imprudência.
Pois repugnavam as legítimas esposas,
insanos, expulsando as mulheres das casas 805
e possuindo as cativas, espólios da lança,
desgraçados! Por quanto tempo suportamos
a ver se as mentes mudariam; mas em dobro
sobrevinham os maus tormentos. Desonravam
os filhos nos salões, criando raça umbrosa. 810
Assim, virgens incólumes e mães viúvas,
abandonadas, pela cidade vagavam.
E um pai tão pouco amor cedia à sua filha,
mesmo se atormentada diante de seus olhos
sob mãos de uma cruel madrasta; e nem os filhos 815
defendiam, como antes, as mães de injustiças;
e nem irmão co' a irmã se importava sincero.
Mas eram as donzelas cativas, nas casas,
nas danças, na ágora, em banquetes, admiradas;
até que um deus em nós inflou violenta audácia, 820
p'ra não mais receber nos muros quem voltasse
da Trácia, para que julgassem o que é justo,
ou para outro lugar partissem co' as cativas.
Tendo implorado, então, pelos seus filhos homens
que na pólis estavam, retornaram aonde 825
ainda estão, os campos nevados da Trácia.
Ficai aqui para morar; se vos agrada
permanecer, assim te dignaria com
a distinção de Toante, meu pai. Eu não creio
que vás a terra escarnecer, pois é mais fértil 830
que as outras tantas ilhas que existem no Egeu.
Pois vai agora à nau e diz aos companheiros
estas palavras, e da pólis não te ausentes.”
Falou, dissimulando a matança ocorrida
aos homens; e isso foi o que ele respondeu: 835
“Aceitaríamos, Hipsípila, tua ajuda,
que a nós regalias e da qual necessitamos.
Retornarei à pólis quando em ordem tudo
eu relatar. Que a ti pertença a primazia
e a ilha; isso declino, mas não por desdém, 840
e sim pelos labores graves que me impelem.”
Disse, tocou sua mão direita e se voltou
em seguida; incontáveis moças ao redor
circundavam alegres, até que passasse

ἐξέμολεν. μετέπειτα δ' ἐντροχάλοισιν ἀμάξαις 845
 ἀκτὴν εἰσανέβαν ξεινήια πολλὰ φέρουσαι,
 μῦθον ὅτ' ἤδη πάντα διηνεκέως ἀγόρευσε
 τὸν ῥα καλεσσαμένη διεπέφραδεν Ὑψιπύλεια·
 καὶ δ' αὐτοὺς ξεινοῦσθαι ἐπὶ σφεὰ δώματ' ἄγεσκον,
 ῥηιδίως· Κύπρις γὰρ ἐπὶ γλυκὺν ἴμερον ὤρσεν, 850
 Ἥφαίστοιο χάριν πολυμήτιος, ὄφρα κεν αὐτὶς
 ναίηται μετόπισθεν ἀκήρατος ἀνδράσι Λῆμνος.
 ἔνθ' ὁ μὲν Ὑψιπύλης βασιλῆιον ἐς δόμον ὤρτο
 Αἰσονίδης· οἱ δ' ἄλλοι ὅπῃ καὶ ἔκυρσαν ἕκαστος, 855
 Ἡρακλῆος ἀνευθεν, ὁ γὰρ παρὰ νηὶ λέλειπτο
 αὐτὸς ἐκὼν παῦροί τε διακρινθέντες ἐταῖροι.
 αὐτίκα δ' ἄστὺ χοροῖσι καὶ εἰλαπίνῃσι γεγῆθαι
 καπνῷ κνισήεντι περίπλεον· ἔξοχα δ' ἄλλων
 ἀθανάτων Ἥρης υἷα κλυτὸν ἠδὲ καὶ αὐτὴν 860
 Κύπριν ἀοιδῆσιν θυέεσσί τε μειλίσσοντο.
 Ἀμβολίῃ δ' εἰς ἡμᾶρ ἀεὶ ἐξ ἡματος ἦεν
 ναυτιλίας. δηρὸν δ' ἂν ἐλίνυον αὐθι μένοντες,
 εἰ μὴ ἀολίσσας ἐτάρους ἀπάνευθε γυναικῶν
 Ἡρακλῆς τοίοισιν ἐνιπτάζων μετέειπεν·
 “Δαιμόνιοι, πάτρης ἐμφύλιον αἶμ' ἀποέργει 865
 ἡμέας, ἥε γάμων ἐπιδευέες ἐνθάδ' ἔβημεν
 κεῖθεν, ὀνοσσάμενοι πολιήτιδας, αὐθι δ' ἔαδεν
 ναίοντας λιπαρὴν ἄροσιν Λήμνοιο ταμέσθαι;
 οὐ μάλ' ἐνκλειεῖς γε σὺν ὀθνεῖησι γυναιξίν
 ἐσσόμεθ' ὥδ' ἐπὶ δηρὸν ἐελμένοι, οὐδὲ τὸ κῶας 870
 αὐτόματον δώσει τις ἐλεῖν θεὸς εὐξαμένοισιν.
 ἴομεν αὐτὶς ἕκαστοι ἐπὶ σφεά· τὸν δ' ἐνὶ λέκτροις
 Ὑψιπύλης εἶδε πανήμερον, εἰσόκε Λῆμνον
 παῖσιν ἐπανδρώσῃ, μεγάλη τέ ἐ βάξις ἔχῃσιν.”
 ὣς νεῖκεσσαν ὄμιλον· ἐναντία δ' οὐ νύ τις ἔτλη 875
 ὄμματ' ἀνασχεθέειν οὐδὲ προτιμυθήσασθαι,
 ἀλλ' αὐτὼς ἀγορήθην ἐπαρτίζοντο νέεσθαι
 σπερχόμενοι. ταὶ δὲ σφιν ἐπέδραμον, εὐτ' ἐδάησαν·
 ὥς δ' ὅτε λείρια καλὰ περιβρομέουσι μέλισσαι 880
 πέτρης ἐκχύμεναι σιμβληίδος, ἀμφὶ δὲ λειμῶν
 ἐρσήεις γάνυται, ταὶ δὲ γλυκὺν ἄλλοτ' ἐπ' ἄλλον
 καρπὸν ἀμέργουσιν πεποτημέναι – ὥς ἄρα ταίγε
 ἐνδυκὲς ἀνέρας ἀμφὶ κινυρόμεναι προχέοντο,
 χερσὶ δὲ καὶ μύθοισιν ἐδεικανόωντο ἕκαστον, 885
 εὐχόμεναι μακάρεσσιν ἀπήμονα νόστον ὀπάσσαι.
 ὥς δὲ καὶ Ὑψιπύλη ἠρήσατο, χεῖρας ἐλοῦσα
 Αἰσονίδεω, τὰ δὲ οἱ ῥέε δάκρυα χήτει ἰόντος·
 “Νίσσεο, καὶ σε θεοὶ σὺν ἀπηρέσιν αὐτὶς ἐταῖροις
 χρύσειον βασιλῆϊ δέρος κομίσειαν ἄγοντα,
 αὐτὼς ὥς ἐθέλεις καὶ τοι φίλον. ἦδε δὲ νῆσος 890
 σκῆπτρά τε πατρὸς ἐμεῖο παρέσσεται, ἦν καὶ ὀπίσσω
 δὴ ποτε νοστήσας ἐθέλης ἄγορρον ἰκέσθαι·
 ῥηιδίως δ' ἂν ἐοῖ καὶ ἀπείρονα λαὸν ἀγείραις
 ἄλλων ἐκ πολίων. ἀλλ' οὐ σύγε τήνδε μενοινῇν

os portões. E com bons vagões foram à costa 845
carregando abundantes presentes enquanto
ele contava em mínimos detalhes toda
a proposta então feita a ele por Hipsípila;
e, logo, facilmente levaram os homens
p’ra entretê-los. Pois Cípris verteu-lhes paixões, 850
graças a Hefesto plurisagaz, p’ra que um dia
possa de novo Lemnos ser lar para os homens.

E ao palácio real de Hipsípila rumou
o Esônida; os demais foram aonde quiseram,
a não ser Héracles, que junto à nau ficou 855
por sua escolha com poucos escolhidos sócios.
E a cidade alegrou-se com danças, banquetes,
enchendo-se com fumos sacrificiais;
mais que outros imortais ao filho ilustre de Hera
e a Cípris com cantos e imolações rezavam. 860
Assim, dia após dia, atrasava-se o passo
da jornada; e mais longo tempo ficariam,
se Héracles não tivesse apartado os consortes
das mulheres, dizendo a eles tais censuras:

“Malditos, nos tomou a morte de um parente 865
de nossa terra mãe? Ou p’ra arranjar noivados
viemos p’ra cá, deixando lá nossas mulheres?
Agrada aqui morar e arar campos de Lemnos?
Pois poucos louros colheremos se ficarmos
com tais exóticas mulheres. Nenhum deus 870
concederá por nossas preces velo autômato.
Que volte, então, cada um por si; e sobre o leito
de Hipsípila p’ra sempre o deixai, ‘té que Lemnos
povoe com garotos, alcançando-o a glória.”

Ralhou assim co’ bando; olhar nenhum se ergueu 875
a ele e nem palavra alguma, oposta, ouviu-se;
assim, saindo da assembleia se aprontaram
com pressa. As moças vinham correndo, ao sabê-lo.
E como abelhas zunzundo sobre belos
lírios, fluindo da pétrea colmeia, e os campos 880
do entorno deleitando, em voo colhendo os doces
frutos de lá e de cá; assim essas mulheres
lamentavam-se em fluxos circundando os homens,
e com mãos e palavras saudaram a todos,
rogando aos deuses que tivessem bom retorno. 885
Também Hipsípila rogou, tomando as mãos
do Esônida, e vertendo lágrimas à perda:

“Vá, e que permitam teu retorno ileso os deuses
co’ os consortes, levando ao rei dourado velo
como tu queres e desejas. Esta ilha 890
e o cetro de meu pai sempre estarão à espera,
se acaso aqui voltar quiseses, no retorno.
Congregarias, fácil, povo inumerável
de outras cidades; mas esse desejo tu

σχήσεις, οὐτ' αὐτὴ προτιόσσομαι ὧδε τελεῖσθαι· 895
 μνώεο μῆν, ἀπεὼν περ ὁμῶς καὶ νόστιμος ἦδη,
 Ὑψιπύλης· λίπε δ' ἡμῖν ἔπος, τό κεν ἐξανύσαιμι
 πρόφρων, ἦν ἄρα δὴ με θεοὶ δώωσι τεκέσθαι.”
 Τὴν δ' αὖτ' Αἴσωνος υἱὸς ἀγαιόμενος προσέειπεν·
 “Ὑψιπύλη, τὰ μὲν οὕτω ἐναίσιμα πάντα γένοιτο 900
 ἐκ μακάρων· τύνη δ' ἐμέθεν πέρι θυμὸν ἀρείω
 ἴσχαν', ἐπεὶ πάτρην μοι ἄλῃς Πελῖας ἔκητι
 ναιετάειν· μοῦνόν με θεοὶ λύσειαν ἀέθλων.
 εἰ δ' οὐ μοι πέπρωται ἐς Ἑλλάδα γαῖαν ἰκέσθαι
 τηλοῦ ἀναπλώοντι, σὺ δ' ἄρσενά παῖδα τέκῃαι, 905
 πέμπε μιν ἠβήσαντα Πελασγίδος ἔνδον Ἰωλκοῦ
 πατρί τ' ἐμῷ καὶ μητρὶ δύης ἄκος, ἦν ἄρα τούσγε
 τέτμη ἔτι ζῶοντας, ἴν' ἀνδιχα τοῖο ἀνακτος
 σφοῖσιν πορσύνωνται ἐφέστιοι ἐν μεγάροισιν.”
 Ἦ, καὶ ἔβαιν' ἐπὶ νῆα παροίτατος· ὥς δὲ καὶ ἄλλοι 910
 βαῖνον ἀριστηῖς, λάζοντο δὲ χερσὶν ἐρετμὰ
 ἐνσχερῶ ἐζόμενοι· πρυμνήσια δὲ σφισιν Ἄργος
 λῦσεν ὑπὲκ πέτρης ἀλιμυρέος· ἐνθ' ἄρα τοίγε
 κόπτον ὕδωρ δολιχῇσιν ἐπικρατέως ἐλάτῃσι.
 ἐσπέριοι δ' Ὀρφῆος ἐφημοσύνησιν ἔκελσαν 915
 νῆσον ἐς Ἠλέκτρης Ἀτλαντίδος, ὄφρα δαέντες
 ἀρρήτους ἀγανῆσι τελεσφορήσι θέμιστας
 σωότεροι κρυόεσσαν ὑπεῖρ ἄλα ναυτίλλοιντο.
 τῶν μὲν ἔτ' οὐ προτέρω μυθήσομαι, ἀλλὰ καὶ αὐτὴ
 νῆσος ὁμῶς κεχάροιτο καὶ οἱ λάχον ὄργια κεῖνα 920
 δαίμονες ἐνναέται, τὰ μὲν οὐ θέμις ἄμμιν ἀείδειν·
 κεῖθεν δ' εἰρεσίη Μέλανος διὰ βένθεα Πόντου
 ἰέμενοι, τῇ μὲν Θρηκῶν χθόνα τῇ δὲ περαιήν
 Ἴμβρον ἔχον καθύπερθε· νέον γε μὲν ἠελίοιο
 δυομένου Χέρνησον ἐπὶ προύχουσιν ἴκοντο. 925
 ἐνθα σφιν λαιψηρὸς ἦν νότος, ἰστία δ' οὐρῶ
 στησάμενοι κούρης Ἀθαμαντίδος αἰπὰ ῥέεθρα
 εἰσέβαλον· πέλαγος δὲ τὸ μὲν καθύπερθε λέλαιπτο
 ἦρι, τὸ δ' ἐννύχιοι Ῥοιτειάδος ἔνδοθεν ἄκρης
 μέτρεον, Ἰδαίην ἐπὶ δεξιὰ γαῖαν ἔχοντες. 930
 Δαρδανίην δὲ λιπόντες ἐπιπροσέβαλλον Ἀβύδω,
 Περκώτην δ' ἐπὶ τῇ καὶ Ἀβαρνίδος ἡμαθόεσσαν
 ἠϊόνα ζαθέην τε παρήμειβον Πιτυεῖαν.
 καὶ δὴ τοίγ' ἐπὶ νυκτὶ διάνδιχα νηὸς ἰούσης
 δίνῃ πορφύροντα διήνυσαν Ἑλλήσποντον· 935
 ἔστι δὲ τις αἰπεῖα Προποντίδος ἔνδοθι νῆσος
 τυτθὸν ἀπὸ Φρυγίης πολυληγίου ἠπεῖριοιο
 εἰς ἄλα κεκλιμένη, ὅσσον τ' ἐπιμύρεται ἰσθμός
 χέρσῳ ἔπι πρηνῆς καταειμένος· ἐν δὲ οἱ ἀκταὶ
 ἀμφίδυμοι, κεῖται δ' ὑπὲρ ὕδατος Αἰσίοιο· 940
 Ἄρκτων μιν καλέουσιν Ὅρος περιναιετάοντες.
 καὶ τὸ μὲν ὑβρισταί τε καὶ ἄγριοι ἴναιετάουσιν
 Γηγενέες, μέγα θαῦμα περικτιόνεσσιν ἰδέσθαι·
 ἔξ γάρ ἐκάστῳ χεῖρες ὑπέρβιοι ἠερέθοντο,

não terás, nem eu mesma prevejo tal fim. 895
 Lembra de Hipsípíle, ao partir ou retornar;
 uma palavra deixa, e cumprirei qualquer
 dever, se um filho teu os deuses me trouxerem.”

Com comoção, o filho de Esão respondeu:
 “Hipsípíle, que obtenhas grandes benefícios 900
 por diva graça e que de mim guardes mais altas
 opiniões; me basta estar em minha terra,
 cedendo-o Pélias; oxalá os trabalhos findem!
 Mas se é meu fado longe navegar, sem volta
 à Hélade, e tu deres à luz um garoto, 905
 quando crescido expede-o p’ra Pelasga Iolcos
 p’ra de meus pais curar o sofrimento, caso
 encontre-os inda vivos e, livres do rei,
 que deles cuide no calor de sua casa.”

Foi para a nau, então, em primeiro lugar; 910
 seguiram-no os demais heróis, tomando os remos
 e os assentos em linha; e Argos desatou
 a amarradura do rochoso banco. Então
 batiam n’água manejando os longos remos.
 Chegaram pela noite, sob ordem de Orfeu, 915
 à ilha de Electra Atlântida, p’ra aprender
 com iniciações brandas os ritos sagrados
 e mais seguros percorrer o mar gelado.
 Mas essas coisas não mais narrarei; da própria
 ilha, e dos deuses que ali moram, me despeço, 920
 de cujos ritos não nos permitem cantar.

De lá, remaram sobre o profundo mar Negro,
 tendo de um lado as terras Trácias, do outro lado,
 à frente, Imbro; com o pôr do sol chegaram
 diante do alto promontório Quersoneso. 925
 Lá, soprou-lhes com força o vento sul; e içando
 as velas para a aragem chegaram nas fortes
 correntes da dama Atamantida; na aurora
 deixaram o alto mar, e adentraram à noite
 o cabo Reteu, co’ a terra do Ida à direita. 930
 Da Dardânia, até Abido eles se encaminharam,
 e por Percote velejaram, e a arenosa
 praia de Abarne e ainda a consagrada Pítia.
 E assim, naquela noite a nau com vela e remos
 o Helesponto cruzou, espumeando em voragens. 935

Há dentro da Propôntida uma ilha insigne,
 perto da terra Frígia, rica em milhares,
 que entra no mar; as ondas banham o seu istmo,
 e descende até a terra firme; possui praias
 dos dois lados, p’ra além das correntes do Esepo. 940
 E os vizinhos a chamam de Monte dos Ursos;
 e moram lá violentos e insolentes homens
 Terrígenos, assombro aos olhos dos vizinhos.
 Pois cada um possui seis braços gigantesco:

αἱ μὲν ἀπὸ στιβαρῶν ὤμων δύο, ταὶ δ' ὑπένερθεν 945
 τέσσαρες αἰνοτάτησιν ἐπὶ πλευρῆς ἀραρυῖαι·
 ἰσθμὸν δ' αὖ πεδίον τε Δολίονες ἀμφενέμοντο
 ἄνδρες· ἐν δ' ἥρως Αἰνῆιος υἱὸς ἄνασσε
 Κύζικος, ὃν κούρη δίου τέκεν Εὐσώροιο
 Αἰνήτη. τοὺς δ' οὔτι, καὶ ἑκπαγλοὶ περ ἐόντες, 950
 Γηγενέες σίνοντο, Ποσειδάωνος ἀρωγῇ,
 τοῦ γὰρ ἔσαν τὰ πρῶτα Δολίονες ἐκγεγαῶτες.
 Ἐνθ' Ἀργῶ προύτυπεν ἐπειγομένη ἀνέμοισιν
 Θρηκίοις· Καλὸς δὲ Λιμὴν ὑπέδεκτο θεοῦσαν.
 κεῖθι καὶ εὐναίης ὀλίγον λίθον εἰρύσσαντες 955
 Τίφυος ἐννεσίησιν ὑπὸ κρήνη ἐλίποντο,
 κρήνη ὑπ' Ἀρτακίῃ· ἕτερον δ' ἔλον, ὅστις ἀρήρει,
 βριθύν· ἀτὰρ κεῖνόν γε θεοπροπίας Ἐκάτοιο
 Νηλεΐδαι μετόπισθεν Ἰάονες ιδρύσαντο
 ἱερὸν, ἧ θέμις ἦεν, Ἰησονίης ἐν Ἀθήνης. 960
 τοὺς δ' ἄμυδις φιλότητι Δολίονες ἠδὲ καὶ αὐτός
 Κύζικος ἀντήσαντες, ὅτε στόλον ἠδὲ γενέθλην
 ἔκλυον οἵτινες εἶεν, ἐυξείνως ἀρέσαντο·
 καὶ σφεας εἰρεσίῃ πέπιθον προτέρωσε κίοντας
 ἄστεος ἐν λιμένι πρυμνήσια νηὸς ἀνάψαι. 965
 ἐνθ' οἷγ' Ἐκβασίῳ βωμὸν θέσαν Ἀπόλλωνι,
 εἰσάμενοι παρὰ θῖνα, θυηπολὶς τ' ἐμέλοντο.
 δῶκεν δ' αὐτὸς ἄναξ λαρὸν μέθυ δευομένοισιν
 μῆλ' ἄ θ' ὁμοῦ. δὴ γάρ οἱ ἔην φάτις, εὔτ' ἂν ἴκωνται
 ἀνδρῶν ἡρώων θεῖος στόλος, αὐτίκα τοῖσγε 970
 μείλιχον ἀντιάαν μηδὲ πτολέμοιο μέλεσθαι.
 νεῖδ' οὐ καὶ κείνῳ ὑποσταχύεσκον ἴουλοι·
 οὐδέ νύ πω παίδεσσιν ἀγαλλόμενος μεμόρητο,
 ἀλλ' ἔτι οἱ κατὰ δώματ' ἀκήρατος ἦεν ἄκοιτις
 ὠδίνων, Μέροπος Περκωσίου ἐκγεγαῖα 975
 Κλείτη εὐπλόκαμος. τὴν μὲν νέον ἐξέτι πατρός
 θεσπεσίῳις ἔδνοισιν ἀνήγαγεν ἀντιπέρηθεν·
 ἀλλὰ καὶ ὧς θάλαμόν τε λιπὼν καὶ δέμνια νύμφης,
 τοῖς μέτα δαῖτ' ἀλέγυνε, βάλεν δ' ἀπὸ δείματα θυμοῦ.
 ἀλλήλους δ' ἐρέεινον ἀμοιβαδῖς· ἦτοι ὁ μὲν σφεων
 πεύθετο ναυτιλίας ἄνυσιν Πελίαό τ' ἐφετμάς,
 οἱ δὲ περικτιόνων πόλιας καὶ κόλπον ἅπαντα
 εὐρείης πεύθοντο Προποντίδος· οὐ μὲν ἐπιπρό
 ἠεῖδει καταλέξαι ἐελδομένοισι δαῆναι.
 Ἅοι δ' εἰσανέβαν μέγα Δίνδυμον, ὄφρα κεν αὐτοὶ 985
 θηήσαιτο πόρους κείνης ἀλός· ἐν δ' ἄρα τοίγε
 νῆα Χυτῶ Λιμένι προτέρου ἐξήλασαν ὄρμου·
 ἦδε δ' Ἰησονίη πέφαιτο Ὀδός, ἦν περ ἔβησαν.
 Γηγενέες δ' ἐτέρωθεν ἀπ' οὖρεος αἰζάντες
 φράζαν ἀπειρεσίησι Χυτοῦ στόμα νειόθι πέτρης, 990
 πόντιον οἶα τε θῆρα λοχώμενοι ἔνδον ἐόντα·
 ἀλλὰ γὰρ αὖθι λέλειπτο σὺν ἀνδράσιν ὀπλοτέροισιν
 Ἡρακλῆς, ὃς δὴ σφι παλίντονον αἶψα τανύσσας
 τόξον, ἐπασσυτέρους πέλασε χθονί. τοὶ δὲ καὶ αὐτοὶ

dois vêm dos firmes ombros, mais abaixo quatro 945
ajuntados às suas tremendas costelas.
O istmo e a planície eram habitados pelos
Dolíones; o herói Cízico reinava ali,
filho de Eneu e Enete, que é filha do divo
Eusoro. E os Terrígenos nunca os saquearam, 950
embora tão temíveis, graças a Poseidon;
pois dele outrora descenderam os Dolíones.
P’ra lá foi Argo, urgida e lançada por ventos
Trácios, tendo acolhido o Belo porto a urgência.
Ali, apearam a pequena pedra da âncora 955
como instou Tífis, sob uma fonte deixando-a,
sob fonte Artácia; e outra pegaram, cabível,
pesada; mas aquela, conforme um augúrio
do Longe-arqueiro, os Jônios Nelidas sagraram,
como é certo, no templo de Atena Jasônia. 960

E, juntos, os Dolíones com o próprio Cízico,
vieram, amáveis, encontrá-los, e ao ouvirem
quem eram e o porquê da viagem, hospedaram-nos
e os convenceram a remar adiante ao porto
da cidade p’ra atar ali a nau com cabos; 965
e a Apolo Ebásio ergueram ali mesmo altar,
e então, na praia, prepararam sacrifícios.
E o próprio rei cedeu-lhes vinho doce e ovelhas,
que careciam; pois ouvira ele um oráculo,
que quando diva expedição de heróis chegasse, 970
topasse-os dócil, sem pensamentos de guerra.
Parecia recente o crescer de sua barba,
e não detinha a sorte de gozar de filhos;
pois era a esposa ainda, em seu palácio, ignota
à dor do parto, filha de Percósio Mérope, 975
Clite dos belos cachos, que há bem pouco tempo
trouxera, com bons dotes, da casa do pai.
Deixou, porém, o leito da esposa e seu quarto,
e banqueteceu-se, sem receios, co’ os heróis.
E inquiriram-se uns aos outros; aprenderia 980
deles o fim da viagem, o intento de Pélias;
e eles sobre as cidades vizinhas e o golfo
da Propôntide vasta; e mais nada podia
contar do que quisessem eles que contasse.
Na aurora o grande Díndimo escalaram, para 985
verem do mar as vias; e a nau conduziram
da primeira ancoragem ao porto de Quito;
chamou-se ‘de Jasão’ a trilha que trilharam.

Mas os Terrígenos, detrás do monte vindos,
bloquearam co’ altas rochas a boca do Quito, 990
assim como homens em tocaia sobre fera.
Mas foi deixado lá, com os homens mais jovens,
Héracles, que ágil esticou seu arco contra
eles e os trouxe à terra, um após o outro; e eles

πέτρας ἀμφιρρῶγας ἀερτάζοντες ἔβαλλον·	995
δὴ γάρ που καὶ κείνα θεὰ τρέφεν αἰνὰ πέλωρα	
Ἕρην, Ζηνὸς ἄκοιτις, ἀέθλιον Ἡρακλῆι·	
σὺν δὲ καὶ ὅλλοι δῆθεν, ὑπότροποι ἀντιόωντες	
πρὶν περ ἀνελθέμεναι σκοπιήν, ἥπτοντο φόνοιο	
Γηγενέων ἥρωες ἀρήιοι, ἡμὲν οἰστοῖς	1000
ἡδὲ καὶ ἐγγεῖησι δεδεγμένοι, εἰσόκε πάντα	
ἀντιβίην ἀσπερχὲς ὀρινομένους ἐδάιξαν.	
ὥς δ' ὅτε δούρατα μακρὰ νέον πελέκεσσι τυπέντα	
ὕλοτόμοι στοιχηδὸν ἐπὶ ῥηγμῖνι βάλωσιν,	
ὄφρα νοτισθέντα κρατεροὺς ἀνεχοίατο γόμφους –	1005
ὧς οἱ ἐνὶ ξυνοχῇ λιμένος πολιοῖο τέταντο	
ἐξείης, ἄλλοι μὲν ἐς ἄλμυρὸν ἀθρόοι ὕδωρ	
δύπτοντες κεφαλὰς καὶ στήθεα, γυῖα δ' ὕπερθεν	
χέρσῳ τεινόμενοι· τοῖ δ' ἔμπαλιν, αἰγιαλοῖο	
κράατα μὲν ψαμάθοισι, πόδας δ' εἰς βένθος ἔρειδον,	1010
ἄμφω ἅμ' οἰωνοῖσι καὶ ἰχθύσι κύρμα γενέσθαι.	
Ἕρωες δ', ὅτε δὴ σφιν ἀταρβῆς ἔπλετ' ἄεθλος,	
δὴ τότε πείσματα νηὸς ἐπὶ πνοιῆς ἀνέμοιο	
λυσάμενοι, προτέρωσε δι᾽ ἄλὸς οἶδμα νέοντο·	
ἢ δ' ἔθεεν λαίφεσσι πανήμερος. οὐ μὲν ἰούσης	1015
νυκτὸς ἔτι ῥιπὴ μένεν ἔμπεδον, ἀλλὰ θύελλαι	
ἀντία ἀρπάγδην ὀπίσω φέρον, ὄφρ' ἐπέλασσαν	
αὖτις ἐυξείνοισι Δολίοσιν. ἐκ δ' ἄρ' ἔβησαν	
αὐτονυχί (Ἰερὴ δὲ φατίζεται ἡδ' ἔτι Πέτρη	
ἣ περὶ πείσματα νηὸς ἐπεσσύμενοι ἐβάλλοντο),	1020
οὐδέ τις αὐτὴν νῆσον ἐπιφραδέως ἐνόησεν	
ἔμμεναι. οὐδ' ὑπὸ νυκτὶ Δολιόνες ἄψ ἀνιόντας	
ἥρωας νημερτὲς ἐπήισαν, ἀλλὰ που ἀνδρῶν	
Μακρίεων εἴσαντο Πελασγικὸν ἄρεα κέλσαι·	
τῷ καὶ τεύχεα δύντες ἐπὶ σφίσι χεῖρας ἄειραν.	1025
σὺν δ' ἔλασαν μελίας τε καὶ ἀσπίδας ἀλλήλοισιν,	
ὀξεῖη ἱκελοι ῥιπῇ πυρός, ἢ τ' ἐνὶ θάμνοισι	
αὐαλέοισι πεσοῦσα κορύσσεται· ἐν δὲ κυδοιμός	
δεινός τε ζαμενὴς τε Δολιονίῳ πέσε δῆμῳ.	
οὐδ' ὅγε δηιοτῆτος ὑπὲρ μόρον αὖτις ἔμελλεν	1030
οἴκαδε νυμφιδίους θαλάμους καὶ λέκτρον ἰκέσθαι,	
ἀλλὰ μιν Αἰσονίδης, τετραμμένον ἰθὺς ἐοῖο,	
πλῆξεν ἐπαῖξας στῆθος μέσον, ἀμφὶ δὲ δουρί	
ὀστέον ἐρραίσθη· ὁ δ' ἐνὶ ψαμάθοισιν ἐλυσθεῖς	
μοῖραν ἀνέπλησεν. τὴν γὰρ θέμις οὐποτ' ἀλύξαι	1035
θνητοῖσιν, πάντα δὲ περὶ μέγα πέπταται ἔρκος·	
ὧς τόν, οἰόμενόν που ἀδευκέος ἔκτοθεν ἄτης	
εἶναι ἀριστήων, αὐτῇ ὑπὸ νυκτὶ πέδησεν	
μαρνάμενον κείνοισι. πολεῖς δ' ἐπαρηγόνες ἄλλοι	
ἔκταθεν· Ἡρακλῆς μὲν ἐνήρατο Τηλεκλῆα	1040
ἡδὲ Μεγαβρόντην, Σφόδριν δ' ἐνάριζεν Ἄκαστος,	
Πηλεὺς δὲ Ζέλυν εἶλεν ἀρηίθοόν τε Γέφυρον,	
αὐτὰρ ἐνμμελὴς Τελαμῶν Βασιλῆα κατέκτα·	
Ἴδας δ' αὖ Προμέα, Κλυτίος δ' Ὑάκινθον ἔπεφνεν,	

também lascadas rochas lançavam de volta. 995
 Pois tais monstros atrozes, creio, eram nutridos
 por Hera, Diva esposa, pra afrontarem Héracles.
 Então voltando os outros heróis do caminho
 ao pico, atiram-se ao massacre dos Terrígenos
 acolhendo-os de frente com golpes de flechas 1000
 e lanças, té que, belicosos, exterminam
 completamente os que atacaram sem cessar.
 E como quando os lenhadores lançam pelas
 margens troncos em fila, feitos por machado,
 p'ra que, úmidos, melhor sustentem as cavilhas, 1005
 assim estavam esses, no porto espumoso
 estendidos, juntados; uns, na água salgada
 afundavam cabeça e peito, os membros sobre
 a terra; os outros, ao contrário, co' as cabeças
 na areia dessa praia e pés nas fundas águas, 1010
 a um só tempo presas para peixes e aves.
 E os heróis, ao findar da luta, destemidos,
 sob o soprar do vento a nau desamarraram
 e seguiram por sobre as ondas do oceano.
 Por todo o dia a nau avançou; mas caindo 1015
 a noite seu impulso não permaneceu,
 pois os trouxeram ventos contrários de volta
 às costas dos gentis Dolíones nessa mesma
 noite; inda como Sacra rocha se conhece
 aquela em que amarraram os cabos da nau. 1020
 Ninguém co' argúcia percebeu que se encontravam
 na mesma ilha; nem nessa noite os Dolíones
 souberam que os heróis voltavam; ou talvez
 julgassem vir os homens bélicos da Mácria.
 Se armaram e suas mãos alçaram, antagônicos. 1025
 E uns contra outros entrechocavam as lanças
 e escudos, como chispa célere de fogo,
 que sobre arbustos secos cai e acende. Sobre
 os Dolíones caiu violento o ardor da guerra.
 E nem o rei escaparia ao próprio fado, 1030
 voltando ao leito conjugal, longe da lide.
 Mas o Esônida, co' o outro encarando-o de volta,
 saltou e o atingiu bem ao centro do peito,
 partindo-se ao redor da lança o osso; e finda
 seu fado ao rolar na areia. Pois não escapam 1035
 disso os mortais, contendo-os infindos ardis.
 Talvez pensando, então, ter escapado à amarga
 ruína sob os heróis, naquela noite o fado
 capturou-o durante a luta; e muitos outros
 morreram; Héracles a Télecles matou 1040
 e a Megabronte; e Acasto arrebatou Esfodre;
 Peleu tomou a Zelo e Gefiro agilíssimo.
 E Têlamon lanceiro ceifou Basileu.
 Idas a Promeu, Clítio a Jacinto matou,

Τυνδαρίδαι δ' ἄμφω Μεγαλοσσάκεα Φλογίον τε, 1045
 Οἰνεΐδης δ' ἐπὶ τοῖσιν ἔλε θρασὺν Ἴτυμονῆα
 ἥδ' καὶ Ἀρτακέα, πρόμον ἀνδρῶν· οὓς ἔτι πάντας
 ἐνναέται τιμαῖς ἡρώϊσι κυδαίνουσιν.
 οἱ δ' ἄλλοι εἷξαντες ὑπέτρεσαν, ἥύτε κίρκους
 ὠκυπέτας ἀγέληδὸν ὑποτρέσσωσι πέλειαι, 1050
 ἐς δὲ πύλας ὁμάδῳ πέσον ἀθρόοι· αἶψα δ' αὐτῆς
 πληττο πόλις στονόνεντος ὑποτροπίῃ πολέμοιο.
 ἥῳθεν δ' ὀλοὴν καὶ ἀμήχανον εἰσενόησαν
 ἀμπλακίην ἄμφω· στυγερὸν δ' ἄχος εἶλεν ἰδόντας
 ἥρωας Μινύας Αἰνήιον υἷα πάροιθεν 1055
 Κύζικον ἐν κονίῃσι καὶ αἵματι πεπτηῶτα.
 ἥματα δὲ τρία πάντα γόων τίλλοντό τε χαίτας
 αὐτοὶ ὁμῶς λαοὶ τε Δολιόνες· αὐτὰρ ἔπειτα,
 τρὶς περὶ χαλκείοις σὺν τεύχεσι δινηθέντες,
 τύμβῳ ἐνεκτερέιξαν, ἐπειρήσαντό τ' ἀέθλων, 1060
 ἢ θέμις, ἅμ πεδίον Λειμώνιον· ἔνθ' ἔτι νῦν περ
 ἀγκέχυται τόδε σῆμα καὶ ὀπιγόνοισιν ἰδέσθαι.
 οὐδὲ μὲν οὐδ' ἄλοχος Κλείτη φθιμένοιο λέλειπτο
 οὗ πόσιος μετόπισθε, κακῶ δ' ἐπὶ κύντερον ἄλλο
 ἦνυσεν, ἀψαμένη βρόχον ἀνχένη. τὴν δὲ καὶ αὐταὶ 1065
 νύμφαι ἀποφθιμένην ἀλσηίδες ὠδύραντο·
 καὶ οἱ ἀπὸ βλεφάρων ὅσα δάκρυα χεύατ' ἔραζε,
 πάντα τάγε κρήνην τεῦξαν θεαί, ἦν καλέουσιν
 Κλείτην, δυστήνοιο περικλεῆς οὔνομα νύμφης.
 αἰνότατον δὲ κεῖνο Δολιονίῃσι γυναιξίν 1070
 ἀνδράσι τ' ἐκ Διὸς ἦμαρ ἐπήλυθεν· οὐδὲ γὰρ αὐτῶν
 ἔτλη τις πάσασθαι ἐδητύος οὐδ' ἐπὶ δηρὸν
 ἐξ ἀχέων ἔργοιο μυληφάτου ἐμνώοντο,
 ἀλλ' αὐτως ἀφλεκτα διαζώεσκον ἔδοντες.
 ἔνθεν νῦν, εὖτ' ἂν σφιν ἐτήσια χύτλα χέωνται 1075
 Κύζικον ἐνναίοντες Ἰάονες, ἔμπεδον αἰεὶ
 πανδήμοιο μύλης πελανοὺς ἐπαλετρεῦουσιν.
 Ἐκ δὲ τόθεν τρηχεῖαι ἀνιέρθησαν ἄελλαι
 ἥμαθ' ὁμοῦ νύκτας τε δώδεκα, τοὺς δὲ καταῦθι 1080
 ναυτίλλεσθαι ἔρυκον. ἐπιπλομένη δ' ἐνὶ νυκτί
 ὄλλοι μὲν ῥα πάρος δεδμημένοι εὐνάζοντο
 ὕπνῳ ἀριστῆες πύματον λάχος, αὐτὰρ Ἄκαστος
 Μόψος τ' Ἀμπυκίδης ἀδινὰ κνώσσοντας ἔρυντο·
 ἢ δ' ἄρ' ὑπὲρ ξανθοῖο καρήατος Αἰσονίδαο 1085
 πωτᾶτ' ἀλκυονίδας, λιγυρῇ ὀπί θεσπίζουσα
 λῆξιν ὀρινομένων ἀνέμων· συνέηκε δὲ Μόψος
 ἀκταίης ὄρνιθος ἐναΐσιμον ὅσσαν ἀκούσας.
 καὶ τὴν μὲν θεὸς αὖτις ἀπέτραπεν, ἵζε δ' ὑπερθεῖν
 νηίου ἀφλάστοιο μετήορος αἶζασα· 1090
 τὸν δ' ὄγε, κεκλιμένον μαλακοῖς ἐνὶ κώεσιν οἶδν,
 κινήσας ἀνέγειρε παρασχεδόν, ὥδέ τ' ἔειπεν·
 “Αἰσονίδη, χρειώ σε τόδε ρίον εἰσανιόντα
 Δινδύμου ὀκριόεντος εὐθρονον ἰλάξασθαι
 μητέρα συμπάντων μακάρων, λήξουσι δ' ἄελλαι

a Megalossaces e Flógio, ambos os Tindáridas. 1045
Depois deles o Enida a Itimoneu matou
e Artaceu, na primeira fila; todos eles
os habitantes glorificam como heróis.
E os outros, temerosos, fugiram, qual pombas
que em bando fogem dos falcões de asas velozes. 1050
E em tumulto lançaram-se aos grandes portões;
chorava a pólis pela lamentável luta.
Perceberam, na aurora, o engano mortal
e irreparável; e um pesar odioso veio
aos heróis Míncias diante do filho de Eneu, 1055
Cízico, em meio ao sangue e à sujeira caído.
Três dias lamentaram, arrancando as comas,
eles e o povo dos Dolíones. E depois
deram, com brônzeas armas, três voltas na tumba,
com honras o enterraram, e fizeram jogos 1060
nas Pradarias, como é costume, onde ainda
vê-se o monte, um sinal a homens de outros tempos.
E não, nem mesmo a esposa, Clite, deixaria
p’ra trás o amado esposo; e ainda um outro mal
sobreveio, co’ atar do nó ao pescoço. E mesmo 1065
as ninfas de arvoredos prantearam tal morte;
co’ as lágrimas manadas dos olhos à terra,
formaram uma fonte as deusas, que é chamada
Clite, famoso nome da infeliz esposa.
Terrível de Zeus veio aquele dia aos homens 1070
Dolíones e mulheres; pois ninguém ousou
comer qualquer comida, nem por longo tempo
se ocupar do moinho, tamanha a tristeza;
sobreviviam comendo crus alimentos.
E hoje, ao fazerem suas libações anuais, 1075
moem pães os jônios, os habitantes de Cízico,
no moinho coletivo de modo ritual.
Depois disso se alçaram brutas tempestades
por doze longos dias e noites, retendo-os
de navegar. E tendo chegado outra noite, 1080
os outros heróis, subjugados pelo sono,
dormiam na vigília final; nisso Acasto
os dormentes velava com Mopso Ampicida.
E acima da cabeça alourada do Esônida
pairou a alcíone em voz aguda a dar prenúncio 1085
do fim de irosos ventos; Mopso vislumbrou
da ave praieira o favorável vaticínio.
E a fez tornar algum deus; lançando-se acima,
ela bem sobre a popa da nau descansou.
Então o intérprete tocou as lãs macias 1090
p’ra sacudi-lo, despertá-lo, e disse então:
“Esônida, terás que ascender ao sagrado,
rugoso Díndimo, e aplacar a mãe de todos
os benditos, de belo trono; e assim os ventos

ζαχρηεῖς· τοῖν γὰρ ἐγὼ νέον ὄσσαν ἄκουσα 1095
 ἀλκυόνος ἀλῆς, ἥ τε κνώσσοντος ὑπερθεν
 σεῖο πέριξ τὰ ἕκαστα πιφασκομένη πεπότητο.
 ἐκ γὰρ τῆς ἄνεμοί τε θάλασσά τε νειόθι τε χθών
 πᾶσα πεπεύρανται νιφόεν θ' ἔδος Οὐλύμποιο·
 καὶ οἱ, ὅτ' ἐξ ὀρέων μέγαν οὐρανὸν εἰσαναβαίνει, 1100
 Ζεὺς αὐτὸς Κρονίδης ὑποχάζεται, ὧς δὲ καὶ ὦλλοι
 ἀθάνατοι μάκαρες δεινὴν θεὸν ἀμφιέπουσιν.”
 Ὡς φάτο, τῷ δ' ἀσπαστὸν ἔπος γένητ' εἰσαῖοντι·
 ὦρνυτο δ' ἐξ εὐνῆς κεχαρημένος, ὥρσε δ' ἐταίρους
 πάντας ἐπισπέρχων, καὶ τέ σφισιν ἐγρομένοισιν 1105
 Ἀμπυκίδεω Μόψοιο θεοπροπίας ἀγόρευσεν.
 αἶψα δὲ κουρότεροι μὲν ἀπὸ σταθμῶν ἐλάσαντες
 ἔνθεν ἐς αἰπεινὴν ἄναγον βόας οὖρεος ἄκρην·
 οἱ δ' ἄρα, λυσάμενοι Ἰερῆς ἐκ πείσματα Πέτρης,
 ἤρεσαν ἐς λιμένα Θρηϊκίον, ἂν δὲ καὶ αὐτοὶ 1110
 βαῖνον, παυροτέρους ἐτάρων ἐν νηὶ λιπόντες.
 τοῖσι δὲ Μακριάδες σκοπιαὶ καὶ πᾶσα περαίη
 Θρηϊκίης ἐνὶ χερσὶν ἑαῖς προφαίνεται' ἰδέσθαι·
 φαίνεται δ' ἠερόεν στόμα Βοσπόρου ἠδὲ κολῶναι
 Μύσαι· ἐκ δ' ἐτέρης ποταμοῦ ῥόος Αἰσῆποιο 1115
 ἄστν τε καὶ πεδίον Νηπήιον Ἀδρηστείης.
 ἔσκε δὲ τι βριαρὸν στύπος ἀμπέλου ἔντροφον ὕλη,
 πρόχην γεράνδρυν· τὸ μὲν ἔκταμον, ὄφρα πέλοιτο
 δαίμονος οὐρείης ἱερὸν βρέτας, ἔξεσε δ' Ἄργος
 εὐκόσμως· καὶ δὴ μιν ἐπ' ὀκριόεντι κολωνῷ 1120
 ἴδρυσαν, φηγοῖσιν ἐπηρεφὲς ἀκροτάτησιν
 αἷ ῥά τε πασάων πανυπέρταται ἐρρίζωντο·
 βωμὸν δ' αὖ χέραδος παρενήγεον. ἀμφὶ δὲ φύλλοις
 στεψάμενοι δρυῖνοισι θυηπολὶς ἐμέλοντο,
 Μητέρα Δινδυμίνην πολυπότνιαν ἀγκαλέοντες, 1125
 ἐνναέτιν Φρυγίης, Τιτίην θ' ἅμα Κύλληνόν τε,
 οἷ μοῦνοι πλεόνων μοιρηγέται ἠδὲ πάρεδροι
 Μητέρος Ἰδαίης κεκλήαται, ὅσσοι ἕασιν
 Δάκτυλοι Ἰδαῖοι Κρηταιέες, οὓς ποτε νύμφη
 Ἀγχιάλη Δικταῖον ἀνὰ σπέος, ἀμφοτέρησιν 1130
 δραξαμένη γαίης Οἰαξίδος, ἐβλάστησε.
 πολλὰ δὲ τήνγε λιτῆσιν ἀποστρέψαι ἐριώλας
 Αἰσονίδης γουνάζετ', ἐπιλλείβων ἱεροῖσιν
 αἰθομένοις· ἄμυδις δὲ νέοι Ὀρφῆος ἀνωγῇ
 σκαίροντες βηταρμὸν ἐνόπλιον εἰλίσσοντο, 1135
 καὶ σάκεα ξιφέεσσιν ἐπέκτυπον, ὧς κεν ἰωή
 δύσφημος πλάζοιτο δι' ἥερος ἦν ἔτι λαοὶ
 κηδεῖη βασιλῆος ἀνέστενον. ἔνθεν ἐσαιεὶ
 ῥόμβῳ καὶ τυπάνῳ Ρεῖην Φρύγες ἰλάσκονται.
 ἡ δὲ που εὐαγέεσσιν ἐπὶ φρένα θῆκε θυηλαῖς 1140
 ἀνταίη δαίμων, τὰ δ' εὐοκότε σήματ' ἔγεντο·
 δένδρεα μὲν καρπὸν χέον ἄσπετον, ἀμφὶ δὲ ποσσὶν
 αὐτομάτη φύε γαῖα τερείνης ἄνθεα ποίης·
 θῆρες δ' εἰλυοὺς τε κατὰ ξυλόχους τε λιπόντες

raivosos cessarão; foi tal a voz que ouvi 1095
 da alcíone do mar, que voou de lá pra cá
 por sobre ti em teu sono e me contou tais coisas.
 Pois dela os ventos, mares, as terras abaixo
 e o níveo trono Olímpico são dependentes;
 e a ela, quando ascende ao céu vinda dos montes, 1100
 o próprio Zeus Cronida cede seu lugar;
 e assim os imortais saúdam-na, temível.”
 Falou; e o que se ouviu co’ agrado se acolheu.
 Jasão do leito ergueu-se alegre; e fez se erguerem 1105
 com pressa os outros todos, e quando acordados
 contou da profecia de Mopso Ampicida.
 Sem demora, os mais jovens levaram do estábulo
 os bois até o mais alto pico da montanha.
 Outros, da rocha Sacra desatando os cabos, 1110
 remaram ao porto Trácio; acima rumaram,
 perto da nau deixando alguns poucos comparsas.
 Ante seus olhos vinham os cumes da Mácia
 e parecia estar às mãos a oposta Trácia;
 distinguiam do Bósforo a nevoenta boca
 e montes Mísios; e do rio Esepo o fluxo 1115
 do outro lado, e o plano Nepeio de Adrasta.
 Havia um tronco de oliveira ali nascida,
 de uma árvore bem velha; cortaram-na para
 torná-la imagem sacra da deusa do monte;
 co’ engenho a esculpiu Argos, e sobre a colina 1120
 deixaram-na, sob um dossel de altos carvalhos,
 dos que mais se elevavam das próprias raízes.
 Perto, um altar ergueram com pedras, com folhas
 coroaram-se, e do sacrifício se ocuparam 1125
 ao invocar a tão augusta mãe do Díndimo,
 que habita a Frígia, Títias, e também Cilenos,
 conhecidos também como arautos do fado,
 da mãe do Ida auxiliares, em meio aos demais
 Cretenses Dácilos do Ida, que certa vez 1130
 gerou a ninfa Anquíale na gruta de Dicte
 arremessando a terra de Oaxo co’ as mãos.
 Suplicou muito pelo recuar dos ventos
 o Esônida, enquanto libações vertia
 por sobre o sacrifício; e sob ordens de Orfeu 1135
 os jovens bem armados giravam na dança,
 golpeando espadas contra escudos, p’ra que do ar
 sumisse o som de maus agouros, que inda os homens
 gemiam em pesar pelo seu rei. E os Frígios
 aplacam Reia com tamborins e timbales.
 Provavelmente no âmagô agradou-se a deusa 1140
 co’ os sacrifícios; pois nasceram bons sinais.
 As árvores geraram frutas abundantes,
 e aos pés deles a terra fez flores da grama.
 As bestas das florestas os covis e as matas

οὐρῇσιν σαίνοντες ἐπήλυθον. ἡ δὲ καὶ ἄλλο 1145
 θῆκε τέρας, ἐπεὶ οὔτι παροίτερον ὕδατι νᾶεν
 Δίνδυμον, ἀλλὰ σφιν τότε' ἀνέβραχε διψάδος αὐτῶς
 ἐκ κορυφῆς, ἄλληκτον· Ἰησονίην δ' ἐνέπουσιν
 κεῖνο ποτὸν Κρήνην περιναίεται ἄνδρες ὀπίσσω.
 καὶ τότε μὲν δαῖτ' ἀμφὶ θεᾶς ἔσαν οὔρεσιν Ἄρκτων, 1150
 μέλποντες Ῥεῖην πολυπότνιαν· αὐτὰρ ἐς ἡῶ
 ληξάντων ἀνέμων νῆσον λίπον εἰρεσίησιν.
 Ἔνθ' ἔρις ἄνδρα ἕκαστον ἀριστήων ὀρόθυνεν,
 ὅστις ἀπολλήξειε πανύστατος· ἀμφὶ γὰρ αἰθήρ
 νήνεμος ἐστόρεσεν δίνας, κατὰ δ' εὐνάσε πόντον. 1155
 οἱ δὲ γαληναίῃ πίσυνοι ἐλάασκον ἐπιπρό
 νῆα βίη, τὴν δ' οὐ κε διέξ ἄλῶς αἴσσουσιν
 οὐδὲ Ποσειδάωνος ἀελλόποδες κίχον ἵπποι·
 ἔμπης δ', ἐγρομένοιο σάλου ζαχρηέσιν αὔραις,
 αἱ νέον ἐκ ποταμῶν ὑπὸ δείελον ἠερέθοντο, 1160
 τειρόμενοι καμάτῳ μετελώφεον· αὐτὰρ ὁ τοῦσγε
 πασσυδίῃ μογέοντας ἐφέλκετο κάρτεϊ χειρῶν
 Ἡρακλῆς, ἐτίνασσε δ' ἀρηρότα δούρατα νηός.
 ἀλλ' ὅτε δῆ, Μυσῶν λελημένοι ἠπεῖριοι,
 Ῥυνδακίδας προχοᾶς μέγα τ' ἠρίον Αἰγαίωτος 1165
 τυτθὸν ὑπὲκ Φρυγίης παρεμέτρεον εἰσορόωντες,
 δῆ τότε', ἀνοχλίζων τετρηχότος οἴδατος ὀλκοῦς,
 μεσσόθεν ἄξεν ἐρετμόν· ἀτὰρ τρύφος ἄλλο μὲν αὐτός
 ἄμφω χερσὶν ἔχων πέσε δόχμιος, ἄλλο δὲ πόντος
 κλύζε παλιπροθίοισι φέρων. ἀνὰ δ' ἔξετο σιγῇ 1170
 παπταίνων, χεῖρες γὰρ ἀήθεσον ἠρεμέουσιν.
 Ἦμος δ' ἀγρόθεν εἴσι φυτοσκάφος ἢ τις ἀροτρεὺς
 ἀσπασίως εἰς αὐλὴν ἐήν, δόρποιο χατίζων,
 αὐτοῦ δ' ἐν προμολῇ τετρυμένα γούνατ' ἔκαμψεν
 αὐσταλέος κονίησι, περιτριβέας δέ τε χεῖρας 1175
 εἰσορόων κακὰ πολλὰ ἐῖ ἠρήσατο γαστρί –
 τῆμος ἄρ' οἷγ' ἀφίκοντο Κιανίδος ἠθεα γαίης
 ἀμφ' Ἀργανθώνειον ὄρος προχοᾶς τε Κίοιο.
 τοὺς μὲν ἐυξείνως Μυσοὶ φιλότῃτι κιόντας
 δειδέχατ' ἐνναέταις κείνης χθονός, ἥϊά τέ σφι 1180
 μῆλ' αὖτε δευομένοισι μέθυ τ' ἄσπετον ἐγγυάλιξαν·
 ἔνθα δ' ἔπειθ' οἱ μὲν ξύλα κάγκανα, τοῖ δὲ λεχαίην
 φυλλάδα λειμώνων φέρον ἄσπετον ἀμήσαντες
 στόρνυσθαι, τοῖ δ' αὖτε πυρήια δινεύεσκον,
 οἱ δ' οἶνον κρητῆρσι κέρων πονέοντό τε δαῖτα, 1185
 Ἐκβασίῳ ῥέξαντες ὑπὸ κνέφας Ἀπόλλωνι.
 Αὐτὰρ ὁ, εὖ δαίνυσθαι ἐοῖς ἐτάροις ἐπιτείλας,
 βῆ ῥ' ἵμεν εἰς ὕλην υἱὸς Διός, ὥς κεν ἐρετμόν
 οἷ αὐτῷ φθαίῃ καταχείριον ἐντύνασθαι.
 εὗρεν ἔπειτ' ἐλάτην ἀλαλήμενος οὔτε τι πολλοῖς 1190
 ἀχθομένην ὄζοις οὐδὲ μέγα τηλεθόωσαν,
 ἀλλ' οἷον ταναῆς ἔρνος πέλει αἰγείριοι·
 τόσση ὁμῶς μῆκός τε καὶ ἐς πάχος ἦεν ιδέσθαι.
 ῥίμφα δ' οἰστοδόκην μὲν ἐπὶ χθονὶ θῆκε φαρέτρην

deixaram, para vir com abanar de caudas. 1145
 E fez inda outro encanto; até então não havia
 água no Díndimo; mas p'ra eles estourou
 do árido topo um fluxo incessante; os nativos
 chamam-na Fonte de Jasão desde essa feita.
 E um banquete fizeram em honra da deusa, 1150
 cantando a Reia augusta no monte dos Ursos;
 na aurora a ilha deixaram, cessados os ventos.
 Certa disputa, então, caiu sobre os heróis,
 de quem por último descansaria. Em torno
 abranda o mar e as ondas o espaço sem ventos. 1155
 E eles, firmes co' a calma, a nau adiante impelem
 com força; enquanto pelo mar ia qual flecha,
 nem de Poseidon os corcéis a alcançariam.
 Mas quando despertou no mar o vento em fúria,
 com brisas que vinham dos rios, durante a noite, 1160
 eles, exaustos dos labores, descansaram;
 e a esses, com vigor puxava com seus braços
 Héracles, fazendo vigas da nau grunhirem.
 Mas quando, ansiosos de alcançar as terras Mísias,
 o Ríndaco avistaram e a tumba de Egeon, 1165
 costeando a Frígia a pouca distância; então Héracles,
 contra os sulcos forçando-se de iradas ondas,
 partiu seu remo ao meio. Uma metade às mãos
 manteve ao despencar transverso, a outra o mar
 levou co' o refluir das ondas. E sentou-se 1170
 calado, olhando; nunca teve as mãos inertes.
 Quando, vindo do campo, um jardineiro torna
 à sua cabana, grato, almejando o jantar,
 ele, na entrada, dobra os joelhos cansados,
 sórdido e sujo, e as castigadas mãos observa, 1175
 tendo entoado injúrias ao seu próprio estômago;
 nessa hora chegaram às terras Cianidas
 perto do monte Argantônio, da foz do Cio.
 Simpáticos e hospitaleiros receberam-nos
 os Mísios, naturais daquela terra, e deram 1180
 ovelhas, vinhos, como fosse necessário.
 Então, alguns trouxeram troncos secos, outros
 folhas dos campos que juntaram p'ra arrumarem
 camas; e outros volteavam as lenhas do fogo;
 outros co' o misturar dos vinhos, co' o banquete, 1185
 no escurecer, sacrificam a Apolo Ecbásio.
 Tendo saudado a todos para um bom banquete,
 foi o filho de Zeus até os bosques, que um remo
 iria fabricar, pras próprias mãos talhado.
 Vagando por ali, achou um galho que era 1190
 sem tantos ramos, e nem muito florescido,
 mas tal qual jovem broto de um álamo imenso,
 tão grande via-se em largura e em extensão.
 Veloz, botou no chão a aljava com seu arco,

αὐτοῖσιν τόξοισιν, ἔδου δ' ἀπὸ δέρμα λέοντος·	1195
τὴν δ' ὄγε, χαλκοβαρεῖ ροπάλῳ δαπέδοιο τινάξας	
νειόθεν, ἀμφοτέρησι περὶ στύπος ἔλλαβε χερσὶν	
ἠγορήε πίσυνος, ἐν δὲ πλατὺν ὦμον ἔρεισεν	
εὖ διαβάς· πεδόθεν δὲ βαθύρριζόν περ εὐῶσαν	
προσφὺς ἐξήειρε σὺν αὐτοῖς ἔχμασι γαίης.	1200
ὥς δ' ὅταν ἀπροφάτως ἰστὸν νεός, εὖτε μάλιστα	
χειμερίη ὀλοοῖτο δύσιν πέλει Ὀρίωνος,	
ὑψόθεν ἐμπλήξασα θοῇ ἀνέμοιο κατὰιξ	
αὐτοῖσι σφήνεσσιν ὑπὲκ προτόνων ἐρύσσηται –	
ὥς ὄγε τὴν ἤειρεν· ὁμοῦ δ' ἀνὰ τόξα καὶ ἰοὺς	1205
δέρμα θ' ἔλῶν ρόπαλόν τε, παλίσσυτος ὦρτο νέεσθαι.	
Τόφρα δ' Ὑλας χαλκῆ σὺν κάλπιδι νόσφιν ὁμίλου	
δίζητο κρήνης ἱερὸν ρόον, ὥς κέ οἱ ὕδωρ	
φθαίῃ ἀφυσσάμενος ποτιδόρπιον, ἄλλα τε πάντα	
ὀτραλέως κατὰ κόσμον ἐπαρτίσσειεν ἰόντι.	1210
δὴ γάρ μιν τοίοισιν ἐν ἤθεσιν αὐτὸς ἔφερβε,	
νηπίαχον τὰ πρῶτα δόμων ἐκ πατρὸς ἀπούρας,	
δήου Θειοδάμαντος, ὃν ἐν Δρυόπεσσιν ἔπεφνεν	
νηλειῇ, βοὸς ἀμφὶ γεωμόρου ἀντιόωντα.	
ἦτοι ὁ μὲν νειοῖο γύας τέμνεσκεν ἀρότρῳ	1215
Θειοδάμας ἑάνῃ βεβωλημένος· αὐτὰρ ὁ τόνγε	
βοῦν ἀρότην ἦνωγε παρασχέμεν, οὐκ ἐθέλοντα	
ἵετο γὰρ πρόφασιν πολέμου Δρυόπεσσι βαλέσθαι	
λευγαλέην, ἐπεὶ οὐ τι δίκης ἀλέγοντες ἔναιον.	
ἀλλὰ τὰ μὲν τηλοῦ κεν ἀποπλάγξειεν ἀοιδῆς·	1220
αἶψα δ' ὄγε κρήνην μετεκίαθεν ἣν καλέουσιν	
Πηγάς ἀγχίγυοι περιναίεται. οἱ δέ που ἄρτι	
νυμφάων ἴσταντο χοροί· μέλε γάρ σφισι πάσαις	
ὄσσαι κεῖν' ἐρατὸν νύμφαι ρίον ἀμφενέμοντο	
Ἄρτεμιν ἐννυχίησιν ἀεὶ μέλπεσθαι ἀοιδαῖς.	1225
αἱ μὲν, ὄσαι σκοπιὰς ὀρέων λάχον ἢ καὶ ἐναύλους	
αἶ γε μὲν ὑλήωροι, ἀπόπροθεν ἐστιχόωντο·	
ἢ δὲ νέον κρήνης ἀνεδύετο καλλινάοιο	
νύμφη ἐφουδατίη. τὸν δὲ σχεδὸν εἰσενόησεν	
κάλλει καὶ γλυκερῇσιν ἐρευθόμενον χαρίτεσσιν,	1230
πρὸς γάρ οἱ διχόμηνις ἀπ' αἰθέρος αὐγάζουσα	
βάλλε σεληναίη· τῆς δὲ φρένας ἐπτοίησεν	
Κύπρις, ἀμηχανίη δὲ μόλις συναγείρατο θυμόν.	
αὐτὰρ ὄγ' ὥς τὰ πρῶτα ρόφ' ἐνὶ κάλπιν ἔρεισε	
λέχρις ἐπιχιρμηθεὶς, περὶ δ' ἄσπετον ἔβραχεν ὕδωρ	1235
χαλκὸν ἐς ἠχήεντα φορεύμενον, αὐτίκα δ' ἦγε	
λαιὸν μὲν καθύπερθεν ἐπ' αὐχένος ἄνθετο πῆχυν,	
κύσσαι ἐπιθύουσα τέρεν στόμα, δεξιτερῇ δὲ	
ἀγκῶν' ἔσπασε χειρὶ· μέσῃ δ' ἐνὶ κάββαλε δίνῃ.	
Τοῦ δ' ἥρωος ἰάχοντος ἐπέκλυεν οἷος ἐταίρων	1240
Εἰλατίδης Πολύφημος, ἰὼν προτέρωσε κελεύθου,	
δέκτο γὰρ Ἡρακλῆα πελώριον ὀππὸθ' ἵκοιτο.	1242
αἶψα δ' ἐρυσσάμενος μέγα φάσγανον ὦρτο δῖεσθαι,	[1250]
μή πως ἢ θήρεσσιν ἔλωρ πέλοι, ἢ ἐμιν ἄνδρες	[1251]

e despojou-se da pelagem de leão. 1195
 Co' a clava brônzea o galho da terra afrouxou
 e por baixo com ambas as mãos o agarrou,
 crente em sua força; e o apertou contra o ombro largo
 abrindo bem as pernas; levantou-o da terra
 junto a torrões, cravado estava tão profundo. 1200
 E como quando o mastro da nau, na imprevista
 tormenta no poente invernal d'Órion fúnebre,
 que sofre um vento agudo que de cima investe,
 se arranca, carregado, de todos os calços,
 assim ele a ergueu. Seu arco e flechas logo 1205
 juntou, e clava e pele, e se apressou à volta.

Hilas, com brônzeo jarro, apartado do grupo
 procurava a corrente sacra de uma fonte,
 para obter água para a janta e tudo mais
 organizar antes que aquele retornasse. 1210
 Pois nessas coisas o outro bem o educou,
 quando o levou na infância da casa do pai,
 o bom Teodamas, este morto sem piedade
 em Dríopes, em contenda por um boi de arar.
 Estava por fender a terra com arado 1215
 Teodamas, pela mágoa acometido; o outro
 mandava que entregasse o boi contra a vontade.
 Razões queria, pois, p'ra pelejar co' os Dríopes,
 pois não viviam nos costumes da justiça.
 Mas tais assuntos me desviam do meu canto. 1220
 Chegou Hilas, veloz, à fonte, conhecida
 por Pegas pela vizinhança. Há pouco, é certo,
 as ninfas alinhavam danças; se ocupavam
 todas as ninfas habitantes desse amável
 cume à noite, de celebrar com cantos Ártemis. 1225
 As ninfas que por lote tinham cumes, matas
 ou riachos, de longe em longas filas vinham,
 enquanto outra emergia de um belo fluir
 da fonte, ninfa d'água; e perto, ela o notou,
 ruborizando com beleza e doce encanto. 1230
 Pois a lua completa, refulgindo no éter,
 sobre ele se lançava. Cípris a feriu
 no coração, tornando um desconjunto o espírito.
 Quando ele na corrente o jarro mergulhou
 no fluxo e ressoou a água com violência 1235
 ao esbarrar co' bronze, num momento o braço
 esquerdo ela desceu por sobre o seu pescoço
 ansiando de sua tenra boca um beijo; a destra
 puxou seu cotovelo e o lançou ao vórtice.

À parte dos comparsas, só ouviu o clamor 1240
 o herói Polifemo Elatida, à frente andando,
 querendo em sua vinda receber a Héracles. 1242
 Veloz sacando a grande espada foi segui-lo, [1250]
 temendo que de feras fosse presa, ou que homens [1251]

μοῦνον ἐόντ' ἐλόχησαν, ἄγουσι δὲ ληίδ' ἐτοίμην· [1252]
 βῆ δὲ μεταίξας Πηγέων σχεδόν, ἥυτε τις θήρ 1243
 ἄγριος, ὃν ῥά τε γῆρυς ἀπόπροθεν ἔκετο μήλων,
 λιμῶ δ' αἰθόμενος μετανίσσεται, οὐδ' ἐπέκυσσε 1245
 ποίμνησιν, πρὸ γὰρ αὐτοὶ ἐνὶ σταθμοῖσι νομῆες
 ἔλσαν· ὁ δὲ στενάχων βρέμει ἄσπετον, ὄφρα κάμησιν –
 ὥς τότε ἄρ' Εἰλατίδης μεγάλ' ἔστενεν, ἀμφὶ δὲ χῶρον
 φοῖτα κεκληγῶς, μελέη δέ οἱ ἔπλετ' αὐτή. 1249
 ἐνθ' αὐτῷ ξύμβλητο κατὰ στίβον Ἡρακλῆι 1253
 γυμνὸν ἐπισσεῖων παλάμη ξίφος, εὖ δέ μιν ἔγνω
 σπερχόμενον μετὰ νῆα διὰ κνέφας· αὐτίκα δ' ἄτην 1255
 ἔκφατο λευγαλέην, βεβαρημένος ἄσθματι θυμόν·
 “Δαιμόνιε, στυγερὸν τοι ἄχος πάμπρωτος ἐνίσσω.
 οὐ γὰρ Ὑλάς, κρήνηνδε κιών, σόος αὐτίς ἰκάνει,
 ἀλλὰ ἐλπιστῆρες ἐνιχρίμψαντες ἄγουσιν
 ἢ θῆρες σίνονται· ἐγὼ δ' ἰάχοντος ἄκουσα.” 1260
 ὣς φάτο· τῷ δ' αἰόντι κατὰ κροτάφων ἄλις ἰδρώς
 κήκιν, ἂν δὲ κελαϊνὸν ὑπὸ σπλάγχνοις ζέεν αἷμα.
 χωόμενος δ' ἐλάτην χαμάδις βάλεν, ἐς δὲ κέλευθον
 τὴν θέεν ἢ πόδες αὐτοὶ ὑπέκφερον αἰσسونτα.
 ὥς δ' ὅτε τίς τε μύωπι τετυμμένος ἔσσυτο ταῦρος 1265
 πίσεά τε προλιπὼν καὶ ἐλεσπίδας, οὐδὲ νομῶν
 οὐδ' ἀγέλης ὄθεται, πρήσσει δ' ὁδὸν ἄλλοτ' ἀπαυστος,
 ἄλλοτε δ' ἰστάμενος καὶ ἀνὰ πλατὺν αὐχέν' ἀείρων
 ἦσιν μύκημα, κακῷ βεβολημένος οἴστρω –
 ὥς ὅγε μαιμῶων ὅτ' ἐμὲν θοᾷ γούνατ' ἐπαλλεν 1270
 συνεχέως, ὅτ' ἐμὲν αὐτὲ μεταλλήγων καμάτοιο
 τῆλε διαπρύσιον μεγάλη βοάσκειν αὐτῇ.
 Αὐτίκα δ' ἀκροτάτας ὑπερέσχεθεν ἄκριας ἀστήρ
 ἠῶς, πνοιαί δὲ κατήλυθον· ὦκα δὲ Τίφυς 1275
 ἐσβαίνειν ὀρόθυνεν ἐπαυρέσθαι τ' ἀνέμοιο.
 οἱ δ' εἴσβαινον ἄφαρ λελητημένοι, ὕψι δὲ νηός
 εὐναίας ἐρύσαντες ἀνεκρούσαντο κάλῳας·
 κυρτώθη δ' ἀνέμῳ λῖνα μεσσόθι, τῆλε δ' ἀπ' ἀκτῆς
 γηθόσυννοι φορέοντο παραὶ Ποσιδήιον ἄκρην.
 ἦμος δ' οὐρανόθεν χαροπὴ ὑπολάμπεται ἠώς 1280
 ἐκ περάτης ἀνιοῦσα, διαγλαύσσουσι δ' ἀταρποί
 καὶ πεδία δροσόεντα φαεινῇ λάμπεται αἴγλη –
 τῆμος τούσγ' ἐνόησαν αἰδρεῖν λιπόντες.
 ἐν δὲ σφιν κρατερὸν νεῖκος πέσεν, ἐν δὲ κολῳός
 ἄσπετος, εἰ τὸν ἄριστον ἀποπρολιπόντες ἔβησαν 1285
 σφωιτέρων ἐτάρων. ὁ δ' ἀμηχανίησιν ἀτυχεῖς
 οὔτε τι τοῖον ἔπος μετεφώνεεν οὔτε τι τοῖον
 Αἰσονίδης, ἀλλ' ἦστο βαρεῖη νειόθεν ἄτη
 θυμὸν ἔδων. Τελαμῶνα δ' ἔλεν χόλος, ὧδ' ἐμὲν τ' ἔειπεν·
 “Ἦσ' αὐτῶς εὐκηλος, ἐπεὶ νῦν τοι ἄρμενον ἦεν 1290
 Ἡρακλῆα λιπεῖν· σέο δ' ἔκτοθι μῆτις ὄρωρεν,
 ὄφρα τὸ κείνου κῦδος ἀν' Ἑλλάδα μὴ σε καλύψῃ,
 αἶ κε θεοὶ δώωσιν ὑπότροπον οἴκαδε νόστον.
 ἀλλὰ τί μύθων ἦδος; ἐπεὶ καὶ νόσφιν ἐταίρων

em tocaia o levassem como espólio fácil. [1252]
 Perto de Pegas, perseguindo o som qual fera 1243
 selvagem, que de longe ouviu balir de ovelhas,
 e o segue ardendo pela fome, sem achar 1245
 o gado; que antes em estalas os fecharam
 pastores; geme e ruge a fera até cansar;
 também gemia forte o Elatida, errando
 e em gritos nunca ouvidos, ao redor do ponto. 1249
 Então, brandindo em sua mão a espada nua, 1253
 na trilha encontrou Héracles; e bem notou
 que ele seguia para a nau na escuridão. 1255
 Contou-lhe da desdita, em coração aflito:
 “Infausto, odiosas dores trago-te primeiro.
 Pois Hílas, ido à fonte, não teve retorno,
 tendo ladrões o carregado após ataque,
 ou ferem-no as feras; eu mesmo o ouvi gritar.” 1260
 Assim falou; ouviu e muito souou nas tēmporas,
 e em seu interior ferveu um sangue negro.
 Lançou seu galho ao chão, irado, e se apressou
 pelo caminho, em ímpeto, seguindo a trilha.
 Qual touro impulsionado por ferrão de inseto 1265
 que pastos abandona e campos, e que ignora
 pastores e rebanhos, ora indo incessante,
 ora detendo-se e o pescoço largo erguendo
 para mugir, ferido pelo hostil ferrão;
 assim movia ardente os joelhos sem descanso, 1270
 e quando às vezes ao empenho dava pausa
 ao longe um grito colossal vociferava.
 A estrela d’alva mais que os picos ascendeu,
 então, e as brisas caíram; Tífis veloz
 urgiu-os ao embarque e a aproveitar os ventos. 1275
 Ansiosos embarcaram; tendo recolhido
 da nau a âncora, também içaram cabos.
 C’o vento ao meio as velas se encurvaram, e eles
 felizes iam pelo cabo de Poseidon.
 E quando a aurora luzidia do céu lança 1280
 seu brilho, vindo ao longe e as vias aclarando,
 brilhando os planos orvalhados co’ esses raios,
 então compreendem que dos sócios se apartaram.
 Sobre eles veio grande discussão, desordem
 sem limites: partiram, pois, sem os melhores 1285
 de seus homens, deixando-os? Pelas penas débil,
 não decidiu pra mais, não decidiu pra menos
 o Esônida, pesada confusão roendo
 seu coração; e disse Têlamon, raivoso:
 “Ficas assim tranquilo, pois a ti era cômodo 1290
 deixar Héracles; tal artimanha geraste,
 que não eclipse a glória dele à tua na Hélade,
 se acaso os deuses nos concedem o retorno.
 Mas que deleite há nas palavras? Voltarei

εἶμι τεῶν οἱ τόνδε δόλον συνετεκτίναντο.” 1295
 Ἦ· καὶ ἐς Ἀγνιάδην Τίφυν θόρε, τὼ δέ οἱ ὅσσε
 ὄστλιγγες μαλεροῖο πυρὸς ὥς ἰνδάλλοντο.
 καὶ νύ κεν ἄψ ὀπίσω Μυσῶν ἐπὶ γαῖαν ἵκοντο,
 λαῖτμα βησάμενοι ἀνέμου τ' ἄλληκτον ἰωήν,
 εἰ μὴ Θρηκίοιο δῶν υἴες Βορέας 1300
 Αἰακίδην χαλεποῖσιν ἐρητύεσκον ἔπεσιν,
 σχέτλιοι· ἦ τέ σφιν στυγερὴ τίσις ἔπλετ' ὀπίσσω
 χερσὶν ὑφ' Ἡρακλῆος, ὃ μιν δίζεσθαι ἔρυκον.
 ἄθλων γὰρ Πελίαο δεδουπότος ἄψ ἀνιόντας 1305
 Τήνῃ ἐν ἀμφιρύτῃ πέφνεν· καὶ ἀμήσατο γαῖαν
 ἀμφ' αὐτοῖς στήλας τε δῶν καθύπερθεν ἔτευξεν,
 ὦν ἐτέρη, θάμβος περιώσιον ἀνδράσι λεύσσειν,
 κίνυται ἠχήεντος ὑπὸ πνοιῇ Βορέας.
 καὶ τὰ μὲν ὥς ἤμελλε μετὰ χρόνον ἐκτελέεσθαι·
 τοῖσιν δὲ Γλαῦκος βρυχίης ἁλὸς ἐξεφαάνθη, 1310
 Νηρῆος θείοιο πολυφράδμων ὑποφήτης·
 ὕψι δὲ λαχνῆεν τε κάρη καὶ στήθε' ἀείρας
 νειόθεν ἐκ λαγόνων, στιβαρῇ ἐπορέξατο χειρὶ
 νηίου ὀλκαίοιο, καὶ ἴαχεν ἐσσυμένοισιν·
 “Τίπτε παρὲκ μεγάλοιο Διὸς μενεαίνετε βουλήν 1315
 Αἰήτεω πτολίεθρον ἄγειν θρασὺν Ἡρακλῆα;
 Ἄργεῖ οἱ μοῖρ' ἐστὶν ἀτασθάλαφ' Εὐρυσθῆϊ
 ἐκπλῆσαι μογέοντα δωδεκα πάντας ἀέθλους,
 ναίειν δ' ἀθανάτοισι συνέστιον, εἴ κ' ἔτι παύρους
 ἐξάνύσῃ· τῷ μὴ τι ποθὴ κείνοιο πελέσθω. 1320
 αὐτῶς δ' αὖ Πολύφημον ἐπὶ προχοῇσι Κίοιο
 πέπρωται Μυσοῖσι περικλεὲς ἄστνυ καμόντα
 μοῖραν ἀναπλήσειν Χαλύβων ἐν ἀπείρονι γαίῃ.
 αὐτὰρ ὕλαν φιλότῃ θεᾷ ποιήσατο νύμφη
 ὄν πόσιν, οἷο περ οὖνεκ' ἀποπλαγχθέντες ἔλειφθεν.” 1325
 Ἦ, καὶ κῦμ' ἀλίσστον ἐφέσσατο νειόθι δῦπας·
 ἀμφὶ δέ οἱ δίνῃσι κυκώμενον ἄφρεεν ὕδωρ
 πορφύρεον, κοίλῃν δ' αἶξ ἁλὸς ἔκλυσε νῆα.
 γήθησαν δ' ἥρωες· ὁ δ' ἐσσυμένως ἐβεβήκει 1330
 Αἰακίδης Τελαμῶν ἐς Ἰήσονα, χεῖρα δὲ χειρὶ
 ἄκρην ἀμφιβαλὼν προσπτύξατο φώνησέν τε·
 “Αἰσονίδη, μὴ μοί τι χολώσσαι, ἀφραδίῃσιν
 εἴ τί περ ἀασάμην, πέρι γάρ μ' ἄχος †εἶλεν ἐνισπεῖν
 μῦθον ὑπερφιάλόν τε καὶ ἄσχετον· ἀλλ' ἀνέμοισιν
 δώομεν ἀμπλακίην, ὥς καὶ πάρος εὐμενέοντες.” 1335
 Τὸν δ' αὖτ' Αἰσονος υἱὸς ἐπιφραδέως προσέειπεν·
 “ὦ πέπον, ἦ μάλα δὴ με κακῷ ἐκυδάσσαο μῦθῳ,
 φᾶς ἐνὶ τοισίδ' ἅπασιν ἐννέος ἀνδρὸς ἀλείτῃν
 ἔμμεναι. ἀλλ' οὐ θῆν τοι ἀδευκέα μῆνιν ἀέξω,
 πρὶν περ ἀνηθείς· ἐπεὶ οὐ περὶ πῶεσι μήλων 1340
 οὐδὲ περὶ κτεάτεσσι χαλεψάμενος μενέηνας,
 ἀλλ' ἐτάρου περὶ φωτός, ἔολπα δὲ τῶς σε καὶ ἄλλῳ
 ἀμφ' ἐμεῦ, εἰ τοιόνδε πέλοι ποτέ, δηρίσασθαι.”
 Ἦ ῥα, καὶ ἀρθμηθέντες ὅπη πάρος ἐδριόωντο.

sem mais teus sócios, que contigo conspiraram.” 1295

Disse e lançou-se por sobre Tífis Agniade;
 tinha nos olhos fachos como fogo ardente.
 E voltariam rápido à terra dos Mísios
 tendo enfrentado o fundo mar e o vento em brados,
 não tivessem os dois filhos do Trácio Bóreas 1300
 detido com palavras severas o Eácida,
 desgraçados; ainda um castigo teriam
 nas mãos de Hércules, já que a busca interromperam.
 Pois ao voltarem dos jogos em honra a Pélias,
 na Tenos insular, os atacou e em torno 1305
 deles pôs terra, e duas colunas por cima,
 das quais uma, que aos homens provoca fascínio,
 move-se sob o soprar ruidoso de Bóreas.
 Tais as coisas que em tempos viriam a ser.

E a eles veio Glauco do fundo do mar, 1310
 do divino Nereu o intérprete sensato;
 tendo erguido a cabeça hirsuta e peitoral
 na altura dos flancos, a mão forte estendeu
 prendendo a popa do navio, gritando ao bando:

“Por que intentais, contrários ao que Zeus deseje, 1315
 conduzir Hércules à cidadela de Eetes?
 Pois é seu fado que ao petulante Euristeu,
 em Argos, cumpra doze trabalhos, exausto,
 e vá habitar a casa de imortais, cumprindo
 os que inda restam; não sofraís por ele em vão. 1320
 E a Polifemo é destinado em foz do Quio,
 entre os Mísios, fundar cidade gloriosa
 e atinar c’o seu fado em vastas terras Cálibes.
 De Hilas, porém, enamorou-se diva ninfa
 e fê-lo esposo seu, levando-os a perderem-se.” 1325

Falou, e submergiu sob o mar incansável;
 em torno a água em vórtices fazia espuma,
 da nau banhando as quilhas, ao correr no mar.
 Os heróis se alegraram; e apressado foi
 Têlamon Eácida a Jasão, mão na mão 1330
 tomou, a dele contra a sua, e lhe falou:
 “Esônida, comigo não te enerves, se eu,
 me enganei, tolo; me envolvido tendo a dor,
 falei-te indócil e arrogante. Deixa que dê
 aos ventos meus enganos, e amáveis voltemos.” 1335

Lhe respondeu o filho de Esão, sabiamente:
 “Amigo, em mim lançaste vero vis palavras,
 dizendo em meio a todos ser eu celerado
 contra um bom homem. Mas não mais nutro ira alguma,
 embora antes magoado; pois não por rebanhos, 1340
 e nem por posses que te enfureceste tanto,
 mas por um homem, teu comparsa. Espero que outro
 por mim enfrentes, se tal coisa a mim sucede.”

Falou, e unidos se sentaram tal como antes.

τῷ δὲ Διὸς βουλῇσιν, ὁ μὲν Μυσοῖσι βαλέσθαι	1345
μέλλεν ἐπώνυμον ἄστν πολισσάμενος ποταμοῖο	
Εἰλατίδης Πολύφημος, ὁ δ' Εὐρυσθῆος ἀέθλους	
αὖτις ἰὼν πονέεσθαι· ἐπηπείλησε δὲ γαῖαν	
Μυσίδ' ἀναστήσειν αὐτοσχεδόν, ὅπποτε μὴ οἱ	
ἢ ζωοῦ εὖροιεν Ὑλα μόρον ἢ ἐθανόντος.	1350
τοῖο δὲ ῥύσι' ὅπασσαν ἀποκρίναντες ἀρίστους	
υἱέας ἐκ δήμοιο, καὶ ὄρκια ποιήσαντο	
μήποτε μαστεύοντες ἀπολλήξειν καμάτιο.	
τούνεκεν εἰσέτι νῦν περ Ὑλαν ἐρέουσι Κιανοί,	
κοῦρον Θειοδάμαντος, ἐυκτιμένης τε μέλονται	1355
Τρηχῖνος· δὴ γάρ ῥα καταυτόθι νάσσατο παῖδας	
οὓς οἱ ῥύσια κείθεν ἐπιπροέηκαν ἄγεσθαι.	
Νηῦν δὲ πανημερίην ἄνεμος φέρε νυκτί τε πάση	
λάβρος ἐπιπνείων· ἀτὰρ οὐδ' ἐπὶ τυτθὸν ἄητο	
ἠοῦς τελλομένης. οἱ δὲ χθονὸς εἰσανέχουσιν	1360
ἄκτῃν ἐκ κόλποιο μάλ' ἱεὺρεῖαν ἐσιδέσθαι	
φρασσάμενοι κόπησιν ἅμ' ἠελίῳ ἐπέκελσαν.	

<p> Por desígnios de Zeus, enquanto para os Mísios fundaria e alçar, por fado, pólis com o nome do rio o Ilatida Polifemo, ia o outro cumprir as provas de Euristeu. E ameaçou as terras Mísias arrasar, se não achassem pra ele o fado negro de Hilas, vivo ou morto. </p>	<p>1345</p> <p>1350</p>
<p> E a ele deram como reféns os melhores filhos da pólis, e fizeram juramento, de nunca desistir do labor da procura. Por isso ainda hoje os de Quio perguntam por Hilas, o filho de Teodamante, e cuidam da bela Tráquis: pois lá foram abrigadas as crianças enviadas como garantia. </p>	<p>1355</p>
<p> Por todo o dia e noite leva a nau o vento, que soprava com força; mas nenhum soprar havia co' surgir da aurora, e avistaram um cabo que do golfo parecia largo, e acostaram com remos ao nascer do sol. </p>	<p>1360</p>

5. Notas ao Canto 1

1. A palavra Ἀρχόμενος, que inicia o poema, e que traduzi por “Começo” (usando uma primeira pessoa que, no original, abre o v. 2: μνήσομαι), representa uma ruptura com os modelos homéricos, que apresentavam na palavra de abertura um indício-chave da estrutura temática da narrativa (Μῆνιν, “Ira”, na *Ilíada*; Ἄνδρα, “Homem”, na *Odisseia*). Entretanto, como indicado por Goldhill (1991, p. 287), Apolônio utiliza um modelo que se aproxima dos *Hinos Homéricos*, como no *Hino a Selene* (vv. 18-9), que apresenta estrutura semelhante: σέο δ' ἀρχόμενος κλέα φωτῶν ἄσομαι “começando por ti, cantarei os famosos feitos de mortais”, e também no *Hino a Apolo* (v. 1), que se inicia com o seguinte verso, utilizando a mesma primeira pessoa: Μνήσομαι οὐδὲ λάθωμαι Ἀπόλλωνος ἐκάτοιο, “Lembro sem negligência de Apolo longe-arqueiro”. Também em Teógnis encontramos uma invocação a Apolo que faz uso do Ἀρχόμενος (Teógnis 1.1-2, de acordo com os escólios a Apolônio): ὦ ἄνα, Λητοῦς υἱέ, Διὸς τέκος, οὔποτε σεῖο / λήσομαι ἀρχόμενος, οὐδ' ἀποπαυόμενος, “Ó senhor, filho de Leto, criança de Zeus, nunca de ti / esquecerei, começando ou chegando ao término”. Assim, não se pode pretender que Apolônio esteja operando com inovações exclusivas, já que não está senão retomando um estilo encontrado nos *Hinos*. Além disso, não deixava de ser comum a abertura de uma performance épica com um hino, sendo exemplo disso a *Teogonia* de Hesíodo, autor este de grande prestígio entre os poetas do período helenístico. Assim, Apolônio demonstra grande inventividade ao praticamente enquadrar o seu poema, como um todo, em um formato hímico, já que seu fim adota processos que remetem a esse tipo de “prelúdio” à épica: “when the epic (...) abruptly ends with the closing formulas of a hymn, framing the narrative, it is as if the complete *Argonautica* has been a (hymnic) prelude; as if the pretext to end is – playfully – an epic to come” (Goldhill, 1991, p. 287). Portanto, além de consistir em uma das ferramentas que emolduram o poema no formato de hino, o uso de Ἀρχόμενος também indica o posicionamento do narrador em uma condição de destaque com relação ao domínio do enredo, pois, apontando explicitamente para essa ideia consciente de início, ele evidencia as diferentes partes (enquanto “seções”) do texto, como é observado por Goldhill, 1991, p. 287 e também Morrison, 2007 (de maneira mais enfática), já anunciando nesta abertura, portanto, um primeiro indício de uma autoconsciência narrativa desenvolvida por Apolônio ao longo do poema. Além do que já foi visto no capítulo 2.2, a respeito do narrador, as questões apresentadas nas notas aos vv. 22 e 23 também aprofundarão esta discussão.

κλέα φωτῶν: construção que remete não só aos versos do *Hino a Selene* (v. n. anterior), mas também à descrição de Aquiles no canto nono da *Ilíada* (Il. 9.189), onde o poeta canta as κλέα ἄνδρῶν, que poderíamos bem traduzir como “as glórias de homens”. Goldhill, 1991, p. 288, discute que uma oposição entre φωτῶν (*people*) e ἄνδρῶν (*men*) pode sugerir que a *Argonáutica* seja uma épica do valor coletivo ao invés de ser uma épica do valor individual, como seria, de acordo com ele, a *Ilíada*. Minha tradução, no entanto, não vislumbra a possibilidade de traduzir κλέα φωτῶν como “glórias de pessoas”, já que a fórmula “glórias de homens” parece ser igualmente suficiente para transmitir o sentido do texto grego nesse caso.

9. Ἀναύρου: rio na Magnésia, Tessália, que passa por Iolcos e desemboca no golfo Pelasgo. Mooney, 1912, p. 68, comenta sobre a adjetivação dada por Apolônio ao rio (χειμερίοιο, “swollen with winter snows”, e que traduzi por “invernal”) e a posterior utilização do seu

nome para designar qualquer torrente montanhosa, como se vê em Licofronte, *Alexandra*, v. 1424: ἅπας δ' ἀναύρων νασμὸς αὐανθήσεται, “toda corrente torrencial terá secado”.

14. Hera, que surge neste verso como a divindade negligenciada pelas oferendas do banquete de Pélias, terá sua vingança consumada no canto 3. Ela é a divindade protetora de Jasão, nutrindo simpatia pelo herói (ἐπεὶ φίλος ἦεν Ἰήσων, *Od.* 12.72), além de ser a responsável direta pela perda de uma das sandálias do herói no rio Anauro, de forma a anunciar a concretização do oráculo dado a Pélias nos vv. 5-7. Mesmo que os motivos de vingança da deusa sejam deixados de lado durante parte do poema, eles reaparecem futuramente, quando Hera, assumindo um papel de destaque no início do canto terceiro, planeja com Afrodite o nascimento do amor entre Jasão e Medeia, o que culminará na morte violenta de Pélias. Diz Feeney, 1991, p. 62: “Hera retoma a dica dada no proêmio, que diz que a deusa deseja punir a Pélias por desonrá-la (3.64-5), e também se declara a favor de Jasão por sua gentileza na ocasião em que ela estava na terra, testando a piedade dos homens (3.68)”.

18. Outras epopeias arcaicas, como a *Naupactia* (de autor anônimo), e um poema de Epimênides (citados nos escólios a Apolônio de Rodes 2.1122a), já haviam cantado a construção da Argo (cf. Sánchez, 1982, p. 94). Com relação ao próprio mito dos argonautas, as menções mais antigas que conservamos são as que constam na *Odisseia* (12.59-72) e na *Teogonia* (vv. 992-1002). Para informações adicionais, cf. o capítulo 1 deste trabalho, p. 13.

22. Na primeira vez em que o narrador das *Argonáuticas* se dirige às Musas, colocando-as em posição de pouco destaque (apenas no v. 22) quando em comparação com poemas como a *Ilíada* e a *Odisseia*, seu pedido pode não ser exatamente por inspiração ou pelo canto divino. Uma interpretação bastante aceita por parte da crítica (cf. Morrison, 2007, Goldhill, 1991, pp. 292-3, Feeney, 1991, pp. 90-1) é a de uma notável inversão de papéis promovida pelo narrador, o que fortalece a tese da autoconsciência narrativa que expusemos na nota ao v. 1 e no capítulo 2.2, que trata do assunto mais detalhadamente. Ora, tendo em vista que a palavra ὑποφήτωρ pode ter tanto a acepção de “inspirador” como também de “intérprete” (cf. *LSJ* s. v. ὑποφήτης), não parece impossível que Apolônio possa estar de fato lançando mão de um artifício vocabular para inverter a relação entre poeta e Musa (ou sugerir veladamente tal inversão). Seguindo essa linha de interpretação, é o seu canto, afinal, que deverá ser interpretado pelas divindades. Há autores que discordam desse posicionamento e se mantêm fiéis ao sentido de ὑποφήτορες como “inspiradoras”, afirmando que não há tentativa de uma suposta inversão da soberania narrativa (cf. Mooney, 1912, p. 69, e Hunter, 1993, p. 125). Ardizzoni, 1967, pp. 101-2, discorda fortemente da leitura que coloca as Musas como ‘intérpretes’ do canto de Apolônio, sugerindo um olhar bastante interessante sobre a questão. De acordo com o ele, o uso que o poeta faz dessa linguagem ambígua, que acabou gerando tantas leituras “polêmicas e absurdas”, teria causado uma forte reação de seus contemporâneos, nomeadamente Teócrito (cf. *Idílio* 22, v.116) e Calímaco (cf. *Hino a Ártemis*, v. 186), obrigando Apolônio a compor uma retratação apropriada (*Arg.* 4.1381-2, trad. de Mariano V. Sánchez: Éste es un relato de las Musas, yo canto al dictado de las Piérides). Assim, dificilmente o poeta teria tido realmente a intenção de retratar as Musas como ‘intérpretes’ do seu canto, mesmo utilizando esse termo que, embora estranho, não fosse desconhecido ao contexto alexandrino e tivesse, afinal de contas, gerado comentários maliciosos de seus contemporâneos. Naturalmente, as soluções encontradas pelos tradutores acabam também por variar nesse sentido. Para alguns exemplos que estão de acordo com a leitura de Mooney e Hunter, cito os textos de Seaton, 1912, “may the Muses be the inspirers of my song!”, de Sánchez, de 1982, “¡Que las Musas sean inspiradoras de mi canto!”, e de Costa e Silva para o português, de 1952, “si tanto as musas nos concedem”. Minha tradução

optou pela solução “que as Musas decifrem meu canto”, pois, diferindo do que argumentaram alguns autores contrários a essa tese, a expressão em questão não é o único indício dessa manobra por parte do autor, e parece se amarrar de uma maneira bastante convincente ao sentido da evolução da autoconsciência narrativa (que culminará em uma decadência da figura do narrador ao longo dos cantos 3 e 4), principalmente quando pensada em conjunto com o uso da primeira pessoa (discutida na nota ao v. 1) e com a argumentação proposta por Feeney, 1991, pp. 90-1 e por Morrison, 2007.

23-228. Catálogo de heróis que participam da expedição. Acreditando na possibilidade de que se poderia encontrar alguma lógica geográfica na ordem do catálogo seguido por Apolônio de Rodes, cito Mooney, 1912, p. 69: “Walther (De Ap. Rhod. Argonaut. rebus geographicis) shows that our poet in his catalogue of Argonauts followed as closely as his theme allowed the geography of the catalogue of the ships in *Il.* 2.484-760”. Sigo, portanto, a enumeração feita pelo autor: o catálogo homérico começa pela Beócia e segue para Orcômeno, Fócis, Lócris, Eubeia, Ática, Salamina, as ilhas do Egeu, e enfim para a Tessália. A sequência de Apolônio começa pela Piéria, nas fronteiras ao norte da Grécia, segue para a Tessália, aos Lócios Opuntos, Eubeia, Egina, Beócia, Ática, o Peloponeso (onde insere os heróis de Mileto e de Samos), Etólia, Fócias, e, tendo mencionado os heróis da Trácia, Zetes e Calais, termina com Acasto, que morava em Iolcos, na Tessália, de onde partiu a expedição. Sobre o papel do narrador de Apolônio de Rodes, que pode ser duplamente visto como o transmissor de uma cultura tradicional e como o criador de um poema “acadêmico” (v. n. 27 e 28-31), cf. Hunter, 1993, p. 127, conciliando com isso a composição do Catálogo: “*φατίζεται*, '[she] is reported' (1.24), and *ἐνέπουσιν*, 'men say' (1.27), in the account of Orpheus are, as elsewhere in the Catalogue, both an acknowledgement of the conserving power of popular tradition, as represented particularly by epic poetry, and a mark of caution in the choosing between variant sources. Apollonius constantly demands to be viewed as both the traditional transmitter of a cultural heritage and as the manipulative creator of a scholarly poem”.

23. Ὀρφεύς: Orfeu, o primeiro a ser mencionado, ocupa uma posição de evidente destaque dentro da série. Sánchez, 1982, p. 94, ressalta em nota que é coerente a enumeração do herói logo após a menção às Musas, pois ele é filho da musa Calíope. Outro fator que contribui para o crescente destaque da figura de Orfeu dentro do poema é a ideia de que Apolônio possa estar “glorificando seu papel como poeta por meio de maneiras não-homéricas” (cf. Hunter, 1993, p. 120), aproximando, assim, a figura do herói à própria figura do narrador que se faz aparente na épica. Goldhill (1991, p. 287) relaciona a utilização de Ἀρχόμενος na abertura do poema com a marcação não só da forma hímica e com a indicação da relevância do papel de Apolo, mas também, como discutido na nota ao v. 1, ao próprio ato do acontecimento narrativo (lembrando que o próprio deus é associado à arte poética). Não seria despropositado que Orfeu, sob esse aspecto, assumisse uma posição privilegiada na expedição, sendo ele próprio um reflexo da figura do poeta, que parece traçar sistematicamente paralelos da sua própria voz com o avançar da história dentro da épica. Goldhill, 1991, pp. 287-8: “(...) the journey of narration and the journey of the narrative are constantly and in a most self-conscious manner intertwined by Apollonius (...). This emphasis on narration itself as a thematic is followed by the announcement of the most traditional performative aim of epic, namely, *kleos*”. Hunter, 1993, pp. 120-1: “the poet is, at one level, like Jason, and the poem is the voyage. The presence of Orpheus on the ship reinforces this sense that the poet is a 'fellow-traveller'. Moreover, the poet is also like Apollo, god of poets - responsible for bringing this hazardous journey to a safe conclusion”. Por fim, no v. 33 descobrimos que Jasão teria convidado a Orfeu por sugestão do centauro Quíron. Os escólios a Apolônio no Códice Laurentiano, em comentário a esse verso (1854, p. 304), dão a seguinte explicação: “E

pergunta-se por que Orfeu, sendo fraco, navegava com os heróis. Porque Quíron, sendo adivinho, vaticinou que, estando Orfeu a navegar com eles, seriam capazes de passar pelas Sereias" (cf. 4.905 ss.).

26. ἐνέπουσιν: neste início do Catálogo vemos outro elemento do que referimos anteriormente como autoconsciência narrativa (v. n. 1). De acordo com Hunter, 1993, p. 274 (*apud* Morrison, 2007, p. 106), "In the Catalogue, for example, we meet several 'they say' statements which indicate that the narrator is relying on sources, from which he is building and selecting, for the material of his song" (cf. também 1.59-60, 1.122-3, 1.135-6). Assim, a *persona* do narrador, que assume esse tipo de consciência acadêmica (um *scholar*, se utilizarmos o termo de Morrison), de algum modo relativiza a veracidade dos elementos narrados e traz, como em outros momentos que menciono abaixo, a épica para uma época muito mais próxima à de seus ouvintes, diferentemente da épica homérica dos tempos passados e perdidos. Goldhill, 1991, p. 322, cita a expressão ἔτι νῦν περ (cf. vv. 1.644, 1.825, 1.1061, 1.1354, 2.1214, 3.312, 4.480, 4.599) como sendo também um mecanismo crucial de apagamento da divisão clara entre "a alteridade do mundo épico do passado e o mundo presente do narrador". Com efeito, diz ele, "(...) aetiology, like the narrator's praeteritio, breaks into the epic's preterite narrative, changes the relation to the past that Homer's epic constructs, brings the epic towards the moment of reading". Ainda de acordo com Morrison, momentos como o da utilização de ἐνέπουσιν ou da partícula πού mostram o narrador como alguém que, não tendo o absoluto controle divino da narrativa (v. n. 22), precisa confiar em fontes que construam o enredo apesar de suas incertezas. A *persona* acadêmica desse narrador pode até mesmo duvidar de feitos que a sua própria história conta, como se pode ver no v. 1.154 (no Catálogo, referente a Linceu: εἰ ἔτεόν γε πέλει κλέος, "se acaso é vera a fama").

28-31. Uma característica marcante da poesia Helenística que é largamente explorada pelo autor das *Argonáuticas* é a inserção dos *aitia*, como comentamos no primeiro capítulo deste trabalho, sobre o contexto alexandrino de composição poética. Essas informações etiológicas consistem em testemunhos e vestígios da passagem dos heróis por diversos lugares: nomes, cultos, costumes, altares e objetos que conectam a antiga lenda com a realidade geográfica e cronológica do poeta e do leitor (Sánchez, 1982, pp. 51-2). Assim, neste primeiro item do Catálogo vemos também a primeira informação etiológica do poema. Como brevemente discutido na nota ao v. 26, a etiologia funciona para dois propósitos principais na obra de Apolônio de Rodes: ressaltar o trabalho acadêmico do autor com relação à pesquisa envolvida na procura da veracidade de certos fatos, tornando-o, em uma terminologia comumente utilizada pela fortuna crítica, um *scholar* (lembrando que tal procedimento é de gosto dos poetas do período Helenístico, tendo sido Calímaco, com os *Aetia*, a figura de provavelmente maior influência sobre a poesia de Apolônio); e aproximar do seu próprio tempo o mundo épico-mitológico contido em sua narrativa, diferentemente da épica arcaica que trata dos feitos de homens de um passado remoto e mítico. Morrison, 2007, p. 273, em um estudo focado exclusivamente sobre a figura do narrador, comenta essas possibilidades: "one reads the un-Homeric connection of narratorial present and mythological past which takes place in Apollonius' aetia as a 'betrayal' of Homeric epic, shattering the fiction of the 'absolute past' maintained in Homer, while the another has stressed the use of aetiology to provide a 'sense of cultural continuity' for Alexandrian intellectuals. Another important function of such information (...) is to 'fill out' the persona of the narrator" (cf. também o capítulo 2, p. 31ss., e as notas aos vv. 22 e 26 para mais discussões sobre a *persona* do narrador). Hutchinson, 1988, p. 94, no entanto, crê que o efeito da informação etiológica inserida na narrativa seja dispersivo: "When we are moved forward from the time of the myth to the time of Apollonius – and the movement is generally stressed by Apollonius' phraseology – we feel a stranger

sense of intrusion and interruption. This is partly a question of our emotional involvement in the story: we look for it to be sustained, and the *aitia* characteristically dispel and frustrate it”. Goldhill, 1991, p. 325, por fim, abre a leitura da etiologia para outras possibilidades, como a da própria reescrita do passado, citando Beye (1982, p. 99, que diz a respeito do *aition* presente nos vv. 2.500-27: “no more than description for description’s sake”) e logo o refutando: “he misunderstands the role of epic in producing a valorizing depiction of the world, which means that description can be called ‘for description’s sake’ only by an impoverished view of the power of language to order the world: here, indeed, the retelling of a famous Pindaric narrative (*Pyth.* 9.1-70), itself a rewriting of Hesiod (fr. 215-17 M-W) (‘someone has said’...) marks the appropriation of literary tradition in this Alexandrian explanation of the history of a delaying wind”.

29. Θρηκίη Ζώνης: dizem os escólios do Códice Laurentiano que Zona é a região montanhosa e também na cidade de mesmo nome, de acordo com Nicandro.

38. Ἀπιδανός τε μέγας καὶ δῖος Ἐνιπεύς: os rios Apidano e Enipeu circundam a Tessália. O monte Fileu, por sua vez, localiza-se dentro dos limites da Macedônia.

45. οὐδὲ μὲν Ἴφικλος: Íficlo, famoso por sua velocidade, é pai dos heróis homéricos Protesilau e Podarces (*Il.* 2.704-10). Tal é a tradução do trecho por Odorico Mendes (2.614-20): “denodado os juntara em naus quarenta / Protesilau, que a terra já cobria: / primeiro no altar, um Teucro o mata; / no inacabado alvergue as faces rasga / em Fílaxe a mulher. Saudosos dele, / do em rebanhos ali possante Ificlo / nado menor, Podarces ordenava-os”.

58. ἐσθλὸς μὲν, εὐθ' δ' οὐ πατρὸς ἀμείνων: na minha tradução deste verso, utilizei a solução dada por Costa e Silva (vv. 66-7), de modo que, embora discreta, haja alguma intertextualidade ou referência entre o texto aqui traduzido e a versão anterior do poeta oitocentista português.

59. Καινέα: Sánchez, 1982, p. 96: “O lápita Ceneu, que havia sido transformado de mulher em homem invencível por Poseidon, foi sepultado vivo a golpes de abeto pelos centauros (cf. Ovidio, *Met.* 12.459-532, *Arg. Órf.* 170-4)”.

68. O original contém uma informação que foi omitida na versão em português: Ctímena é dita “dos Dólopes”.

69. Μενόιτιον: Menetes, ou Menécio, era o pai de Pátroclo, uma das figuras proeminentes da *Ilíada*. Cf., por exemplo, *Il.* 18.323-7 (na tradução de Odorico Mendes, vv. 276-80: “Tal geme e brada aos Mirmidões Aquiles: / ‘Céus, que promessa vã! Dentro em seu paço / ao grã Menetes segurei que ovante / a Opunta voltaria o filho amado, / da rasa Tróia com porção da presa!”; Haroldo de Campos traduz da seguinte maneira o trecho [vv. 18.323-8]: “Assim também Aquiles / fundo-sofrendo, em meio aos Mirmidões, falou: / ‘Ai de mim! Vãs palavras com que encorajei / o Menécio, no paço, prometendo a Oponto / reconduzir-lhe o filho, após expugnar Ílion / e partilhar o saque”)).

74. Ὀϊλεύς: Oileu é pai de Ajax, o lócrio, e Apolônio lhe atribui as mesmas qualidades (“destro em perseguir rivais / quando estes retrocedem em suas falanges”, vv. 75-6) que distinguem a seu filho em Homero (Sánchez, 1982, p. 97). Cf. *Il.* 14.520-3: “A muitos prostra / o ágil filho de Oileu; pois, do inimigo / no encalço, a pé ninguém se igualava, / quando fuga e terror Jove incutia” (trad. de Odorico Mendes, vv. 438-41); “Ajax, célere, / raça de Oileu,

matou muitos: ninguém o iguala / no perseguir quem foge, aterrado por Zeus” (trad. de Haroldo de Campos, vv. 520-3).

87. Εὐρύτου: cf. *Odisseia* 8.224-8, sobre a soberba de Eurito. Assim é a passagem na tradução de Odorico Mendes (vv. 8.172-6): “Com prístimos varões não me comparo, / com Hércules e Êurito Ecaliense, / que na sua arte aos numes se atreviam: / o grande Êurito foi de curta vida, / ímpio desafiando o iroso Apolo”.

94-5. Τελαμὼν ... Πηλεὺς: também Télamon e Peleu são pais de heróis homéricos, um de Ájax, o outro de Aquiles, respectivamente. A ilha Ática mencionada no v. 93 é a ilha de Salamina, logo ao oeste de Atenas.

122. Ἡρακλῆος: Héracles, naturalmente uma das figuras mais discutidas dentro da épica de Apolônio, é, como diz Hunter, “um anômalo entre os Argonautas” (1993, p. 26). Começamos pelo fato, também ressaltado por Hunter, de que a expedição ocorre sob a proteção de Hera, divindade protetora de Jasão (v. n. 14). Como lembra o autor, a perseguição de Hera a Héracles já é um fato de conhecimento geral a partir de Homero (cf. *Il.* 18.119 e Hes. *Theog.* 315), e o próprio Apolônio não o ignora: δὴ γάρ που καὶ κεῖνα θεὰ τρέφεν αἰνὰ πέλωρα / Ἥρη, Ζηνὸς ἄκοιτις, ἀέθλιον Ἡρακλῆϊ, “Pois tais monstros atrozes, creio, eram nutridos / por Hera, esposa de Zeus, pra afrontarem Héracles” (1.996-7). Assim, sua figura dissonante é marcada desde o princípio, além de ser retomada com destaque diversas vezes durante o poema. Exemplos são as seguintes passagens: a eleição imediata do herói (θρασὺν Ἡρακλῆα, o “bravo Héracles”) como líder da expedição, numa passagem em que os demais heróis são referidos pelo narrador como véοι, “jovens” (1.341-3); a decisão conjunta de deixar o banco do centro da nau para Héracles, junto com Anceu, por seu tamanho desproporcional, de modo que a quilha da embarcação vergava sob seus pés (1.396-7 e 1.531-3); ter ele sido escolhido para a tarefa de preparar os bois para o sacrifício, golpeando-os com sua clava, novamente junto a Anceu (1.425-8); a permanência de Héracles na nau durante a estadia dos demais heróis na cidade de Mirina, na ilha de Lemnos (1.855-6); a censura de Héracles aos demais heróis nessa estadia a Lemnos, o que impulsionou a expedição a partir (1.862-4); a singular cena da nau Argo sendo levada apenas pelos remos de Héracles, cuja força era tão grande que fazia “as vigas da nau grunhirem”, partindo, ao final, seu remo ao meio, em uma cena de clara comicidade (1.1163-8); o sumiço de Hílas causando a ira e o desaparecimento de Héracles, fato tal que acabou por causar discórdia entre os argonautas (1.1240-72); a mensagem de Glauco aos heróis, que revela o fado de Héracles relativo aos doze trabalhos, de acordo com a vontade de Zeus (1.1315-20). Todas essas passagens, que resumem o papel de Héracles no canto primeiro das *Argonáuticas* (suas outras aparições serão apenas por alusões que se referem aos doze trabalhos), colocam-no muito claramente como uma figura deslocada do resto do grupo, seja por caráter, por força física ou pelo seu desprendimento da esfera do humano em direção ao divino. Héracles é, sem sombra de dúvidas, uma figura solitária em uma épica que certamente desenvolve traços do valor coletivo. “Moreover, no theme is more insistent throughout the poem than that of ‘the common good’, ‘mutual assistance’, ‘collective virtues’, but Heracles is traditionally a figure of solitary virtue and suffering – he is ill at ease in the socialized community” (Hunter, 1993, p. 26). No entanto, é possível que não baste apenas uma caracterização de Héracles como um contraponto à figura de Jasão, nem como uma figura indissociável apenas dos conceitos da força e da solidão. É certo que o herói é tido como uma figura que faz uso da força extrema para conquistar seus objetivos (cf. 2.145-53), além de ser caracterizado como violento e selvagem (pelas Hespérides; cf. 4.1432-49), ao contrário de Jasão, que chega a ser classificado a partir de Beye como um *love-hero* (Beye, C. F. *Jason as love-hero in Apollonios’ Argonautica, Greek, Rom. and Byz. Stud.* 10 [1969], 31-

55). Mas parece ser bastante chamativa e pertinente a ambivalência que marca, e até determina, a figura mítica de Héracles. Nesse sentido é que valorizo as palavras de Feeney, 1991, p. 95 (cf. também Hunter, 1993, p. 41) sobre o tema: “Heracles was the most protean and ambivalent creature in Greek myth. He was ambivalence itself: hero and god, receiving divine and heroic sacrifice in cult (...). That is, he occupies the interstices, the zones of transition, potentially always one thing or the other. He may be the hero in epic, tragedy, or comedy. (...) He is physical strength incarnate, and also a philosopher’s paradigm of intellectual resource and self-control. He is the great civilizer, clearing the world of monsters to make it safe for humans, who wears the untanned skin of an animal”. Com efeito, Apolônio parece manter esse elemento de ambivalência em sua narrativa. No canto primeiro vemos um Héracles que age entre a sábia restrição e a violência física. Mesmo sendo um herói humano, tido em alguma medida como um herói que se encaixa no paradigma homérico, não obstante se vê no próprio livro primeiro o anúncio de Glauco aos heróis de que Héracles se tornará um deus, caso vença as tarefas de seu fado. A composição desse personagem, quando temos em vista tamanha gama de características únicas, faz com que Héracles dificilmente consista apenas numa oposição ao paradigma heroico representado por Jasão. Mais que isso, ele representa o desprendimento da esfera coletiva e humana representada pela expedição daqueles heróis, partindo, assim, “através do deserto, em direção ao divino, para fora do poema” (Feeney, 1991, p. 98).

βίην Ἡρακλῆος: reutilização de uma construção que já Homero utilizara para o herói. Cf. *Il.* 2.644: βίην Ἡρακλῆϊ.

131. Ὑλας: a participação de Hilas nas *Argonáuticas* praticamente se resume ao episódio de seu sumiço e do consequente sumiço de Héracles (vv. 1207 ss.). Apolônio faz referência à história anterior dos dois personagens nos vv. 1211-4, tendo a mesma história servido de tema para Calímaco no livro 1 dos *Aetia*, fr. 24-5 (cf. também Teócrito *Idílio* 12 e Propércio I.20). Essa história (na versão seguida por Hunter, 1993, p. 37), rapidamente mencionada aqui, trata do encontro entre Héracles e Teodamas, rei dos Dríopes. Héracles, acompanhado de seu jovem filho Hilos, pede que o rei ceda alguma coisa para o menino comer. Tendo seu pedido recusado, o herói mata e come um dos bois do rei usados para aragem. Segue-se a guerra e Héracles sai vitorioso, levando consigo Hilas, o filho órfão de Teodamas (sobre como Apolônio parece reproduzir eventos da história de Teodamas no episódio argonáutico de Hilas, cf. Hunter, 1993, pp. 36-41). Hunter (1993, p. 36) ainda sugere em nota uma confluência de elementos presentes no canto 1 que prefiguram a separação de Héracles do resto do grupo, dos quais o clímax é o episódio de Hilas: “Fica claro que a fala de Glauco (1.1315-22) sugere em retrospecto que forças divinas estão em atuação a todo momento durante o caminho – a quebra do remo, o passeio de Hilas, o súbito aumento do vento (...). A ausência de anteriores referências explícitas à ação divina ilustra bem a diferença, nesse aspecto, entre Apolônio e Homero”.

133. Δαναοῖο: a menção à “raça divinal de Dânao” neste verso suscita uma interessante questão a respeito da poética alexandrina que se desenvolve no dubio ambiente do mundo grego em terreno egípcio. Náuplio (v. n. 134) tem sua ascendência ligada não só à figura de Poseidon, o que por si só garante a ele uma linhagem divina, mas também a Dânao, descendente do rei Épafo do Egito. Épafo foi gerado por Io, a mulher que, em forma de vaca, foi perseguida por Hera, fugindo da Grécia e indo, por conseguinte, ao Egito. Dânao eventualmente retornou à Grécia e cedeu seu nome para a formação de todo um povo: os Dânaos. Stephens (2003, p. 8) evoca também a abertura do poema de Calímaco que trata da vitória de Berenice nos jogos de Nemeia, em que Argos é identificada como a terra de Dânao

“cow-born” (βουγενέος, “bovígena”). De acordo com a autora, a utilização de tal epíteto não pode ser de maneira nenhuma neutra ou gratuita, já que conecta inequivocamente gregos e egípcios em termos hereditários. Tratamos com mais detalhes deste assunto no primeiro capítulo do trabalho, que aborda Alexandria e suas ambiguidades enquanto cultura greco-egípcia.

134. Ναύπλιος: diz Mooney (1912, p. 78) a respeito de Náuplio: “o argonauta foi um descendente do famoso navegante Náuplio, filho de Poseidon, de quem se diz ter fundado o porto de Náuplia (Paus. 2.38.2, 4.35.2), e ter sido o primeiro a observar a Ursa Maior (Theon *ad Arat. Phaen.* 27)”. Sobre o mesmo personagem, Ardizzoni (1967, p. 120) ressalta que tanto Higino (*Fab.* 14) quanto as *Argonáuticas Órficas* identificam o argonauta Náuplio como filho de Poseidon. Fusillo & Paduano (2010, p. 130), por fim, consideram que Apolônio tenha construído a genealogia com base em uma contradição genealógica: “A genealogia tradicional considerava Náuplio (famoso como o pai de Palamedes, herói da saga troiana) filho de Poseidon e da filha de Dânao, Amímone. Mas isso produziu uma incongruência cronológica, dado que entre as Danaides e Héracles, e após o ciclo argonáutico, se contavam oito gerações; como solução, Apolônio reconstrói uma genealogia de tom hesiódico, em cujos extremos estão dois personagens com o mesmo nome”.

150. νισσομένοις: a conjectura de Meineke, que é seguida por Fränkel e Vian, apresenta aqui a palavra λισσομένοις, diferentemente do que se vê nos manuscritos, que trazem νισσομένοις, cujo sentido eu escolhi manter na minha tradução.

154. εἰ ἑτερόν γε πέλει κλέος: v. n. 26.

155. νέρθεν ὑπὸ χθονὸς ἀνγάζεσθαι: a visão prodigiosa de Linceu é destacada neste verso, sendo também descrita com importância em 4.1477-82, onde a sua visão alcança grandes distâncias. As diferentes traduções para o verso, no entanto, apresentam alguma nuance interpretativa em suas versões. Alguns autores indicam um movimento de cima para baixo no olhar do herói, como se ele, estando acima da terra, pudesse ver através dela, e isso casa com a lição dos códices (νέρθε κατὰ χθονὸς) deixada de lado por Fränkel em benefício do texto aqui adotado, que é composto por testemunhos da *Suda* e de um escólio a Aristófanes. Exemplo disso são as versões de Costa e Silva, 1852, v. 186: “té ao centro da Terra alcança fácil”; Fawkes, 1780, vv. 191-2: “So keen his beam, that ancient fables tell, / he saw, thro’ earth, the wondrous depths of hell”; e, do mesmo ano, de Greene, 1780, p. 69: “Ev’n [if the record truth!] his visual ray / pierc’d the deep regions, ne’er illum’d by day”. Minha escolha, no entanto, assume a posição do herói como o que enxerga claramente estando *sob* a terra, ou seja, em completa obscuridade. Outras versões permitem essa interpretação ou apresentam alguma ambiguidade. Cito aqui algumas, como a de Coleridge, 1889, p. 9: “that he could see with ease a man even beneath the earth”; Seaton, 1919, p. 13: “could easily direct his sight even beneath the earth”; Hunter, 1993, p. 30 (em texto crítico): “he could see beneath the earth”; Sánchez, 1982, p. 101: “fácilmente podía divisar incluso hasta debajo de la tierra”; e Gual, 1983, p. 54: “él veía con claridad y sin esfuerzo incluso por debajo de la tierra”.

164. Ἀγκαῖος: Anceu possui algumas características que o aproximam da figura de Héracles. Note-se, por exemplo, que veste uma pele de urso no momento de sua partida (v. 168). Cf. também os vv. 396-9 e 425-31.

168. Μαῖναλίης: Mooney, 1912, p. 80: o monte Mênalo, entre Megalópolis e Tegeia, é a terra da poesia pastoral (cf. Virg. *E.* 8.21).

177. Πελλήνης: Pelene é uma cidade Aqueia no Golfo de Corinto. Originalmente era chamada Αἰγιαλός, ‘a Costa’ (cf. *Il.* 2.575). Estava situada sobre uma colina, e seu porto era chamado de Ἀριστοναῦται por ter sido ponto de parada dos Argonautas durante sua jornada (Paus. 7.26.14: “ἔστι δὲ Ἀριστοναῦται Πελληνεῦσιν ἐπίνειον”).

187. Ἀγκαῖος: não confundir este Anceu com o mencionado anteriormente (v. n. 164). Este, que se vangloriava juntamente com Ergino de suas qualidades na “náutica e na guerra” (v. 189), irá assumir o papel de piloto da Argo após a morte de Tífis (cf. 2.865 ss.). Mooney, 1912, p. 82: “Os escólios nos dizem, com a autoridade de Aristóteles, que ele era um cultivador de vinhas e um severo manda-chuva aos seus escravos, dos quais um previu que ele nunca beberia o líquido das uvas que estava plantando. Com a taça nas mãos, na vindima, ele riu, zombando da profecia do escravo, que respondeu, “πολλὰ μεταξύ πέλει κύλικος καὶ χεῖνος ἄκρου”. Naquele momento, chegaram notícias de que um javali estava devastando os vinhedos, e, deixando a taça sem ter dela provado, ele se apressou para atacar o animal, e acabou perfurado por suas presas”.

188. Παρθενίην: Sánchez, 1982, p. 102: Partênia era o antigo nome de Samos, onde havia um santuário de Hera junto ao rio Imbraso (cf. Pausânias 7.4.4). Ainda para o culto a Hera em Samos, cf. Heródoto 3.60.

190. Καλυδῶνος: Sánchez, 1982, p. 103, diz: “A Calidônia, cidade da Etólia onde reinava Eneu, foi cenário da célebre caça ao javali (cf. *Ilíada* 9.529-599). A figura de Laocoonte, como tutor de Meleagro, parece concebida sobre o modelo do ancião Fênix, mentor de Aquiles em Homero”.

198. Αἰτωλοῖσιν: Meleagro era venerado como um herói entre os Etólios, tendo sido, juntamente com Atalanta, o responsável por ter livrado a Calidônia, região da Etólia, do javali enviado por Ártemis. Há um relato do mito já em Homero, cf. *Il.* 9.528ss.

201. Ἴφικλος: este Íficlo era irmão de Alteia, mãe de Meleagro. Não se trata do mesmo Íficlo, tio de Jasão, mencionado nos vv. 45 e 121.

207. Ἴφιτος: não confundir com o Ífito que aparece no v. 86, filho de Eurito. Seu pai, Náubolo, filho de Ornito, também não deve ser confundido com o avô de Náuplio, citado no v. 135.

229: Μινύας: além dos próprios motivos de linhagem contados pelo narrador entre os vv. 229-33, o apelido de “Mínias” dado aos argonautas provém também da história de Mínias, o herói que partiu de Iolcos, na Tessália, para fundar a cidade de Orcômeno, na Beócia. Cf. *Arg.* 3.1093-5, em tradução livre: “Dali, como se conta, partiu Mínias, o Eólida Mínias, para fundar outrora a cidade de Orcômeno, próxima à terra dos Cadmeus”.

235. Outros editores do texto grego (e. g. Vian, Ardizzoni), diferentemente de Fränkel, adotam ἐπήρες no lugar de ἐπαρτέα (palavra marcada com a ‘crux’, o que indica que o texto está corrompido, provavelmente por um erro de cópia em uma repetição mecânica do verso anterior). Minha tradução conserva o texto de Fränkel, jogando também com as sonoridades de ‘servos’ e ‘servem’.

257. A história de Friso e Hele conta que os dois, que eram irmãos gêmeos, fugiram de sua madrasta, Ino, com a ajuda do carneiro dourado e voador, que também proferia palavras humanas. Durante a fuga, porém, Hele caiu do carneiro direto nas águas do Helesponto, local nomeado posteriormente em sua homenagem. Friso sobreviveu à fuga e chegou à Cólquida, onde reinava Eetes, que lhe cedeu a mão da filha Calcíope. Como agradecimento, Friso deu a Eetes a pelagem dourada do carneiro, mantida numa gruta vigiada por um dragão.

290. Sobre a expressão “o cinto desatei”, traduzida de μίτρην ἔλυσσα, cf. Sánchez, 1982, p. 106: “A expressão ‘desatar o cinturão’, muito usada pelos poetas helenísticos, poderia se referir tanto à união sexual como ao parto. Ilítia é a deusa dos alumbramentos. O poeta acentua o patetismo das palavras de Alcímeda ao descartar outra versão que atribuíra uma irmã a Jasão”.

307. O símile construído aqui, que compara Jasão ao próprio deus Apolo, tem precedentes em Homero, e consiste em um importante modelo para Virgílio, que muito provavelmente usou essa cena para realizar a comparação de Eneias a Apolo, quando o herói se juntava a Dido para uma caçada (*Ae.* 4.143-50): “Febo, quando abandona a Lícia hiberna / e o caudal Xanto; e, ao visitar a Delos / materna, instaura os coros, pelas aras / mistos Cressos e Dríopes fremindo / e Agatirsos pintados; por cabeços / do Cinto airoso pisa, e o crino undante / atilando, enredado em mole folha, / de ouro enastra; o carcás aos ombros tine: / não menos senhoril Eneias ia” (trad. de Odorico Mendes, vv. 4.158-66). Ainda sobre esse assunto Hunter (2006, p. 94) oferece uma interessante argumentação acerca de como se constrói uma rede intertextual entre estas cenas das *Argonáuticas* e da *Eneida* com cenas homéricas da *Odisseia*, e de como elas se relacionam ainda em um segundo nível: “O símile de Virgílio forma par com outro símile da *Eneida*, em 1.498-504, em que Dido é comparada à irmã de Apolo, Diana. Esse símile descende do famoso símile de Homero em que Nausícaa, entre as suas criadas, é comparada a Ártemis entre as ninfas (*Odisseia* 6.102-9), uma passagem bastante pouco usual e muito influente. Apolônio também reescreveu esse símile homérico ao descrever Medeia em seu caminho ao templo para encontrar Jasão (*Arg.* 3.876-86: ‘Qual nas águas do límpido Partênio, / ou do Amníseo banhada, em carro de ouro / porque tirando vão rápidos Gamos, / a filha de Latona os montes passa, / indo de longe onde a convida o cheiro / da tostada hecatumba; a pé a seguem / ninfas, umas que a Amnésia fonte habitam, / outras, que moram pelos densos Bosques / (...) / Tais pela ampla Cidade elas corriam’. Trad. de Costa e Silva), e Virgílio criativamente construiu uma simetria entre as duas passagens de Apolônio, talvez influenciado pelo fato que imediatamente após ser comparado com Apolo, Jasão é recebido por uma sacerdotisa de Ártemis (*Arg.* 1.311-16: ‘A velha / Ifias veio, sacerdotisa da pátria / Ártemis, e beijou-lhe a destra, e nada disse, / embora ansiasse, estando em meio à multidão. / E ali ficou, deixada ao lado, como velha / por jovens; e ele, longe, ela perdeu de vista”). Fusillo & Paduano (2010, p. 127) relembram ainda a nova equiparação feita entre Jasão e Apolo de maneira implícita em *Arg.* 1.536-7, ao fazer tal símile com os heróis que iam sob o comando de Jasão: “qual mancebos que p’ra Febo em Pito dançam, / ou na Ortígia, ou beirando as correntes do Ismeno”.

311-6. V. n. 307.

359. Ἐμβασίσιος: epíteto dado a Apolo significando que o deus é “favorável à embarcação, i. e., ao ato de embarcar” (cf. *LSJ* s. v. Ἐμβάσιος). V. n. 404 e 966.

370. Trecho concentrado em aspectos técnicos de preparação da nau para o embarque. Sobre o processo aqui descrito, recorro à nota de Vian (1976, p. 67, n. 2) para que tenhamos

esclarecido o seu significado: “Este cabo parece ser o cordão ou ὑπόζωμα que circunda a parte exterior dos cascos dos navios para segurá-los (...); ἔνδοθεν se refere, sem dúvida, a ἐυστρεφεῖ e indica que o cabo é atado retorcendo-se *sobre si mesmo*. O interesse dessa precisão, no entanto, não está claro, e a correção ἔκτοθεν é sedutora, embora um papiro confirme a lição dos manuscritos. E. Assmann (...) entende de outro modo: o cabo ligaria, *pelo interior do navio*, a proa à popa (ἐκάτερθεν), segundo uma técnica comprovada (...); mas o emprego de ζώννυμι proíbe essa interpretação”.

378-9. Para que se esclareça o processo de colocação e fixação dos remos, cito Mooney, 1912, p. 94: “O significado aqui é que eles viraram os remos e os ataram de modo que os cabos projetassem a medida de um cúbito (comprimento do antebraço, em média) pela lateral da embarcação. Os σκαλμοί eram os toletes aos quais os remos eram atados”.

386. Πηλιάς Ἀργώ: do monte Pélion, próximo a Iolcos, era madeira usada para construir a Argo.

404. Ἀκτίου Ἐμβασίου: “protetor da costa e do ato de embarcar”: invocações de Apolo em Págasas instituídas pelos argonautas em sua partida (Sánchez, 1982, p. 111).

419. Ὀρτυγίην: Mooney, 1912, p. 96: “O nome de Ortígia foi dado a Delos por Astéria, irmã de Leto, que foi transformada em uma codorna (ὄρτυξ) para escapar de Zeus. Ela foi então metamorfoseada na ilha chamada posteriormente de Delos (Apollod. 1.2.2 : Hygin. *Fab.* 53 : Call. *Del.* 37)”.

420. Ἐκηβόλε: neste caso optei por manter o epíteto de Apolo com uma transliteração da palavra grega. O mesmo epíteto é dado ao deus, por exemplo, em *Il.* 1.14, traduzido por Odorico Mendes como “certeiro” (v. 13 de sua tradução). Consta ainda que escritores posteriores ao tempo de Apolônio de Rodes entendiam o termo também como “o que lança distante” (ἐκάς [cf. *LSJ* s. v. ἐκηβόλος]).

433. De acordo com o ritual descrito a partir deste verso, as coxas devem ser fatiadas e envolvidas em uma dupla camada de gordura, em cima e em baixo, e colocadas no altar para que nelas se despeje vinho, e depois então sejam consumidas (Mooney, 1912, p. 97). Cf. *Od.* 3.456ss.: “Partem-na; e, como é rito, as cérceas coxas / cobrem de pingue dúplice camada, / postas várias por cima; o velho as torra, / negro vinho entornando; ao pé mancebos / bons espetos sustêm quinquedentados. / Ossos combustos, vísceras comidas, / picam-se as carnes, que enroscadas assam, / os pontudos espetos revirando.” (trad. de Odorico Mendes, vv. 357-64). O ritual sacrificial que aparece em Homero, aqui transcrito por meio da tradução de Odorico, e também em Apolônio nesta cena, que se inicia no v. 425, é semelhante ao descrito por Jean-Pierre Vernant (2006, pp. 54-5). Transcrevo o trecho em sua maior parte para que tenhamos um cenário mais completo de como sucedia o ritual, embora Vernant não faça menção às libações com vinho: “(...) um animal doméstico, enfeitado (...), é levado em cortejo ao som de flautas até o altar, aspergido com água lustral e com um punhado de grãos de cevada que também são lançados sobre o solo, o altar e os participantes (...). A cabeça da vítima é então levantada; cortam-lhe a garganta com um golpe de *máchaira*, uma espada curta dissimulada sob os grãos no *kaneoyñ*, o cesto ritual. O sangue que jorra sobre o altar é recolhido num recipiente. O animal é aberto; extraem-se suas vísceras, especialmente o fígado, que são examinadas para que se saiba se os deuses aprovam o sacrifício. Nesse caso, a vítima é logo retalhada. Os ossos longos, inteiramente descarnados, são postos sobre o altar. Envolto em gordura, são consumidos pelas chamas com aromatizantes e, sob a forma de

fumaça perfumada, elevam-se para o céu, em direção aos deuses. Alguns pedaços internos, os *splágchna*, enfiados em espetos, são grelhados sobre o altar, no mesmo fogo que envia à divindade a parte que lhe cabe (...). O resto da carne, fervido em caldeirões e depois cortado em porções iguais, é às vezes consumido no local, às vezes levado para casa pelos participantes (...). (v. n. 517)

460. ἀμήχανος: adjetivo traduzido por “sem recursos”, em um momento em que Jasão é acusado pelos companheiros de mostrar um semblante temeroso e incerto. Deve ser comparado com a adjetivação dada tradicionalmente a Odisseu, um herói “astuto” e com “muitos recursos”. No canto primeiro essa ideia volta a ser associada a Jasão na ocasião do abandono de Hércules (ver os vv. 1280-6), episódio que causa uma considerável comoção entre os tripulantes, e que Jasão se mostra incapaz de encarar como líder da expedição, pois se encontra ἀμηχανίησιν ἀτυχθεῖς. Cf. Gual, 1983, p. 24: “Êmulo de Ulisses, o ‘pródigo em recursos’ (*polyméchanos*), é característica de Jasão a sua ‘incapacidade de recursos’ (*amechanía*) frente aos riscos da aventura. Talvez civilizado em demasia para seu destino aventureiro, sem a coragem vital dos heróis arcaicos nem a força passional como a de Medeia, parece se limitar a cumprir com a penosa tarefa imposta. Como assinala um comentarista moderno (J. Carspecken), ‘não é a presença de defeitos humanos o que o elimina como herói, senão a falta de virtudes heroicas’. É um protegido das mulheres, das deusas (Hera, Atena e Afrodite) e das princesas (Hipsípila e Medeia), e deve a esse apoio feminino boa parte de seus êxitos”. A interpretação de Hunter (1993, pp. 19-20) para esta questão, por outro lado, evita a simples asserção de Jasão como um herói incapaz e dependente: “A ‘ponderação a respeito de tudo’ de Jasão recupera sua fala anterior sobre os deveres de um líder (1.339-40) e isso nos permite interpretar ‘favoravelmente’ o seu silêncio; seus companheiros, no entanto, não têm a sorte de ter essa privilegiada informação autoral, e precisam, por isso, tirar suas próprias conclusões. Aqui o critério do poeta expõe uma verdade fundamental a respeito da apresentação de uma personagem na literatura narrativa. Tal evidente preocupação com problemas de caráter literário também colocará em questão qualquer tentativa de se construir uma coerente ‘inteligibilidade humana’ para Jasão”. Por fim, uma terceira e interessante abordagem do assunto é lançada por Zanker (Zanker, 1979, p. 73 *apud* Gual, 1981, pp. 128-9), considerando em primeiro lugar a posição da figura do herói na época de Apolônio: “Sua debilidade pode tê-lo tornado mais crível para uma época como a alexandrina, cética com respeito ao heroísmo tradicional; isso apoia sua confiança no falar suave. Contudo, seus atributos mais importantes são sua diplomacia, sua receptividade às mulheres e sua atração por elas”.

470. A soberba de Idas já é comentada desde Homero, como se pode ver na *Ilíada* (vv. 9.558-64): “O pai dela, Ideu, era o mais forte guerreiro / de então – empunhou contra Apolo o arco, por causa / da menina de belos-tornozelos” (trad. de Haroldo de Campos). A irônica menção a Zeus feita pelo personagem nos remete também ao modo como ele morreu, fulminado pelo deus, como descrito por Píndaro (*Nem.* 10.60-72) e também Teócrito (*Idyl.* 22.208-11).

476. Δαιμόνιος: Mooney (1912, p. 99) menciona a possibilidade de que δαιμόνιος signifique propriamente ‘estar sob influência de um δαίμων ou de qualquer entidade divina que se coloque como desfavorável’. Ou seja, aquele cujas ações são incompreensíveis ou de mau-agouro. Pensando neste significado é que escolhi traduzir a palavra como “maldito”, no sentido de alguém que tenha sido objeto de alguma maldição, de modo que se complemente o sentido usual, de sinonímia com “malvado” ou “perverso”.

489. Ἀλωιάδῃσι: os filhos de Aloeu, os gigantes Otos e Efialtes, que ameaçaram trazer a guerra ao Olimpo, foram aniquilados por Apolo antes mesmo de chegarem à juventude (cf. por exemplo *Il.* 5.385ss., trad. de Haroldo de Campos: “Ares sofreu quando / Otos e o forte Efialte, os dois filhos de Aloeu, / com sólidos grilhões e numa urna de bronze / o aprisionaram treze meses”). Ardizzoni (1967, p. 156) ainda acrescenta: “O escoliasta informa que, segundo Eratóstenes (...), eles eram nascidos da terra (γηγενεῖς), mas se fabulou que fossem filhos de Aloeu, porque tinham sido criados por sua esposa. O mesmo escoliasta cita Hesíodo (fr. 9 Rzach³), segundo o qual eles eram filhos de Poseidon e de Ifimedia, esposa de Aloeu, sendo, portanto, Aloedas apenas por nome”. Sobre o destino de Idas por consequência de sua postura soberba e ímpia, v. n. 470.

490. Sánchez (1982, p. 114) observa que, paradoxalmente (ou ironicamente, diríamos), Idas será o vingador da morte de Ídmon no segundo canto do poema (2.815-34). Sobre a querela entre os dois heróis, v. n. 492.

492. νεῖκος: retomada de uma convenção temática que consiste no enfrentamento entre guerreiro e adivinho (representados aqui por Idas e Ídmon, respectivamente). Paralelos dessa convenção podem ser vistos em cenas como a da oposição entre Tideu e Anfiarau (membros da expedição de Adrasto em *Sete contra Tebas*), e também entre Heitor e Polidamante na *Iliada* (18.243-313). Transcrevo a seguir um trecho da cena que explicita a discordância entre os dois personagens homéricos, traduzido assim por Haroldo de Campos (vv. 284-6): “Olho torvo, Héctor, elmo-coruscante, rompe: / ‘Polidamante, não me agrada essa tua arenga. / Clausurar-nos? De estar recluso não te cansas?’”

496. Aqui se inicia o canto cosmogônico de Orfeu, cujo efeito encantador é o de acabar com a peleja que se dá entre os diversos heróis a partir das provocações de Idas. Esse trecho é considerado como tendo exercido notável influência sobre a poesia de Virgílio. Pode-se, por exemplo, reconhecer o tema e o estilo ao longo do canto de Sileno, na *Écloga* VI, v. 31ss. Aqui apresento um trecho da tradução para o inglês, realizada por Greenough (1895): “Not Phoebus doth the rude Parnassian crag / so ravish, nor Orpheus so entrance the heights / of Rhodope or Ismarus: for he sang / how through the mighty void the seed were driven / of earth, air, ocean, and of liquid fire, / how all that is from these beginnings grew, / and the young world itself took solid shape, / then ‘gan its crust to harden, and in the deep / shut Nereus off, and mould the forms of things / little by little; and how the earth amazed / beheld the new sun shining, and the showers / fall, as the clouds soared higher, what time the woods / ‘gan first to rise, and living things to roam / scattered among the hills that knew them not”. O trecho teogônico, contido entre os vv. 503-11, parece ecoar Hesíodo (*Teogonia*, 139-46 e 460-506), especialmente na menção às “graças” (ou “glórias”) recebidas por Zeus: o trovão, o raio e o relâmpago. “E livrou das perdidas prisões os tios paternos / Trovão, Relâmpago e Arges de violento ânimo, / filhos de Céu a quem o pai em desvario prendeu; / e eles lembrados da graça benéfica / deram-lhe o trovão e o raio flamante / e o relâmpago que antes a Terra prodigiosa recobria. / Neles confiante reina sobre mortais e imortais” (trad. de Jaa Torrano, vv. 501-6). Cf. também n. 510.

503. Ὀφίων: como relatado no canto de Orfeu, o titã Ofião era casado com Eurínome e reinava sobre o Olimpo até o advento de Cronos e Reia, que os atiraram nas águas do Oceano. Milton, no *Paraíso Perdido* (10.580-4), menciona o mito: “And Fabl’d how the Serpent, whom they call’d / Ophion with Eurynome, the wide- / encroaching Eve perhaps, had first the rule / of high Olympus, thence by Saturn driv’n / and Ops, ere yet Dictæan Jove was born”.

510. Κύκλωπες: os Ciclopes eram filhos de Gaia (Terra) e de Urano (Céu). Cf. Hesíodo, *Teog.* 139-46: “Pariu ainda os Ciclopes de soberbo coração: / Trovão, Relâmpago e Arges de violento ânimo / que a Zeus deram o trovão e forjaram o raio. / Eles no mais eram comparáveis aos Deuses, / único olho bem no meio repousava na fronte. / Ciclopes denominava-os o nome, porque neles / circular olho sozinho repousava na fronte. / Vigor, violência e engenho possuíam na ação” (trad. de Jaa Torrano). Cf. também n. 490.

517. A ação de queima e libação das línguas das vítimas sacrificiais se dá no final do ritual (v. n. 433). De acordo com Vernant (2006, p. 55), partes como a língua e o couro constituíam partes de honra reservadas ao sacerdote que presidiu a cerimônia. Vê-se procedimento semelhante também no canto 3 da *Odisseia*: “Sábio discorres, velho, mas das vezes / talhem-se as línguas, e mesclado o vinho, / libemos à Netuno e às mais deidades” (trad. de Odorico Mendes, vv. 261-3).

525-7. Pela primeira vez no poema, a nau Argo se faz ouvir, estando no mar tempestuoso do porto de Págasas. A explicação que se dá, entre os vv. 526-7, relaciona o fenômeno à viga sagrada feita com a madeira de um carvalho de Dodona. Vian (1976, p. 74) comenta a passagem: “Aqui, um duplo prodígio acompanha a partida dos Argonautas: o porto ressoa, e, pela primeira vez, Argo faz a sua voz ser compreendida (...). Atena havia colocado na proa da Argo um pedaço de madeira cortado de um dos carvalhos falantes de Dodona (...): cf. Ésquilo, fr. 36 ποῦ δ' ἐστὶν Ἀργοῦς ἱερὸν αὐδᾶεν ξύλον;”.

535. δακρυόεις: um dos elementos que caracterizam Jasão e parecem se refletir no Eneias de Virgílio está nesta cena, em que o herói se despede de sua terra com olhos chorosos. Pode-se perceber um paralelo muito próximo em *Aen.* 3.10: “ordena Anquises / velas dar à ventura: então da pátria / deixo os portos chorando (...)” (trad. de Odorico Mendes, vv. 9-11).

591. Ἀφέτας Ἀργοῦς: Sánchez, 1982, p. 119, diz em nota: “Na tradição mais comum, Afetas, o lugar da ‘Partida’ da Argo, se situava no golfo da Magnésia (cf. Heródoto, 7.193). Segundo outra versão, o topônimo aludia ao ‘Abandono’ de Héracles”.

608. A chegada à ilha rochosa de Lemnos Síntia (pois os Síntios, de origem Trácia, eram os antigos habitantes da ilha de Lemnos) sucede uma série de dados geográficos mencionados pelo narrador. Tais dados compõem também uma das características de excelência “acadêmica” desse poeta Helenístico (v. n. 28-31 sobre a escrita etiológica), observada aqui por Meyer, 2001, p. 219: “The courts of Alexander's successors offered the best access to geographical knowledge in the 3rd century B.C. (...) The geography of the Argonautica is inconceivable not only without Homer and Pindar but also without the geographical commentators of Homer and the authors of periploi and descriptions of the Earth”.

De modo resumido, podemos ver o périplo dos heróis, partindo da “milharada terra Pelasga” (v. 580), a partir das palavras de Meyer, 2001, p. 218, que de certo modo nos trazem o entendimento de como se dá esse trajeto: “The ‘geographical frame’ of the epic, as the voyage of the Argonauts may be called, parallels a periplois, the account of a voyage along extensive swaths of the Mediterranean and the Pontos. For navigation the sailors depend mainly on the coastline and its landmarks”.

O primeiro dia do périplo consiste na saída da nau da costa de Págasas através do Golfo Pelasgo, circundando a península que os separa do Egeu, tendo a ilha da Eubeia à direita, até avistarem a ilha de Escíato (v. 583) e, rumando um pouco ao norte, a longínqua cidade de Pirésia (v. 584) e a costa da Magnésia (v. 585). Acabam por ancorar nessa costa para passar a noite, fazendo sacrifícios a Dólope, herói ali enterrado (v. 585). Temos ainda uma informação

etiológica com respeito à origem do nome da costa que ficou conhecida como Afetas (v. n. 591), e por fim os heróis passam pela costa de Melibeia (vv. 592-3).

No alvorecer, após passarem a noite na costa da Magnésia, os Argonautas seguem ao norte, avistando Hômolos e o circundando, passando pela foz do rio Amiro (v. 595), pela cidade de Eurímenas e pelas fendas do monte Ossa (v. 596) e do Olimpo (v. 597). Após passarem pela ilha de Escíato, beiram o continente em direção ao norte, seguindo para o leste apenas ao estarem próximos o suficiente de Palene (v. 599), subpenínsula mais ocidental das três existentes na península da Calcídica. O promontório de Canastra, citado logo em seguida, fica no limite extremo de Palene, por onde os Argonautas passaram velejando durante a noite.

Na manhã seguinte à passagem pelo promontório de Canastra os Argonautas avistam o monte Atos, que fica na subpenínsula de Acra, oposta à de Palene e, portanto, a mais oriental. Entre as duas há ainda a subpenínsula da Sitônia. Essa é a última porção de terra que o grupo avista antes de chegar à costa da cidade de Mirina, na ilha de Lemnos. Diz o texto que o monte Atos é tão grande que seu pico lança sombra sobre Mirina, mesmo a cidade estando a uma distância correspondente à que uma nau mercante viajaria em meio dia (v. 603). Até o crepúsculo o vento os carregou na direção de Lemnos. Com o cessar de seu sopro e o baixar do sol, os heróis chegaram à ilha utilizando os remos (v. 608).

620. Ὑψιπύλεια: Hipsípila, filha de Toante, reina sobre Lemnos após ter assumido o poder como resultado do massacre dos homens da ilha em um episódio de ciúme e influência nefasta de Afrodite (cf. 1.609-32). Sua figura é crucial para a determinação de Jasão como um herói sedutor, antecipando traços que serão decisivos nos momentos do cumprimento de suas tarefas frente a Eetes, com o auxílio de Medeia, no canto terceiro. Beye, 1982, p. 92 (*apud* Mori, 2008, p. 104) ressalta o caráter erótico dos momentos que antecedem o encontro entre Jasão e Hipsípila: “Dressed in his cloak, the proper amatory warrior, Jason advances in all his beauty upon the city, the palace, and finally, Hypsipyle”. Mori, no entanto, discorda da predominância da atmosfera erótica que paira sobre as habitantes de Lemnos quando acontece a chegada dos heróis (p. 110): “her [Hypsipyle’s] willingness to welcome the Argonauts is pragmatic, not erotic, and her rather utilitarian interest in Jason is patriotic at heart” (para discussões que aprofundam a questão, v. n. 722 e 774). Assumindo uma posição distinta, Hunter (1993, p. 49) lhe compara à figura odisséica da deusa Calípsos, e diz em seguida, quando faz uma comparação entre as cenas do encontro no palácio de Lemnos com o encontro entre Helena e Paris (*Il.* 3.421 ss.): “The ultimate conclusion of both scenes is love-making, as indeed both scenes illustrate the power of Aphrodite, and on Lemnos the goddess ‘had roused sweet desire in them, for the sake of Hephaistos, the god of many wives, so that once again his island of Lemnos might be duly populated by men’ (1.850-2)”. Para uma discussão mais detalhada a respeito de como a figura de Hipsípila antecipa o episódio de Medeia, cf. o capítulo 3.2.1 desta dissertação e também Hunter, 1993, pp. 47-51. Por fim, o episódio também parece ter servido de modelo, em alguma medida, para a composição do episódio entre Eneias e Dido na *Eneida*. Sobre isso, diz Bulloch, 2006, p. 48: “Vergil later based the encounter of Dido and Aeneas partially on this episode, but Apollonius’ text has none of his highly-charged emotion, either in the narrative of events or in the interchanges between Jason and Hypsipyle”.

636. Θυιάσιν ὁμοβόροις ἵκελαι: as Tíades são bacantes, ou seja, seguidoras do culto de Dioniso. Sobre essas personagens, cf. Eurípides, *Bac.* 1125-47.

639. τοῖόν σφιν ἐπὶ δέος ἦωρεῖτο: os escólios a 1.769 comentam que outras versões do mito relatam o travamento de uma batalha entre os argonautas e as mulheres de Lemnos.

648-9. um dos momentos de notável intromissão da voz narrativa, feita ao contar a história do mensageiro Etálida. De acordo com Morrison, 2007, p. 294, a curiosa exclamação do narrador (“Mas por que as lendas / de Etálida é preciso que eu conte integrais?”) demonstra principalmente o seu controle sobre a matéria narrada: “No Muses are needed”. Isso, além de torná-lo um tipo de narrador “confiante e autônomo”, ao mesmo tempo evita que ele cometa impiedades, narrando coisas de que não se deve falar (cf. principalmente os vv. 1.919 e 1.1220). Como comentamos na nota ao v. 1, esse procedimento faz parte do que se acredita ser um percurso da autoconsciência narrativa, que aparece a partir do canto primeiro na voz de um narrador independente da influência das Musas, e que futuramente sucumbe às falhas da própria memória e recorre ao auxílio de Erato (canto 3) e de uma Musa não nomeada, a “filha de Zeus” do canto 4.

722. Uma das cenas-chave do canto primeiro das *Argonáuticas* é a descrição do manto de Jasão, retomando a convenção da *ekphrasis*. Apolônio parece utilizar como referências principais para a construção da cena a imagem do armamento de Agamêmnon antes de sua *aristeia* (*Il.* 11.15-46), a descrição do escudo de Aquiles (*Il.* 18.478-613) e o *Scutum* hesiódico (vv. 122-320). Hunter (1993, p. 53) ainda atenta para a relevância, como paralelo, do véu e da coroa criados por Atena e Hefesto e utilizados por Pandora (*Hes. Theog.* 573-84), já que também esses adornos, assim como o manto, ajudam a inspirar um “desejo perigoso”. A escolha de um objeto como o manto (tanto um ornamento como algo onde se possa dormir) contrasta notavelmente com os escudos de Homero e Hesíodo, já que explicita características de Jasão que são importantes para se entender o tipo de narrativa que estamos acompanhando (cf. Goldhill, 1991, p. 308), sendo contrapostas à excelência guerreira representada pelos objetos homéricos. Além disso, dentro do próprio manto a temática do amor é sensivelmente evocada (principalmente do amor explicitando seu caráter destrutivo). Vemos, pois, na terceira cena bordada no manto, a deusa Afrodite olhando seu próprio reflexo no escudo do deus Ares, o que nos sugere em algum nível o ideal do amor entrelaçado com a traição e com a disputa (cf. Mori, 2008, p. 57). Ainda de acordo com Goldhill, 1991, a técnica de descrição de Apolônio difere bastante da chamada técnica “generalizante” homérica, tendo por meio das imagens ali descritas uma maior ligação (mais explícita, ao menos) com a temática da narrativa. No entanto, o próprio autor atesta a falta de concordância na crítica com relação a como se deve entrever o funcionamento preciso da *ekphrasis* dentro da narrativa. Bulloch, 1985a, desenvolve a hipótese da influência que o Catálogo de Mulheres da *Odisseia* (*Od.* 11.225-332) possa ter exercido sobre a passagem, o que, de acordo com o autor, levaria a uma inevitável e significativa associação de Hipsípila com Ariadne, tal qual a associação que se dará também com Medeia no canto terceiro (ver cap. 2.1.3 supra). Sobre a relação do manto de Jasão com o Catálogo de Mulheres hesiódico, cf. Bulloch, 2006, pp. 61-2. Ainda sobre a associação das personagens femininas das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes com Ariadne, cf. Hunter, 1993, e Bulloch, 2006. A respeito da forte significação das cores indicadas na descrição do manto, vale observar o que é dito por Vian (1976, p. 84, n. 1): “ἐρευθος (vv. 726-7) indica uma luz brilhante e deslumbrante, tal como o sol nascente (3.163; 4.126), um astro (1.778), ou o reflexo ‘como uma chama’ do velo frente ao rosto de Jasão (4.173). Πορφύρεη sugere um vermelho escuro puxando para o preto: comparar com a túnica dada a Apsirto (4.424) ou com a que usa Medeia durante suas operações mágicas (4.1661); o epíteto pode até mesmo qualificar a água do mar ou a fumaça avermelhada que se forma de um braseiro (1.438). Esse manto solar evoca antecipadamente certa medida do esplendor do velo”.

730-4. a primeira cena do manto de Jasão, referente à forja do raio de Zeus pelas mãos dos Ciclopes, foi traduzida com efeitos aliterativos (em ‘f’, no caso), tencionando reproduzir os efeitos presentes no texto grego, com aliterações em ‘σ’ e em ‘τ’.

735. Ἀντιόπης Ἀσωπίδος: Antíope é filha do rio Asopo, que fica na Beócia. Cf. *Od.* 11.260ss.: “Antíope de Asopo eu vi: nos braços / concebeu do Satúrnio Anfíon e Zeto, / que alcançaram Tebas a de sete portas / e a muniram de torres, pois sem elas, / bem que heróis, habitá-la não podiam” (trad. de Odorico Mendes, vv. 199-203). Entretanto, no canto 4 das *Argonáuticas* (v. 1090), Antíope é novamente mencionada, mas dessa vez como filha de Nicteu: “Pais há que às filhas bárbaros se mostram. / Quanto não maquinou Nicteu em dano / de Antíope gentil?” (trad. de Costa e Silva, vv. 4.1406-8; escolhi atualizar a ortografia do texto para que houvesse uma melhor compreensão).

742-6. A representação da cena eminentemente erótica de Afrodite sendo refletida no escudo de Ares representa uma quebra na sequência de cenas descritas no manto. A própria fórmula introdutória é mudada (antes: “via-se”, “viam-se”) nessa cena que trata de personagens exclusivamente divinos. Mas, além disso, pode-se ver aqui uma forte conexão com o que discutimos tanto no capítulo 2.1, sobre o Amor, quanto no capítulo 2.2, sobre o narrador. A observação feita ainda por Fusillo & Paduano (2010, p. 179) relaciona a importância dessa cena com um “preciosismo” da poesia alexandrina: “o enquadramento de Afrodite que se reflete no escudo de seu amante Ares é de um preciosismo todo alexandrino, enquanto recupera o esquema iconográfico da Afrodite armada, que retoma o século V (Afrodite de Corinto e *Venus Genetrix* do escultor Calímaco). A imagem encarna a oposição polarizada entre amor e guerra, representada por duas figuras antonômicas; oposição esta encontrada em toda a *Argonáutica*, em que os heróis combatem o menos possível e obtêm seu objetivo graças à intervenção de Afrodite, isto é, graças à paixão amorosa de Medeia”.

748. Τηλεβόαι: Sobre o mito da contenda entre os Teléboas e os Electridas, cf. Mooney, 1912, p. 116: “Teleboides era o antigo nome das ilhas próximas à Acarnânia, mais tarde chamadas de Tafos. Os habitantes eram piratas notórios, cf. *Od.* 15.427, 16.426. No reino de Electrião, tio de Anfítrio, em Micenas, os Táfiros sob o comando de Pterelau fizeram um assalto. Os filhos de Electrião lutaram com os filhos de Pterelau para decidir a questão, mas todos os combatentes de ambos os lados foram mortos. Os Táfiros levaram então o gado, que foi recuperado por Anfítrio, que capturou as ilhas: cf. Eur. *H. F.* 60, 1080 : Plaut. *Amph.* prol. 101”. Ainda com relação a essa cena, cf. a descrição de cena similar no escudo de Aquiles (*Il.* 18.520-9), além da abertura do *Scutum* de Hesíodo, que começa com a tarefa de Anfítrio de empreender vingança contra os Táfiros e os Teléboas por terem matado os irmãos de sua esposa Alcmena, filha de Electrião (Hunter, 1993, p. 56).

761. Τιτυὸν: O gigante Tício, filho de Zeus e Elara, mas nascido de Gaia (onde Zeus havia ocultado a Elara no momento do parto para evitar os ciúmes de Hera; v. n. seguinte, sobre Elara), morreu e sofreu castigo eterno no Hades por seu ultraje a Leto, mãe de Apolo (Sánchez, 1982, p. 126). Tal castigo está descrito na *Odisseia* (11.576-81): “Eis Tício, aluno / da gloriosa Terra, que estendia-se / por jeiras nove, e abutres, sem podê-los / despregar, às entranhas aferrados, / lhe estão roendo o fígado, em castigo / da tentada violência à do Tonante / casta esposa Latona, indo ela a Pito / pelas do Panopeu ridentes margens.” (trad. de Odorico Mendes, vv. 448-55).

Ἑλάρη: sobre Elara, os escólios fazem menção a duas lendas. Uma seria a de que Zeus a tivesse colocado viva sob a Terra (tendo Tício nascido nessa situação), por temor à fúria de

Hera por causa da relação entre os dois; outra versão seria a de que Elara teria morrido ao dar à luz a sua criança, devido ao tamanho do bebê, e por isso a Terra (Gaia) o teria re-parido. Mooney (1912, p. 117) relembra ainda que na *Eneida* (6.595ss.), Tício é, por esse motivo, chamado de “*Terrae omniparentis alumnus*”. A tradução de Odorico Mendes para o trecho é a seguinte (notar a semelhança com o texto homérico na nota anterior, que faz a mesma menção a Tício, no mesmo contexto): “Também da mãe comum o aluno Tício / por jeiras nove, ó pasmo! estira os membros: / rói-lhe o abutre cruel de bico adunco / o fígado imortal;” (vv. 6.612-5).

774. φαεινῷ ἀστέρι ἴσος: o símile da estrela aplicado a Jasão neste verso inicia um grande enredamento de características que o associam tanto ao amor quanto à ruína, já que vários indícios textuais, que observaremos abaixo, associam Jasão a uma estrela de mau agouro, dotada de um terrível poder de destruição. Pois Apolônio retoma nesse ponto um símile homérico que relaciona o herói ao valor guerreiro e também a um anúncio de sofrimento aos seus oponentes: “Na *Ilíada*, o símile do astro frequentemente serve para sublinhar a grandiosidade de um herói que se põe à prova em batalha e traz destruição aos inimigos” (Effe, 2001, p. 165). As mulheres de Lemnos, visitadas por essa ‘estrela’, são mulheres privadas do amor após a morte de todos os homens da ilha, e, por consequência, vivem completamente reclusas em sua cidade. Dentro desse cenário que nada tem a ver com o cenário do símile bélico da estrela homérica, o narrador manipula a inversão do valor heroico tradicional, já que sugere de uma maneira engenhosa que algum mal possa vir a cair sobre as habitantes de Lemnos com a chegada de Jasão (lembrando que, embora Jasão tenha um envolvimento íntimo apenas com Hipsípila, no canto primeiro, tal como com Medeia no canto terceiro, seu símile na chegada a Lemnos atinge a todas as mulheres da ilha: “qual fulgente estrela que (...) as jovens noivas veem ascender na noite”, como se seu efeito destrutivo impusesse efeitos sobre o sentimento amoroso de todas elas. Não à toa, sua entrada na cidade é seguida “em dilúvios” pelas mulheres “alegres co’ estranho” [vv. 782-4]). Goldhill, 1991, p. 313 (referindo-se a Zanker, 1987, p. 203) diz: “Zanker, por exemplo, compara a chegada de Jasão à cidade das Lêmniais – onde, como vimos, sua beleza é especialmente ressaltada – com a intimidação iliádica de Heitor a Páris, sendo este ‘belo em formato mas carente de força e valentia’ (Il. 3.43-5), e conclui que, em sua representação de Jasão como um herói, Apolônio está virando os valores do heroísmo tradicional de cabeça para baixo”. Temos, portanto, dois novos valores atrelados ao mesmo símile: primeiro a transposição do valor guerreiro de Jasão a um patamar quase (ou completamente) exclusivamente amoroso; e, em segundo lugar, a importante vinculação do amor de Jasão a um caráter prejudicial que acometerá Hipsípila, trazendo-lhe sofrimentos (vv. 886-98), tal como acontecerá futuramente com Medeia, no canto terceiro (como discutido acima, no capítulo 2.1). Os dois momentos de preparação para o encontro amoroso apresentam várias semelhanças, principalmente com relação ao uso do símile do astro. Diz Hunter (1993, p. 48) sobre o assunto: “Ao se preparar para encontrar tanto Hipsípila como Medeia, Jasão se ‘arma’ com deslumbrante beleza (1.721-73, manto e lança; 3.919-26, maravilhosa graça concedida a ele por Hera), em uma reescrita erótica da preparação homérica para um duelo. As duas abordagens são também juntadas a símiles correspondentes de astros. (...) O poeta da *Odisseia* já havia feito algo similar com convenções iliádicas ao descrever a aproximação de Odisseu a Nausícaa em 6.11. Lá, um pequeno ramo é a ‘armadura’ do herói, e um símile de leão, bastante sugestivo na *Ilíada* (cf. esp. Il. 12.299-308), denota o seu acercamento às jovens moças”. Bulloch, 2006, p. 49, entretanto, argumenta que há diferenças visíveis no texto de Apolônio que indicam ser Jasão uma figura destrutiva para Medeia, mas não para Hipsípila, fazendo uma comparação entre os dois momentos de símiles: “em 1.774–781 Jasão é como uma estrela vista alegremente por uma paciente noiva que aguarda o retorno do seu prometido, ao passo que em 3.956–961,

quando ele se aproxima de Medeia, Jasão é como a estrela-canina (Sírius) que traz destruição aos rebanhos”. O autor também interpreta o encontro do herói com a rainha de Lemnos por meio de uma retomada de figuras odisséicas: “O Jasão de Apolônio parece ser uma figura da *Odisseia* que, nessa altura de seus trabalhos, pode rejeitar Hipsípila com a mesma justificativa moral que Odisseu tinha quando recusou as tentações de Calipso e de Nausícaa, representantes de mundos utópicos e irreais”. Por fim, ressaltamos também o significado da estrela Sírius em Hesíodo (*Trabalhos e dias*, vv. 582-8), que pode nos revelar um dado interessante, além do âmbito homérico, para interpretar os episódios argonáuticos. Diz o poeta que “na estação do verão cansativo, / é (...) que as cabras são mais gordas, o vinho melhor, / as mulheres mais lascivas e os homens mais fracos, / pois Sírius queima a cabeça e os joelhos, / e a pele resseca sob o calor” (trad. de Alessandro Rolim de Moura). O efeito da Sírius hesiódica causado sobre homens e mulheres não deixa de ser surpreendente quando o atrelamos à narrativa das *Argonáuticas*, já que as semelhanças entre os significados são evidentes. O símile usado por Apolônio, pois, parte da excelência guerreira e do caráter funesto de Homero e se readapta à preparação (feita em termos bélicos) para a consumação de amores, ao passo que o intertexto hesiódico reforça não apenas a lascívia e o crescente erotismo dos episódios no padecimento dessas mulheres à influência da estrela, mas também a própria incapacidade de Jasão de ser figurado como um herói de valor guerreiro, um “homem mais fraco” recorrendo algo engenhosamente ao auxílio feminino para realizar suas tarefas.

813-17. Notar a reminiscência de uma concepção da idade de ferro hesiódica nesse cenário pintado por Hipsípila (*Trabalhos e dias*, vv. 182-8, trad. de Alessandro Rolim de Moura): “Nem o pai será concorde com os filhos, nem os filhos com o pai, / nem hóspede com anfitrião, nem companheiro com companheiro; / nem um irmão será querido, tal como era antes. / Desprezarão os pais logo que envelheçam, / e vão repreendê-los proferindo duras palavras, / os cruéis, ignorando a vingança divina; e nem mesmo / dariam aos velhos pais retorno pelo alimento que tiveram na infância”.

836-42. A breve rejeição com que Jasão responde às ofertas de Hipsípila foi comentada no cap. 2.1.2 deste trabalho (ver acima, p. 38), onde concluímos que o herói não parecia se mostrar tão afetado por Eros quanto a rainha e o resto das Lêmnicas. Fusillo & Paduano (2010, p. 189) observam ainda que o ato do toque na mão direita (v. 842) representa um compromisso formal assumido pelo herói, indicando que sua fala logo acima não consiste numa mentira. Além disso, essa é uma cena que prenuncia claramente o encontro, descrito por Virgílio, entre Eneias e Dido no Hades (*Aen.* 6.450-76).

851. Ἡφαίστοιο χάριν: Lemnos era consagrada a Hefesto, que caiu na ilha depois de ter sido atirado do Olimpo por Zeus (cf. *Il.* 1.594). Mooney, 1912, p. 122, comenta ser a atividade vulcânica da ilha o motivo do nascimento dessa crença. A tradução de Fawkes, 1780, v. 1106, explicita a informação: “Lemnos, Vulcan’s sacred isle”.

859. Ἡρῆς υἱὰ κλυτὸν: o “filho ilustre de Hera” aqui citado é Hefesto (v. n. 851). Cf. Hes. *Theog.* 927-9 (trad. de Jaa Torrano, 2007): “Hera por raiva e por desafio a seu esposo / não unida em amor gerou o ínclito Hefesto / nas artes brilho à parte de toda a raça do Céu”.

865-74. Com relação ao uso da palavra *πολιίτιδας* no discurso de Hércules, a referência é com relação às “mulheres de nossas cidades”, e não às “nossas mulheres” no sentido de “nossas esposas”. Sobre o verso seguinte, Sánchez (1982, p. 130) assume que a expressão usada (“arar campos de Lemnos”, v. 868) é de caráter metafórico, como se fossem esses campos de Lemnos as próprias mulheres da ilha. A boa análise do trecho feita por Fusillo &

Paduano (2010, pp. 191-3) demonstra ainda outras importantes questões. Primeiro, deve-se notar que este é o primeiro momento dessa épica de ‘valor coletivo’ (ver nota à introdução acima, p. 9) em que se sobressai uma figura de força singular. O contraste entre os modelos de heróis representados por Hércules e Jasão se dá principalmente no ponto final do discurso (vv. 873-4), onde Hércules impõe o próprio valor heroico ao sublinhar o quanto o outro é débil e irresponsável: “p’ra sempre o deixai, ‘té que Lemnos / povoe com garotos, alcançando-o a glória”. Por fim, nota-se entre os vv. 870-2 uma expressão sarcástica (“Nenhum deus / concederá por vossas preces velo autômato.”) semelhante à usada por Polixo nos vv. 685-7 (“Vão / acaso autômatos os bois trazer o arado / p’ra vós”), ressaltada pelo uso de αὐτόματος. O paralelismo entre as duas passagens é significativo principalmente por representar duas intervenções de figuras que, com conselhos sensatos, conseguem mudar o rumo da ação.

879. μέλισσαι: comparar esse verso com o símile presente em *Il.* 2.87 ss. Tal é a tradução de Odorico Mendes, vv. 2.75-80: “Quais de oca pedra, em sucessivos bandos, / brotam nações de abelhas, pressurosas / no múltiplice adejo, e em cachos pousam / do verão sobre as flores; tais, brotando / de naus e tendas, sobre a vasta praia / grupos e grupos à assembleia afluem”; incluo também a tradução de Haroldo de Campos, vv. 87-93, que ilustra ainda melhor a proximidade que se pode encontrar entre o símile de Apolônio e de Homero, que se reflete também entre nossas traduções: “Então a multidão feito mélico enxame / de abelhas irrompendo duma rocha cava – / sempre-zanzando ou quando em torno às flores zumbem / (que primaveram!), ora aqui, ora ali, cachos / de abelhas-mel voando –, assim a multidão / acorre dos navios e tendas em tumulto, / pela beira-do-mar profundossoante, à ágora”. Sobre a figura simbólica da abelha como insígnia real no Egito, diz Stephens (2003, p. 1): “Por mais de dois mil anos a abelha foi usada na escrita hieroglífica para indicar o rei do Baixo Egito e da região do Delta, e uma abelha, em geral elaboradamente talhada e pintada, sempre precedeu a cartela do nome do faraó, resultando que a palavra egípcia para abelha (*bit*), tornou-se metonimicamente sinônimo também de ‘rei’”. Horapolo, o suposto autor dos *Hieroglyphica*, também citado por Stephens (2003, p. 3), e cuja citação eu aproveito aqui, descreve o hieróglifo da abelha “como ilustrando um povo obediente ao seu rei. Pois diferentemente de todas as outras criaturas, a abelha tem um rei que é seguido por todas, tal como homens que seguem a um rei. Alegoricamente, do prazer do mel e do poder do ferrão se relacionam as ideias de que um rei é ao mesmo tempo gentil e enérgico ao realizar julgamentos e em governar”. Virgílio, no livro IV das *Geórgicas*, em que se vê o mito de Orfeu e Eurídice contado no episódio de Aristeu, também trata do assunto da apicultura. Conta-se que o episódio continha originalmente uma exaltação a Cornélio Galo. Notar ainda o símile no livro 1 da *Eneida*, na ocasião da chegada de Eneias a Cartago, onde o trabalho do povo é ali comparado ao trabalho das abelhas: “Quais abelhas ao sol por flóreos prados / lidam na primavera (...)” (trad. de Odorico Mendes, vv. 1.450-9). Considerando as referências aqui juntadas, nota-se a importância que vem a ser atribuída indiretamente ao próprio Jasão, como aquele que assume, de acordo ou não com a sua vontade, a realeza da ilha de Lemnos, onde as mulheres da ilha, como abelhas que circundam a todos os homens, reconhecem nesses estranhos o poder do julgamento e da governança. A “ferroada” com que o líder devolve a oferta é, pois, aceita com dignidade por Hipsípile e pelas outras, o que demonstra devoção e respeito para com a decisão de um soberano sobre as obedientes súditas.

898. um filho nascido da união entre Jasão e Hipsípile, chamado Euneu, reinou sobre Lemnos durante a guerra de Tróia. Cf. *Ilíada* 7.467-71 (trad. de Odorico Mendes, vv. 377-9: “Em baixéis remetera Euneu de Lemnos, / prole de Hipsípile e Jason monarca, / medidas mil de vinho aos dois Atridas”; trad. de Haroldo de Campos, vv. 467-71: “Nisso, aproam numerosas / naus de Lemno, com vinho, a mando do Jasônide / Euneu, filho de Hipsípile e do herói

Jasão, / pastor-de-povos. Mil medidas para os dois / Atreides, de presente”); *Il.* 21.41 (trad. de Odorico Mendes, vv. 37-8: “e na possante / Lemnos ao filho de Jason vendido”); *Il.* 23.747 (trad. de Odorico Mendes, v. 621: “Euneu Jasônio”).

901. Trecho de difícil compreensão, e que consistiu em um grande problema para se chegar ao formato final da tradução, por não se ter certeza do que significam as palavras de Jasão. Ardizzoni (1967, p. 218) considera que o uso de ἀρείω possa estar corrompido, pois não seria possível entender θυμὸν ... ἴσχανε como “tenha de mim uma opinião melhor” (“But do thou hold a nobler thought of me”, por Seaton; “But do thou cherish nobler thoughts concerning me”, por Mooney), uma vez que ἰσχάνω significa “conter/segurar”, seja em Homero ou mesmo no próprio Apolônio, onde há outras duas ocorrências (3.612, “δέος δέ μιν ἴσχανε θυμὸν”; e 4.108, “ἴσχανεν ἀσχαλώσαν”). O autor considera o uso de ἀράων: Jasão exorta Hipsípila a “manter o ânimo das preces”, referindo-se à sincera e suplicante fala que a jovem e apaixonada rainha tinha acabado de dirigir a ele (v. 886). Vian (1976, p. 260) também comenta a passagem, e julga que a possibilidade da interpretação com o uso de ἀρείω parece melhor, com esta leitura: “‘tenha de mim uma melhor opinião’, ou seja, ‘fique tranquila, eu não vou tomar o seu filho, salvo se sua presença em minha casa, junto aos meus pais, for indispensável’”. Essa interpretação retoma a paráfrase do escoliasta, senão seu comentário; ela coloca a resposta de Jasão em um contexto ‘anti-heroico’, o que não é surpreendente. E obriga a admitir que ἰσχάνω equivale aqui a ἔχω, enquanto em duas outras passagens Apolônio a utiliza no sentido homérico de ‘reter/deter’”. Sánchez (1982, p. 132) ainda lembra que, em Apolônio, Jasão não reivindica o trono de Iolcos após o seu retorno, tema este fundamental na versão de Píndaro (*Pítica* 4).

919-21. Nesta passagem está uma das intervenções mais explícitas do narrador, que desvia forçosamente o rumo da narrativa sem dar maiores explicações sobre os ritos a que se refere (cf. capítulo 2.2). Fusillo & Paduano (2010, p. 199) assumem que os deuses ali citados são os Cabiros, divindades ctônicas bastante enigmáticas, cujo culto era ligado ao deus Hefesto e concentrava-se em Lemnos, e possivelmente também na Samotrácia e em Tebas. Dizem os autores: “os ‘mistérios secretos’ que ‘censuram’ são os ritos cabíricos: o culto dos Cabiros (...) teve muita fortuna na idade Helenística, quando a Samotrácia tornou-se posse dos Ptolomeus; mas já estava relacionado à saga de Jasão em Ésquilo, cuja tetralogia argonáutica se concluía com o drama satírico ‘os Cabiros’ (frr. 95-7 Radt.)”. Electra, citada no v. 916, é uma das sete filhas do gigante Atlante e mãe de Dárdano, fundador da dinastia troiana.

922. Não se trata aqui do Ponto Euxino, o atual Mar Negro, mas do Golfo Negro (ou Golfo de Saros), situado entre a Trácia e o Quersoneso (Sánchez, 1982, p. 133).

933. Sobre o mito da queda de Hele no Helesponto, v. n. 257. A respeito do trajeto percorrido aqui pelos Argonautas, cito a nota de Fusillo & Paduano (2010, pp. 199-200): “a viagem da Samotrácia a Cízico vem sintetizada com um fim catalógico, que elenca lugares, tempos e modos da navegação. O mar Negro está ao sul da Trácia: à frente está a ilha de Imbro, ao nordeste de Lemnos; o Quersoneso é a península ao extremo sul da Trácia, que delimita o estreito do Helesponto, designado por Apolônio com uma perífrase que alude ao evento de fundo, que é a origem do nome, a queda de Hele, irmã de Frixo, do dorso do carneiro (cf. vv. 5-17); o cabo Reteu é a extremidade asiática do estreito. Dessa travessia noturna do Helesponto são enumeradas somente as cidades da costa asiática – chamada terra do Ida, famoso monte situado mais ao sul: Dardânia, Abido, Percote e Pítia, antigo nome de Lâmpsaco”. Como comentamos nos capítulos iniciais do trabalho, esse tipo de procedimento

parece estar de acordo com a poética Helenística de utilização de etiologia para sublinhar a importância de alguns locais por onde passam os heróis.

943. Γηγενέες: o modo como o narrador faz a apresentação dessas novas criaturas, os Terrígenos, se conecta com a discussão que apresentamos no capítulo 2.3, sobre o espaço do desconhecido e as personalizações de eventos naturais. Essas criaturas, os “Filhos da Terra”, cujo mito está a ser narrado nessa altura do poema, se assemelham bastante com os inomináveis Cem-Braços da *Teogonia* (vv. 147-53): “Deles, eram cem braços que saltavam dos ombros, / improximáveis; cabeças de cada um cinquenta / brotavam dos ombros, sobre os grossos membros” (trad. de Jaa Torrano). O segundo hemistíquio do v. 950 é, ele mesmo, hesiódico (cf. *Trabalhos e Dias*, v. 154): καὶ ἐκπάγλους περ ἑόντας (Vian, 1976, p. 95).

956. Também Calímaco se refere ao abandono da âncora, cf. *Aet.*108.1.

966. Ἐκβασίω: epíteto dado a Apolo significando que o deus é o “protetor do desembarque” (cf. Mooney, 1912, p. 130). V. n. 359 e 404.

1011. A imagem que se descreve neste verso é bastante homérica (cf., por exemplo, *Il.* 1.4-5), ao se encontrarem os heróis como despojos para animais selvagens. Embora não haja um exato paralelismo textual, não se pode negar que a cena é bastante evocativa.

1012. Há neste verso uma conjectura de Fränkel, que traz ἀταρβῆς ἔπλε κέλευθος (“caminho que não inspira temor”) no lugar de ἔπλετ’ ἄεθλος, que consta nos manuscritos. Minha opção foi por seguir a segunda, mantendo o significado dos manuscritos (“ao findar da luta”).

1012-20. Sobre essa súbita e problemática volta dos Argonautas ao ponto de onde partiram, por forças externas e ao mesmo tempo não identificadas como divinas (ao menos não explicitamente), muito se debate, principalmente no sentido de ser uma quebra pouco coerente da ação desempenhada até ali. Fusillo & Paduano (2010, pp. 209 e 211) comentam a passagem da seguinte maneira: “É muito tida como pouco coerente essa súbita partida dos Argonautas depois da matança dos Gigantes, sem haver terminado o reconhecimento da rota do alto do Díndimo: sem dúvida é verdade que na primeira parte do episódio a narração procede de maneira apressada. Mas a organização desse evento em dois momentos, o que é peculiar das combinações apolonianas entre mais versões (...), não é sinal de incoerência contaminatória; ele coloca uma ênfase maior no aspecto trágico da batalha inconsciente que sucede nessa mesma noite: uma espécie de ‘coação e repetição’”. A respeito da “rocha Sacra”, Vian (1976, p. 98) menciona a observação dos escólios, de que ela seria chamada de Ἰερὴ por eufemismo, por ter sido o local de desembarque um local funesto.

1053. ἀμήχανον: como comentado acima a respeito do uso dessa mesma palavra (v. n. 460), Jasão é caracterizado no poema como um herói ‘sem recursos’, em contraste principalmente com a figura heroica de Odisseu. O termo volta a aparecer no fim da batalha contra os Dolíones, de maneira muito significativa, sendo todo o episódio um tipo de reflexo dessa falha própria do herói e líder da expedição. O caráter claramente diplomático do encontro com esse povo resulta em tragédia, e, simbolicamente, representa uma falha da própria diplomacia de Jasão, havendo dificuldade na definição desse Outro desconhecido (ver capítulo 2.3), conspiração por matança (ou seja, uma notável falha moral e diplomática), além de, acima de tudo, a prefiguração de alguns aspectos sinistros dos crimes cometidos por Jasão e Medeia na Cólquida. Devemos observar também, por fim, que esse amanhecer apresenta uma clara cena de reconhecimento trágico.

1082. A ‘vigília final’ mencionada neste verso possui um significado importante para a aparição de vaticínios, como se verá nos versos seguintes. Cf. Vian, 1976, p. 101: “Trata-se do último terço da noite. (...) É o momento em que intervêm os sonhos premonitórios (...) ou, como aqui, os presságios. O v. 1084 também mostra uma fórmula homérica característica dos sonhos: cf. por exemplo *Il.* 2.20 ‘στῆ δ’ ἄρ’ ὑπὲρ κεφαλῆς’”.

1094. μητέρα συμπάντων μακάρων: a deusa Reia/Cibele é figurada geralmente sentada: “ἑύθρονος”. Além disso, antes mesmo da chegada dos Argonautas, o Dínimo já era de seu domínio (Vian, 1976, p. 101). Cf. também Fusillo & Paduano (2010, pp. 218-9): “Cibele era a deusa da Frígia, cujo culto se espalhou da Ásia Menor para toda a Grécia: ela personificava a potência geradora da vegetação. Graças à identificação com Reia, a esposa de Cronos, a deusa era venerada como Grande Mãe de todos os deuses. A imagem pânica e cosmogônica dada por Mopso (cf. sobretudo os vv. 1098-9) ressoa fortemente as meditações filosóficas: frequentemente em Apolônio o material mítico e fantástico é filtrado por uma chave intelectual. No v. 1092 vem antecipada, com o termo ‘sagrado’, a ação que será realizada pelos Argonautas”.

1099. πεπείρανται: restituição feita por Koechly (*Phil. Schr.* p. 301) e seguida por Vian e Ardizzoni, que consideram impossível o uso tradicional de πεπείρηται, palavra formada a partir de πειράω. As glosas dos escólios (συνέχεται, συνέζευκται) seriam referências à forma autêntica πεπείρανται.

1110. Apesar do nome, o porto Trácio está na enseada oriental de Cízico, bem como a rocha Sacra.

1129. Δάκτυλοι Ἰδαῖοι: os Dáctilos do Ida eram gênios divinos, magos e artesãos dos metais, que acompanhavam a deusa Reia/Cibele. Geralmente eram dez, como os ‘dedos’ de ambas as mãos (a lenda de seu nascimento é etiológica), e seus nomes variam segundo as regiões. Ocasionalmente são associados com os Curetes, que cuidaram de Zeus na infância. O poeta os considera originários de Creta, embora outras tradições os relacionassem com o Ida de Tróade. Cf. também os escólios a 1.1126-31 (Sánchez, 1982, p. 141).

1139. ῥόμβῳ καὶ τυπάνῳ: trata-se de dois instrumentos rituais usados em cultos a divindades. Os significados das duas palavras chegam a se confundir, podendo ser traduzidas, em um ou outro caso, por ‘timbale’, ‘tamborim’, ‘tambor’ e até mesmo ‘tímpano’. Escolhi manter, na versão final, as formas que mais pareciam se adequar ao contexto festivo do ritual. Além disso, decidi traduzir ῥόμβῳ por ‘tamborins’ sobretudo por causa do seu formato de disco. A esse respeito, Sánchez (1982, p. 142) nos fornece a seguinte nota: “no culto frígio a Cibele (cf. Catulo, 63), como em outros ritos a Hécate ou Dioniso, se fazia girar, com finalidade mágica, um disco ou rombo (losango) de madeira ou metal que emitia um som cada vez mais agudo (cf. Teócrito, 2.30-1; Eur., *Bacantes* 58-9)”.

1211-9. Sobre a história mencionada aqui entre Hércules e Teodamas, pai de Hilas, e como este veio a ser levado pelo herói, v. n. 131.

1226-7. Apolônio discerne aqui, portanto, três categorias de ninfas: as das montanhas, as dos riachos e as das florestas.

1240. Hilas gritava ao cair na fonte. Em Teócrito, 13.58, ele gritou três vezes do fundo da água, prefigurando o triplo grito ritual que os Mísios lançavam durante sua busca (Vian, 1976, p. 109).

1241. Fusillo & Paduano (2010, p. 235) comentam que a tradição anterior oscilava entre manter Hilas como amante de Polifemo ou de Héracles. Apolônio escolhe Héracles, embora o caráter erótico do episódio seja mantido em segundo plano. Mas a descrição da amizade entre Héracles e Polifemo seria um retratamento desse material pertencente à tradição, e, de modo subjetivo, a paixão de Polifemo por Hilas é recobrada através do símile da fera (vv. 1243-7), onde ocorre alguma conotação passional (“ardente pela fome”). Uma imagem análoga é aplicada a Héracles no *Hilas* de Teócrito (13.61-3).

[1250-2]. Transposição promovida por Fränkel dos vv. 1250-2 para depois do v. 1242, o que, de acordo com Ardizzoni (1967, p. 267), “está obedecendo a critérios subjetivos não totalmente convincentes”. Mais à frente, com relação à diferença que essa transposição possa fazer no entendimento da cena de Polifemo buscando a Héracles, o autor ainda comenta que “não parece que a ordem dos versos proposta por Fränkel melhore o ritmo e o lógico desenvolvimento lógico da história que é fornecido pelo texto tradicional”.

1265-72. Hércules, ao disparar na busca a Hilas, é comparado em um símile com um touro enfurecido pelas picadas do ferrão de um inseto. Comparar com a sequência de símiles descritos na mesma cena, na versão de Valério Flaco (*Arg.* 3.577-91).

6. Referências bibliográficas

Edições e traduções de autores antigos:

das *Argonáuticas*:

APOLLONII. *Argonautica*. Emendavit apparatus criticum et prolegomena adiecit R. Merkel. Scholia vetera e Codice Laurentiano edidit Henricus Keil. Lipsiae: B. G. Teubneri, 1854.

APOLLONII RHODII. *Argonautica*. Ex recensione et cum notis Rich. Fr. Phil. Brunckii. Editio nova auctior et correctior. Accedunt scholia graeca ex Codice Biblioth. Imperial Paris. Nunc primum evulgata (2 vols.). Lipsiae: Fleischer, 2010.

_____. *Argonautica*. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit: Hermann Fränkel. New York: Oxford University Press, 1961.

APOLLONIOS DE RHODES. *Argonautiques*. Texte établi et commenté par Vian et traduit par Émile Delage. Deuxième tirage revue et corrigé. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

APOLLONIO RHODIO. *Os Argonautas de Apollonio Rhodio* traduzido por José Maria da Costa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional, 1852.

APOLLONIO RODIO. *Le Argonautiche*. Traduzione di G. Paduano, introduzione e commentario di G. Paduano e M. Fusillo. Milan: Biblioteca Universale Rizzoli, 2010.

APOLLONIUS OF RHODES. *The tale of the Argonauts*. Translated by Arthur S. Way. London: Published by J. M. Dent, 1901.

_____. *The voyage of Argo: The Argonautica*. Translated with an introduction by E. V. Rieu. Harmondsworth: Penguin Books, 1967 [1959].

APOLLONIUS RHODIUS. *Argonautica*. Translated by R. C. Seaton. Harvard: Harvard University Press, 1912 (Loeb Classical Library).

_____. *Argonautica*. Edited and translated by William H. Race. Harvard: Harvard University Press, 2009 (Loeb Classical Library).

_____. *Argonautica*. Edited by George W. Mooney. London: Longmans, Green, 1912.

_____. *The Argonautic Expedition*. Tradução, prefácio e apêndices por Edward Burnaby Greene (vol. 1). London: printed for Thomas Payne, 1780.

_____. *The Argonautica of Apollonius Rhodius*. Trad. por Edward P. Coleridge.

London: George Bell and Sons, 1889.

_____. *The Argonautics of Apollonius Rhodius*. Trad. por Francis Fawkes. London:

printed for J. Dodsley, 1780.

APOLONIO DE RODAS. *Argonáuticas*. Introducción, traducción y notas de Mariano

Valverde Sánchez. Madrid: Editorial Gredos, 2007 [1982].

_____. *El viaje de los Argonautas*. Ed. preparada por Carlos Garcia Gual. Madrid:

Editora Nacional, 1983.

de Homero:

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Haroldo de Campos (2 vols.). São Paulo: Editora Arx, 2003.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Odorico Mendes. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Odorico Mendes; org. Antônio Medina Rodrigues, pref. Haroldo

de Campos. São Paulo: Ars Poetica / EDUSP, 2000.

de outros autores:

CALÍMACO. *Himnos, epigramas y fragmentos*. Introducciones, traducción y notas de Luis

Alberto de Cuenca y Prado y Máximo Brioso Sánchez. Madrid: Editorial Gredos, 1980.

CALLIMACHUS. *Hymns and epigrams*. With translation by A. W. Mair, G. R. Mair.

Harvard: Harvard University Press, 1921 (Loeb Classical Library).

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Edição, tradução, introdução e notas de Alessandro Rolim

de Moura. Curitiba: Segesta, 2012.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo:

Iluminuras, 1991.

LAGE, Celina F. & DIAS, Maria T. *Poema 64 de Catulo – Apresentação e Tradução*.

Publicado em Scripta Classica On-Line 1, Belo Horizonte, 2003.

PÍNDARO. *Odas y fragmentos: Olímpicas, Píticas, Nemeas, Istmicas, fragmentos*.

Introducción, traducción y notas de Alfonso Ortega. Madrid: Editorial Gredos, 1984.

TEÓCRITO. *Theocritus*. Edited with a translation and commentary by A. S. F. Gow.

Cambridge: Cambridge University Press, 1952.

VALÉRIO FLACO. *Cantos Argonáuticos*. Tradução do latim, introdução e notas de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. São Paulo: Annablume Clássica, 2012.

VIRGÍLIO. *Eneida brasileira: tradução poética da epopéia de Públio Virgílio Maro*. Org. de Paulo Sérgio de Vasconcelos et. al. Trad. de Manuel Odorico Mendes. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

Dicionários:

BAILLY, A. *Le Grand Bailly – Dictionnaire Grec / Français*. Paris: Hachette, 2000.

DICIONÁRIO. *Dicionário acadêmico de Português-Latim*. Lisboa: Porto Editora, 2000.

GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jaobouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

LIDELL, R. & SCOTT, H. G. *A greek-english lexicon*. Revised and augmented through by Sir Henry Stuart. 9. ed. Oxford : Clarendon, 1968.

Estudos teóricos e bibliografias de apoio:

Sobre espaço:

HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Trad. de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phenomenology of perception*. Translated by Colin Smith. London: Routledge, 2005.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

Sobre tradução:

CAMPOS, Haroldo de. “Da tradução como criação e como crítica”, In: *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FAVERI, Claudia Borges de & TORRES, Marie-Hélène Catherine. (org.) *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC, 2004. (Antologia bilíngue, francês-português; v.II).

- FLORES, Guilherme Gontijo. *A diversão tradutória: uma tradução das Elegias de Propércio*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da UFMG, 2008.
- LARANJEIRA, Mário. *Poética da tradução: do sentido à significância*. São Paulo: Edusp, 2003.
- LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Trad. de Claudia Matos Seligmann. São Paulo: Edusc, 2007.
- MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira & Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- RODRIGUES, Antonio M. *Introdução a Odorico Mendes: Poética da Eneida Brasileira*. Tese de Mestrado. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, USP / São Paulo, 1977.
- _____. *Odorico Mendes: tradução da épica de Virgílio e Homero*. Tese de doutorado. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, USP / São Paulo, 1980.

Sobre poesia épica, literatura Helenística e as *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes:

- ARDIZZONI, A. *Le Argonautiche I*. Testo, traduzione e commentario a cura di A. Ardizzoni. Roma: Biblioteca Athena 3, 1967.
- BEYE, C. R. *Epic and romance in the Argonautica of Apollonius*. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1982.
- BULLOCH, A. W. "Hellenistic poetry" In: EASTERLING, P. E. & KNOX, B. M. W. (Eds.). *The Cambridge history of classical literature*. Vol. 1, part 4: The Hellenistic period and the Empire. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- _____. "Jason's Cloak." Publicado em *Hermes* 134, 2006: 44-68.
- CAMPBELL, M. *A commentary on Apollonius Rhodius' Argonautica III. 1-471*. Leiden, 1994.
- CUYPERS, M. P. "Apollonius of Rhodes". In: DE JONG, Irene (ed.) *Narrators, Narratees, and Narratives in Ancient Greek Literature – Studies in Ancient Greek Narrative, Volume I*. Boston : Leiden, 2004, pp. 43-62.
- DINIZ, Fábio Gerônimo Mota. *A passagem do cetiro: aspectos dos personagens Héracles e Jasão na Argonáutica de Apolônio de Rodes*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara, 2010.

- EFFE, B. "The similes of Apollonius Rhodius. Intertextuality and Epic Innovation". In: PAPANGHELIS, Th. D. & RENGAKOS A. (Eds.) *A Companion to Apollonius Rhodius*. Leiden-Boston: Brill, 2001.
- ERSKINE, Andrew (ed.). *A companion to the Hellenistic world*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- FANTUZZI, Marco & HUNTER, Richard. *Tradition and innovation in Hellenistic poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- FEENEY, D.C. *The Gods in Epic: Poets and Critics of the Classical Tradition*. Oxford: Clarendon Press, 1991.
- GOLDHILL, S. *The Poet's Voice: Essays on Poetics and Greek Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- GOODWIN, Charles J. *Apollonius Rhodius: His figures, syntax and vocabulary*. A dissertation presented for the degree of Doctor of Philosophy. University Studies of the John Hopkins University / Baltimore, 1891.
- GUAL, Carlos García. *Mitos, viajes, héroes*. Madrid: FCE, 2011.
- GUTZWILLER, Kathryn. *A guide to Hellenistic literature*. Oxford: Blackwell, 2007.
- HOPKINSON, Neil. *A Hellenistic Anthology*. Selected and edited by Neil Hopkinson. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- HUNTER, R. L. *Apollonius of Rhodes: Argonautica Book III*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- _____. *The Argonautica of Apollonius*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- _____. "The Hesiodic Catalogue and Hellenistic poetry." In: *The Hesiodic catalogue of women: constructions and reconstructions.*, por Richard Hunter, 239-65. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- _____. "The Poetics of Narrative in the *Argonautica*". In: PAPANGHELIS, Th. D. & RENGAKOS A. (Eds.) *A Companion to Apollonius Rhodius*. Leiden-Boston: Brill, 2001.
- _____. *The shadow of Callimachus: studies in the reception of Hellenistic poetry at Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- KING, Katherine Callen. *Ancient epic*. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009.
- KÖRTE, A. & HÄNDEL, P. *La poesía helenística*. Barcelona: Editorial Labor, 1973.

- MEYER, D. "Apollonius as a Hellenistic Geographer". In: PAPANGHELIS, Th. D. & RENGAKOS A. (Eds.) *A Companion to Apollonius Rhodius*. Leiden-Boston: Brill, 2001.
- MILLER, Dean A. *The epic hero*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.
- MORI, Anatole. *The politics of Apollonius Rhodius' Argonautica*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- MORRISON, A. D. *The narrator in archaic greek and hellenistic poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- NELIS, Damien. *Vergil's Aeneid and the Argonautica of Apollonius Rhodius*. Leeds: Francis Cairns, 2001.
- NEWMAN, John K. "The Golden Fleece. Imperial Dream". In: PAPANGHELIS, Th. D. & RENGAKOS A. (Eds.) *A Companion to Apollonius Rhodius*. Leiden-Boston: Brill, 2001.
- NOGUEIRA, Érico. *Verdade, contenda e poesia nos Idílios de Teócrito*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2012.
- PAPANGHELIS, Th. D. & RENGAKOS A. (Eds.) *A Companion to Apollonius Rhodius*. Leiden-Boston: Brill, 2001.
- STEPHENS, Susan A. *Seeing double: intercultural poetics in Ptolemaic Alexandria*. London: University of California Press, 2003.
- THOMPSON, Dorothy J. "The Ptolemies and Egypt". In: ERSKINE, Andrew (ed.). *A companion to the Hellenistic world*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- VIEIRA, Leonardo Medeiros. *Ruptura e continuidade em Apolônio de Rodes: os símiles nas Argonáuticas I*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da UFMG, 2006.